

O prelúdio oficial do filme épico *Depois da Terra*

DEPOIS DA TERRA

A FERA PERFEITA

Michael Jan Friedman, Robert Greenberger e Peter David

SUMA
de Letras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Depois da Terra

A Fera Perfeita

Michael Jan Friedman

Robert Greenberger

Peter David

Tradução

Rodrigo Santos

Priscila Caiado

Fernanda Dutra



Copyright © 2013 by After Earth Enterprises, LLC.
All Rights Reserved. Used Under Authorization.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título Original
After Earth – The Perfect Beast

Capa
Adaptação de Trio Studio sobre design original de Drew Pennington-McNeil (in house)

Imagem de Capa
Drew Pennington-McNeil (in house)

Copidesque
Larissa Helena

Revisão
Tamara Sender
Cristiane Pacanowski

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D274d

David, Peter

Depois da Terra [recurso eletrônico] : a fera perfeita / Peter David, Michael Jan Friedman e Robert Greenberger ; tradução Rodrigo Santos, Priscila Caiado, Fernanda Dutra. - Rio de Janeiro : Ed. Objetiva, 2013.

280 p., recurso digital

Tradução de: *After Earth: The Perfect Beast*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8105-138-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana 2. Livros eletrônicos. I. Friedman, Michael Jan. II. Greenberger, Robert III. Santos, Rodrigo IV. Caiado, Priscila V. Dutra, Fernanda. VI. Título.

13-1818.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Interlúdio

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Epílogo

*Assim como o urso do qual decorre
Ao fim de trinta dias rebento deforme;
Mas que com a língua, formas acha,
E com paciência, molda as garras,
E a cabeça, e o pescoço, e transforma
Em fera perfeita aquilo sem forma.*

— GUILLAUME DE SALLUSTE DU BARTAS

Prólogo

— *Zantenor! Zantenor está perdido para nós! Ó magnífico Zantenor, as Pragas o tomaram e precisamos reavê-lo. Zantenor, perdido para nós...*

O Sumo Ministro dos Krezateen crê que está prestes a perder a razão.

Do lado de fora de sua cápsula de observação, os Obsessivos continuam com o cântico. Não há uma única casta em toda a sociedade dos Krezateen — que possuía, na última contagem, 197 castas — que o deixe mais louco do que os Obsessivos.

Ele nunca entendeu o processo pelo qual decidem qual causa ou problema será o alvo de sua atenção. Ao contrário da maioria das outras castas, os Obsessivos não têm uma autoridade central, ou assim parece aos olhos dele. Não há um conselho, não há um líder específico, não há local de encontro. Ou se há, o local é um segredo muito bem-guardado, o que é ótimo para eles. Se o Sumo Ministro soubesse da existência de tal lugar, se sentiria altamente inclinado a ir até lá pessoalmente e colocar fogo em tudo.

Porém, mesmo sem uma organização central, os Obsessivos sempre encontravam coisas nas quais focar toda a atenção. E continuariam concentrados pelo tempo que quisessem. Quaisquer mudanças sociais que surgissem como consequência de suas fixações não pareciam ter qualquer importância. Ficavam obcecados porque queriam e continuavam assim até a vontade passar.

Mas, no que diz respeito a Zantenor, a vontade nunca passou. Eles estavam insistindo nisso há anos.

E anos.

E *anos*.

Quanto tempo se passara desde que as Pragas dominaram o Mundo Sagrado? Séculos, certamente. Durante uma peregrinação, há muitos anos, as Pragas ainda não haviam chegado e Zantenor ainda era um mundo normal e límpido. Os Krezateen chegaram em suas enormes naves espaciais e tudo estava bem. Eles haviam orbitado Zantenor e adorado e rezado aos deuses. E os deuses não responderam, o que era sempre um bom sinal. Silêncio era bom. Inatividade era uma coisa boa. As escrituras sagradas dos Krezateen eram bem específicas

quanto a isso. Se os deuses aceitassem as oferendas e julgassem as preces merecedoras, não tomariam nenhuma atitude contra os Krezateen. Se, no entanto, algum mal recaísse sobre eles, os deuses estavam deixando claros seu desgosto e sua desaprovação.

Os peregrinos retornaram da viagem e relataram que os deuses estavam felizes com eles. Houve uma grande festa no Mundo Natal. Como de costume, as celebrações duraram um ano inteiro e, portanto, uma nova geração de Krezateen nasceu, o que demonstrava ainda mais a aprovação dos deuses.

Mas, na visita seguinte ao Mundo Sagrado, a história foi bem diferente. As Pragas apareceram.

— *Zantenor foi perdido. Perdido para as Pragas. Ó, abençoado Zantenor, perdoe nossas falhas...*

Era impossível determinar quando exatamente as Pragas haviam chegado ao Mundo Sagrado, mas pareciam ter surgido do nada. Alguns acreditavam que os antigos inimigos dos Krezateen, os Ventraya, as haviam deixado lá. Citavam inclusive algumas semelhanças entre as tecnologias Ventrayananas e as naves das Pragas. Mas não havia como transformar a especulação em certeza. As Pragas sem dúvida eram algum tipo de raça carniceira — quatro membros, cabeças pequenas, nenhuma arma anexada ao corpo —, e eles poderiam ter encontrado alguma tecnologia Ventrayana e adaptado às próprias necessidades.

Afinal, eles tinham, na parte dianteira da cabeça, órgãos sensoriais capazes de acessar a terrível parte óptica do espectro eletromagnético, assim como os Ventraya faziam. Os Krezateen não tinham órgãos como aqueles — olhos, como os Ventraya os chamavam — e era bom que não tivessem. Seus deuses não gostavam de luz. Na verdade, eles não gostavam de tantas coisas que geralmente era difícil se manter a par de todas elas.

Mas era das Pragas que eles gostavam menos.

Pareciam estar em toda parte. Havia dominado áreas inteiras de Zantenor e criado ninhos para se manter. O solo rico em nutrientes não estava sendo usado pelos deuses para suas caminhadas de contemplação eterna, mas para plantar comida que as Pragas consumiriam. Eles também estavam se reproduzindo. Durante o monitoramento, os Krezateen identificaram versões menores das Pragas correndo com uma felicidade pueril — como se devessem mesmo estar lá.

— *Louvado seja Zantenor, não somos merecedores, pois falhamos em protegê-lo...*

O Sumo Ministro não aguenta mais.

— Fiquem quietos, seus desgraçados! Fiquem quietos! — ele rosna. Com um brilho prateado, suas garras abriam-se e fechavam-se instintivamente. Nada lhe cairia melhor do que irromper de sua cápsula, saltar no meio dos Obsessivos reunidos e começar a retalhá-los. Ele se imaginou imerso no fervor do combate, cravando os dentes nas gargantas dos Obsessivos e rasgando-as, exterminando todos eles. E, ao fazê-lo, os imaginaria como Pragas, as desgraçadas das Pragas. Não seria glorioso? Ser capaz de estraçalhar as Pragas dessa maneira, como uma máquina de matar enlouquecida, uma espécie de...

... uma espécie de...

— Animal — sussurra ele.

Então, o Sumo Ministro fecha seus órgãos sensoriais e expande sua mente.

Ele precisa que seu irmão de ninho, o Sumo Chanceler, venha até ele nesse exato momento. Poucos segundos se passam e o Sumo Ministro recebe a confirmação de que seus pensamentos foram recebidos e de que serão atendidos imediatamente.

Porém, “imediatamente” para o Sumo Chanceler é um conceito muito subjetivo. Ele precisa cuidar de muitas coisas, portanto, sua definição do termo é diferente da maioria dos outros. O Sumo Ministro está acostumado com isso e esperará.

Ele decide se ocupar caminhando pela cápsula. As preocupações mundanas como a gravidade não significam nada lá dentro. Ele caminha pela superfície curvada, lisa e sem detalhes — para cima e para baixo, em seguida de um lado para o outro, para o sentido em que sua vontade o guia.

Os Obsessivos continuam seu cântico, ininterrupto como de costume, mas isso o incomoda cada vez menos. Ele imagina que deveria estar grato a eles. Afinal, levaram seu pensamento em uma direção que pode muito bem se mostrar útil. Então decide que, por enquanto, os deixará viver e cantar do lado de fora de sua cápsula pelo tempo que desejarem. Sempre poderia aniquilá-los mais tarde, se seu estado de espírito se alterasse.

Quando o Sumo Chanceler finalmente chega, sua presença é projetada diretamente para dentro da mente do Sumo Ministro. A parede oposta da cápsula

se abre e o Sumo Chanceler entra.

— Espero não tê-lo feito esperar por muito tempo. — Como sempre, seus grunhidos e estalidos foram precisos, assim como sua sintaxe telepática.

— De modo algum. Três dias são um tempo bem curto no seu caso.

— Você é meu irmão de ninho, além de tudo o que representa para os Krezateen. Naturalmente, vim o mais rápido que pude. Então — ele inclina levemente a cabeça —, em que posso ajudá-lo?

— Eu quero falar sobre Zantenor.

— Ah, Zantenor — suspira o Sumo Chanceler. Ele acena com a cabeça na direção do cântico incansável dos Obsessivos do lado de fora da cápsula. — Levando em consideração que você está ouvindo isso dia após dia, eu não fico nem um pouco surpreso. Como você aguenta? Por que não os come, simplesmente?

— Estou pensando seriamente nisso, mas não é o mais importante no momento. Precisamos nos livrar das Pragas.

— Concordo plenamente. E os deuses sabem que estamos tentando. Mas as Pragas se mostraram terrivelmente resilientes. Já atacamos duas vezes pelo ar. Nós as bombardeamos com todo o poder que temos. E ainda assim elas sobreviveram.

— Ainda nos resta um ataque terrestre.

O Sumo Chanceler não diz nada por um instante. Por fim, ele fala, a voz grave:

— Você não pode pedir isso ao nosso povo.

— Chanceler...

— *Você não pode.* — A voz dele soa tão alta e forte que as paredes da cápsula parecem tremer. — Você sabe que caminhar pelo solo sagrado de Zantenor é proibido, irmão. *Proibido.* Você certamente sabe o que significa "*proibido*".

— É claro. Eu...

— Significa que, uma vez que tenha colocado as garras em Zantenor, nunca mais poderá retornar ao Mundo Natal. E, quando morrer, não será permitido que sua essência se una ao Miasma. Você não irá adiante nem para trás. Será eternamente impuro, condenado a permanecer em Zantenor, onde os deuses certamente abominarão a sua presença, ou a vagar pelas estrelas, sem rumo.

— Eu sei de tudo isso...

— É o que você diz. Mas aqui está, sugerindo que os Krezateen se ofereçam mais uma vez... Ou pretende forçá-los desta vez? Você os enviaria para...?

— *Basta, irmão!* — ruge o Sumo Ministro, levantando as garras em rendição.
— Não estou sugerindo nada disso! Não desejo ver mais nenhum dos nossos, voluntariamente ou não, colocando os pés no Mundo Sagrado.

— Mas você disse...

— Não. — O Sumo Ministro ri, algo extremamente raro. — Não, você disse. Você presumiu coisas que não estavam nem remotamente perto do que eu estava pensando. Seu ataque foi firme, mas completamente desnecessário.

O Sumo Chanceler, claramente confuso, faz uma breve reverência.

— Perdão, Ministro. Eu não deveria tê-lo interrompido. Então, diga-me: O que sugere? O ataque aéreo falhou até agora. Se não pretendemos mandar tropas terrestres, o que sugere?

O Ministro dá mais uma volta em sua cápsula, mas desta vez com entusiasmo.

— A resposta estava na nossa frente esse tempo todo. Estou realmente envergonhado por não ter pensado nisso antes. Nós costumamos nos referir a esses invasores indesejados como Pragas. Animais.

— Porque é isso que são.

— Então, por que não... — o Ministro faz uma pausa, aparentemente para dar uma ênfase dramática — acabamos com eles usando o meio mais lógico disponível: animais? Enviar animais para matar animais.

— Não compreendo. — O Chanceler balança a enorme cabeça, confuso. — Que tipo de animal enviaria? Nós não podemos simplesmente pegar animais de nosso ecossistema, jogá-los em Zantenor e esperar que sobrevivam. As criaturas não teriam a menor chance. O ar é diferente, as fontes de alimentos...

— É exatamente aonde quero chegar.

O Chanceler parece perdido.

— Você obviamente pensou em tudo isso, Ministro...

— Nós criaremos animais para destruir animais — continua o Ministro.

— Criaremos? — indaga o Chanceler.

— Temos incontáveis informações que nossos cientistas recolheram sobre as Pragas. — O Ministro fica cada vez mais animado enquanto fala. — Suas qualidades, suas fraquezas. Como a mente delas funciona, quantos corações elas têm, quantos cérebros...

O Chanceler balança a cabeça, incrédulo.

— Sim, ouvi dizer. Um. Um coraçãozinho e um cérebro ridículo cada uma. E aqueles órgãos de percepção de luz. Isso explica muito sobre elas.

— E nós sabemos mais do que o suficiente sobre as Pragas para criar animais projetados para um fim específico: destruir os usurpadores que ousaram ocupar nosso Mundo Sagrado. — O que acha?

— É genial. É isso que eu acho. E eu estou francamente surpreso por ninguém ter pensado nisso antes.

— É porque esse não é o caminho dos Krezateen — conclui o Sumo Ministro. — Não estamos acostumados a usar outros para lutar por nós. Mas agora estamos tolhidos pelas regras que nos impedem de pisar no Mundo Sagrado.

O Sumo Chanceler assente.

— Agora, porém, vem a questão principal — continua o Ministro. — Para ser mais preciso: Quanto tempo levará? Afinal, prezado Chanceler, a organização da comunidade científica está sob sua supervisão. O que precisa ser feito não acontecerá sem seu apoio, sua dedicação e suas habilidades organizacionais.

— Devo lembrá-lo de que alguns dirão que a introdução de uma nova forma de vida em Zantenor é quase um crime tão grave quanto caminhar por lá — ressalva o Chanceler. — Dirão que seremos, para todos os efeitos, cúmplices em um crime religioso.

— As Pragas são o crime que está sendo cometido em Zantenor. Não devemos ser condenados simplesmente por tentar dar um fim a esse crime.

O Chanceler reflete e concorda.

— Um argumento válido. Porém, você sabe que há outros na Ordem que não concordarão e até se oporão.

— Deixe que o façam. Anseio avidamente por matar e devorar todos aqueles que não concordarem com meu ponto de vista.

— Esse sim — comenta o Chanceler — é o Ministro e irmão de ninho de que me lembro.

— Então estamos de acordo?

O irmão assente.

— Certamente.

— Então pergunto outra vez: Quanto tempo?

— Para desenvolver a criatura? — O Chanceler coça o queixo pontudo e pondera. — Precisamos fazer muita coisa além de estudar as informações sobre as Pragas que temos no momento. Precisamos dissecá-las molécula por molécula. Há muitas direções que podemos tomar ao preparar o animal. Podemos optar por algo pequeno como um inseto, que se move em grandes enxames pelo planeta. Ou podemos explorar algo tão grande que seja capaz de esmagar as Pragas com os próprios pés.

— Apesar de nossos cuidados para não alvejar nada na superfície de Zantenor, recebemos queixas da destruição causada pelos bombardeios — comenta o Ministro, cauteloso. — Não gosto muito da ideia de uma criatura que possa causar ainda mais estragos.

— Muito bem então — responde o Chanceler. — Mas o tamanho não importa necessariamente. Já ferocidade, rapidez, esses são fatores a considerar. Obviamente teremos que analisar os materiais que coletamos sobre as Pragas com mais atenção do que nunca...

— Sim, sim. Certamente. — O Ministro começa a perder a paciência, mas consegue manter-se firme, pois o Sumo Chanceler, além de seu irmão de ninho, é um aliado valioso. — *Quanto tempo* calcula que o programa levará?

— Para analisar as vulnerabilidades das Pragas? Desenvolver uma estrutura genética? — O Sumo Chanceler prossegue incansavelmente, listando inúmeros passos necessários para que a tarefa possa dar frutos.

O Sumo Ministro para de prestar atenção depois de alguns instantes, já que o Chanceler está claramente com o pensamento em outro lugar. Por fim, o Sumo Chanceler fica em silêncio, pensa por um momento e diz:

— Mais ou menos um século.

O Sumo Ministro pensa no prazo e diz, afirmativamente:

— É aceitável. Mas é melhor se apressar, então. Um século não é tanto tempo assim.

— É verdade — concorda o Sumo Chanceler. Ele estende a mão com garras e o Sumo Ministro coloca a própria mão por cima. — Obrigado por vir a mim com essa ideia, irmão de ninho. Não o decepcionarei.

— Eu sei que não — responde o Sumo Ministro. E ele está seguro em sua certeza. O Sumo Chanceler sabe que, por mais que o Ministro seja generoso em um momento de sucesso, ele pode ser impiedoso quando descontente.

O Sumo Chanceler sai com uma impressão de urgência. O Sumo Ministro fica perdido em seus pensamentos por um longo momento, até que o cântico dos Obsessivos captura novamente sua atenção.

Ele emerge de sua cápsula e surpreende-se ao descobrir apenas seis Obsessivos do lado de fora. Ele acha isso estranho; faziam tanta baderna que era difícil acreditar que eram somente meia dúzia.

No fim das contas, não fazia muita diferença.

Quando ele retorna para o interior de sua cápsula, há seis Obsessivos a menos do lado de fora. O silêncio, ainda que temporário, é incrivelmente agradável.

O sino da Reunião ressoa sonoramente pela cidade. Os membros da Classe Governante não podem ignorá-lo, por mais que queiram. Eles fizeram o juramento de atendê-lo, independentemente de quando fosse tocado. Afinal, seu som indicava que grandes mudanças aconteceriam em breve na sociedade Krezateen. Ao menos esse era o propósito inicial. Caso fosse tocado sem um motivo considerado importante, o responsável pelo toque seria imediatamente executado.

Porém, o Sumo Ministro toca o sino com extrema confiança. Ele esperou noventa e sete anos por este momento — o Sumo Chanceler, fiel a sua palavra, fez tudo o que pôde para acelerar as coisas.

Os reunidos começam a especular sobre a razão da convocação inesperada. A notícia de que o Sumo Ministro foi o responsável pelo soar do sino rapidamente se espalha. Muitos creem que o assunto em pauta é a infestação de Pragas no mundo sagrado de Zantenor, mas o formidável Comandante Militar Knahs faz pronunciamentos em alto e bom som de que é preferível o Sumo Ministro não julgar ter alguma autoridade sobre o assunto.

— A retomada de Zantenor está sob *minha* responsabilidade! — grita o Comandante a qualquer um que queira ouvir.

Poucos querem. O fato de Zantenor seguir profanado pelas mãozinhas das Pragas permanece um assunto vergonhoso na sociedade Krezateen. De fato, muitos acreditam que Knahs deveria ser destituído de seu título — de preferência, junto com sua cabeça — por falhar em organizar uma campanha bem-sucedida para retomar o planeta, em nome dos deuses.

Todos os líderes de facção estão presentes no local da grande reunião. O Comandante Knahs tem lugar proeminente entre eles, já que sua posição faz dele o líder da Câmara de Guerra. Mas há muitas outras facções, muitas outras ordens — mais de trezentas — representadas no local.

Quando os Krezateen falam uns com os outros, usam uma combinação de telepatia e grunhidos audíveis e estalos de mandíbulas. O local de reunião está cheio desses sons por todos os lados. O local é composto por uma série de espirais descendentes, com as casas mais poderosas e influentes no topo, para reforçar suas posições.

O que será discutido? Esta é a pergunta recorrente em seus pensamentos, sibilos, grunhidos e estalidos uns para os outros. *Zantenor? Novos dízimos? Desastres planetários? O que poderia ser? O quê?*

A conversa vai diminuindo até parar conforme alguma coisa desce lentamente por uma plataforma de levitação magnética. É um cubo, composto de um metal sólido, liso e negro, totalmente opaco. Em um primeiro instante, os Krezateen reunidos se mantêm em silêncio, curiosos. Depois, uma nova onda de conversas invade o local, empestado de confusão.

O Sumo Ministro monitora a situação cheio de satisfação. O Chanceler se mostra menos satisfeito com todo esse espetáculo para apresentar seu trabalho. Mas o Sumo Ministro não se importa. Os Krezateen são uma raça tão incontrolável que, antes de mais nada, é necessário capturar a sua atenção. E pelo menos isso ele conseguiu fazer.

A plataforma desce mais trinta metros e para, fazendo prosseguir as discussões e especulações.

— Ministro! — É a voz retumbante do Comandante que ecoa pelo local. — Foi para isso que nos reuniu? Para fazer algum tipo de truque de mágica?

A declaração causa uma mistura de divertimento e resmungos. Pelo menos nove facções religiosas consideram a mera sugestão de mágica uma afronta aos deuses, se não à própria lógica.

— Nenhuma mágica — anuncia o Sumo Ministro, para o alívio de algumas facções. — Mas ciência, usada para o benefício de toda a nossa raça. Trago aqui a solução final para o problema das Pragas.

Ele toca em um dispositivo que dissolve a escuridão fumê do cubo. Enquanto isso, a surpresa se espalha pela plateia, que vislumbra a criatura lentamente

revelada no interior do cubo.

É enorme, monstruosa. Sua bocarra cavernosa se abre vagarosamente em um bocejo enquanto ela lambe as presas, a língua passando por duas fileiras de dentes. Seu corpo é longo e esguio, com várias pernas que parecem agachadas e prontas para impeli-lo para a frente, provavelmente para atacar a presa. Sua cabeça se move lentamente, para a frente e para trás, detectando a presença dos Krezateen, mas sem parecer impressionado ou agitado.

— É isso? — pergunta o Comandante. — Esta criatura vai nos livrar das Pragas?

— Essa é a intenção — responde o Ministro.

O Comandante gargalha. Não uma pequena risada de escárnio, mas uma grande e ousada gargalhada.

O Sumo Ministro, nesse momento, considera seriamente saltar pelo local de reunião e investir contra o Comandante. As chances são de que o Ministro não levaria a melhor. O Comandante é poderoso, um dos mais fortes entre os Krezateen. O Ministro provavelmente não duraria muito, mas isso não importa no momento...

Fique calmo, irmão. Ressoam em sua cabeça as palavras com o sábio conselho do Sumo Chanceler, não muito distante. *Não se deixe levar a uma batalha desnecessária. Traga-o até você. Demonstre.*

Ao mesmo tempo que transmite suas palavras de sabedoria a seu irmão, o Sumo Chanceler se levanta e diz em um tom uniforme e sem emoção:

— Posso perguntar o que lhe parece tão divertido na salvação de Zantenor? Não é como se, depois de todo esse tempo, você tivesse criado qualquer plano de valor.

Suas palavras são calmas, mas provocativas. O Comandante não parece mais divertir-se. Sua falta de sucesso ainda é um ponto fraco.

— Então você criou isso, presumo. — Ele aponta um dedo acusatório para o Chanceler.

— Sim, criei.

— Com qual finalidade? Para liberar essa... *criatura* contra as Pragas?

— Você fez e respondeu sua própria pergunta. — As palavras do Chanceler são como as de um pai falando com uma criança, com um ar cuidadoso de

condescendência. Não o suficiente para provocar um ataque do Comandante, mas o bastante para se fazer entender.

— Olhe para isso! — O Comandante permanecia determinadamente desdenhoso. — Eu tenho que admitir, você criou uma máquina de guerra com uma aparência temível. Dentes afiados. Garras precisas. Mas é claramente uma monstruosidade plácida. Apesar de todo o aparato que você e seus gênios da genética lhe deram, ela não tem nenhum instinto assassino.

— É mesmo? Você acha que poderia matá-la sozinho, sem nenhuma arma?

— Sem dúvida.

O Sumo Ministro sabe o que vai acontecer e sorri por dentro. Se há uma coisa com a qual se pode contar quando se trata do Comandante é seu ego detestável.

— Pois bem. — O Sumo Chanceler mantém um ar de absoluta subserviência, como se estivesse ansioso para agradar. — Se desejar, posso levar a criatura ao poço de combate e você pode enfrentá-la diretamente, um contra um.

Excelente! Excelente! Ela vai parti-lo ao meio! Sumo Ministro mal consegue se conter.

Ele está tão animado que não consegue impedir que seus pensamentos sejam captados pelo Chanceler. Seu irmão de ninho lhe lança um olhar de reprovação.

Nós não o queremos morto, irmão. Queremos apenas que seja humilhado. Apesar de tudo o que fala, o Comandante não passa de um valentão. E os valentões, na verdade, são grandes covardes. Nós dois sabemos o que isso faria ao Comandante e a sua reputação em uma sociedade que abomina qualquer tipo de medo, ainda mais a covardia. Então seja paciente. Um aliado vivo pode ser mais útil que um inimigo morto.

O Chanceler volta sua atenção novamente ao Comandante.

— Fico feliz em obsequiá-lo — sorri ele. Então, quase imperceptivelmente, ele toca em um dispositivo de controle remoto em seu bolso.

Subitamente, a criatura se debate contra a lateral do compartimento. A atitude é tão feroz que a plateia salta de susto, todos quase ao mesmo tempo. Então, a criatura mostra os dentes e se debate novamente.

— Sem instinto assassino? — pergunta ele.

A ironia está clara para todos. A criatura está praticamente enlouquecida de fúria. Ela se debate repetidamente contra as paredes de seu confinamento,

mordendo o ar. As garras arranham a superfície lisa, emitindo rangidos agudos que fazem com que vários Krezateen tapem os ouvidos.

A voz do Chanceler se ergue acima dos uivos da criatura frustrada, que não consegue destruir o que tomou como alvo:

— Agora você pode demonstrar sua força, Comandante!

— O que está acontecendo? — questiona Knahs.

— Tudo o que fiz foi bombear uma pequena quantidade de essência de Praga na jaula da criatura — responde o Chanceler. — Afinal, a espécie foi criada para caçar e destruir Pragas, não Krezateen. Mas, se você está determinado a demonstrar sua capacidade como guerreiro, nós nunca pensaríamos em envergonhá-lo com um adversário inferior. Portanto, eu me ofereço para borrifá-lo com essência de Praga. Basta uma pequena quantidade. Assim, você pode assumir seu lugar na arena sem se preocupar que seja um desperdício de tempo.

Há uma clara satisfação na voz do Chanceler e uma inconfundível pitada de desafio.

— É isso que você quer, não é? — pressiona.

Todas as atenções se voltam para o Comandante. O único outro som na área é o rugido da criatura.

Somente a covardia o salvará, pensa o Ministro secretamente para o Chanceler. *A questão é: Como ele vai racionalizá-la?*

Não é bem uma questão, na verdade, o Chanceler pensa de volta para seu irmão de ninho.

— Você está louco se acha que vou permitir que resíduos de Pragas sejam colocados em mim — rebate o Comandante. — Eu não deixarei que os deuses me abominem somente para que você possa demonstrar essa sua... aberração.

E aí está, pensa o Chanceler, com superioridade. Ele levanta a voz:

— Esta aberração é a solução para o nosso problema.

— Nosso problema — interrompe um dos líderes religiosos — é que os deuses acham que nossa civilização está no caminho errado! Eles acham que não somos suficientemente devotos! É por isso que chegaram a permitir que as Pragas tomassem o Mundo Sagrado: para expressar seu descontentamento conosco. E sua resposta é introduzir outra forma de vida em Zantenor? No momento em que colocarem as garras no Mundo Sagrado, elas serão impuras! E, como nós as enviamos, seremos impuros também!

— Então estamos condenados de qualquer maneira! — grita o Ministro. — O que acha que devemos fazer? Restringir nossos esforços a bombardeios inúteis e preces ocasionais?

— Os deuses nos mostrarão o caminho! — ergue-se outra voz da parte religiosa. — Nós devemos esperar...

Enfurecido com essa mentalidade estreita, o Chanceler, por um momento, perde a paciência. Sua voz retumba pela vastidão da reunião.

— *Os deuses nos deram cérebros para pensar! Inventividade para criar e explorar! A vontade dos deuses está dentro de cada um de nós. Se nos recusarmos a aproveitar os recursos que os deuses nos deram, isso sim será um insulto!*

Era um argumento irrefutável, segundo a percepção do Sumo Ministro. Isso deveria ser o fim da discussão.

Porém, foi só o início.

A situação prossegue por anos. Durante muito tempo, é um debate que parece prestes a destruir toda a sociedade Krezateen. Por fim, uma decisão é tomada após dezenove horas seguidas de debates. Fica decidido que os Impuros — como ficaram conhecidas as criaturas, simplesmente pelo uso repetido do adjetivo — serão liberados no Mundo Sagrado para aniquilar as Pragas.

O Sumo Chanceler fica furioso com uma última concessão que precisa fazer. Para ele, o aspecto mais devastador da criatura é sua capacidade de se propagar. Ele trabalhou longas horas para torná-las extremamente férteis. O seu desejo de procriar só seria superado pela compulsão por caçar e comer Pragas. Mas as facções religiosas simplesmente não aceitaram. A noção de algo criado pelos Krezateen procriando no Mundo Sagrado, para eles, era abominável demais.

O mais frustrante é a recusa do Sumo Ministro a apoiar seu irmão de ninho.

— As criaturas devem ter um propósito específico — afirma ele. — Elas devem acabar com as formas de vida profanas do Mundo Sagrado. Mas se elas se reproduzirem tão rapidamente quanto você propõe, depois que os Vermes forem eliminados, o lar dos deuses será invadido por monstros criados por nós. Você pode garantir que os deuses vão preferir essa situação?

— Eu não presumo entender como os deuses reagiriam a coisa alguma — respondeu o Sumo Chanceler.

Então, era dever dele e de sua equipe refazer as criaturas para que não tivessem gênero e fossem incapazes de se reproduzir. Evidentemente, o que ocorreria pelas mãos da natureza depois que as criaturas fossem liberadas no mundo estava além das capacidades do Sumo Chanceler de prever. Mas ele, ao menos, fez tudo o que pôde. O resto permanecia nas garras dos deuses.

O Sumo Chanceler poderia muito bem passar sem as festividades absurdas que celebravam o lançamento. *Aquilo sim* ele via como uma afronta aos deuses. O Sumo Chanceler sempre se considerou um indivíduo austero e para ele o lançamento era uma ocasião solene. Pela primeira vez em muito tempo, os Krezateen estavam dando um passo objetivo para a retomada de seu Mundo Sagrado. Por que marcar o evento com fanfarronices?

Nenhum motivo. Absolutamente nenhum. Mas eles o fazem mesmo assim.

Mais uma concessão que ele teve que fazer.

Bom, pelo menos ele estará na viagem para monitorar pessoalmente a eficiência das criaturas (o Chanceler nunca usa a palavra “Impuro” quando pensa a respeito. O termo o ofende, ainda que tenha aprendido a tolerá-lo).

Já está chegando, irmão? O som da voz do Sumo Ministro ecoa em sua cabeça. O Sumo Chanceler garante que já está chegando, enquanto se move pelo labirinto elevado de estradas que constituem boa parte do Planeta Natal. Um dos rios de lava fervente da superfície do planeta borbulha abaixo dele. O calor sobe como um punho. Ele o ignora. Tem coisas mais importantes com que se preocupar.

O Chanceler está quase chegando ao local de lançamento. A nave que os levará a Zantenor obviamente não está lá. Está orbitando o Planeta Natal. No lugar dela, há fileiras de pequenas naves de traslado que levarão o Sumo Chanceler e o Sumo Ministro até a nave de transporte. É uma nave de peregrinação padrão, capaz de transportar até duzentos Krezateen por viagem. Porém, a tripulação será bem menor: somente o Sumo Chanceler, o Sumo Ministro e um grupo de cientistas para observar o comportamento das criaturas contra as Pragas. Se as coisas ocorressem como o Chanceler esperava, eles retornariam com relatos de sucesso.

Como era de se esperar, lá estão as naves de traslado, estacionadas na imensa plataforma circular. O Chanceler e o Ministro se abraçam rapidamente, batendo nas costas um do outro.

— Estamos participando de um grande feito hoje — declara o Ministro. — Nada poderia ter sido realizado sem você.

— Você está absolutamente certo — responde o Chanceler.

Então começam os pronunciamentos. Pronunciamentos, bênçãos e preces intermináveis. Os líderes de inúmeras facções apresentam-se, um por vez, cada um tentando superar o anterior no fervor religioso. O Chanceler acha aquilo tudo estranhamente divertido, tendo em vista que a maioria deles protestou e resistiu quando o assunto foi apresentado pela primeira vez. Obviamente eles mudaram de ideia. O Chanceler sabia por experiência que isso acontecia frequentemente: grande resistência a novas ideias, seguida de uma eventual adesão a elas.

Após o que parece ser um tempo interminável, os transportes partem. Erguem-se graciosamente ao céu em direção à nave que os espera.

As criaturas já estão a bordo. Estão presas em segurança, em animação suspensa, dentro de uma nave menor — um módulo de aterrissagem — na área de carga da nave maior. Quando estiverem à distância certa de Zantenor, o módulo de pouso será lançado no Planeta Sagrado e seu conteúdo liberado contra as Pragas incautas.

O Chanceler, o Ministro e o restante da tripulação também dormirão durante a viagem, que levará dezoito anos. Os sistemas automáticos da nave os reavivarão quando estiverem perto de Zantenor. Então...

... e só então...

... será possível reaver a aprovação dos deuses.

Minutos depois, os transportes os deixam na nave de peregrinação. O Sumo Chanceler e o Sumo Ministro entram. O entusiasmo começa a retumbar na cavidade torácica do Chanceler. Ele nunca teve a honra de fazer uma peregrinação e seu tempo está se esgotando. Eles têm uma vida muito longa, mas nem mesmo ele e seu irmão de ninho durarão para sempre. E talvez ele não viva o suficiente para participar da próxima peregrinação.

Então, em vez disso, o Chanceler não faz parte apenas de uma peregrinação, mas de uma grande aventura científica. De que importa o pretexto? Ele viajará até

o planeta dos deuses e pode até vir a supervisionar sua libertação das Pragas. Não é uma perspectiva com a qual...?

Um frio repentino percorre sua espinha. Ele vê que seu irmão de ninho tem uma sensação parecida.

O Comandante e seus soldados estão no interior da nave para recebê-los.

— Bem-vindos a bordo, Honrados — declara Knahs com o que sem dúvida considera um tom suave.

— O que está fazendo aqui? — questiona o Ministro, impetuosamente.

O Chanceler fica igualmente ultrajado.

— Esta é uma missão científica.

— Isto é uma batalha. Uma batalha que é parte de uma guerra muito maior — informa o Comandante. — Se uma situação militar se apresentar, é o trabalho de meus soldados estar prontos para agir. Além do mais — ele sorri, com malícia —, queremos garantir que os resultados apresentados ao povo sejam representações precisas do que de fato ocorrerá no Mundo Sagrado.

— Isto é inaceitável — declara o Sumo Chanceler.

— Muito bem — diz o Comandante, indiferente. — Você está livre para não aceitar. O transporte pode levá-lo imediatamente para o Planeta Natal. — Ele gesticula na direção da qual o Chanceler veio.

O Sumo Ministro treme indignado, mas novamente o Chanceler fala com ele de modo apaziguador

Deixe-o ter este pequeno triunfo, irmão. O triunfo maior será nosso e ele acabará por se destruir. Eu conheço a laia dele.

Ambos conhecemos, concorda o Sumo Ministro, mas não sem relutância.

O Chanceler só tem a esperança de estar correto. E também espera que, considerando tudo o que está sendo feito para aplacar os deuses, os deuses façam o esforço valer a pena.

Capítulo Um

— Você acha que eles já estão cansados de comer poeira? — perguntou Meredith Wilkins, primeira-comandante do Corpo dos Guardiões no planeta Nova Prime.

— Bom, isso ajuda a formar caráter — respondeu o comandante Elias Haturi, seu braço direito. Deu uma sonora mordida em sua maçã Nova Prime, que havia sido cultivada a partir de sementes que os humanos trouxeram da Terra.

— A areia ajuda na digestão — acrescentou a comandante Bonita Raige, uma mulher de estatura baixa, com cabelos curtos e loiros, exceto por uma pequena mecha branca na parte de trás, fruto de um ferimento. Ela era a conselheira da primeira-comandante há anos, mas só recentemente se juntara à equipe de Wilkins.

Em várias telas à frente deles, três esquadrões com cores distintas, compostos de cadetes armados dos Guardiões, estavam se movimentando por uma grande faixa de deserto vermelho, cada um tentando obter alguma vantagem estratégica sem ser percebido pelos adversários. No princípio dessa batalha simulada os esquadrões tinham cada um uma dúzia de cadetes, mas todos tiveram baixas com os sucessivos confrontos.

Não havia feridos de verdade, obviamente. Somente uma mudança de cor no disco sensível à luz que usavam nas costas quando este era atingido pelo laser do inimigo. Qualquer um que fosse marcado dessa forma era obrigado a sair do jogo.

O esquadrão Azul estava levando a pior. Eram liderados por Erdmann, o mais experiente dos cadetes. Mas, mesmo assim, caíram em uma emboscada que lhes custara caro. Restaram apenas dois subordinados.

O esquadrão Verde não estava muito melhor. Havia perdido sete soldados, inclusive Cheng, o líder da missão. Algumas horas mais

cedo, Cheng fizera um sacrifício heroico que permitiu que os companheiros escapassem. Wilkins não tinha muita esperança para os cinco remanescentes. Em sua experiência, um esquadrão não durava muito tempo sem líder.

O esquadrão Vermelho, a esta altura, estava com as melhores chances de vencer o exercício. Ainda tinha nove cadetes graças à liderança inteligente de Lucas Kincaid, um garoto esguio e forte, de feições aquilinas. Wilkins estava de olho em Kincaid desde que ele se alistou. O garoto tinha uma habilidade natural de convencer os outros a segui-lo e acreditar em suas estratégias, que eram sempre calculadas para eliminar os oponentes.

Até o momento, Kincaid havia feito exatamente isso. Com os Azuis em fuga, vítimas de seu último ataque, ele estava voltando a atenção para os Verdes. Para azar deles, estes haviam se escondido em um vale profundo com altos paredões.

Wilkins estava observando quando Kincaid se aproveitou do erro dos Verdes e os seguiu. Primeiro, ele espalhou os cadetes nas duas laterais, preenchendo os limites estreitos do vale. Então, marchou atrás dos Verdes rapidamente. Nesse passo, ele os alcançaria em breve, e a formação abrangente dos nove Vermelhos não deixaria que nenhum inimigo escapasse.

— O que acham? — perguntou ela aos comandantes.

— Ele sabe o que faz — respondeu Raige.

— Desde o princípio — observou Haturi, que era grandalhão e forte. Ele jogou o miolo da maçã numa lixeira perto da parede. — Mas, também, ele é um Kincaid. Não é como se tivesse vindo do nada.

O nome Kincaid, pensou Wilkins, havia sido muito importante durante os quatrocentos anos de história humana em Nova Prime. Os Kincaid foram figuras-chave para os Guardiões, para os engenheiros liderados pelos Savant e até para a ordem religiosa liderada pelos Primus. Era muito bom ver que o jovem Lucas herdara o melhor dos genes da família.

Wilkins voltou-se para Raige.

— Você tem um sobrinho nos jogos, não tem, Bonita?

Raige olhou contrariada para a primeira-comandante.

— Você sabe que sim.

O nome dele era Conner. Infelizmente, não havia se destacado da mesma maneira que o rapaz da família Kincaid. Longe disso. Mas também não havia sido eliminado do jogo ainda.

— Talvez tenha algum futuro, no fim das contas — comentou Wilkins.

O que seria bom, levando em consideração que os Raige estavam presentes desde a época do êxodo da Terra. Na verdade, o primeiro homem a assumir o posto de primeiro-comandante foi um membro do clã Raige, e a família ainda era muito bem-representada nos Guardiões, não só por Bonita, mas também por seu marido Torrance e por seu irmão Frank, pai de Conner.

Alguns dos momentos mais prósperos da colônia ocorreram quando os Raige e os Kincaid eram reconhecidamente rivais, disputando para ver quem contribuía mais com os Guardiões. Não que Wilkins esperasse que esse tipo de coisa acontecesse no tempo dela. Até o momento, Lucas Kincaid havia demonstrado claramente que *não tinha* rivais.

— Os Vermelhos vão vencer o jogo — concluiu Haturi.

— Vamos ver se os Verdes têm alguma ideia do que está acontecendo — declarou Wilkins, abrindo na tela um ângulo de visão que provavelmente incluiria o esquadrão Verde.

Infelizmente, a imagem do vídeo estava bloqueada por algumas das pedras que se projetavam nas paredes do vale. Ela manipulou os controles, na tentativa de encontrar um ângulo melhor. Finalmente, encontrou um que não estava encoberto.

— Lá estão eles — apontou Haturi, mostrando os remanescentes do esquadrão Verde.

Wilkins concordou.

— E não têm noção de que os Vermelhos estão fechando o cerco.
— Era decepcionante. Esses deveriam ser cadetes experientes. Deveriam saber o que estavam fazendo a essa altura.

Então, Raige disse:

— Só estou vendo quatro deles.

A primeira-comandante contou.

— Quatro — repetiu. — Quem está faltando?

Demorou apenas um momento para descobrir.

— Seu sobrinho, Bonita. — Conner Raige não estava em lugar nenhum.

— Onde ele está? — perguntou Haturi. Ele se virou para Wilkins.

— Tenho sua permissão?

— Vá em frente — respondeu ela.

Haturi passou na tela todos os ângulos que tinham do vale. Conner Raige não estava em nenhum deles.

— Quer que eu verifique o transponder dele? — perguntou Bonita, com os dedos sobre o painel de controle. Um toque ativaria o sinalizador de emergência costurado no uniforme de Conner.

— Está preocupada? — perguntou Wilkins.

Raige balançou a cabeça.

— Não. — No entanto, ela talvez estivesse um pouco.

— Então vamos ver o que acontece — declarou a primeira-comandante sentada na cadeira.

Quanto mais Wilkins observava, mais se perguntava o que estaria acontecendo. Então, viu Conner aparecer magicamente e parou de se perguntar. O cadete saiu do chão atrás do esquadrão Vermelho, onde ninguém — aparentemente nem os Vermelhos — esperava encontrá-lo, e começou a derrubá-los um por um.

— Ora, quem diria — comentou Haturi.

Wilkins observou Conner executar o que provavelmente era a manobra mais inteligente e astuta da história dos jogos de guerra. Antes do fim, Kincaid e todo o resto dos cadetes haviam sido atingidos com raios dos pulsares de treinamento do esquadrão

Verde. Uma tela à direita da primeira-comandante piscou com os nove nomes, um depois do outro, indicando que os Vermelhos não eram mais participantes ativos do exercício.

Quando o espetáculo terminou, Wilkins sorriu e disse:

— Isso foi muito impressionante. E ele não era nem o líder da equipe.

— Está no sangue — respondeu Bonita Raige, mantendo uma expressão séria, apesar do coração explodindo de orgulho.

A primeira-comandante assentiu, concordando.

— É o que parece. Você tem um sobrinho e tanto.

Fazia muito tempo que Conner Raige não tinha um dia tão bom.

Ele reconhecia o fato internamente enquanto levava sua equipe de volta, passando pelas duas torres de metal que sustentavam a estrutura de tecido que formava o quartel-general dos cadetes. Uma vez sob o teto de tecido inteligente, ele sentiu a temperatura cair e ficou realmente grato por isso. Era um alívio escapar dos sóis inclementes de Nova Prime, que ele fora obrigado a aguentar durante várias horas.

Conner não estava apenas com calor. Estava cansado. Cansado até os ossos, como nunca estivera antes. Mas era um cansaço *bom*. Seu capacete, preso debaixo do braço, geralmente era um estorvo para ele. Mas hoje era um lembrete tangível do que ele e sua equipe Verde haviam feito.

Ainda podia ver a expressão no rosto dos Vermelhos quando se viraram e perceberam — tarde demais — que alguém os espreitava por trás. Expressões de surpresa. Expressões de vergonha. Expressões que diziam que não era justo que eles perdessem a competição no último instante, quando estavam quase vencendo.

Conner guardaria essa lembrança por um bom tempo. Isso era uma certeza. Afinal, não era sempre que fazia algo de que pudesse se orgulhar.

Esse era o problema de nascer em uma família de lendas. Tudo o que ele fazia era comparado ao que os outros Raige haviam feito antes, até centenas de anos atrás, na época do êxodo da Terra. Ninguém na colônia dizia isso na cara dele, mas não era necessário. Ele podia ver nos olhares.

Isso foi muito bom, pensariam, mas não tão bom quanto o que seu tataravô fez. Ou sua avó paterna.

Ou seu pai.

A cama de Conner ficava no fim do alojamento, uma dentre várias dúzias de camas organizadas em corredores perfeitos, limpos e desimpedidos. Ao chegar nela, o garoto pendurou o capacete em um gancho na estrutura da cama. Então girou o corpo, desabando no colchão.

À sua volta, ele ouvia os outros membros de sua equipe Verde fazendo o mesmo. Era muito bom deitar e observar o teto do alojamento ondulando sob o vento da tarde. Ao fechar os olhos, viu novamente o rosto da equipe Vermelha.

E se descobriu sorrindo.

Era estranho, como se os músculos de seu rosto não estivessem acostumados a isso. Realmente, sorrir não era um hábito comum a Conner nos últimos tempos. Na verdade, era algo que ele não fazia desde que se tornara cadete. Mas estava sorrindo agora. E por que não? Ele havia conquistado esse direito, não havia?

É isso aí, pensou.

Naturalmente ele não ia dizer isso em voz alta. Não diria nada que pudesse parecer uma provocação ao esquadrão Vermelho. Mas um sorriso escondido? Isso certamente era seu direito.

Nesse exato momento, Conner ouviu alguém sussurrar alguma coisa. Ele não pôde distinguir as palavras, mas o tom de voz era familiar. Ao abrir os olhos e virar na direção dos sussurros, viu dois de seus companheiros Verdes. Um era um cara chamado Augustover. A outra era uma mulher chamada Ditkowsky.

Eles estavam olhando de cara feia para ele. Só por um momento, é claro. Então, seguiram em frente e foram fazer outra coisa.

Não que ele não os tivesse visto fazer cara feia para ele antes. E não eram só Augustover e Ditkowsky. Em algum momento, vários cadetes haviam feito a mesma coisa.

Conner não entendia.

Se um *deles* tivesse virado um jogo de guerra e transformado uma derrota em vitória, ele teria apertado a mão do cadete e parabenizado o cara até não poder mais. Ele teria feito uns elogios. Mas ninguém parabenizou Conner.

Ele suspirou e deixou-se cair no colchão outra vez. *Mas que diabos...?* Ele entendia a atitude dos outros cadetes assim que ele chegou — principalmente quando fazia algo errado, e não só uma vez, mas algumas. Seu pai havia dito que novos cadetes eram tratados como lixo e que precisavam provar seu valor antes de conquistarem respeito.

Mas o que ele fez naquela manhã no deserto deveria ter compensado os erros anteriores. Deveria ter servido para bem mais do que isso, inclusive.

Então por que ainda estão me olhando desse jeito?, ponderou.

Ele sabia a resposta antes mesmo de terminar a pergunta, e não era nada agradável. *Porque eu sou um Raige, e isso é pior aqui do que no resto da colônia. Porque não importa o quanto eu tente ser um Guardiã, não importa o que eu consiga fazer, nada nunca será bom o bastante.*

Eles que se danem, então, pensou. *Que vão todos pro inferno!* Ele faria o que fosse necessário sozinho, sem a aprovação de ninguém.

Enquanto pensava nessas coisas, ouviu um murmúrio se espalhando pelo alojamento. Curioso, Conner levantou a cabeça e viu a figura alta e de cabelos grisalhos da primeira-comandante, caminhando pelo corredor.

Rapidamente, todos os cadetes no recinto bateram continência, incluindo Conner. Ele queria muito ver a expressão de Wilkins, talvez

para ter uma ideia do que ela estava fazendo por lá, mas não podia. Precisava olhar para a frente.

Por alguns momentos, ele pôde apenas ouvir o som das botas de Wilkins no chão de madeira sob eles.

— Descansar — ordenou a primeira-comandante.

Conner relaxou e virou a cabeça. Infelizmente, a expressão dura de Wilkins não dizia muita coisa. Se bem que era sempre assim.

— Acabei de passar várias horas observando vocês competindo, cadetes. Merecem uma avaliação imediata, já que estão com todos os acontecimentos frescos na memória.

Conner não se importaria em receber a avaliação mais tarde, depois de descansar um pouco, e tinha certeza de que seus companheiros pensavam da mesma forma. Mas ninguém se pronunciou. Afinal, aquela era a primeira-comandante.

— Em alguns sentidos, vocês se saíram bem — começou Wilkins. — Mas não em *todos* os sentidos. Todas as três equipes cometeram erros graves. No contexto de jogos de guerra, vocês têm a chance de aprender com esses erros e melhorar. Mas quando tiverem completado seu treinamento e se tornado Guardiões, o que vocês sabem que não ocorrerá para todos aqui, vocês não poderão se dar o luxo de cometer erros. Porque, quando você falha como um Guardião, paga com a própria vida ou com a vida de um companheiro de equipe.

Ela olhou para todos no alojamento.

— Coloquem isso na cabeça enquanto se preparam para a próxima rodada de jogos de guerra, que acontecerá daqui a exatamente uma semana.

Os cadetes ficaram em silêncio completo depois do anúncio, mas Conner conseguia ouvir o desespero de cada um em sua cabeça. Eles não deveriam participar de jogos de guerra novamente por seis meses. E uma semana entre os jogos não era muito... era quase nada.

Ele não se lembrava de nenhuma outra classe de cadetes tendo que carregar esse tipo de fardo. *Então, por que nós?*

Ele se perguntou se teria alguma coisa a ver com as críticas que vinham sendo direcionadas aos Guardiões ultimamente. Não eram de ninguém em particular, eram como um movimento sutil. Os outros cadetes também notaram. E, se eles notaram, era uma aposta segura que Wilkins também teria reparado.

Se os Guardiões estavam sob pressão, Wilkins poderia estar pensando que eles deveriam tomar mais cuidado do que nunca para não cometer erros. Daí a nova rodada de jogos tão perto da última.

— Alguma pergunta? — interrogou a primeira-comandante. Não havia. — Então estão dispensados.

Cada um foi para um lado. Na maioria dos casos, isso queria dizer cair de volta na cama. Certamente, esse era o caso de Conner. Mas ele mal se acomodara quando viu que Wilkins não havia deixado o alojamento. Na verdade, estava bem ao lado dele, olhando-o inexpressiva.

— Cadete Raige — chamou ela —, você não está dispensado. Venha comigo.

— Sim, senhora — respondeu Conner, levantando-se da cama. Seguiu Wilkins, enquanto os outros cadetes o observavam. *O que será que eu fiz de errado desta vez?*, pensou ele.

Capítulo Dois

O centro de comando dos Guardiões, construído de arenito vermelho, onde ficava o escritório da primeira-comandante, parecia só mais uma parte da paisagem do deserto. Ficava no meio do complexo dos Guardiões, depois do alojamento dos cadetes, do refeitório e do paiol.

Wilkins não se dirigiu a Conner até eles chegarem a seu escritório e entrarem. Mesmo quando chegaram, a única coisa que ela disse foi:

— Feche a porta.

Ele obedeceu. Então, esperou que sua superior sentasse à mesa.

Por fim, ela olhou para ele e disse:

— Cadete Raige.

— Sim, senhora — respondeu ele, morrendo de curiosidade.

— Você — começou ela — deu um show e tanto hoje de manhã.

Um dos poucos pontos altos de um dos jogos de guerra menos impressionantes que eu já vi, na verdade.

Conner deu tudo de si para conter um sorriso. Uma coisa era parecer satisfeito no alojamento. No escritório de comando era diferente.

— Obrigado, senhora.

— Como elaborou aquela estratégia? — indagou a primeira-comandante.

Estratégia? A palavra sugeria que ele havia pensado com antecedência sobre o que fazer. Mas ele não havia pensado em nada.

— Eu simplesmente segui meu instinto — respondeu Conner.

A primeira-comandante o fitou por um instante.

— Seu instinto? — Ela não parecia satisfeita.

— Eu simplesmente sabia que precisava atrair o esquadrão Vermelho para uma armadilha — testou Conner, esperando que Wilkins aceitasse isso melhor. — E foi o que eu fiz.

Mas a expressão de Wilkins não mudou.

— Você simplesmente *sabia*.

Ele decidiu tentar uma abordagem diferente, que pensava ser o que ela queria ouvir.

— Eu venho de uma longa linhagem de Guardiões, senhora. Meu pai, Frank Raige... acho que a senhora o conhece.

— Sim, conheço — confirmou ela.

— E também tem meu tio Torrance e minha tia Bonita. E todos os outros na nossa família que serviram como Guardiões durante os últimos seiscentos anos. Eu acho que uma parte da coisa acabou passando pra mim.

— E essa é a sua explicação? — quis saber Wilkins.

Obviamente ela também não gostara dessa. Estava procurando alguma outra coisa, mas ele não sabia o quê.

— Sim, senhora — foi tudo o que conseguiu responder.

— Bem, você é um estrategista de alto nível, cadete Raige — concluiu ela. — Isso está claro. Mas nunca terá a chance de colocar as suas habilidades em ação para proteger a colônia até que consiga articular o raciocínio por trás de suas escolhas táticas. Pelo menos não enquanto eu estiver no comando. Porque o que pode parecer instinto para você, na verdade, é um exercício intelectual. E é nesse intelecto que estou interessada, e deveria ser esse o seu interesse também.

— Sim, senhora — repetiu Conner, apesar de não concordar necessariamente com a parte do intelecto. Para ele, instinto era mais importante do que intelecto. Na verdade, instinto era a qualidade número um para alguém se tornar um bom Guardião. Quer a primeira-comandante aceitasse ou não.

— Com isso em mente — disse a comandante —, eu gostaria que você criasse um plano de batalha formal, dizendo exatamente o que

você fez com o esquadrão Vermelho, passo a passo. E quero que me entregue até amanhã, ao meio-dia. Está claro?

Conner pensou que ela estivesse brincando. Ele *esperou* que ela estivesse brincando. Mas quanto mais ela o encarava, mais certo ele ficava de que ela estava falando muito sério.

— Sim, senhora — repetiu ele, pela terceira vez.

Mas em sua mente ele estava desesperado. *Um plano de batalha formal? Até o meio-dia? Ela está louca?*

— Ótimo — respondeu Wilkins. — Mais uma coisa... Eu sei que a sua família é muito notável. Mas, na vida, precisamos criar nosso próprio legado. Certo?

— Certo — respondeu Conner, apesar de a premissa parecer ainda mais difícil do que alcançar as expectativas de seu sobrenome.

— Dispensado, cadete Raige.

— Obrigado, senhora.

Enquanto saía do centro de comando, Conner já pensava na magnitude da tarefa a ser cumprida. *Se eu virar a noite, consigo terminar a tempo. Pelo menos eu acho que consigo.*

Ele teria adorado uma noite de sono decente depois de passar quase o dia todo fervendo no deserto. *Parece que não vai rolar,* pensou ele amargamente.

Pior ainda, ele tinha a impressão de que Wilkins estava abrindo um precedente. Ele teria que criar um plano de batalha toda vez que liderasse uma equipe? Isso seria um inferno. O que ele sempre gostou nos Guardiões era da possibilidade de agir *sem pensar*.

— Ei, Raige!

Conner se virou e protegeu os olhos da luz do sol. Seu amigo Blodge estava correndo na sua direção, levantando pequenas nuvens de poeira vermelha.

— E aí? — disse Conner.

Blodge, que na verdade se chamava Raul Blodgett, era um cara grande com rosto redondo e cabelo ruivo. Ele se alistara como cadete no mesmo dia que Conner; tinham passado pelos mesmos

exercícios. Porém, Blodge era um dos caras mais populares do alojamento. As pessoas gostavam dele naturalmente, do mesmo jeito que naturalmente não gostavam de Conner.

— Tá tudo bem? — perguntou Blodge. — Quer dizer, você venceu o exercício, né? Pelo menos foi o que pareceu pra nós, pobres idiotas da equipe Azul. Olhando pra sua cara, eu pensaria que foram vocês que perderam.

Conner gemeu.

— Isso depende do ponto de vista.

— Você deu uma surra nos Vermelhos, não foi? Especialmente no Kincaid. De que outro ponto de vista você *pode* estar falando?

— A Wilkins quer que eu escreva um plano de batalha detalhado explicando tudo o que fizemos.

A cara de Blodge se contraiu em uma expressão solidária.

— Ai... Sinto muito, cara.

— Pois é — disse Conner —, eu também.

O dia em que Frank Raige pilotou seu primeiro voador Kelsey foi o dia em que ele realmente se descobriu.

No chão, ele sempre fora um pouco impaciente consigo mesmo, um pouco inquieto. Por mais que trabalhasse com afinco, sempre tinha a impressão de que podia fazer mais, tornar-se melhor.

No ar, ele *era* melhor.

— Como ele está, capitão? — perguntou Smitty, o técnico responsável por seu voador, pelo comunicador da nave.

Como o vento, pensou Frank. O voador, como um longo dardo negro, estava funcionando perfeitamente. Mas ele respondeu:

— Parece que vai cair aos pedaços a qualquer instante. Demita esses seus mecânicos e diga que foi ideia minha.

— Traduzindo: eles estão fazendo um ótimo trabalho, continuem assim — rebateu Smitty, que já estava familiarizado com o jeito de

Frank depois de trabalhar com ele pela última década. — Sim, senhor.

Frank olhou para o deserto abaixo. Ele se estendia, dourado e cor de ferrugem, refletindo a luz do primeiro sol. À esquerda, centenas e centenas de quilômetros para o norte, a terra se erguia e ficava recoberta por uma floresta de pinheiros verdejantes. À direita, o deserto seguia até o Mar de Thermopoulos. Era um mundo belíssimo. Em momentos como esse, ele era grato aos pioneiros que haviam levado a humanidade a Nova Prime, em vez de a outro lugar.

— Você vai voltar logo? — quis saber Smitty. — Laura está perguntando quando chego em casa.

— Estou voltando neste momento — avisou Frank.

Ele tinha o hábito de se deixar levar quando estava no ar. Não queria ter que pedir desculpas à esposa de Smitty mais uma vez por tê-lo feito trabalhar por mais uma hora depois do fim do turno.

Enquanto Frank inclinava a aeronave, a terra sob ele parecia se enviesar e rodopiar. O voador respondia perfeitamente, ajustando-se conforme a resposta do vento, sem grandes esforços. Era um prazer testar algo tão bem-projetado. Mas Frank não dispensaria aos engenheiros elogios nem um pouco mais diretos do que os que fazia aos mecânicos. Se o fizesse, eles provavelmente desmaiariam de susto.

Conforme a periferia da cidade de Nova Prime se aproximava, ele conseguia avistar o centro de pesquisas onde sua esposa Rebecca provavelmente estaria debruçada sobre um microscópio, procurando a cura para a Doença de Ressler, uma das mutações bacterianas mais devastadoras que a humanidade encontrara desde que pousou em Nova Prime. Ele também conseguia ver o enorme obelisco de barro vermelho, erguido como um monumento aos quatrocentos mil colonos que sobreviveram à longa e dura viagem espacial.

E podia também identificar o alojamento onde seu filho, Conner, provavelmente estaria esticado na cama, botando o sono em dia após participar dos jogos de guerra da primeira-comandante. Frank

sabia como era isso, tendo participado desses jogos em sua época de cadete.

Tudo o que ele queria na vida estava lá, na Cidade de Nova Prime. Por mais que amasse voar, amava ainda mais voltar para a família.

— Estou avistando você, capitão — comunicou Smitty. — Permissão para pousar concedida.

— Entendido — retornou Frank.

O voador pousou tão suavemente quanto manobrava. Em questão de instantes, ele estacionou. Frank desligou os sistemas de voo um a um. Depois, removeu o cinto de segurança e abriu a cabine. Imediatamente, pôde sentir o ar quente e seco do deserto. Algumas pessoas preferiam o ar-condicionado, mas Frank gostava do calor.

Smitty chegou correndo com um comunicador na mão.

— O que está havendo? — perguntou Frank.

Smitty entregou o comunicador a ele. É a primeira-comandante Wilkins, senhor. Ela ligou quando você estava pousando.

Ele levou o comunicador ao ouvido

— Pois não, senhora. Raige falando.

— Descansar, Frank. Somos só nós dois aqui.

Ele ficou mais preocupado. Se não era uma ligação oficial...

— Está tudo bem? — adiantou-se Frank.

— Você está perguntando se Conner está bem?

— Bem... sim — admitiu.

— Foi por causa dele que eu liguei, Frank. Tenho boas notícias.

Ele soltou o ar que nem sabia que estava segurando.

— É o meu tipo favorito de notícia.

— Acabamos de terminar nossos jogos de guerra. Vamos ter que refazê-los dentro de uma semana, uma lição prática. Mas fico contente em dizer que o Conner se destacou no exercício, mesmo que o resto não tenha se destacado. Pra falar a verdade, ele praticamente venceu sozinho a batalha para o esquadrão Verde.

Frank sentiu a garganta apertada. Apesar de ser carne de peçoço pelo lado de fora, ele sempre fora sentimental quando o assunto era a família.

— Isso é ótimo. O que ele fez?

Depois que Wilkins contou o episódio, ela acrescentou:

— Eu havia dito que ele estava tendo problemas em se encontrar. Depois de hoje, eu acredito que ele vá entrar no ritmo.

— Tomara. Você não o elogiou muito, espero.

— Você me conhece bem o suficiente pra saber a resposta — replicou Wilkins. — Ele está no centro de estudos agora, tentando criar um plano de batalha baseado no que ele fez puramente por instinto.

Frank deu um sorriso.

— Ótimo. É bom fazer ele pensar. E desse jeito os outros cadetes não vão vê-lo se vangloriar.

— Ou recebendo elogios demais do alto escalão. Ninguém gosta do queridinho da professora. Especialmente quando a professora é a primeira-comandante.

Ele entendeu a referência. A própria Wilkins fora uma cadete merecedora de tal reconhecimento. Mas o primeiro-comandante da época, o pai de Frank, Joshua Raige, foi sábio o bastante para não parabenizá-la demais em público.

— Fico feliz em ver que aquela lição foi aprendida — comentou Frank.

— Seu pai também não dava muito reconhecimento a *você*.

— E como ficaria isso? — disse Frank. — A única coisa pior que ser o queridinho da professora é ser o filho do professor.

— É, ele sabia bem o que estava fazendo — afirmou Wilkins. — Sinto saudades do velho.

Frank assentiu.

— Eu também.

Por mais que ele gostasse de bater papo com Wilkins, sabia que ela tinha muito o que fazer. A última coisa que ele queria era distraí-la do trabalho, ainda que fossem velhos amigos.

— Obrigado pelas informações — informou ele. — Mas agora eu tenho que...

— Espere um pouco, Frank. Eu sei que já pedi isso antes, mas seria muito bom tê-lo aqui no comando. Elias vai se aposentar em breve, como você sabe, e até onde eu sei, um primeiro-comandante nunca pode ter Raige demais na equipe.

Ele ficou lisonjeado, como sempre, mas precisava de uma promoção tanto quanto Nova Prime precisava de outro deserto. Havia se alistado nos Guardiões para ser um piloto, não um burocrata atrás de uma mesa.

— Estou ficando sem sinal — disse ele. — Deve ser interferência do sol ou algo assim.

— Não me venha com essa — rebateu Wilkins. — Se está assustado demais para subir de patente, basta dizer.

Frank gargalhou.

— É isso mesmo, querida, estou tremendo de medo. Tenha um bom dia. Pode me ligar sempre com notícias como essas.

— Assim espero. Câmbio final.

Droga, pensou Conner, sentado no silêncio do centro de estudos dos cadetes enquanto o segundo sol se punha no horizonte. Ele suspirou e bateu o dedo na mesa ao lado do teclado. E pensou outra vez: *Droga*.

Wilkins provavelmente não pensou que estaria pedindo nada de mais dele. Afinal, várias manobras nos jogos de guerra eram planejadas *antes* de serem executadas. Mas Conner não fez nada disso. Pelo contrário. Na verdade, seus Verdes estavam prestes a perder o jogo quando ele teve uma ideia de última hora.

Desde o começo, Lucas liderou os Vermelhos como se fossem uma matilha de lobos famintos. Eles forçaram a equipe de Conner a bater em retirada não uma, mas três vezes. Eles conseguiram dividir os Verdes em bolsões de resistência, cada um separado de seus camaradas, e haviam eliminado os grupos um por um.

É claro que Conner deveria ter reconhecido essa tática com antecedência. Ele sabia que Lucas queria sempre ser o primeiro, até na fila do refeitório, e não se importava com quem tivesse que tirar do caminho. Bom, todo mundo sabia disso.

Então não seria difícil prever como Lucas comandaria suas tropas. Agressivamente. E a tática quase funcionou. Os Verdes foram reduzidos a cinco cadetes, perseguidos em grupo pelos soldados de Lucas, mais numerosos, até que ocorreu a Conner usar a agressividade de Lucas contra ele.

Não foi nada além disso. *Só usá-la contra ele.* Isso foi o que Conner disse a si mesmo.

Como os Verdes poderiam fazer isso? Principalmente do jeito que já estavam fazendo, fugindo. Essa era a armadilha. Mas, para ativá-la, os Verdes teriam que aparecer por trás dos Vermelhos e emboscá-los.

Porque depois que você está atrás de alguém, a vantagem é toda sua.

Mas era mais fácil falar do que fazer. Os cadetes de Lucas foram espertos o suficiente para se espalharem de um lado ao outro do vale. Os Verdes teriam muita dificuldade em passar despercebidos por eles.

Foi por isso que Conner decidiu não seguir por esse caminho.

Ele teria que ir por *cima* deles. Mas não havia mais do que duas ou três árvores na área e elas não eram resistentes o suficiente para aguentar o peso dele. Ainda que ele tivesse sorte o bastante para achar alguma que fosse, a folhagem não seria suficiente para camuflá-lo.

Forçado a descartar as opções de passar ao redor e por cima dos cadetes de Lucas, Conner traçou o único caminho possível: por baixo deles.

A ideia parecia idiota a princípio, até para Conner. Os Verdes não tinham tempo para parar e cavar um buraco, estavam apenas alguns minutos à frente dos Vermelhos. Mas havia buracos já cavados muito tempo antes do exercício, para quem soubesse onde procurar.

E Conner sabia.

Afinal, ele era obcecado pela vida animal do planeta desde criança. Ele era um especialista de longa data sobre qualquer criatura que corresse, se arrastasse, escalasse, voasse ou nadasse. E que tipo de especialista não saberia que ratos-cangurus cavavam tocas longas e profundas?

Na época da Terra, antes de as naves decolarem com amostras genéticas de todas as criaturas que foi possível coletar, ratos-cangurus eram pequenos, com mais ou menos trinta centímetros, incluindo a cauda. Mas em Nova Prime, com a ajuda dos geneticistas, eles ficaram maiores e mais fortes. Conner estava grato pela mudança. Sem ela, provavelmente nunca teria encontrado uma toca quando precisou. Após abri-la com a ajuda de um galho, ele se camuflou com algumas mãos de terra e cascalho enquanto os outros Verdes continuaram a fuga.

Houve um momento de tensão quando os cadetes de Lucas marcharam por lá, os olhos treinados fixados adiante, quando teriam um resultado muito melhor se tivessem olhado para baixo. Um deles passou a um metro de distância de Conner, quase pisando na mão dele.

Então eles passaram e ele ficou livre para pegá-los, um por vez. Com um pouco de sorte, pensou ele no momento, poderia derrubar alguns deles antes de ser descoberto. Acontece que teve *mais* do que um pouco de sorte.

Teve o suficiente para equilibrar o jogo antes que Lucas ou qualquer um dos Vermelhos percebesse. E, quando perceberam, era

tarde demais. Os oponentes apareceram de repente, surpreendendo-os, enquanto Conner continuava a atacar por trás.

Mas colocar isso no papel, movimento por movimento? Não teria nenhum sentido. Afinal, não foram os *movimentos* que venceram o dia para os Verdes. E sim a forma como foram executados.

Como se explica isso?, pensou Conner consigo mesmo. A primeira-comandante deveria ter pedido a estratégia de Lucas. Essa sim Conner poderia descrever. E não se importaria em fazê-lo, já que tinha encontrado um modo de derrotá-la. Ele ficou sentado na cadeira, massageando o nariz com o polegar e o indicador.

Em algumas horas, seus amigos cadetes estariam aproveitando o dia de folga. Blodge disse que ele passaria o dia fazendo trilha pelas montanhas — com a namorada, sem dúvida. Gold se inscrevera para voar de asa-delta. Mphalele tinha entradas para um show no Vale Chen...

Conner interrompeu essa linha de pensamento. Só oficiais criavam planos de batalha. Se Wilkins estava pedindo isso a ele, era sinal de que achava que Conner poderia se tornar um oficial. Ele imaginou o que seu tio Torrance diria sobre isso. Imaginou o que sua tia Bonita diria. E seu pai...

Frank Raige nunca dissera ao filho que ele teria que se tornar um Guardiã. Mas, no dia em que Conner se alistou, ele viu o pai sorrir como nunca antes. Seu pai nunca disse que estava orgulhoso porque esse não era o jeito dele.

Mas ele *tinha* ficado orgulhoso.

Nos dias e semanas que se seguiram, Conner não deu ao pai ou aos outros qualquer motivo de orgulho. Ele aparecia nos lugares errados na hora errada. Dormia demais e frequentemente perdia o horário do treino da manhã. Até se meteu em uma briga com outro cadete por algum motivo tão trivial que nem conseguia se lembrar de qual fora.

Então, se Conner precisava sacrificar um pouco de sono ou um dia de folga, ele o faria. Faria o que fosse necessário para deixar a

família orgulhosa. Mesmo que a tarefa não fizesse o menor sentido para ele.

Com um suspiro, ele começou a digitar. *Se não parar para comer nada, pensou, talvez eu consiga terminar até o meio-dia.*

Capítulo Três

Trey Vander Meer limpou a garganta e sinalizou para o engenheiro de som. Então falou, sua voz suave ecoando pelo estúdio de transmissão da rádio.

— Olá, Nova Prime. Aqui é Trey Vander Meer, tomando conta de vocês quando ninguém mais o faz. O assunto de hoje é o exercício semestral de treinamento dos cadetes do Corpo dos Guardiões, conhecido como jogos de guerra.

“Caso vocês não saibam, o exercício acabou. Se bem que ouvi dizer que haverá outro em breve, como um tipo de punição. De um jeito ou de outro, quem se importa, não é mesmo? O que um exercício dos Guardiões tem a ver com a gente? Muita coisa, na verdade. Sabe, com o fim dos jogos de guerra, estamos um passo mais próximos da graduação de uma nova turma de Guardiões, superlotando ainda mais as fileiras daquela que é, sem dúvida, a organização mais inchada do planeta. É isso aí, você ouviu certo. Inchada, cheia de gente. Saindo pelo ladrão. Mais que o necessário.

“Meus amigos, nós não precisamos dos Guardiões que já temos hoje. Agora estamos prestes a ter ainda mais deles, graças a esse conjunto de exercícios tão caro. Na verdade, só a primeira-comandante dos Guardiões Wilkins sabe o custo exato, porque ela não quer compartilhar essa informação com o público, que por acaso são as pessoas que pagam o salário dela, caso vocês tenham esquecido.

“Mas isso é só a ponta do iceberg, como se dizia na época da Terra. Os Guardiões consomem uma quantidade imensa de recursos da colônia para criar armas, preservar os quartéis, confeccionar uniformes novos, manter as naves voando, entre outras despesas. Eles também operam um centro de comando altamente sofisticado, que parece ser reconstruído... quer dizer, o termo técnico é

aprimorado... a cada dois ou três anos. Nossos recursos valiosos seriam muito melhor empregados na resolução dos problemas causados pela estiagem, da qual ainda estamos nos recuperando.

“Eu sei que os Skrel ainda estão por aí, em algum lugar do universo. Eu sei que eles nos deram uma boa surra quando apareceram no passado. Se você ouviu esse programa antes, sabe que ninguém honra os mortos nos ataques com mais ênfase do que eu. Mas, nos últimos duzentos anos, fortalecemos nossas defesas contra ameaças aéreas. Aprimoramos nossa tecnologia F.E.N.I.X. Devemos ter algo como um milhão de satélites observando as estrelas. Na minha opinião, esses são usos bons e adequados dos nossos recursos. Mas, sinceramente, alguém pode me dizer por que precisamos de tantos Guardiões?”

“Eu não quero ouvir que temos que nos preocupar com os Skrel. Eles já foram derrotados duas vezes. Seriam loucos se viessem nos perturbar mais uma vez. E nossas sondas automáticas, e parece que enviamos uma a cada semana, não forneceram nenhuma prova de outras formas de vida inteligente. Então por que continuamos enchendo os Guardiões de créditos? Por que precisam construir naves cada vez mais rápidas? Pode parecer que nossos recursos aqui em Nova Prime são ilimitados, mas eu garanto que não são.

“Não preciso lembrá-los de que já arruinamos *um* planeta explorando o ecossistema de forma errada, roendo até o osso. Não podemos deixar esse tipo de coisa acontecer outra vez. Nós, como espécie, não podemos fazer com a Nova Prime o mesmo que fizemos com a Terra. Eu, pessoalmente, farei o que puder para impedir.

“Como sociedade, precisamos desse diálogo, meus amigos. Precisamos reavaliar nossas prioridades. A primeira-comandante precisa ouvir o desejo de mudança do povo, em vez do desejo dos militares de visão limitada que a cercam. Ela pode achar que nós vamos parar de pedir isso, mas nós não vamos. Continuaremos

pedindo até colocarmos a colônia de volta no caminho que ela merece.

“Pense nisso, Nova Prime. Eu pensarei, com certeza.”

A luz vermelha na parede se apagou e Vander Meer se recostou na cadeira. Ken Pham, o produtor do programa, saiu da sala de controle e sentou ao lado do locutor, que estava limpando o suor da testa com um dos lenços bordados à mão que recebera de presente da esposa.

— Belo trabalho — elogiou Pham. — Mandou bem logo de primeira.

— Eu não mando bem sempre? — perguntou Vander Meer.

— Pra dizer a verdade, não.

Vander Meer riu.

— Bom, então *quase* sempre. O programa vai ao ar no mesmo horário?

— Tudo como planejado — garantiu Pham.

— Sem edição? — Vander Meer ficara descontente, no passado, quando Pham ou algum outro produtor tomou a liberdade de omitir parte de suas declarações.

— Dessa vez não — respondeu Pham.

— Eu estou ansioso — comentou Vander Meer.

Levantou-se da cadeira. Ele sempre fora um homem alto e esbelto, mas ultimamente havia desenvolvido uma barriga proeminente, que dizia ser culpa dos músculos abdominais flácidos. A verdade era que gostava de comer, em especial nos restaurantes mais caros da colônia, mas não se exercitava muito. E não era só a barriga que estava cedendo. O cabelo dele começara a ficar mais ralo, forçando-o a abusar de massagens e óleos para estimular o crescimento folicular. Ainda assim, era uma corrida para ver quem venceria: o avanço do novo cabelo que estava crescendo ou a recessão do cabelo natural.

Vander Meer odiava envelhecer. Ele odiava encarar o rosto que barbeava toda manhã. Odiava os lembretes constantes da família

para parar no segundo prato, não no terceiro, durante o jantar. Daria tudo para ter o metabolismo que tinha quando começou como locutor, há vinte anos.

Foi naquela época que ele ganhou uma reputação jornalística, cobrindo a batalha de secessão entre a Cidade de Nova Prime e a Cidade de Nova Terra. Isso foi em 553 D.T. Sua reportagem sobre o conflito recebeu atenção da colônia inteira e ele subiu na carreira até ser convidado a virar comentarista, atividade em que usava sua experiência de campo para refletir sobre tendências sociais. Mas uma tendência em especial chamou sua atenção.

Ao longo dos anos, Vander Meer percebeu como os Guardiões se portavam, não só antes da batalha de secessão, mas depois também. Ele percebeu como davam por certas as verbas que obtinham, como se fosse um direito adquirido em virtude do trabalho realizado no passado distante.

Os Guardiões o irritavam por um motivo que nem ele saberia explicar. Talvez porque um dia ele mesmo quisera ser um Guardião, mas nunca chegou a ter a forma física necessária. Porém, cada vez mais, de forma criteriosa para não ser ignorado como um rabugento, ele acirrava suas críticas aos Guardiões e ao papel deles na sociedade.

Até poder atacá-los abertamente como fizera hoje. *Vamos ver o que têm a dizer sobre Trey Vander Meer agora*, pensou.

Depois do fim do programa, Pham levantou-se e tocou em vários comandos digitais na parede do estúdio. No mesmo instante, a luz diminuiu e os sistemas entraram em espera.

— Sabe o que eu gostaria de fazer? — perguntou Vander Meer, distraído com uma ideia.

— O quê? — perguntou Pham.

— Trazer Wilkins para o programa comigo. As pessoas certamente ouviriam, disso tenho certeza.

Pham pensou na ideia por um instante. Então disse:

— Vou ver o que posso fazer.

— Excelente — exclamou Vander Meer. — Me mantenha informado, está bem?

— É claro. E avise-me se descobrir algum livro bom. — Pham sempre carregava um tablet consigo. — Parece que boas leituras estão em falta ultimamente.

— Combinado — concordou Vander Meer. — Agora vou para casa almoçar. A família me espera.

Ao sair do estúdio, ele encarou o ar quente e seco característico de Nova Prime. Os sobreviventes da Terra moribunda escolheram instalar-se no sopé de montanhas de barro vermelho, pois elas ofereciam proteção contra o clima, e rios para abastecer a colônia. Havia áreas mais frescas no planeta, mas colonizar esses locais significava ter que cortar árvores ou mexer com a ecologia do planeta de alguma outra maneira. Isso era algo que a humanidade nunca mais faria.

Então, eles colonizaram *essa* área, e as coisas deram bastante certo. Exceto pelo calor, é claro. E pela poeira. E pelas poderosas tempestades elétricas ocasionais.

A casa de Vander Meer ficava a uns dois quilômetros do estúdio, em um enclave exclusivo, recém-construído, com apenas sete estruturas residenciais. As áreas nobres da cidade de Nova Prime eram mais antigas, algumas da época da chegada, até, encravadas no sopé das montanhas.

Mas essa era uma exceção. Vander Meer não se importava com isso. Seus vizinhos eram todos médicos, professores ou artistas. As ideias pareciam fluir livre e facilmente em seu pequeno lugarejo da colônia e ele adorava essa característica do lugar. Afinal, ele também era um intelectual.

Ainda assim, desde que começou a inserir assuntos mais controversos em seus programas, os vizinhos passaram a olhá-lo de modo diferente. Na verdade, alguns deles. Outros concordavam com ele, é claro. Eram aqueles que apertavam sua mão quando o viam ou davam tapinhas em suas costas e faziam comentários

encorajadores. Ele estava tocando em um ponto sensível, sem dúvida. Se conseguisse levar Wilkins ao programa, isso ressoaria ainda mais pela colônia.

Vander Meer chegou em casa ainda salivando ao pensar na possibilidade. Ele vivia em uma estrutura modesta, da cor do deserto, do tamanho certo para ele, sua esposa e seus três filhos. Em breve, ficaria mais espaçosa, quando seu filho mais velho fosse estudar na cidade de Nova Terra, em alguns meses. Talvez então ele conseguisse um pouco de paz em casa.

— Você fez mesmo? — perguntou Skipper, assim que o pai entrou em casa. Skipper só tinha 6 anos, mas havia absorvido a antipatia paterna pelos Guardiões.

— O quê? — perguntou Vander Meer ao segurar o garoto nos braços. — Peguei os Guardiões de jeito?

— Tem que acabar com eles, pai. Foi isso que você disse que ia fazer!

Vander Meer sorriu.

— Eu não *disse* que ia acabar com eles, filho.

— Disse sim — interrompeu o filho mais velho, Michael, que apareceu no corredor atrás de Skipper. — Foi *exatamente* o que você disse.

Michael, que tinha 18 anos, dera uma espichada ultimamente e estava da altura do pai, um fato que deixava Vander Meer desconfortável, especialmente porque eles costumavam adotar posicionamentos opostos em toda discussão. Por exemplo, Michael não achava que os Guardiões deveriam ter o orçamento reduzido. Acreditava que eles serviam a um propósito importante na colônia. O conflito entre o pai e o filho mais velho tornava a vida em casa cada vez mais difícil. Por sorte, Skipper estava lá para compensar.

— Tá bom — disse o garotinho impaciente, puxando a camisa de Vander Meer —, mas o que você falou no programa?

— Que os Guardiões são um peso que não deveríamos mais carregar — disse Vander Meer, olhando para Michael.

O adolescente revirou os olhos.

— Ótimo. Não acredito que você é meu pai.

— O Michael tá brigando com o papai de novo — gritou Skipper na direção da cozinha, onde a mãe preparava o almoço.

— Nós não estamos brigando — disse Vander Meer, colocando Skipper no chão. — Só estamos conversando.

Ele viu Michael se retirar para a sala de estar, onde o garoto sentou no sofá e ligou o jogo holográfico. Seu longo cabelo castanho-claro estava trançado, mantido assim por uma presilha de pedra entalhada. Também tinha passado a usar um brinco em forma de trevo, feito de liga metálica de acordo com a última moda céltica.

Será que eu já fui assim um dia?, perguntou-se Vander Meer. Ele achava que não.

Prosseguindo, ele entrou na cozinha, onde a esposa preparava uma salada. Chegou perto, afastou uma mecha de cabelo loiro e sussurrou no ouvido dela:

— Socorro, Natasha.

— Sinto muito — respondeu ela —, você está por conta própria.

Natasha, uma mulher bonita demais para a idade, era muito mais do que Vander Meer merecia. Ele era o primeiro a admitir isso. Rezava sempre para que ela nunca se desse conta.

— Como sempre — disse ele, em um tom agradável, ajudando-a a levar o almoço para a mesa.

Skipper puxou uma cadeira e sentou-se, ansioso. O almoço era sua refeição favorita. Logo depois, Michael se juntou a eles.

Vander Meer percebeu que a mesa estava arrumada para quatro pessoas e se perguntou onde estaria sua filha.

— E Elena, onde está? — perguntou.

— Na dança — respondeu a esposa.

Ele se lembrou.

— Ah, sim. A dança.

Fizeram uma prece rápida. Depois, Natasha serviu o gazpacho enquanto Vander Meer partia o pão e os garotos serviam salada.

— Então, o que temos à tarde? — perguntou Vander Meer à esposa.

— Eu tenho que terminar a revisão trimestral — disse ela.

— Precisa voltar ao escritório para isso? — perguntou ele.

— Não, eu posso fazer de casa. — Ela passou manteiga no pão, partiu um pedaço e comeu.

Skipper, por outro lado, rasgou um pão ao meio e enfiou tudo na boca.

— Tem mais comida além do pão, sabia? — Vander Meer chamou a atenção do garoto.

— Tá bom, pai — respondeu Skipper, falando com a boca cheia.

Natasha escondeu uma risada com a mão. Vander Meer viu a cena e riu junto. Então, vendo que Michael estava olhando distraído, perguntou:

— E você, filhão?

Michael olhou para ele.

— Eu preciso terminar de comprar meu material escolar. Depois, vou me encontrar com a Olivia.

— Ah, a bela e encantadora Olivia — comentou Vander Meer com um sorriso.

— Até *ela* concorda com o papai sobre os Guardiões — comentou Skipper.

— Não concorda, não — respondeu Michael, olhando furioso para o irmãozinho. — Ela nem ouve o programa dele.

— Mentira — rebateu Skipper, levantando a voz. — Ela me disse que ouvia.

— Ela só estava sendo educada — explicou Michael.

— Engraçado, eu pensei que todo mundo ouvisse meus comentários — disse Vander Meer.

— Na verdade, não é o caso — respondeu Natasha.

Vander Meer colocou a mão no peito com se tivesse acabado de levar uma facada.

— Querida, assim você me mata.

— Você, querido, às vezes se empolga demais — rebateu ela. — Lembra que no último ano você criticou o Flint pelo projeto de purificação de água?

— E não fazia sentido? — perguntou Vander Meer.

— Claro que fazia. E você o fez nomear um comitê.

— Que eu observei de perto.

— Que aprovou o projeto.

— Pelo menos eu mantive o Flint honesto — disse Vander Meer.

Natasha virou-se para Michael.

— Você vai jantar fora ou vai trazê-la aqui?

— Jantar fora — respondeu. Ele se virou para o pai, com o rosto vermelho de raiva. — E vou continuar jantando fora até o papai admitir que está errado. Os Guardiões mantêm a paz. Eles precisam se renovar o tempo todo. Eu não entendo seu problema com eles. Juro que não.

Vander Meer deixou o filho terminar, desesperado para não arruinar mais uma refeição. Ele queria respeitar o ponto de vista de Michael. Pelo menos o garoto tinha um ponto de vista, pensou Vander Meer. Ele achava que a geração mais jovem estava cada vez mais apática e egocêntrica. Ele segurou a língua e esperou Michael tomar uma colherada de sopa.

Então disse:

— Quando você conseguir discutir isso comigo sem tanto sangue nos olhos, nós conversaremos.

Michael grunhiu.

— Aposto que vamos.

Vander Meer franziu a testa. *Paciência*, pensou. *Ele vai mudar de opinião... um dia.*

Elias Haturi entrou no escritório de Meredith Wilkins e gritou:

— Eu quero apertar o pescoço daquele desgraçado! Só um pouquinho!

A primeira-comandante sabia exatamente do que se tratava. Ela acabara de ouvir os comentários de Vander Meer sobre os Guardiões, praticamente a desafiando a defender sua posição. Sentiu como se a temperatura da sala tivesse aumentado nos últimos minutos. Fazendo um esforço para se acalmar, ela desligou o monitor e se recostou na cadeira. Sem dúvida, os jornalistas ligariam para saber a reação dela. E ela não sabia exatamente como lidar com a situação.

— E então? — perguntou Haturi.

Ela ergueu uma das mãos.

— Acalme-se, Elias. Não haverá enforcamento enquanto eu for responsável. — Wilkins levantou-se e caminhou até o outro lado da mesa, onde uma garrafa de água gelada de repente começou a parecer extremamente convidativa. — Além disso — continuou ela, enquanto se servia —, quero ter esse privilégio pessoalmente, quando o assunto estiver resolvido.

— Como isso pode ser resolvido? Você sabe como ele é. Já fez isso antes. Ele vai continuar a atacar até conseguir o que quer.

— Ou até ser esmagado — retrucou ela.

Haturi se deixou cair na cadeira.

— E como vamos fazer isso? — quis saber ele.

Wilkins também se sentou novamente.

— Preciso pensar a respeito.

Mas ela não podia se dar o luxo de pensar por muito tempo. A mídia não permitiria. Em momentos como este, ela ficava feliz por não ter se casado e tido filhos. Alguns fardos eram mais fáceis de carregar sozinha.

Um assistente bateu educadamente à porta, que ainda estava aberta.

— Entre — ordenou Wilkins.

— Senhora, tem um cavalheiro chamado Ken Pham na sala de espera querendo falar com você — disse o assistente. — Ele diz ser o produtor do programa de Trey Vander Meer.

Wilkins e Haturi trocaram olhares de surpresa. Então ela pediu:

— Mande-o entrar, por favor.

Pham entrou, vestindo um terno recém-passado e uma camisa aberta na gola. Wilkins já o conhecia de algum lugar, mas não se lembrava de onde de jeito nenhum.

— Em que posso ajudá-lo, sr. Pham?

— Para falar a verdade, eu preciso de um bom livro para ler — disse ele.

— Isso está um pouco além da nossa alçada — respondeu Wilkins, calmamente.

— A senhora por acaso ouviu o comentário do sr. Vander Meer hoje? — indagou Pham.

— Ouvi, sim. Você veio ver se pedi demissão?

Ele riu educadamente, parecendo não se incomodar com a alfinetada.

— Não, mas estou aqui para pedir uma réplica.

— Você quer uma declaração?

— Claro, se tiver alguma. Mas prefiro convidá-la para aparecer no programa. Vamos transmitir os dois lados da discussão e deixar as pessoas se decidirem.

Wilkins parou para ponderar. Em vez de deixar Vander Meer insistir no assunto por dias ou semanas, uma discussão pública poderia realmente levar a controvérsia a uma conclusão mais rápida, de preferência com os Guardiões por cima.

Ela pensou no assunto por vários ângulos, tentando descobrir se seria uma armadilha. E não achou que fosse.

— Quando?

— O mais breve possível — disse Pham. — Como está a sua agenda?

— Estou ocupada a todas as horas do dia, sete dias por semana — respondeu. — Afinal, eu sou a primeira-comandante dos Guardiões e eles têm muito o que fazer, ao contrário do que você

deve ter ouvido no estúdio. Mas farei o possível para arrumar um horário.

— Isso seria ótimo — declarou Pham. — Vou esperar seu contato.

Assim que ele foi embora, o assistente apareceu na porta novamente.

— Pois não? — perguntou ela.

— Desculpe incomodá-la, senhora, mas o cadete Raige está aqui para vê-la. Ele disse que...

A primeira-comandante não o deixou terminar.

— Faça-o entrar.

Um instante depois, Conner Raige entrou com um tablet nas mãos. Ele parecia muito cansado. Mas era de se esperar, já que ele provavelmente ficara acordado a noite toda para terminar a tarefa.

Conner entregou o tablet à primeira-comandante.

— Como a senhora pediu.

Ela assentiu.

— Obrigada, cadete Raige. Vá dormir um pouco. Você está com a cara péssima.

Raige assentiu.

— Sim, senhora. Obrigado, senhora.

— E não dê atenção a Trey Vander Meer — ordenou ela, apenas para liberar um pouco da frustração, na verdade. — O último comentário dele decididamente *não* vai ajudar no seu sono.

O cadete olhou para ela, claramente perdido.

— Senhora?

— Deixe isso pra lá — disse ela. — Dispensado.

Wilkins esperou até Raige se afastar. Então, pegou o tablet que ele havia entregado, pensou por um momento e o entregou para Haturi.

— Bom, comandante, parece que agora é a *minha* vez de traçar planos de batalha.

Capítulo Quatro

Conner não sabia do que a primeira-comandante estava falando quando mencionou Trey Vander Meer. Mas, assim que chegou ao alojamento, foi descobrir.

Wilkins estava certa. O comentário de Vander Meer não ajudava mesmo no sono. Pelo menos não no caso de um Guardiã. E pelo que Conner descobriu em uma das estações de informação no centro do alojamento, Vander Meer fez um comentário extra para espectadores da rede.

— As coisas mudam — dizia ele, em uma voz suave, cheia de inegável arrogância. — Às vezes sem percebermos. E, quando isso acontece, temos que mudar também. Temos que viver no presente, meus amigos, não no passado.

“Costumávamos curar doenças sangrando pessoas e usando sanguessugas. Mas não precisamos mais disso. Achávamos que não havia problema em poluir a atmosfera da terra. Aprendemos nossa lição. Agora, estamos gastando quantidades exageradas dos recursos da nossa colônia com os Guardiões.”

Rangendo os dentes de raiva, Conner forçou-se a continuar ouvindo.

— Mesmo não tendo problemas com os Skrel há centenas de anos, mesmo tendo construído tantos satélites de alerta que poderíamos ter criado uma nova lua, mesmo com as taxas de criminalidade mais baixas que em qualquer outro momento da história. Preciso continuar?

— Ei — disse uma voz familiar por trás de Conner —, você não deveria estar dormindo?

Conner virou-se e viu seu amigo Blodge.

— E você não deveria estar nas montanhas?

— Eu estava. Aí a Julie torceu o tornozelo. Nada de mais, mas chato o suficiente pra gente ter que voltar. O que você tá vendo?

Conner fez uma careta.

— Vander Meer.

Blodge riu, solidário.

— Sei. Aquele cara.

— Eu não entendo. Como alguém pode achar que os Guardiões estão obsoletos?

Blodge dispensou a pergunta com um gesto da mão.

— Não dá bola pra ele, Conner. Não sabe o que fala.

— E se alguém tivesse decidido que os Guardiões eram obsoletos antes do *primeiro* ataque dos Skrel? O que seria de nós?

— Ele só tá querendo chamar a atenção, cara.

— Mas as pessoas escutam as besteiras dele — afirmou Conner.
— Elas acham que ele tem razão.

— Quem se importa com o que as pessoas acham? Não dá pra gente fazer nada quanto a isso.

— Nós podemos nos manifestar. Pode não ser muita coisa, mas é melhor que nada. A gente tem que deixar claro pra todos que os Guardiões ainda são necessários.

Blodge sorriu.

— Claro... como se alguém ligasse pra nossa opinião.

Infelizmente, Vander Meer era a voz que todos queriam ouvir. Conner balançou a cabeça. Será que ninguém via o quão perigoso era o conselho dele?

Ele se perguntou o que seu pai pensaria de Vander Meer. Seria bom lembrar de perguntar na próxima vez que se falassem, mas ele tinha a impressão de que já sabia. Frank Raige tinha muito orgulho de ser um Guardião, e de ser descendente de uma longa linhagem deles.

Ele não daria muita atenção para um idiota falastrão como Vander Meer.

A primeira-comandante Wilkins costumava a ser a primeira dos três líderes coloniais a chegar no encontro tríplice mensal. Desta vez, uma demanda inesperada fez com que ela chegasse por último.

Ao entrar na sala de conferência, ela viu o Primus Leonard Rostropovich e o Savant Donovan Flint sentarem-se bruscamente em suas cadeiras. Atitude típica de pessoas que eram pegas de surpresa, fazendo o que não deviam.

— Começando uma conspiração? — perguntou ela.

Flint, um homem magro com cabelos loiros e um bigode, deu uma gargalhada apesar do nervosismo aparente.

— Você nos descobriu, comandante. Nós estávamos planejando, pelas suas costas, aposentar esses uniformes marrom-ferrugem que vocês Guardiões insistem em usar.

— São tradicionais — declarou Wilkins. — Os primeiros Guardiões que colocaram os pés em Nova Prime os usavam e continuaremos a usá-los enquanto houver Guardiões. Mas não era sobre isso que estavam sussurrando.

O Primus, um indivíduo austero com um topete e um nariz aquilino proeminente, suspirou.

— Pois bem. Estávamos tentando poupá-la, mas se você insiste... — Ele passou a mão na frente de sua veste marrom, alisando a versão luxuosa do traje que seus áugures usavam. — Você ouviu o último programa de Trey Vander Meer?

Wilkins se retesou.

— Ouvi. E estou cuidando disso.

— De que forma, posso perguntar? — questionou o Primus.

— Eu vou aparecer no programa para... debater com ele.

Rostropovich franziu a testa.

— Não é a abordagem que eu escolheria.

— Enfrento meus problemas de forma direta — declarou a primeira-comandante. — Afinal, sou uma Guardiã.

O Savant e o Primus trocaram olhares.

— Mas você não é apenas uma Guardiã — apontou Flint. — Também é parte do corpo de governantes deste planeta. Portanto, o que quer que faça como líder dos Guardiões se reflete em nós também.

— E vocês acham que o reflexo que eu causar vai ser ruim para nós? — perguntou Wilkins.

— Para sermos diretos — confessou o Primus —, e eu sei que você gostaria que fôssemos, já está sendo ruim.

— Porque eu aceitei o convite dele? — indagou a primeira-comandante.

Rostropovich assentiu.

— Exatamente.

— Eu só quero apresentar os fatos — explicou Wilkins. — Isso acabará com essas falácias de uma vez por todas.

— Acho que está subestimando o sr. Vander Meer — ressaltou o Primus. — Ele se tornou um comentarista bem popular. A retórica dele pode deixar muito a desejar, admito. Mas ele parece saber mexer com a cabeça das pessoas.

— E se ele distorcer suas palavras da forma certa — acrescentou Flint —, podemos acabar tendo um problema ainda maior do que tínhamos antes.

— Nossa, quanta confiança vocês têm em mim — satirizou Wilkins. — Estou lisonjeada.

— Você está no território de Vander Meer — lembrou Flint. — Ele o conhece melhor que você. Como uma estrategista, você deve saber a vantagem que isso representa para ele.

A primeira-comandante fechou o semblante.

— E o que vocês querem que eu faça? Não apareça? Isso também não seria nada bom.

— Era sobre isso que nós estávamos falando — explicou o Primus. Novamente, eles trocaram olhares. — Seria mais difícil para Vander Meer se colocar numa posição superior se nós três estivéssemos no programa.

— Os três...? — indagou Wilkins.

Flint reclinou-se na cadeira.

— Vai ser muito mais difícil fazer você parecer um problema se todos nós mostrarmos o valor dos Guardiões. Você sabe, se falarmos sobre o quão importantes vocês têm sido ao longo dos anos.

A primeira-comandante hesitou. Mas Flint tinha razão. E, apesar de seu ego lhe dizer que ela poderia — e deveria — encarar Vander Meer sozinha, a questão não era só dela. Envolvia todos os Guardiões.

— Você entende a importância do que estamos propondo? — perguntou o Primus.

Wilkins concordou.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer — disse Rostropovich. — Tenho certeza de que você faria o mesmo por mim se a situação fosse inversa.

A primeira-comandante não tinha tanta certeza. Ainda assim, ela disse:

— É claro.

Conner acabara de voltar de uma corrida de cinco quilômetros com o esquadrão Verde. Cheng estava de volta à posição de líder, o que mostrava que Wilkins ainda não havia mudado totalmente de ideia a respeito dele. O cadete ouviu Lucas Kincaid em uma discussão furiosa com Danny Gold. Gold, um rapaz alto e magro, era um dos poucos cadetes, fora Blodge, que andavam com Conner às vezes; portanto, Conner ficou ao lado de Gold antes mesmo de saber o assunto da discussão.

— É mesmo? — perguntou Lucas. — Fala um, então.

— Tem o mercado negro — retrucou Gold.

— Sei. E foi por isso que você se alistou pra ser um Guardião? Pra poder prender um bando de moleques?

— É claro que não — defendeu-se Gold. — Mas...

— Mas é isso que você estaria fazendo — argumentou Lucas, do jeito que sempre fazia, enfiando o dedo na ferida, tanto no campo de batalha como nos outros lugares. — Os caras que operam os armazéns são da idade da sua irmãzinha.

— O que estão fazendo é ilegal!

— Então pode impedi-los. Mas são os Guardiões que têm que fazer isso? Essa é a questão.

— E quanto aos aliens? — perguntou Gold.

Lucas virou-se para ele.

— O que têm eles?

— Nós fomos atacados uma vez. Pode acontecer de novo.

— Ah, qual é — exclamou o outro. — Você sabe quanto tempo faz desde que os Skrel apareceram por aqui?

Foi então que Conner descobriu sobre o que estavam discutindo. Era como ouvir Vander Meer outra vez.

— Sei lá — confessou Gold.

Lucas gargalhou.

— Bom, eu sei. Tem mais de trezentos anos. Isso foi antes de o seu tataravô nascer. E depois disso, nenhum sinal deles, nem um bipe de comunicação. Você acha mesmo que a gente vai ver aqueles perdedores de novo?

Gold encolheu os de ombros.

— Pode ser.

— Pode ser também que a gente crie asas e voe pra uma lua. Mas isso não vai acontecer. Nós vimos o último dos Skrel, pode apostar todos os seus créditos nisso.

Finalmente, Conner não conseguiu mais se segurar.

— Você parece o Vander Meer falando — gritou, a voz ecoando pelo alojamento.

Logo depois, houve um silêncio. Então, Lucas virou-se e perguntou:

— O que você disse?

— É isso mesmo — confirmou Conner.

Lucas caminhou na direção dele, batendo as botas no chão de madeira do alojamento, até encarar Conner de cima para baixo.

— Pra começar — rebateu Lucas —, eu não estava falando com você. Além disso, eu não gosto de ser comparado com o babaca do Vander Meer.

Conner olhou para cima.

— Então pare de falar o mesmo tipo de babaquice que ele fala. Essa história de que não vemos os Skrel há centenas de anos... Que babaquice é essa? Você acha que estamos seguros? Acha que Nova Prime não precisa mais dos Guardiões?

Lucas se abaixou, apoiando as mãos nos joelhos, e deu um sorriso ácido.

— Deixa eu te falar uma coisa, Raige. Quando eu quiser a sua opinião, eu peço. Até lá, fica de boca fechada.

Conner sentiu o rosto esquentar, encarando Lucas de volta.

— Senão vai fazer o quê?

— Senão eu fecho ela pra você. Entendeu?

De repente, Conner estava de pé, segurando o uniforme de Lucas com as duas mãos e empurrando o outro cadete para trás. Lucas bateu no beliche atrás dele com força. Então, se recuperou e empurrou Conner para trás.

— Você quer brigar? — grunhiu Lucas entre os dentes cerrados.

— Qualquer hora, Raige! Qualquer hora, em qualquer lugar!

— Que tal aqui e agora? — desafiou Conner.

Rapidamente, Lucas aceitou o desafio e deu um golpe nele. Conner estava preparado. Ele sabia o que ia acontecer. Mas Lucas era tão rápido que acertou um murro em seu queixo. Conner ficou atordoado por um instante. Mas foi só um golpe. Ele não iria cair tão fácil.

Quando Lucas tentou dar mais um soco, Conner se esquivou. Então, acertou Lucas com um gancho que jogou a cabeça dele para trás. Atordoado, Lucas não conseguiu desviar do próximo golpe de

Conner, ou do seguinte. Ele recuou, parecendo indefeso. Conner o seguiu, todas as frustrações e dúvidas alimentando sua raiva.

Talvez ele não fosse o melhor candidato a Guardiã que já aparecera. Talvez não fosse o que todos esperavam de um Raige. Talvez nem servisse para ser um Guardiã. Mas era melhor do que Lucas Kincaid e suas declarações estúpidas e traidoras. E ia provar isso de uma vez por todas. Só precisaria de mais um soco.

Mas, quando Conner deu o golpe, o alvo sumiu. Sem o impacto para frear o movimento de Conner, ele caiu para a frente, indefeso contra o direto de esquerda que o atingiu na lateral da cabeça, e o deixou tonto, ou contra o golpe de direita que o pegou no queixo, enchendo sua boca de sangue. Ele levantou as mãos e recuou alguns passos. Teria recuado mais se não tivesse uma cama atrás dele. Quase tarde demais, ele viu Lucas preparando outro direto de direita.

Conner torceu o corpo para se esquivar e encaixou um golpe bem debaixo de um dos olhos de Lucas. Isso pareceu cegá-lo por um momento, e era a abertura de que Conner precisava. Ele colocou toda a força no soco seguinte e derrubou Lucas. Antes que o garoto pudesse se levantar, Conner estava sobre ele, prendendo-o ao chão com os joelhos.

Ele preparou o soco, a fim de acabar com a briga ali mesmo. Mas, antes que conseguisse desferir o último golpe, sentiu alguém segurar seu punho.

Quem?!, pensou ele. Qual de seus companheiros cadetes?

Mas percebeu que não era um cadete. Era Tariq Lennon, o oficial moreno e de rosto quadrado encarregado do treinamento dos cadetes.

— Sentido! — alguém gritou.

Imediatamente, todos os cadetes fizeram ao mesmo tempo a posição de sentido, com as mãos paralelas ao corpo. Conner e Lucas, ainda de frente um para o outro, baixaram os punhos e fizeram o mesmo.

Sem nenhuma palavra, o oficial olhou os combatentes de cima a baixo. Não era pouco sangue, e ele não parecia alheio a nenhuma gota.

— Bom — exclamou ele, enfim —, parece que aconteceu alguma coisa interessante. Pensei ter ouvido uma comoção aqui. Mas, quando entrei para ver, não havia comoção. Só vocês dois aqui de pé, se olhando como se fossem melhores amigos.

“O que seria ótimo, exceto pelo fato de que *não são*. Então eu me pergunto que tipo de impulso de camaradagem fez com que o senhor Kincaid aqui viesse visitar o cadete Raige.”

— Nenhum, senhor — exclamou Conner.

— Só estava de passagem, senhor — complementou Lucas.

Lennon sorriu.

— Só de passagem. É claro. Nenhum problema?

Kincaid fez cara feia para Conner.

— Nenhum, senhor.

— Problema nenhum, senhor — confirmou Conner.

— Sei — prosseguiu Lennon. — Ainda assim, vocês dois parecem ter praticamente se espancado até a morte. Então, deve haver algum problema. — Ele se virou para Conner. — Cadete Raige?

Conner não podia deixar de responder uma pergunta direcionada a ele. Ele apontou o queixo para Kincaid.

— O cadete aqui estava repetindo as idiotices do Vander Meer sobre a colônia estar investindo demais nos Guardiões.

— É mesmo? — perguntou Lennon. Ele olhou para Kincaid. — É verdade?

Os músculos da boca de Kincaid tremeram.

— É sim, senhor — admitiu.

Lennon virou-se novamente para Conner.

— Acontece, cadete Raige, que *eu também* concordo com Trey Vander Meer.

O quê?, pensou Conner, sentindo como se o mundo tivesse sido puxado debaixo de seus pés. Lennon era um oficial comandante dos

Guardiões. Como ele poderia concordar com aquele idiota do rádio?

— Não vejo como — disse ele.

Ele não queria ter dito isso. As palavras simplesmente saíram.

— Como disse? — perguntou Lennon, chegando perto de Conner até quase tocar seu nariz.

Conner tinha uma escolha. Ele podia retirar o que disse e pacificar seu oficial comandante. Essa seria a escolha sensata, sem dúvida. Ou ele podia escolher o outro caminho, que foi o que fez.

— Eu disse, senhor — repetiu ele, pausadamente —, que eu não vejo como.

Os olhos de Lennon se estreitaram.

— Você não vê como eu poderia concordar com Trey Vander Meer?

Conner se manteve firme.

— Sim, senhor.

— E por quê?

Não tinha mais volta.

— Porque ele é inimigo de tudo o que os Guardiões defendem, senhor.

— Os Guardiões não têm inimigos nesta colônia, cadete Raige — disse Lennon. — Estamos todos juntos aqui. Quanto antes você colocar isso na sua cabeça, melhor.

Conner mordeu a boca. Ele sabia o quão idiota seria discordar de Lennon, quão totalmente idiota. Mas ainda assim o fez.

— Senhor — começou ele —, os Guardiões têm inimigos aqui, sim. Pessoas que querem ver o Corpo reduzido a nada porque acreditam que não tem mais nenhum propósito. E Trey Vander Meer é uma dessas pessoas.

Os olhos de Lennon se arregalaram.

— Esta é a sua opinião, cadete Raige? Porque eu tenho quase certeza de que os cadetes ainda não conquistaram o *direito* de ter opiniões. Você é um cadete, não é?

— Sim, senhor — confirmou Conner.

— Você foi promovido sem o meu conhecimento?

— Não, senhor.

— Mas você quer ser algum dia, não quer? Antes de ser velho demais pra conseguir levantar um pulsar de verdade?

— Quero, senhor.

— Então guarde as suas *opiniões* pra si mesmo. Entendeu? Ou eu preciso ser Trey Vander Meer para conseguir a sua atenção?

— Sim, senhor — respondeu Conner. — Não, senhor.

Lennon olhou para ele por mais um momento, um lembrete de quem estava no comando. Então, virou-se e deixou Conner e Lucas de pé no alojamento.

Estava claro para Conner que Lucas queria brigar outra vez, talvez tanto quanto o próprio Conner. Mas, depois do que Lennon dissera, não ia acontecer.

Com uma expressão de ódio, Lucas foi embora. Um grupo de cadetes foi com ele. Afinal, Lucas — diferente de Conner — havia sido um cadete-modelo desde que chegara ao quartel, motivo pelo qual tinha sido apontado como líder do Esquadrão Vermelho. As pessoas se aproximavam naturalmente do líder.

O único cadete que se aproximou de Conner foi Blodge.

— Bela briga — disse ele, aparentemente sem ironia.

— Bela? — repetiu Conner. Ele se sentou e colocou a cabeça sobre as mãos ensanguentadas. — Eu sou um idiota.

— Não, não é não — rebateu Blodge, sentado ao lado dele. — Você tomou uma posição pelo que acreditava.

— Contra o meu oficial responsável!

— Talvez ele o respeite por isso.

Conner balançou a cabeça.

— Você viu a expressão no rosto dele? Aquilo não era respeito. Raiva, talvez. Desprezo. Mas definitivamente não era respeito.

— Olha — disse Blodge —, o que quer que tenha sido, ele vai esquecer. Ninguém se torna oficial responsável pelos cadetes guardando rancor deles.

Conner olhou para ele.

— Como sabe?

Blodge ficou vermelho.

— Eu só... quer dizer... tudo bem, eu não sei. Mas faz sentido, não faz? Ele precisa ser um cara justo para ter subido tanto nas patentes dos Guardiões.

Fazia sentido. Mas não queria dizer que era verdade.

Conner suspirou. Ele finalmente fizera algum progresso com Wilkins. Finalmente começara a se destacar, do jeito que um Raige deveria. E agora... isso.

— Obrigado por tentar me animar, cara — falou para o amigo. *Mesmo que não esteja funcionando muito bem.*

— Ei, não é pra isso que servem os amigos? — respondeu Blodge.

Enquanto cruzava o alojamento em direção à cama, Conner ouviu uma gargalhada. Ele percebeu que era Lucas e um grupo de meia dúzia de cadetes que estava ao redor dele.

Eles estão rindo de mim, pensou Conner.

A parte engraçada, *realmente* engraçada, é que ele e Lucas haviam sido amigos no passado. Na verdade, quando tinham cinco ou seis anos, eram melhores amigos. Até viraram irmãos de sangue. Ninguém havia contado que Raige e Kincaid tradicionalmente não se davam bem. Nem o pai de Conner, que adorava lições de história. Ninguém disse: “Ei, Conner, fica longe daquele garoto. Seus ancestrais são inimigos há seiscentos anos.”

Então, Conner procurava Lucas sempre que ia ao parque perto da casa dele, e Lucas procurava por ele. Os dois compartilharam muitas aventuras na pedreira vermelha que ficava por ali. Com enorme frequência, os dois fingiam ter caído em um mundo alienígena e tinham que sobreviver ao ambiente hostil até que a ajuda chegasse.

Eles jogavam cageball. Eles jogavam futebol americano. Decidiram que Conner era melhor em um e Lucas no outro, mesmo que Conner não conseguisse lembrar qual era qual. Então, como acontece com tantas crianças, eles se afastaram. Conner nem sabia

direito quando isso aconteceu. Um dia, ele simplesmente estava brincando com outros amigos e Lucas também. De repente, eles eram como estranhos.

Aqueles que os conheciam na época imaginaram que as histórias das famílias finalmente os haviam separado. Mas não foi essa a razão pela qual ele e Lucas deixaram de ser companheiros. Na verdade, Conner nem sabia sobre a rivalidade na época.

De qualquer forma, quando Conner tinha onze anos, Lucas e sua família mudaram-se para uma casa no outro lado da colônia, e Conner não o viu desde então. Ou, pelo jeito como o rosto das crianças muda, talvez eles até tenham se encontrado sem saber. Ele nem reconheceu Lucas no primeiro dia de treinamento. Até a hora em que alguém o chamou pelo nome. Naquele momento, Conner não tinha nada contra Lucas. Só uma certa curiosidade.

Mas a hostilidade entrou na equação rapidamente. E Conner não a imaginava indo embora tão cedo.

Ao contrário do que as pessoas diziam, Frank Raige não estava sempre de serviço. Às vezes ele estava gargalhando, assistindo ao campeonato de futebol americano da noite anterior.

Não que fosse fanático como sua cunhada Bonita. Ela era o que se chamava de "fora do padrão". Mas, como todo mundo, ele gostava de relaxar de vez em quando.

Ele estava terminando de assistir à primeira metade do jogo quando o comunicador tocou. Ele atendia da mesma maneira, dentro e fora do trabalho:

— Raige.

— É a Meredith — disse a voz do outro lado.

Mesmo nos momentos mais casuais, a primeira-comandante não demonstrava sentimentos. Às vezes isso era uma coisa boa. Naquele momento, Frank teve a impressão de que ela estava ligando para falar de Conner novamente. A notícia só poderia ser ruim. Afinal,

Wilkins já havia dito que Conner havia se destacado. As notícias não podiam melhorar.

Mas podiam piorar.

— O que houve? — perguntou ele, mais abrupto do que gostaria.

— Estou ligando para falar sobre Conner. Eu queria que as notícias fossem boas, mas não são.

O coração de Frank se apertou.

— O que aconteceu?

— Ele brigou com Lucas Kincaid. Eles já haviam discutido antes, mas dessa vez se bateram até cair. Ou melhor, teriam se batido, se Tariq Lennon não os tivesse separado.

Frank viu Rebecca entrar no quarto com um sorriso no rosto. O sorriso sumiu assim que ela olhou para a cara dele.

— Não creio que haja alguma chance de Kincaid ter começado a briga, não é? — Era o mais perto que ele conseguia chegar de dar ao filho o benefício da dúvida.

— Pelo que Lennon disse, não. Aparentemente, Conner acusou Kincaid de ter repetido o discurso de Trey Vander Meer. — Wilkins suspirou. — Não posso dizer que o culpo por ficar nervoso ao ouvir alguém citando Vander Meer.

Frank também não podia. As críticas incansáveis de Vander Meer aos Guardiões também deixavam seus nervos à flor da pele.

— Mas isso não é desculpa para brigar com outro cadete — admitiu ele. — Principalmente com um Kincaid.

Os Raige e os Kincaid sempre foram rivais, mesmo antes da chegada da humanidade em Nova Prime. Algumas vezes, isso trazia à tona o melhor das duas famílias. Às vezes, o pior. Quando isso acontecia, criava cisões na estrutura do Corpo dos Guardiões. E esse não era o momento de deixar essas cisões virarem dissidência. Os Guardiões precisavam se mostrar unidos se quisessem passar pela tempestade de opinião pública que estava varrendo a colônia.

— Quer que eu converse com ele? — perguntou Wilkins.

Frank pensou por um momento. Mas só por um momento.

— Ninguém nunca se tornou um bom Guardião recebendo tratamento especial. Ele vai ter que encarar isso sozinho.

— Essa é a minha opinião também. Só queria ter certeza de que estamos de acordo.

— Obrigado por ligar — agradeceu Frank.

— É claro, Frank.

Só depois de desligar o telefone, Rebecca perguntou:

— O que houve?

— Você não vai gostar — respondeu Frank.

Capítulo Cinco

— Então você tá bem, né? — perguntou Lyla Kincaid.

Seu irmão confirmou do outro lado da videoconferência, com o rosto parecendo ter servido de alvo no treinamento por três dias seguidos.

— Estou ótimo.

— Foi mesmo o Conner Raige? Vocês dois não eram amigos antigamente? — indagou Lyla.

Ele olhou para a irmã enfurecido.

— *Antigamente.*

— Sei. Pelo jeito, não mais.

— Não mais.

— Então, por que brigaram?

Ele deu de ombros.

— Nada.

— Faz sentido — confirmou Lyla. — Que bom que não foi por algum motivo. Quem sabe o que teria acontecido se fosse.

Que garoto bizarro, pensou ela. Será que ela e Lucas eram mesmo parentes? Às vezes era difícil acreditar.

Apesar das perguntas preocupadas da irmã, Lucas não disse mais nada. E a não ser que ela puxasse o assunto, ele nunca perguntava nada sobre o trabalho dela. Nenhum “como vai?”, nenhum “algum progresso?”, nenhuma indicação de que ele ao menos *soubesse* no que Lyla estava trabalhando. O único trabalho com que se preocupava era o próprio. Era assim desde o dia em que ele se tornara cadete. Não... mesmo antes disso.

Meu treinamento. Quantas vezes ela não ouviu estas palavras? Como se ninguém mais fizesse nenhuma contribuição valiosa para a civilização. Como se as únicas pessoas que fizessem alguma coisa

que valesse a pena em toda a história de Nova Prime fossem os malditos Guardiões.

O Corpo de Engenheiros dos Savant fez contribuições muito importantes também. Não que Lyla precisasse que o irmão começasse a listá-las. Só seria bom se alguma vez, pelo menos uma, ele perguntasse: “Como vai aquele equipamento de escuta? Vocês tiveram alguma sorte? Ou estão se dedicando de corpo e alma nessa coisa à toa?”.

— Bom, se cuida, viu? — disse ela.

— Claro — respondeu o irmão, interrompendo a conexão.

Lyla soltou um suspiro de cansaço. *Que garoto bizarro.*

Conner não costumava ir a lugares como a rua O’Hara. Mas ele sabia algumas coisas sobre aquela região. Sabia que o nome era uma homenagem a um antigo primeiro-comandante dos Guardiões que conduziu a colônia em uma época difícil. Sabia também que era uma rua muito movimentada, provavelmente a mais movimentada da cidade, com restaurantes, lojas e coisas do tipo.

Conner sempre preferira lugares abertos, onde podia ouvir o vento, se prestasse bastante atenção. Lugares onde podia sentir os ritmos do planeta e de todas as diferentes formas de vida trazidas pela humanidade. Mas Blodge queria visitar a rua O’Hara e pediu a Conner para acompanhá-lo. Então, lá estavam eles, navegando pela correnteza de colonos que fluía de todas as direções.

— É impossível não amar esse lugar — afirmou Blodge, empolgado.

— Com certeza — respondeu Conner, tentando fingir algum entusiasmo.

— Os sons, os cheiros...

— Tudo isso.

— Eu tô com vontade de comer bolinhas de siri. Que tal?

— Pode ser — respondeu Conner, que gostava bastante dessa iguaria. — Eu não sabia que vendiam isso por aqui.

— Cara, aqui tem de *tudo*.

De repente, duas crianças passaram por eles deslizando em giropranchas coloridas, uma delas esbarrando no braço de Conner. O primeiro impulso de Conner foi virar e gritar com o agressor, mas ele se conteve. Também já tivera aquela idade, e não fazia muito tempo.

Quando foi que ele ficou tão rabugento?

— Aí, Con — chamou Blodge.

Ele estava parado em frente a uma joalheria. Os colares na vitrine, compostos de pedras preciosas coloridas encontradas nas profundezas de cavernas montanhosas, cintilavam intensamente na luminosidade da tarde.

— Joias são uma boa ideia? — perguntou Blodge, que o havia levado para a rua O'Hara. — O que acha?

— Pra quê? — perguntou Conner.

— Pra Julie.

— Sua namorada?

— Você conhece alguma outra Julie?

— Bem... não — admitiu Conner.

— Então deve ser ela, né! — Blodge apontou com o polegar para trás de si. — E aí, joias?

Conner deu de ombros.

— Por que não?

— Beleza então. — Blodge começou a analisar os itens na vitrine.

— O que acha de um colar?

Conner queria muito ser prestativo.

— Tem quanto tempo que vocês tão saindo? Um ano?

— Quase dois anos. Onde *você* tem andado, cara?

— Dois anos? Sério?

— Sério. Então... um colar? Ou você acha que alguma coisa mais séria é melhor?

Conner queria dar um bom conselho ao amigo. O problema é que ele não era a pessoa mais indicada para isso.

— Eu acho que é melhor não perguntar pra mim.

— Por quê? — perguntou Blodge. — Porque você nunca saiu com uma garota por mais de quê? Dois meses?

— É, por aí.

— Mas você já saiu com um monte de garotas, né? Deve ter aprendido alguma coisa sobre elas.

Conner abaixou a cabeça. O que ele havia aprendido? Nada que soubesse colocar em palavras.

— Beleza, então — disse Blodge. Ele olhou outra vez para a vitrine. — Um colar. Mas um bem legal.

Conner se sentiu aliviado.

— Vamos lá — ditou Blodge, segurando o braço do amigo e arrastando-o até a escada. — Você vai me ajudar a escolher.

— Tá bom — respondeu Conner, desejando estar em outro lugar, mas determinado a não deixar o amigo perceber isso.

Ele estava no meio da escadaria quando percebeu uma agitação. Olhando para trás, por cima do ombro, percebeu de onde vinha o barulho. Havia um emaranhado de quinze a vinte pessoas na rua. Conner se perguntou o que estava havendo e parou para ver. Novamente, ele ouviu as vozes se exaltarem.

— Que foi? — perguntou Blodge, olhando para trás.

— Aquilo lá — apontou Conner.

— É só um monte de gente.

Mas alguma coisa fazia com que Conner desejasse saber o motivo do tumulto.

— Vamos lá — chamou ele, descendo os degraus de volta.

— Tá bom — respondeu o amigo, sendo puxado por Conner. — Por que não?

Quando chegaram mais perto, Conner viu alguém de pé no meio do povo. Um homem alto, com cabelos loiros-claros. Alguém que parecia terrivelmente familiar.

Trey Vander Meer, pensou ele.

— Olha — disse Blodge —, aquele não é...

— Eu vi — interrompeu Conner.

— Por que continuamos a financiar os Guardiões? — questionou Vander Meer no meio do povo. — Nesta época em que vivemos, qual é o sentido disso?

Foi difícil para Conner tolerar as idiotices de Vander Meer na tela do computador. Ouvi-las pessoalmente era duas vezes mais difícil.

— Vamos nessa — disse Blodge, puxando a manga do casaco de Conner. — Ele só vai te deixar irritado. Vamos dar o fora.

Mas Conner não se mexeu.

— A resposta que ouço é que eles sempre estiveram por aqui — prosseguiu Vander Meer. — Nós nos acostumamos com eles, como a um velho par de sapatos. Pode ser que não sejam mais necessários. Pode ser que haja muitos lugares mais importantes aos quais devemos destinar nossos recursos. Mas, por força do hábito, nós os mantemos.

Conner cerrou os dentes.

— Con? — chamou Blodge, puxando com mais força.

Conner o ignorou.

— Precisamos que alguém nos diga que isso está errado? — perguntou Vander Meer. — Bem, amigos, então eu direi. Eu gritarei do alto dos prédios. Os Guardiões estão obsoletos. São um desperdício de créditos. E quanto antes aceitarmos esse fato, melhor para nós.

Conner não conseguiu mais aguentar ficar parado enquanto Vander Meer continuava sua retórica sem ser questionado. Tinha que dizer alguma coisa.

E o que ele disse, alto o suficiente para que todos ouvissem, foi:

— Você está errado!

Isso chamou a atenção de todos.

— Não estamos obsoletos e não somos um desperdício de créditos — prosseguiu. Ele começou a atravessar a rua. — Somos

tão importantes agora quanto no dia em que os Skrel atacaram, quando os Guardiões foram os únicos a impedir a aniquilação da colônia.

Vander Meer olhou por cima do ombro e sorriu.

— Ah, um dos nossos soldados. — Ele se virou para Conner. — Prazer em conhecê-lo, cadete... — Curvou-se e leu o nome no uniforme de Conner. — Ah, cadete Raige. Eu acho que conheço esse nome.

— O meu nome não importa — disse Conner. — O que importa é que você está enchendo o nosso mundo com as suas babaquices.

— Minhas babaquices! — repetiu Vander Meer. — Este é um termo bem forte, cadete Raige. Qual é, exatamente, a sua objeção a minhas opiniões? Você não acredita em liberdade de expressão?

Conner viu o que o velho estava fazendo.

— A questão não é o que eu acredito. É a segurança de Nova Prime. Sem os Guardiões, não há segurança.

— Não é isso que a história nos mostra — rebateu Vander Meer. Ele olhou ao redor, tentando conquistar a multidão. — Não temos nenhum incidente há centenas de anos... ou será que tem alguma coisa que não fiquei sabendo?

O povo riu.

— E quando houver um "incidente", como você chama? Nós vamos recomeçar os Guardiões do zero? Acha que quem nos atacar nos dará tempo pra isso?

— Você parece um garoto inteligente — disse Vander Meer. — Por que não volta pro seu alojamento e usa um pouco da matemática que aprendeu na escola? Pegue no Corpo de Guardiões aqueles que não têm feito absolutamente nada por nós, ou seja, praticamente todos, e multiplique esse número por cento e vinte mil créditos, que é o custo para se manter cada um deles por ano. — Ele se virou para o povo. — Cento e vinte mil créditos, meus amigos, em uma época em que muitos de nós ainda estão se recuperando da

estiagem e de suas consequências. Cento e vinte mil créditos por cada Guardião. Em troca de quê?

— De paz de espírito — interferiu Conner. — Da segurança de saber que estaremos prontos se uma ameaça aparecer. Da garantia de que, o que quer que aconteça, Nova Prime será um lugar tão seguro para seus filhos como foi para nós.

Enquanto falava, Conner viu pessoas começarem a concordar. No mesmo instante, a expressão de Vander Meer mudou. Os olhos dele perderam o brilho bem-humorado e sua boca se tornou um linha fina e preocupada.

Mas só por um instante. Então, ele pareceu se lembrar de onde estava e o largo sorriso retornou ao rosto.

— Você é muito bom com as palavras — admitiu ele a Conner. — Mas a verdade é que os Guardiões são um anacronismo, uma relíquia do passado. São tão necessários hoje quanto canetas-tinteiro, óculos ou motores a gasolina.

— Esta é a sua verdade — disse Conner. — Não é a minha. Nem a deles. — Com um gesto do braço, ele apontou todos os que estavam ao redor. — Nós sabemos o que é bom para nós.

— Vocês acham que sabem — disse Vander Meer. — Mas vão em frente, continuem se iludindo. Alguns de nós têm coisas importantes a fazer, como vocês entenderão se assistirem ao meu programa em menos de uma hora. — Com uma gargalhada alta, ele foi embora.

Depois disso, o povo começou a se dispersar. Mas não antes que alguns dos observadores olhassem com gratidão para Conner.

— Nossa — comentou Blodge, com verdadeira admiração —, você deu uma lição nele.

Conner estava satisfeito consigo mesmo.

— Eu dei, não foi?

— Sem dúvida. Tô orgulhoso de você, Con. Agora, vamos ver aquele colar?

Conner estava se sentindo tão bem que nem se importou em seguir o amigo até a joalheria.

Cecilia Ruiz estava a caminho da joalheria na rua O'Hara quando viu a multidão se agrupar no meio da rua.

Ela levou alguns momentos para perceber que o centro das atenções era Trey Vander Meer, o comentarista de notícias. Cecilia não tinha muito tempo para ouvir notícias, mas todos conheciam Vander Meer.

Ainda que nem todos concordassem com ele.

Vamos lá, pensou ela. *Você veio aqui por um motivo.*

Mas era difícil não ficar curiosa com a multidão e não prestar atenção no que o homem dizia. É claro que ela não gostava da ideia de os Guardiões acabarem. Não mesmo.

Então diga alguma coisa, pensou ela.

Mas já estava com problemas demais sem se envolver com uma maldita celebridade. Além do mais, ela não era muito boa em falar em público. Provavelmente acabaria fazendo papel de idiota.

E a joalheria estava bem ali, esperando por ela. A joalheria na qual ela precisava entrar, apesar de detestar a ideia, afinal, era a pulseira da mãe que Cecilia ia penhorar. *A pulseira da mamãe, pelo amor de Deus!* Porém, agora ela também era mãe. E a família dela precisava dos créditos.

E o dono da loja era conhecido por ser honesto. Então, se tinha que penhorar a pulseira que a mãe tanto amava quando viva, a pulseira que havia deixado para sua única filha, pelo menos teria que receber um pagamento decente.

Não que ela tivesse escolha. *Eu não tenho nenhuma escolha.*

Mas, antes que Cecilia pudesse entrar na loja, um cadete dos Guardiões foi até a multidão e confrontou Vander Meer. E fez um belo trabalho. Quanto mais ouvia, melhor ela se sentia.

Parecia que finalmente alguém havia se pronunciado. Alguém o enfrentou. E quando o garoto fez isso, pessoas como Cecilia se sentiram um pouco menos impotentes. Não era surpreendente que o rapaz fosse um Raige. Raige nunca tinham vergonha de dizer o que pensavam, não é?

Por fim, a discussão terminou e Vander Meer foi embora. O ânimo de Cecilia melhorou um pouco e ela encarou a joalheria de novo. Mas, antes que pudesse subir os degraus, viu o garoto Raige e seu amigo indo naquela direção.

Então, Cecilia permaneceu onde estava e decidiu esperar, fingindo olhar as vitrines da rua O'Hara quando, na verdade, não podia comprar nada do que estava à venda. Afinal, já era difícil o bastante ter que penhorar a pulseira da mãe sem ter ninguém olhando.

Trey Vander Meer ajeitou as lapelas de seu novo terno verde, deixou para trás o pequeno incidente incômodo da rua O'Hara e esperou a luz vermelha do estúdio se acender. Assim que ela acendeu, indicando o início do programa, ele se virou para a câmera e começou a falar.

— Bem-vindos, amigos, a um debate sem precedentes com as três vozes mais importantes de Nova Prime — declarou. — Durante as últimas semanas, o tamanho e o escopo dos Guardiões em nosso mundo têm sido assunto de acaloradas discussões nos ambientes de trabalho, nas casas e nos locais religiosos. Mas, até agora, nós não havíamos ouvido nenhuma palavra de nossos líderes. Vocês sabem quem são eles, então vamos direto ao assunto.

Ele se virou para Wilkins.

— Primeira-comandante, vamos começar com você. Qual é a missão atual dos Guardiões?

Vander Meer se recostou em sua cadeira e observou a audiência do pequeno estúdio, que incluía sua esposa e seus dois filhos mais velhos. Ela fora organizada para que as câmeras pudessem capturar suas expressões. Ele estava feliz por parte da família estar lá para testemunhar pessoalmente esse diálogo histórico. E, obviamente, seu papel nele.

Wilkins, com a aparência totalmente profissional em seu uniforme completamente branco, olhou o apresentador nos olhos enquanto

refletia sobre a pergunta.

— Minha missão é manter você e a sua família vivos. Caso este estúdio pegue fogo, quem evacuará a área para permitir que os bombeiros façam seu trabalho? Caso sua casa seja assaltada, quem vai investigar e prender os ladrões? E se houver uma enchente? Uma epidemia? Os Guardiões mantêm a paz e a segurança deste mundo. Temos a sorte de sermos uma população crescente, sr. Vander Meer, adicionando novas comunidades e cidades a cada nova geração. Mas pode ter certeza de que todos precisam de proteção.

Vander Meer assentiu enquanto ela falava. Então, se inclinou casualmente na direção dela, como se estivesse conversando com um amigo.

— Proteção contra o quê, exatamente? Nenhuma dessas coisas que você listou, certamente. Ou estariam requerendo muito menos em termos de recursos. Eu acho que vocês concordam que já se passaram quase trezentos anos de paz. E, ainda assim, continuam a aprimorar suas armas e outros equipamentos. Como justifica isso?

— Como acabei de dizer, sr. Vander Meer, somos uma população crescente. Precisamos aumentar nossas fileiras e nossos investimentos em tecnologia para acompanhar o crescimento. Ou está sugerindo que uma população de mais de três milhões de pessoas requer *menos* Guardiões? Há algo que eu tenha deixado de compreender sobre a natureza humana?

Vendo que não conseguiria nada com esta abordagem, Vander Meer escolheu uma diferente.

— Vamos falar então com nosso especialista na natureza humana, ouvindo a opinião do Primus.

— Obrigado, Trey — agradeceu Rostropovich.

Assim como Wilkins, ele parecia impecável, sem sequer um fio de cabelo fora do lugar. Vander Meer também percebeu que o Primus estava usando delineador nos olhos e riu por dentro da vaidade da figura.

Talvez esse seja um tópico para outro programa, pensou. *A vaidade do Primus... Será mesmo esse tipo de homem que queremos para moldar nossos valores?*

— A questão levantada por você é, no mínimo, complexa — continuou o Primus. — Originalmente, os Guardiões foram criados para garantir que as arcas fossem construídas e pudessem salvar a humanidade. Desde então, continuamos a buscar a ajuda deles em todos os momentos difíceis. Eles mantiveram a paz durante a estiagem e outros desastres naturais. Eles nos impediram de atacarmos uns aos outros e aos nossos vizinhos. E fizeram seu trabalho muito bem.

Blá, blá, blá, pensou Vander Meer. O público no estúdio estava entediado. Ele estava prestes a interromper o Primus e fazer uma pergunta a Flint.

— Porém — disse o Primus —, a pergunta é sobre hoje, não ontem. Nossos recursos não são ilimitados. Parece prudente que nos detenhamos periodicamente para reexaminar como esses recursos são distribuídos. Você falou em diminuir o efetivo dos Guardiões, sr. Vander Meer, para que pudéssemos financiar outros projetos importantes. Eu acredito que haja algum mérito nesse ponto de vista.

Vander Meer não estava esperando isso. Nem Wilkins, a julgar pelo modo como a boca dela se abriu.

Mas ela era uma Guardiã. Treinada para responder a ataques furtivos.

— Eu creio que a segurança do planeta seja um projeto importante — rebateu ela imediatamente.

— Os satélites não estão fazendo o trabalho pesado? — perguntou o Primus. Ele se virou para Flint. — Savant?

Flint parecia desconfortável. Muito desconfortável. Ele olhou para Wilkins com um olhar de quem se desculpa, mas respondeu.

— Faz séculos que as varreduras não mostram nada além da rotineira estática de fundo.

— Como eu imaginava — disse Rostropovich. — Talvez seja hora de repensarmos nossas prioridades.

— E o que é mais importante do que nossa segurança? — perguntou Wilkins.

— Nossas almas, por exemplo — rebateu o Primus, friamente.

— Mas até o momento da ascensão, não devemos tentar prolongar seu estado mortal? — rebateu Wilkins.

— Meus áugures — continuou Rostropovich — me disseram que as pessoas estão questionando nossa decisão de colocar tanta ênfase nos Guardiões em detrimento de outras possibilidades.

— Nós mantemos a paz — insistiu Wilkins. — Nós somos os primeiros a responder. Nós estamos lá quando ocorrem incêndios, roubos e bombardeios ocasionais de alienígenas que guardam rancor pela nossa mera existência.

— E o fazem muito bem — interrompeu Vander Meer. — Mas, como o Primus apontou, temos outras necessidades em Nova Prime. E, como já apontamos mais de uma vez, os aliens dos quais você fala já não são vistos há séculos.

Ele sorriu para Rostropovich, sem acreditar na sorte que tinha. Quem pensaria que o Primus tomaria seu lado, esfaqueando Wilkins pelas costas com tanta objetividade?

— A única atitude lógica — disse Vander Meer, voltando-se novamente para a primeira-comandante — é reduzir nosso efetivo de Guardiões e realocar os créditos advindos dessa economia. E fazê-lo o quanto antes.

A audiência no estúdio acenava, concordando. Vander Meer celebrou por dentro. *Eu mal precisei dizer alguma coisa*, pensou. *O Primus falou tudo por mim.*

Assim que o programa de Vander Meer terminou, Wilkins lançou um olhar desdenhoso para Flint e disse:

— Obrigada.

Ele ergueu as mãos.

— Sinto muito. O que queria que eu dissesse?

O quê?, Wilkins se perguntou. Flint não tinha muita escolha pelo modo como a pergunta foi feita. Mas Rostropovich...

Ela se virou para o Primus. Ele já havia se levantado e caminhava em direção à saída.

— Primeira-comandante — chamou Vander Meer, aproximando-se com a mão estendida para apertar a dela. — Eu quero agradecê-la por comparecer. Foi muito...

Wilkins nem ouviu o resto. Estava preocupada demais em perseguir Rostropovich, passando pelos membros da plateia do estúdio que tinham se levantado para falar com ela e com seus colegas.

O Primus passou pela porta e chegou à rua. Mas Wilkins o alcançou com facilidade. Rostropovich nunca fora muito de praticar exercícios.

— Quero falar com você — disse ela.

— Nós já falamos bastante esta manhã — respondeu ele. — O que mais precisa ser dito?

— Você me emboscou — explodiu ela, os olhos chamejando.

— Embosquei? — Ele encolheu os ombros diante da acusação. — Expressei o que estava no meu coração.

— Se era assim que você pensava, devia ter me dito antes.

— Talvez você possa comandar o que seus Guardiões falam e quando. Mas não tem tal autoridade sobre o gabinete do Primus.

— É claro que não. Você acabou de dar um belo exemplo a todos. Um exemplo de justiça. Um exemplo de *confiança*.

O Primus pigarreou.

— Eu fiz o que era necessário. Se tivesse lhe falado sobre minhas intenções, você teria preparado uma resposta. Desta forma, ficou claro que seu posicionamento é ganancioso e interesseiro.

A primeira-comandante sentia o calor da indignação no rosto.

— Gananciosa? Por querer proteger Nova Prime?

— Porque você não precisa dos recursos que exigiu no passado e sabe disso. Agora, uma pequena parte desses recursos será redirecionada. Não é nenhuma tragédia.

Wilkins assentiu.

— Eu o julguei muito mal.

— Sem dúvidas — concordou o Primus.

A primeira-comandante observou seu colega se afastar. A indignação ardia em seu corpo. Ela se permitira ser pega de surpresa por Rostropovich, que jogou melhor do que ela. Permitira que as defesas de seu mundo fossem derrubadas.

Ela o odiava por sua presunção e falta de ética. Ela o odiava pela falta de visão, que colocaria os cidadãos do mundo em perigo. Mas a Guardiã dentro dela sabia que só havia uma pessoa a culpar pelo que acontecera no estúdio de Vander Meer: ela mesma.

Capítulo Seis

Lyla estava acostumada a ser a única espectadora na quadra de cageball do Bairro Norte nas tardes de segunda-feira, quando havia montes de crianças barulhentas de 12 anos pulando e gritando ao tentar colocar a bola na cesta. Era muito raro ter que dividir a grade com outra pessoa.

Mas esta tarde de segunda parecia ser uma exceção. Mais à frente na grade, dois cadetes pararam à luz do sol para assistir ao jogo. Ela se perguntou se conheceriam seu irmão. *Sem dúvida.* Afinal, o Lucas era o Lucas.

Um dos cadetes era bem bonito, ela reparou. Alto, ombros largos... Parecia querer entrar na quadra para jogar também. O outro também era alto, mas um pouco mais gordinho, com cabelos ruivos.

Depois de alguns momentos, Lyla notou que estavam olhando para ela. Aliás, pareciam estar falando sobre ela. Sentindo que ia corar, ela se virou.

Por quê?, ela se perguntou. Por que não simplesmente retribuir o olhar, talvez ir até lá e se apresentar? Ou quem sabe até convidar o bonitinho para sair?

Porque se ela fosse até um cara e abrisse a boca, a garganta dela se fecharia como um torniquete e nada remotamente inteligível sairia. *É por isso.*

Lyla sempre fora uma criança tímida. Algumas pessoas superam a timidez quando saem da adolescência. No caso dela, o problema se agravou.

Era por isso que se enterrava no trabalho do laboratório. Porque era mais fácil do que se socializar com seres humanos de verdade. Ela estava bem na companhia de seus colegas, pessoas pelas quais não tinha o menor interesse romântico. *Perfeitamente bem.* Mas na

presença de alguém como o cadete que estava ali na grade? De jeito nenhum. Se Lyla tentasse falar com ele, seu coração começaria a bater tão forte que poderia quebrar uma costela.

Então vou simplesmente ficar aqui e ver o jogo, pensou ela. *Quem sabe o cara não vai embora.*

Mas ele não foi. Na verdade, ele começou a caminhar na direção dela.

Ela engoliu em seco. *Não olhe para ele,* disse a si mesma. *Só assista ao jogo.*

— Desculpe — falou o cadete —, mas tenho que perguntar. Você é fã de cageball?

Ela balançou a cabeça, fingindo manter interesse pelo jogo. *Basta fingir que é um colega, perguntando sobre o seu trabalho*

— Não exatamente. Sou engenheira. Estou trabalhando em um aparelho de escuta. — Ela apontou para uma das crianças na quadra. — Há alguns meses eu implantei um naquele garoto.

O nome dele era Pietro e ele era, de longe, o melhor jogador na quadra. Não que ela fosse tendenciosa, nem nada.

— E agora ele consegue ouvir? — perguntou o cadete.

— Perfeitamente — respondeu Lyla, tentando manter o tom de orgulho afastado da voz.

— Isso é maravilhoso.

Engraçado. Havia algo familiar na voz dele. *Provavelmente é a minha imaginação.*

— Então você veio vê-lo jogar? — questionou o cadete.

— Era parte do nosso acordo. Se ele me deixasse colocar o aparelho, eu viria vê-lo jogar uma vez.

— E hoje você está cumprindo a sua parte?

Lyla sorriu.

— Na verdade, esta é a *décima* vez. Acabou se tornando um hábito. Eu venho aqui toda segunda-feira à tarde, aconteça o que acontecer.

O cadete gargalhou.

— É, parece que meu amigo Blodge estava certo.

Ela se virou para ele, imaginando o que isso queria dizer. *Será que essa é uma daquelas apostas dos garotos pra ver quem fala com você?*

— Sobre o quê? — quis saber Lyla.

— Eu preciso rir com mais frequência. Às vezes fico sério demais — confessou o cadete.

— Não consigo imaginar você muito sério.

Ele riu outra vez. E, de repente, ela se deu conta de que estavam tendo uma conversa. *Uma conversa de verdade, na vida real.* Parecia loucura, mas estava acontecendo.

Eles assistiram às crianças correndo de um lado para o outro por mais alguns instantes. Pietro parecia extremamente feliz. Toda vez que um colega de time o chamava, ele olhava.

Lyla sentia mais orgulho disso do que de qualquer outra coisa que tivesse feito na vida. Se bem que conversar com um cadete tão bonito, conversar *de verdade*, vinha logo em segundo lugar.

— Eu costumava jogar cageball — comentou ele. — Meu pai jogava também. Ele era muito melhor do que eu. Mas eu gostava mesmo assim.

— E você não joga mais? — questionou Lyla.

O cadete negou com a cabeça.

— Tô ocupado demais tentando me tornar um Guardião.

Havia algo no sorriso dele, que parecia brincalhão e sério ao mesmo tempo, e era ainda mais familiar do que a voz. Lyla tinha a impressão de que já havia visto o cadete antes.

Então pensou que não. *Um cara lindo como ele? Eu me lembraria com certeza.*

— Bom, meu nome é Conner — apresentou-se ele. — Conner...

Ai meu Deus, pensou ela.

Era por isso que parecia familiar. Porque era. Porque tinha sido o melhor amigo de Lucas quando eram crianças. Porque foi ele que trocou socos com seu irmão no meio do alojamento.

— Raige — interrompeu ela.

Ele pareceu surpreso.

— É. Como sabe?

— Eu sou Lyla Kincaid — falou ela, num reflexo. — É por isso que sei. — Então, ela se afastou o mais rápido que pôde, mesmo sabendo que Pietro em algum momento olharia para onde estivera e se perguntaria o que aconteceu.

Mais tarde ela explicaria. *Conner Raige. Não era só o que faltava?* Ela se sentira tão confortável falando com ele, tão à vontade. E de todas as pessoas que ele poderia ser, qualquer um no planeta, tinha que ser...

Conner Raige.

— De tempos em tempos — declarou o Primus, sua voz ecoando de um jeito impressionante —, o mundo é refeito. Às vezes sem nossa intervenção. Às vezes por nossas mãos. Na época da Terra, éramos tolos. Nós destruimos a criação de Deus, nosso lar. Mas recebemos uma chance de redenção, irmãos e irmãs.

O Primus olhou para a congregação. Na maior parte do tempo, seu objetivo era simplesmente confortá-los para que estivessem mais preparados para enfrentar as aflições da vida. Mas desta vez ele tinha um objetivo totalmente diferente em mente.

— Antes da morte da Terra, nos foi permitido escapar de seus confins. Mas nós precisávamos fazê-lo de maneira ordenada. Os Guardiões foram responsáveis por essa ordem. E por meio milênio continuaram a fornecê-la. Por duas vezes conseguiram repelir forças hostis que tentaram nos expulsar de nosso novo mundo, este segundo paraíso. Eles cuidaram dos doentes, feridos e injustiçados. E, por isso, devemos ser extremamente gratos aos Guardiões.

“Porém, é chegada a hora de refazer o mundo outra vez. A nossa hora de necessidade veio e foi. Um Corpo de Guardiões mais

modesto é suficiente para atender a nossas necessidades mais modestas.”

Rostropovich ficou em silêncio e deixou as palavras permearem os ouvintes, como um incenso. Seus áugures mais confiáveis estavam misturados na congregação. Eles incentivavam os murmúrios de concordância. E, como se não bastasse, câmeras e equipamentos de som estavam levando sua mensagem de prédio em prédio, de cidade em cidade.

É verdade, foi Trey Vander Meer quem soltou o primeiro ataque contra Wilkins e os Guardiões. Mas o Primus reconhecia uma oportunidade quando a via. Ele a usaria para aumentar seu poder ao máximo.

Afinal, os Guardiões tiveram sua época. Já era tempo de Nova Prime aceitar um novo tipo de liderança. Uma que englobasse também o espiritual, não só o mundano.

— Ainda precisamos de uma força — admitiu ele —, para manter a paz e garantir que as leis deste mundo sejam seguidas. Ainda precisamos de alguém para proteger as ruas, inspecionar as mercadorias fabricadas e reagir aos desastres naturais. Mas, para esses propósitos, o tamanho das forças dos Guardiões é completamente desproporcional.

“Um debate se ergueu no meio do povo. Muitos dizem que os Guardiões devem ser reduzidos para se tornarem mais eficientes. Enquanto nenhuma mudança é feita, eu escuto. Eu tenho escutado meus áugures e vocês, meus irmãos e irmãs de fé.

“Quero dar prosseguimento ao diálogo. Foi por isso que sugeri hoje que a primeira-comandante Wilkins enviasse um plano de redução de suas forças e descentralização dos Guardiões como instituição. Uma série de pequenas forças policiais, uma em cada comunidade, nos manteria seguros. Elas poderiam responder ainda mais rapidamente que os Guardiões no caso de ameaças locais. Ou, se necessário, poderiam trabalhar juntos, como irmãos de armas, para lidar com desafios maiores.

“Tal reorganização também significaria que alguns serviços anteriormente fornecidos pelos Guardiões passariam a ser fornecidos pelo Augúrio ou pelos engenheiros dos Savant. Porém, nós estamos preparados para assumir esse sacrifício.

“É claro que, sendo os Guardiões dispensados, não haverá mais um primeiro-comandante. Nosso governo tríplice se tornará duplo. Seria uma simplificação bem-vinda daquilo que às vezes se torna um processo trabalhoso.

“Lembrem-se, esta reorganização não foi proposta em nenhuma má intenção com relação à primeira-comandante. Continuo a tê-la em minha mais alta estima, assim como a todos os Guardiões. Mas é chegada a hora de aceitarmos um novo caminho.”

O Primus ficou grato ao ver um mar de cabeças concordando com a mensagem. Tudo estava ocorrendo como esperado.

Assistindo ao sermão do Primus de seu escritório, Meredith Wilkins mordeu o lábio. Sentada ao lado dela, Bonita Raige parecia uma mola comprimida.

— Canalha — comentou Bonita.

— Isso é uma falta de respeito — retrucou Wilkins. — Ele é o líder espiritual de nossa colônia, lembra?

— E continua sendo um canalha — insistiu Bonita.

Wilkins assentiu.

— E dos piores.

Ela se forçou a assistir ao sermão até sua repugnante conclusão. Pelo que estava vendo, fora bem recebido. Assim como todos os discursos de Rostropovich. Ele era um orador nato.

Então, veio a coletiva de imprensa obrigatória nos degraus do lado de fora do salão da congregação.

— Nós tivemos sorte de sobreviver à destruição da Terra — declarou o Primus aos jornalistas reunidos ao seu redor. — Nova Prime tem sido nossa redenção. E os Guardiões foram um

instrumento divino nesta redenção. Por isso, temos uma grande dívida de gratidão com eles.

“Porém, existem a hora de colher e a hora de semear. A hora de ir às armas e a hora de repousá-las. Apesar de nunca podermos deixar a cautela de lado, nossa segurança foi garantida. Por que não liberarmos nossos irmãos e irmãs do Corpo de Guardiões para realizar outros trabalhos em prol da evolução de nossa colônia? Não seria esta a hora de transformar nossas espadas em arados?”

Repentinamente, Wilkins interrompeu o sinal.

— Ele está nos atacando — observou Bonita, furiosa. — Não está só pedindo a redução do contingente dos Guardiões, mas também quer eliminar o primeiro-comandante do acordo tríplice. Eu não sei qual dos canalhas é mais ardiloso, Vander Meer ou o Primus.

— Vander Meer é só um showman — respondeu Wilkins. — Eu tenho mesmo que me preocupar é com o Primus. A opinião e a influência dele... bom, eu nem preciso terminar. Odeio admitir, mas temos que dar algo a ele.

Bonita a encarou.

— Você quer dizer reduzir nossas forças?

— Ainda não. Mas alguma coisa. Convoque uma reunião dos líderes dos departamentos. Diga a eles que eu quero ouvir sugestões de cortes de custo. Marque para amanhã pela manhã.

Bonita assentiu. Ela não parecia feliz.

Porém, Wilkins também não estava. A ideia de poupar dinheiro fazendo cortes na segurança ia contra tudo o que ela aprendera, tudo em que acreditava. Queria que houvesse outro jeito.

Infelizmente, ela não via nenhum.

Quando Conner foi chamado ao escritório de Lennon no centro de comando, pensamentos de todo tipo lhe passaram pela cabeça.

Primeiro, ele pensou que seria punido pela briga no alojamento. Mas, se fosse o caso, Lucas teria sido chamado também. Lennon só

chamou Conner.

Depois, se perguntou se Lennon poderia querer se desculpar por tornar a resposta dele à luta um debate pessoal. Afinal, Conner tinha direito às próprias ideologias e Lennon o ofendera por causa delas. Mas ele rejeitou essa possibilidade ainda mais rápido que a primeira. Lennon não era do tipo que pedia desculpas por nada. Nunca.

A terceira foi a de que Lennon ia promover Conner a líder do esquadrão pelo desempenho durante os jogos de guerra. Não porque quisesse, mas porque Wilkins mandou.

No fim das contas, Conner descobriu que seu superior não queria *nada* disso.

— Então — perguntou Lennon assim que Conner chegou —, quando foi a última vez que você fez monitoramento de satélites?

— Nunca fiz monitoramento, senhor — respondeu Conner.

Lennon sorriu

— Bem, cadete, tem uma primeira vez pra tudo.

Ele explicou a Conner quando se apresentar e o que esperar.

— Detalhes no seu tablet, caso tenha dúvidas. Dispensado.

Deve ter sido o diálogo mais curto da história do centro de comando. *Monitoramento de satélites*, pensou Conner impressionado, enquanto saía do prédio.

Ele estava tentando lembrar tudo o que sabia sobre esse tipo de trabalho quando viu um rosto familiar esperando por ele do lado de fora.

— Pai?

Era uma surpresa, para dizer o mínimo. Frank Raige nunca havia visitado o filho desde que Conner começara o treinamento. Eles haviam se encontrado todas as vezes que os dois estavam de folga em casa, mas nunca quando Conner estava de serviço.

O pai não poderia ter aparecido em um momento melhor

— Escuta só — começou Conner. — Você sabe o que aquele miserável do Vander Meer tem falado sobre...

— Eu ouvi — cortou o pai.

A resposta dele foi breve, abrupta. Fez Conner parar no meio, se perguntando por que Frank Raige reagiria daquela forma.

Ele deve achar que deixei o Vander Meer falar tudo o que ele queria, pensou Conner. Ele acha que deixei passar.

— Não se preocupe — informou Conner —, eu coloquei o Vander Meer no lugar dele. Não deixei barato.

— Esse é o problema — informou Frank Raige. — Você respondeu às idiotices dele. Desde quando você é o porta-voz oficial do Corpo de Guardiões?

Por um momento, Conner pensou que o pai estivesse brincando. Ele fazia isso às vezes. Fingia estar falando muito sério e no final abria um grande sorriso. Mas não desta vez. Os olhos de Frank Raige pareciam de pedra.

— Eu... eu não sou — gaguejou Conner. — Mas eu não podia...

— Não tem "mas", Conner. Existe uma cadeia de comando no Corpo. Você sabe disso, não sabe? Começa no topo e vem até embaixo. Tem sido assim desde antes de nós nascermos. Algumas pessoas nesta cadeia, geralmente as mais experientes, são autorizadas pela primeira-comandante a falar em nome dos Guardiões. As outras não. Você é uma destas.

Conner sentiu a garganta apertada. Ele nem conseguia se lembrar da última vez em que o pai falara com ele nesse tom de voz. Ele estava furioso, isso era evidente. Furioso e envergonhado.

A pior parte era que Conner não merecia isso.

Nunca, nem em um milhão de anos, os Guardiões dariam uma resposta oficial às idiotices de Vander Meer. Se Conner não tivesse aberto a boca, as pessoas na praça nunca teriam ouvido o outro lado da situação. O lado dos Guardiões. Elas teriam aceitado todas as baboseiras de Vander Meer, sem exceção.

Conner começou a explicar isso.

Mas, antes que pudesse falar, seu pai levantou a mão.

— A primeira-comandante pode tomar essa decisão, você não. Se ela quiser dizer alguma coisa, isso é problema dela. E, se não quiser,

é problema dela também.

— Mas pai — insistiu Conner —, como a primeira-comandante sequer saberia o que Vander Meer estava dizendo? Ela não estava lá, mas eu sim.

— Não é problema seu — rebateu o pai. — Provavelmente é problema de outra pessoa, mas não seu. O seu problema é começar a agir como um Guardiã. E, pelo que eu estou vendo, você não está nem perto disso. Você se mete em brigas no alojamento, insulta seu oficial superior e pensa que é o primeiro-comandante. Você faz parte de uma família que traz honra a esse uniforme desde antes de chegarmos a este planeta. Comece a *agir* como tal.

E foi isso. Não houve espaço para protestos, não houve espaço para argumentos, nada mais foi levado em consideração. Conner deveria ter ouvido as idiotices de Vander Meer calado, independentemente do quão mentirosas fossem.

— Entendido? — perguntou Frank Raige, com o olhar ainda duro e impiedoso.

Conner fez o melhor que pôde para conter a decepção.

— Sim, senhor. Alto e claro.

Seu pai assentiu.

— Ótimo.

Então, ele se virou e foi embora. Como se não fossem parentes, como se nunca tivessem se visto antes.

Conner sabia que seus companheiros cadetes deveriam estar por lá olhando, mesmo que estivessem fingindo que não. Olhando e ouvindo. Ele não lhes daria mais nada para falar. Caminhou até o alojamento como se nada tivesse acontecido.

Não tinha sido fácil ser cadete nos últimos meses, mas ao menos ele sabia que tinha o apoio da família. Que, se chegasse uma hora de aperto, poderia contar com eles, como sempre. *Incondicionalmente*. Agora ele sabia que não era bem assim.

Até aquele momento, Conner idolatrava o pai. Foi chocante ouvir seu objeto de adoração mandá-lo calar a boca e obedecer às ordens,

mesmo que não tivesse usado essas palavras.

Tudo bem, pensou Conner. *Eu posso fazer isso*. Ele calaria a boca e a manteria fechada.

Não importava *o que visse*.

Bonita Raige estava cansada e triste quando chegou em casa. Mas certamente não conseguiria dormir. Precisava conversar, botar para fora parte da raiva que a consumia por dentro.

Seu marido Torrance já estava dormindo quando ela entrou no quarto. Se fosse uma esposa boazinha, teria deitado ao lado dele o mais silenciosamente possível para deixá-lo continuar dormindo.

Dane-se essa história de boazinha, pensou.

— Está acordado? — perguntou ela.

— Agora estou — respondeu Torrance. Ele se sentou em um facho de luz da lua que entrava pela claraboia. — O que foi?

Bonita foi lembrada de como o marido era belo. Alto, ombros largos, olhos e cabelos castanhos. Ele era a cara do pai, que também era um homem muito bonito. O irmão de Torrance, Frank, com suas feições duras, lembrava mais o avô deles. Na opinião de Bonita, Torrance se deu melhor.

O que significava que ela também se dera bem.

— Você ouviu o Primus? — interrogou ela.

— Ouvi — respondeu Torrance.

— E?

O marido deu de ombros.

— Politicagem, Nita. Tudo vai se resolver.

Ela olhou para o marido incrédula.

— Nossa, é só isso? Só política, como sempre?

— E não é?

— Pra mim, não. É do futuro dos Guardiões que Rostropovich está falando. E Vander Meer. Eu poderia matar aquele...

— Ei — falou Torrance, colocando as mãos sobre as dela —, calma. Todos nós somos engrenagens na máquina. O Primus,

Vander Meer... eles acham que são mais do que isso, mas estão errados. Também são engrenagens. A máquina... está funcionando há centenas de anos. Os Guardiões têm feito um bom trabalho. Nós não vamos sair de cena.

— Como pode ter tanta certeza? — exigiu saber Bonita.

— História. Você acha que esta é a primeira vez que alguém tenta nos derrubar? Mas ainda estamos aqui, de pé. Pode haver mudanças, adaptações... mas os Guardiões resistirão. Portanto, vai dormir, tá bom?

A complacência dele a deixou furiosa. Em outra ocasião, ela o teria ouvido assim mesmo. Mas não desta vez.

Ela se levantou e foi para a sala.

— Nita? — chamou ele. — Bonita? Aonde você vai?

— Voltar ao trabalho — murmurou ela, e saiu de casa.

Capítulo Sete

Meredith Wilkins caminhava de um lado para o outro enquanto os chefes de departamento enchiam o escritório, que estava lotado de cadeiras adicionais. Quando o último deles se acomodou, ela também tomou seu lugar e começou.

— Elias — disse ela.

Haturi ativou o holograma portátil que posicionara bem no meio da sala. De repente, diagramas complexos e imagens de ferramentas, armas e aeronaves flutuavam pela sala.

— Estamos sendo criticados por consumir exageradamente os recursos da colônia — explicou ela. — Portanto, como sinal de boa-fé, vamos reduzir ao mínimo nossa demanda. Foi por esse motivo que chamei todos vocês. Para me ajudar a decidir sobre o que é imprescindível e o que pode ser descartado.

— Bom — começou um dos oficiais —, podemos diminuir o ritmo de modernização da nossa frota de voadores. Em vez de aprimorar a frota a cada dez anos, podemos fazê-lo a cada quinze.

— É claro que isso significaria realizar uma nova análise do processo de produção — observou outro oficial. — Se precisarmos esperar quinze anos para substituir nossos voadores, eles terão de ser construídos pra durar vinte.

Wilkins odiava a ideia de equipar seus pilotos com qualquer coisa que não fosse tecnologia de ponta. Frank Raige não ficaria nada feliz.

— O que mais?

— Temos conversado com a equipe dos Savant — enunciou um terceiro oficial — sobre ceder o monitoramento por satélite para eles, exceto em verificações periódicas. Isso vai nos fazer economizar em pessoal.

— Economizar quanto? — perguntou um quarto oficial, com um tom de animosidade na voz. — E quanto tempo teremos até sermos completamente excluídos da operação dos satélites?

— Ele está certo — comentou o segundo oficial. — Se você der uma mão ao Primus, ele vai querer um braço. Não vai parar até que sejamos pequenos demais para ter importância.

Wilkins segurou a língua. Era exatamente assim que se sentia, sendo mordiscada até a morte por milhares de insetos. *Vão arrancando um pedacinho de cada vez, até eu acordar um dia e não ter ninguém para ser comandado.*

Mas não havia escolha. Se quisesse preservar os Guardiões, precisaria fazer isso.

— Próximo? — perguntou ela, esperando para ouvir a próxima sugestão de corte de custos.

Olhando para a irmã, Frank Raige lembrava-se de como a mãe era quando estava viva.

Rosaria Raige havia sido uma mulher esbelta, com olhos azuis brilhantes e cabelos cor de cobre, exatamente como a irmã mais velha de Frank, Theresa. Sua mãe era quieta e atenciosa, igualzinho a Theresa. E, também como ela, sempre fora a voz da espiritualidade da família.

Uma voz desagradável às vezes, mas que nenhum deles ousava contrariar. Nem o pai de Frank quando estava vivo, nem seu irmão mais novo, Torrance, nem o próprio Frank, mesmo quando já tinha idade para ter a própria família.

Foi esta última característica que veio à mente de Frank assim que ele encontrou o olhar de Theresa, sentada à mesa em uma taverna irlandesa de estilo antigo, chamada Tir Na Nog.

— Dia ruim? — perguntou ele. — Esses dias têm sido todos ruins.

Sua irmã, que ainda usava as vestes marrons de áugure, o olhou de modo compreensivo. *Igualzinha a mamãe*, pensou ele.

— Sinto muito — respondeu ela.

Eles eram próximos quando crianças, apesar das diferenças óbvias. Frank era alto e largo, enquanto Theresa era pequenina. Ele era grosseiro e espalhafatoso, enquanto ela era reservada. Porém, como tinham só dois anos de diferença, e Torrance tinha seis de diferença para eles, sempre foram cúmplices ao crescerem. Especialmente no episódio "Frankie fugiu de casa", no qual a irmã jurou tê-lo visto partir para as montanhas quando ele estava simplesmente escondido no armário de vassouras.

Infelizmente, essa cumplicidade havia acabado.

— Não precisa sentir — respondeu ele. — Não é você que está no vídeo falando mal dos Guardiões.

Mas sim o Primus, que agora estava claramente ao lado de Trey Vander Meer. Frank não mencionou essa parte.

Theresa deu batidinhas suaves na mão dele.

— Eu sei. Parece que todos só falam nisso.

— Eu gostava mais quando o assunto era quem serve os melhores sanduíches, nós ou a Cidade de Nova Terra. Ou alguma coisa sobre um flutuador híbrido que evita danos aos cromossomos, como aquele que os engenheiros inventaram no ano passado. Qualquer coisa que não fosse os Guardiões.

Theresa tomou um gole de sua cerveja cáctus. Isso era uma coisa que Frank e a irmã ainda tinham em comum — os dois adoravam uma boa cerveja —, e o Tir Na Nog tinha a melhor carta de cervejas da cidade.

— Eu entendo — disse ela. — Mas todos estamos sendo julgados pelo povo, não é? Até nós, áugures, recebemos nossa parcela de críticas.

Duvido, pensou ele.

— Vander Meer não está apenas nos julgando. Ele está influenciando o povo.

— Ele tem o direito de dizer o que pensa — comentou Theresa.

— O problema é que nós escutamos, mesmo sabendo que não deveríamos.

Ele observou uma garçonete carregando uma bandeja com três copos, cada um mais gelado do que o outro, com colarinhos densos.

— Nós parecemos loucos? — perguntou ele para a garçonete, sem pensar.

Ela deu um sorriso e respondeu:

— Não mais do que os outros clientes. Querem mais cerveja?

— Eu estou satisfeita — respondeu Theresa.

— Eu quero uma — pediu Frank. Ele bebeu o restante de sua cerveja e entregou o caneco à moça.

— Você acha que Wilkins vai ceder? — perguntou a irmã.

Ele balançou a cabeça.

— Eu não sei.

Principalmente porque ele não havia perguntado. E nem perguntaria. Wilkins era capaz de lidar com a situação sem a ajuda dele.

— E quanto ao Augúrio? — perguntou Frank. — Qual é a fofoca da vez?

Theresa pareceu hesitar. E era preciso considerar que ela não gostava de confrontos. Se ela não queria responder, isso significava que os sacerdotes da colônia também estavam contra os Guardiões, assim como o Primus.

— Tá tudo bem — tranquilizou ele.

— Frankie — reclamou Theresa —, não é uma resposta simples. É claro que alguns concordam com Vander Meer. Mas não todos.

Frank olhou para a irmã, tão áugure quanto qualquer um que já tivesse feito os votos, e ainda achava difícil acreditar que o pai a tivesse deixado seguir esse caminho. Joshua Raige ainda era o primeiro-comandante quando Theresa sentou-se com ele numa noite após o jantar, e explicou delicadamente por que havia decidido se tornar uma áugure.

Joshua Raige esperava que todos os filhos continuassem o “negócio da família”. Mas Theresa foi firme ao resistir à ideia. Ela dizia não ter os instintos para ser soldado. Nasceria para ter uma vida mais espiritualizada.

Terrivelmente decepcionado, o pai de Frank culpou a esposa pela decisão da filha. Na verdade, eles quase se separaram. Em seu leito de morte, Joshua Raige disse ter aceitado Theresa do jeito que era, mas Frank nunca acreditou que isso tenha sido sincero.

— Frank? — chamou Theresa, tirando-o de suas divagações.

— Desculpa — disse ele, voltando a prestar atenção na irmã. — Eu estava...

— Eu *sei* o que estava fazendo. Não é a primeira vez que vejo esse olhar. Estava pensando no papai... e na opinião dele sobre eu me tornar uma áugure.

— Aqui está a sua cerveja — interrompeu a garçonete.

Enquanto passava pela mesa, ela serviu a cerveja de Frank. *Bem na hora*, pensou ele. Ganhou algum tempo bebendo um gole antes de responder à observação da irmã.

— É, estava — disse ele por fim, colocando o caneco na mesa. — Pra ser sincero, ele teria detestado Vander Meer tanto quanto eu. E também não teria nenhuma simpatia por um Primus que adota o posicionamento de Vander Meer.

Theresa assentiu.

— Provavelmente não. Mas ele é nosso Primus. E, como áugure, jurei segui-lo como guia espiritual.

Houve um momento de silêncio entre eles. Silêncio desconfortável. Então, Theresa perguntou:

— E aí, como vai meu sobrinho?

Frank conseguiu esboçar um sorriso.

— Conner poderia estar melhor. Mas ele vai pegar o jeito. Como diz o Torrance, está no sangue.

— Quer que eu converse com ele? — ofereceu Theresa.

— É melhor não — respondeu Frank, talvez um pouco rápido demais.

Então eles ficaram sentados lá, juntos de certa forma. E, ainda assim, tão distantes.

Interlúdio

O Sumo Ministro acorda e fica um tanto surpreso. Quando se instalou na cápsula de hibernação para embarcar nesta grande aventura, chegou a considerar a hipótese de nunca mais acordar do sono induzido.

O Comandante Knahs, pelo que o Sumo Ministro sabia, era perfeitamente capaz de sabotar as câmaras de hibernação dele e de seu irmão de ninho... na verdade, faria isso a qualquer um que se mostrasse uma ameaça a suas ambições, quaisquer que elas fossem.

Entretanto, aqui está o Ministro, são e salvo. E ele sente a movimentação de seu irmão de ninho também, não muito longe.

A cápsula de hibernação se abre. A fumaça se dissipa rapidamente e o Ministro tem um sobressalto ao sentir o contraste entre o ar morno da atmosfera da nave em contato com seu corpo inteiramente frio. Ele se alonga, tremendo, e prepara-se para sair da cápsula. Estica um dos pés, depois o outro, e cuidadosamente coloca o peso do corpo sobre eles. Seus joelhos cedem e ele quase vai ao chão, mas se segura no último momento, agarrando a cápsula para manter-se de pé.

Há um barulho alto perto dele. Ele se vira e, por mais que odeie admitir, acha graça ao perceber que o irmão de ninho está estirado no chão. Aparentemente, os reflexos do Sumo Chanceler são um pouco mais lentos que os do Ministro.

— Você está rindo — repara o Chanceler, mal-humorado.

— Não é minha culpa se você não consegue apreciar a graça da situação.

O Chanceler responde apenas com um grunhido.

Assim que os dois estão seguros e de pé novamente, eles verificam a saúde dos membros da equipe científica, que estão se adaptando ao despertar de um sono de vários anos. Então, seguem para o centro de comando. Nenhum dos dois fica surpreso ao perceber que o Comandante e seus seguidores já estão trabalhando.

O Ministro sabe o que isso é, na verdade: um esforço pomposo para parecer indispensável. Obviamente a nave é toda automatizada. Não há nada que o Comandante ou sua equipe possam fazer para ajudar na operação. Ainda assim,

eles se ocupam, redundâncias ambulantes, garantindo que todos os sistemas estejam funcionando como deveriam.

— Que gentil de sua parte juntar-se a nós — declara o Comandante, com sarcasmo. — Faz muito tempo que chegamos à órbita exterior do sistema solar de nosso Mundo Sagrado. Estávamos começando a ficar preocupados com vocês. Afinal, o esforço de um voo longo como esse não é para qualquer um.

— Apreciamos sua consideração — responde o Ministro, que não resiste em acrescentar —, ainda que sua presença aqui seja suspeita.

E, de repente, a mente do Comandante irrompe na mente do Ministro com força vulcânica.

É uma quebra inacreditável do protocolo Krezateen. Apesar de irmãos de ninho como o Ministro e o Chanceler se comunicarem desta forma comumente, se outro for entrar em um diálogo telepático, é absolutamente imprescindível que uma sondagem preliminar seja feita, e a permissão concedida.

O Comandante Knahs não se importa com tais requintes. Em vez disso, a força bruta de sua personalidade atinge o Ministro com tanta força que ele cambaleia. Ele fica imediatamente ciente de que o elo telepático é triplo: o Chanceler também está ouvindo.

São vocês os únicos responsáveis por minha presença aqui. Desde o momento da apresentação de sua monstruosidade na assembleia, minha coragem tem sido questionada. Vocês sabotaram a minha honra e pretendo reiterá-la. E quando suas criaturas falharem, como inevitavelmente acontecerá, vocês verão o que um verdadeiro Comandante pode fazer.

— Comandante, estamos prontos para bloquear o sinal dos satélites de segurança deles — anuncia o primeiro oficial do Comandante da forma mais imparcial que consegue, mas a empolgação em sua voz é totalmente aparente, quase tão palpável quanto no momento em que a nave deles avistou o sistema solar do Mundo Sagrado pela primeira vez.

Ele obviamente também nunca fez uma peregrinação, pensa o Ministro.

O Comandante os libera de sua chave mental. Então, diz em voz alta:

— Ótimo. Vamos terminar logo com isso.

A tecnologia necessária para camuflar a presença deles para as Pragas é simples, principalmente porque a tecnologia delas é absolutamente primitiva. Se quisessem, os Krezateen — com suas oito naves completamente armadas —

poderiam simplesmente explodir todos os satélites das Pragas no espaço, mas isso acionaria alarmes. Se fosse assim, elas teriam tempo de perceber que algo estava errado, algo além de interferências de sinal comuns, como radiação solar. Os Krezateen terão todo o tempo de que precisam.

Por um momento, o centro de comando fica silencioso. Logo depois, o primeiro oficial diz:

— Transmissões dos satélites interrompidas.

Kahns levanta seu braço em um gesto de descontentamento.

— Leve-nos para dentro, então.

Os Krezateen se regozijam, pois sabem que tomaram o primeiro passo para a eliminação dos seres que macularam seu Mundo Sagrado. Em breve eles entrarão na atmosfera de Zantenor e liberarão sua carga letal, assim como farão todas as outras naves da frota.

O Sumo Ministro não resiste em atizar o antigo rival.

— Você parece desanimado, Comandante. Este é o alvorecer de um grande dia para o futuro dos Krezateen. O dia em que retomamos nosso Mundo Sagrado.

— Animais fazendo o trabalho de guerreiros — responde o Comandante. — Veremos a eficácia deles.

— Sim, veremos — responde o Ministro. — E quem sabe, no fim desta empreitada, você, caro Comandante, passe a respeitar mais as realizações da ciência.

— Façam o que quiserem com seus cérebros — rebate o Comandante, com cuidadosa indiferença —, eu vou continuar com minhas armas. Veremos quem triunfará no final.

Sim. Sim, veremos, pensa o Sumo Ministro consigo mesmo, mas bem longe do campo telepático do Comandante.

Capítulo Oito

Vander Meer não podia estar mais satisfeito com o rumo tomado por seus programas ultimamente. Mas a satisfação acabava assim que ele chegava e era recebido com acidez pela filha.

— Você foi longe demais, pai — gritou Elena, furiosa, lendo alguma coisa em seu tablet sem olhar para ele. — Longe *demais*.

— Boa tarde pra você também — respondeu ele, com um sorriso gentil apesar da recepção. — E em que exatamente eu fui longe demais?

— Você sabe do que estou falando — rebateu ela.

Ela o vinha criticando com frequência ultimamente. Mais até do que Michael, seu irmão, e de uma forma ainda mais implacável e direta.

— Calma lá — pediu Vander Meer, gesticulando. — Se tem alguma coisa que queira dizer, vamos conversar a respeito.

— Esse é o problema — explicou ela. — Você só fala. Nunca escuta.

Vander Meer suspirou.

Ele e Elena discordavam sobre quase tudo ultimamente. E ela só tinha 13 anos. Como seria quando ficasse mais velha?

— Tudo bem — disse ele. — Estou ouvindo. Na verdade, sou todo ouvidos.

Era uma piada de que ela costumava gostar.

— Você *não* é todo ouvidos — ela costumava dizer. — Você tem braços, pernas, um nariz e uma boca! — E então caía na gargalhada.

Mas não desta vez. E talvez nunca mais, pensou ele, sentindo a dor da perda. Sua menininha estava crescendo.

— Você está tratando a primeira-comandante como se fosse uma criminosa — declarou Elena, em tom acusatório.

Por fim, a garota olhou para ele. Loira e com olhos azuis, era completamente adorável. Os anos de dança a deixaram esbelta. Ele se desesperava pelo fato de os garotos já estarem reparando nela.

— Estou? — perguntou ele.

— É. Ela só está tentando fazer a coisa certa e você fica condenando ela por isso. Só pra ganhar audiência.

Treze anos e ela já sabia como funcionava o mundo de verdade, pensou Vander Meer. Por que as crianças não podiam continuar sendo inocentes como antigamente?

— Vamos fazer o seguinte — respondeu ele. — Vou repensar sobre a forma como eu trato a primeira-comandante. Não vou prometer nada, mas vou pensar no assunto. Tudo bem?

Isso pareceu acalmá-la. Pelo menos um pouco.

Nesse momento, Vander Meer percebeu algo no dedo médio da filha, um anel novo, que ele tentou identificar, mas não conseguiu.

— De onde veio? — perguntou ele à filha.

— Da aula. Eu falei pra você.

— Não, eu estou falando do anel. — Ele apontou o objeto.

Elena ficou vermelha.

— É um anel Claddagh.

— Um o quê?

— É irlandês antigo. Um símbolo de... amizade eterna. — Ela ficou ainda mais vermelha.

— De onde veio? — interrogou ele.

— Ganhei de um amigo.

— E que amigo é esse, posso saber?

A filha hesitou, mexendo no anel. Empolgado por ter conseguido mudar de assunto, Vander Meer não a apressou. Finalmente, ela soltou uma palavra. Um nome.

— Derrick.

— Eu conheço esse Derrick?

— Pai, ele tá na minha turma desde que eu tinha 5 anos — respondeu ela, claramente irritada.

— Qual deles? O loiro?

— Esse é o Pavel.

— O ruivo? — insistiu Vander Meer.

— Esse é o Eric. Ou o Clive.

— É, acho que não é nenhum deles. Tudo bem, quem é ou de onde veio esse tal de Derrick?

— É o garoto de cabelo escuro que senta sempre perto de mim na aula porque nossos sobrenomes ficam sempre um depois do outro na chamada.

— Derrick...?

— Ungar.

— Derrick Ungar. Eu conheço os pais dele?

— Não, mas eles conhecem você. E, assim como eu, não aprovam o jeito como você ataca nossos líderes. Eles dizem que você está desrespeitando o sistema.

Lá vamos nós outra vez, pensou Vander Meer.

— O sistema é hipócrita — respondeu ele, pacientemente, pela centésima vez. O desgosto pelos árbitros da colônia era outra característica marcante de seus programas, uma que ele não explorava há muito tempo. — É difícil dar menos respeito do que ele merece.

— Não é isso que os pais do Derrick dizem. Eles dizem que o sistema é tão bom quanto as pessoas que o governam.

— Elena, meu amor, nunca é tão simples assim. Preto no branco. Há nuances que precisam ser explicadas.

— Você não quer dizer exploradas? — perguntou Michael ao entrar na sala.

— Isso é um complô contra o papai? — questionou Vander Meer.

— Só tô participando da conversa — explicou o rapaz. — Achei que você estava no clima pra ouvir hoje.

— Parece que eu não sou o único.

— Escutei vocês conversando lá do quarto — explicou Michael —, é difícil não ouvir.

— Então — perguntou Vander Meer, tentando mudar de assunto —, qual é a sua opinião sobre a Elena e esse Derrick?

O garoto olhou para a irmã.

— O Ungar é legal, eu acho. O arremesso dele não é de nada, mas é um bom defensor.

— Michael...! — chiou Elena.

— É só brincadeira. — Ele se virou para o pai novamente. — Além disso, eu não vou deixar o papai sair dessa tão fácil.

— O problema é que você força a barra — explicou Elena ao pai.

— É isso aí — concordou Michael. — Você tem que pegar mais leve.

Vander Meer teve que rir. Era a primeira vez que tinha o prazer de escutar o filho dizendo a ele o que fazer.

— Fiquem vocês sabendo — retorquiu ele — que o povo me *ama*. O que faz vocês pensarem que estão certos e eles estão errados?

— Você e o Primus deixaram todo mundo tão agitado que ninguém consegue pensar direito — rebateu Michael.

— E quando foi que você virou sociólogo? — perguntou Vander Meer, sarcasticamente.

A notícia boa era que os filhos dele eram inteligentes. A notícia ruim era que os filhos dele eram inteligentes. Eles estavam formulando argumentos interessantes e bem-pensados, mas também o estavam irritando. Orgulho e raiva lutavam pelo controle de sua língua.

— Eu não virei — respondeu Michael. — Mas não preciso ser sociólogo pra ver o que você está tramando.

— É isso aí — concordou Elena.

De repente, Vander Meer teve uma vontade incontrolável de sair para dar uma volta.

Conner estava sentado na sala de dados de satélites do centro de comando, um ambiente surpreendentemente pequeno com umas

trinta telas holográficas grandes, cada uma mostrando informações coletadas por uma das enormes redes orbitais de receptores de sinal. Ele ouvia a voz do pai: "Todo cadete tem que fazer monitoramento de satélites pelo menos uma vez."

Ele ainda conseguia ver a expressão no rosto de Frank Raige do lado de fora do centro de comando. E ainda sentia a dor de ter ouvido o pai dizer aquelas coisas, apesar de menos intensa que da primeira vez. Mas Conner estava determinado a não falar nada de inapropriado.

A não falar *absolutamente* nada, se pudesse evitar.

Ele leu a última linha de dados em uma tela e passou para a outra, na sequência metódica recomendada pela engenheira de olhos exaustos que estava sentada em seu lugar na noite anterior.

Conner também se lembrava da mãe dizendo: "Você vai ter que se esforçar".

Seus pais haviam feito essas recomendações em um restaurante, um dia antes de ele começar na escola de cadetes, em um jantar especial em sua homenagem do qual participaram sua tia Bonita e seu tio Torrance. Mas Conner não entendeu por que eles sentiram a necessidade de mencionar o monitoramento de satélites quando havia tantos outros aspectos do treinamento a serem mencionados.

Depois de alguns poucos minutos de trabalho, ele passou a entender.

Havia trinta telas, afinal. Ele poderia ter dado uma olhada em cada uma delas e terminado o serviço. Certamente ninguém ficaria sabendo. Mas Conner não era assim. Se Lennon lhe dera um trabalho, ele o faria.

Especialmente depois que Trey Vander Meer havia pressionado a primeira-comandante a transferir a responsabilidade do monitoramento de satélites para os engenheiros Savant. Os Guardiões agora só faziam um turno de duas horas por dia, e era esse turno que Conner estava cumprindo.

Razão ainda maior para Conner ficar totalmente alerta a cada minuto de seu turno. Se os Guardiões só podiam dar uma rápida olhada nos dados por dia, era muito importante que essa olhada fosse extremamente meticulosa.

Não que fosse alguma surpresa o fato de nenhuma das telas ter mostrado qualquer coisa alarmante. A colônia precisaria dos Guardiões um dia, mas ele não achava que fosse necessariamente *nesse*.

Por sorte, o sistema era simples de entender. Cada satélite fora programado com um conjunto de dimensões, mais ou menos as das naves Skrel do ataque alienígena de quinhentos anos antes. Se um objeto de dimensões parecidas entrasse na atmosfera de Nova Prime, o satélite enviaria um alarme.

Se os objetos fossem menores, o satélite simplesmente gravava sua passagem e enviava para o registro de atividades. Qualquer coisa com esse tamanho provavelmente queimaria na atmosfera, no fim das contas.

A segunda coisa que todo cadete tinha que saber era que um dado satélite só monitorava uma parte da atmosfera, com pouquíssima sobreposição entre eles. Portanto, um meteorito captado por um satélite provavelmente não seria captado por outro. E nunca por mais de dois.

Simples, pensou Conner.

Mas quem estivesse no trabalho de monitoramento não deveria ficar esperando alarmes. Deveria ficar alerta a qualquer coisa. Senão, por que envolver um humano no processo?

Então, Conner fez o trabalho, por mais tedioso que fosse.

E só quando chegou à vigésima sexta tela ele percebeu algo incomum. Ou, pelo menos, que ele pensou ser incomum. A tela não apontava nada entrando na atmosfera. É claro, isso era uma coisa boa. Mas parecia estranho que a tela não mostrasse nada, nem mesmo pequenos destroços. Ele fez uma anotação em seu relatório

e partiu para a tela seguinte. Esta também não apontava nenhum dado de entrada. *Bom, pensou ele, isso sim é uma coincidência.*

A tela 28 marcava alguns destroços, assim como as duas seguintes. Mas a 26 e a 27, não. Só por curiosidade, Conner verificou os dados do turno anterior. As duas telas mostravam pequenos destroços entrando na atmosfera de tempos em tempos. Mas não agora. Ele fez um diagnóstico das telas 26 e 27. Estavam funcionando perfeitamente, só não mostravam objetos entrando.

Conner recostou na cadeira e passou a mão no queixo. Provavelmente não era nada, mas, só por curiosidade, decidiu ver quando foi a última vez que as telas mostraram algum destroço.

Ele se inclinou para a frente.

Dezessete minutos e vinte e dois segundos antes do fim do turno anterior, as duas telas pararam de mostrar qualquer material entrando. Precisamente dezessete minutos e vinte e dois segundos.

Antes disso, as duas mostravam alguns destroços. Então, exatamente ao mesmo tempo, elas pararam. E nenhuma delas mostrava mais nada desde então.

Não pode ser, pensou Conner.

Ele fez o diagnóstico mais uma vez, só para garantir. Novamente, o resultado foi que não havia problemas. As telas estavam perfeitas.

Preciso contar ao Lennon, pensou.

Não, disse uma voz dentro dele. Lembra o que você falou pro papai? Que ia ficar quieto.

Essa promessa já era.

Conner ficou no console só o tempo suficiente para se deslogar, os dedos percorrendo com rapidez os controles de comando. Então levantou-se e foi até a porta.

Capítulo Nove

Conner estava observando Lennon reavaliar os dados do satélite em seu console pelos últimos cinco minutos. Não foi fácil para o cadete ficar quieto, mas ele queria que Lennon se concentrasse, para apreciar a potencial magnitude da ameaça. Infelizmente, Lennon era o cara com quem ele tinha discutido fazia pouco tempo. Mas Conner sabia que precisaria encará-lo alguma hora.

Além disso, ele não tinha muita escolha. Se estivesse certo sobre os dados, não seria uma perda de tempo.

Finalmente, Lennon levantou a cabeça.

— E o que é que você acha? — perguntou ele a Conner. — Que estamos sendo invadidos por alguém?

Ele falou em tom de piada. Como se a colônia nunca tivesse sido atacada por espécies de outro planeta.

— Não sei, senhor — respondeu Conner —, mas alguma coisa está acontecendo. Isso é claro.

Lennon sorriu.

— Não é claro para *mim*, cadete. Eu admito que esses dados mereçam ser analisados com mais cuidado. Mas não vamos esquecer que esses receptores dão defeito de tempos em tempos.

— Eu fiz o diagnóstico, senhor.

— O diagnóstico também dá defeito — respondeu Lennon. — Acredite em mim, eu já vi isso acontecer uma dezena de vezes.

— Senhor, isso ainda é motivo pra...

— Um alerta geral? Deixa eu contar uma coisa, cadete. — Ele gesticulou por cima do ombro. — Tem gente lá fora com o olho colado em nós. E eles só estão esperando fazermos alguma coisa idiota. Porque, assim que fizermos, eles vão apontar e dizer: "Estão vendo? Esses Guardiões são um bando de frangotes que vivem dizendo que o céu está caindo. Nós não precisamos deles."

E prosseguiu:

— Olha, pode ser que aqueles satélites tenham parado de receber dados por algum motivo nefasto. Mas minha intuição está dizendo que não é isso. Que, na verdade, é só uma coincidência inofensiva. Vale a investigação? Com certeza. Mas se entrarmos em pânico e declararmos estado de emergência, e estivermos errados, pode ser o fim dos Guardiões. E eu não vou ser o cara que vai causar esse fim.

— Mas, senhor — insistiu Conner —, pra que servem os Guardiões se não podem fazer o seu trabalho?

— Essa é uma ótima pergunta — afirmou Lennon. — Eu vou fazer outra: o que é que a colônia vai fazer quando não tiver mais Guardiões e o perigo *real* estiver aqui?

Mas e se esse for o perigo real?

Isso seria a próxima pergunta dele. Estava na ponta da língua. Mas no fim ele se segurou. Dava pra ver no rosto de Lennon que não serviria de nada.

— Obrigado por sua vigilância, cadete — declarou Lennon. — Dispensado.

Conner juntou toda a sua força de vontade e respondeu:

— Sim, senhor.

E retomou seu posto.

Frank Raige acabara de levar seu voador para uma volta de rotina quando seu comunicador se acendeu e ele ouviu uma voz urgente no comunicador:

— Alguma coisa acabou de cair do céu! Não, tem mais delas, oito no total! Quarenta mil metros cúbicos cada uma, pelo que posso ver! Não se parece com nada que já tenhamos visto! Repito...

Frank não precisou ouvir mais nada. Harl Jones tinha tanto tempo de voo quanto Frank. Se ele parecia assustado, não era à toa.

Mas... coisas caindo do céu? Oito delas? Centenas de anos se passaram desde a última vez que alguém falara algo assim. Mesmo

com toda a conversa dos Guardiões sobre invasão, ninguém esperava uma notícia daquelas.

E ainda assim, lá estava.

Foi então que o comunicador de Frank pulsou. Ele olhou e viu que era Conner ligando. O veterano não teve tempo de atender. Anotou as coordenadas enviadas pelo colega, acionou suas turbinas ao máximo e sentiu o corpo comprimido contra o assento. O mundo — cidade, montanhas, deserto, tudo — passou por ele em um borrão.

Instantes depois, ele viu do que Jonas estivera falando. As coisas estavam apenas a alguns quilômetros de distância da cidade de Nova Prime, na planície. Criaturas grandes e cinzentas, parecendo insetos. *Skrel?*, especulou ele, reconhecendo o quanto eram parecidas com as naves dos últimos aliens que haviam surgido em Nova Prime.

Um voador, aparentemente o de Harl, estava circundando as naves, provavelmente tentando obter mais dados. *E se arriscando*, pensou Frank. Ele não via nada nas naves que se parecesse com armas, mas era difícil dizer.

Frank falou no comunicador.

— Precisamos de reforços! — E transmitiu as coordenadas novamente, apesar de Harl já tê-lo feito. Então ele se aproximou para olhar melhor.

Pareciam muito resistentes, apesar de não serem particularmente aerodinâmicas. Não eram tão cinzentas quanto achara; uma corrente iridescente passava pelo material dos cascos, formando um arco-íris como o do petróleo à luz do sol. E tinham vários recessos e fendas, o suficiente para esconder o que quer que seus criadores quisessem.

Será que estavam cheias de Skrel? Uma força invasora... ou parte de uma, talvez? E será que havia outras naves como essa, caindo do céu em outras partes de Nova Prime?

No quartel-general, Wilkins provavelmente estaria avaliando a situação. Faria as mesmas perguntas a si própria e chegaria à mesma conclusão que Frank: *Não sei.*

Pelo menos, ainda não.

Meio minuto depois, mais dois voadores se juntaram a eles. Em um minuto, já eram meia dúzia. Neste momento, as naves estavam a apenas algumas centenas de metros do chão.

Esperando para ver o que aconteceria, Frank não atacou e garantiu que os outros fizessem o mesmo. Mas também manteve a mira travada nas naves o tempo todo.

— Raige? — era a voz de Wilkins.

— Positivo, comandante.

— Qual é o status?

— Elas estão pousando. Bem devagar. Nenhum sinal de hostilidade. Até o momento. — Frank estava atento ao menor movimento na superfície das naves.

— De onde vieram? E por que nós não as detectamos antes? — perguntou Frank.

— Estamos tentando descobrir isso agora — respondeu Wilkins.

De repente, várias portas de compartimentos se abriram na base de uma das naves, liberando alguma coisa — alguma coisa grande, cinzenta e indefinida. Um instante depois, a coisa bateu no chão e se abriu, liberando seu conteúdo.

Um animal, pareceu a Frank. Um animal que não era como nada que ele já tivesse visto, rastejando para fora dos destroços. Ele não entendeu.

Animais caindo do céu...?

Então as outras naves começaram a soltar os mesmos objetos grandes e cinzentos. E, quando as coisas se quebravam ao atingir a superfície, liberavam o mesmo tipo de animal.

Frank soltou um palavrão.

— Você está vendo isso, Comandante?

— Estou — disse Wilkins. — E não estou gostando nem um pouco.

Os objetos desceram numa rápida sucessão, como chuva, se destruindo em um impacto após o outro. Depois, a chuva

simplesmente parou e as naves começaram a subir, como se seu trabalho tivesse terminado. Frank e seus voadores não poderiam segui-los — não haviam sido construídos para grandes altitudes. Além do mais, sua prioridade era o que as naves tinham liberado.

— O que são aquelas coisas? — perguntou Wilkins.

— Não faço a menor ideia — respondeu Frank.

Ele conseguiu observar que tinham couro esbranquiçado com listras de um cinza-azulado, garras enormes e bocas imensas cheias de dentes afiados. As criaturas hesitaram por um instante e partiram na direção da cidade de Nova Prime, uma atrás da outra.

— Eles com certeza não são embaixadores da paz — concluiu Wilkins.

Mas Frank já tinha percebido isso sozinho.

— Acabem com eles — ordenou aos pilotos, e começou a caçar o que ele identificou como um rebanho. Ele não precisava usar a função de mira automática, especialmente com as feras tão perto umas das outras, mas usou mesmo assim. Logo que uma delas entrou na mira, ele disparou.

Os pulsares cortaram o ar com uma rajada de disparos de fusão azul-prateada que ocultou o alvo, tal foi a ferocidade do ataque. Tiro perfeito, pensou ele, olhando os instrumentos. Um morto, vários a matar.

Então percebeu que a criatura não havia morrido com a rajada de pulsar. Na verdade, ela nem tinha diminuído o passo.

Ele disparou outra vez, a rajada atingindo outra das várias criaturas. Novamente, o alvo mal pareceu incomodado.

Ao redor, os outros pilotos estavam tendo os mesmos resultados. Estavam atacando com tudo, sem que nada acontecesse.

Mas que diabos...?

— Ordens? — pediu Harl Jones, a voz transbordando frustração.

— Continuem atirando! — gritou Frank. O que mais poderiam fazer?

Especialmente com a cidade cheia de inocentes ali tão próxima, logo depois das montanhas vermelhas. Já dava até para enxergar as casas das periferias.

Capítulo Dez

Em uma série de seções holográficas flutuando em frente a seu console, Wilkins observou o bando de pontos vermelhos que representava as criaturas não identificadas atravessando o terreno entre o local da queda e os arredores da cidade de Nova Prime.

Estavam a três quilômetros da colônia e se aproximando. E nenhum dos disparos que Raige e seus voadores descarregavam nas criaturas parecia afetá-los.

Wilkins tocou em um dos controles em seu console.

— Comandante Arroyo — chamou, falando com o oficial que havia encarregado das defesas F.E.N.I.X. da cidade apenas alguns meses antes —, quero que acabe com aquelas coisas.

— Entendido — respondeu ele. — Alvos na mira. Fogo.

Na tela de Wilkins, os projéteis F.E.N.I.X. dispararam de poderosos canhões encravados nas montanhas. Esta foi a tecnologia que parou os únicos invasores já encarados por Nova Prime até então. E com eficiência.

Por um momento, Wilkins acreditou que o mesmo aconteceria com as criaturas. Ela imaginou os projéteis F.E.N.I.X. atingindo os alvos, se prendendo a eles e penetrando-os com suas protuberâncias adaptáveis. E era isso, de fato, o que eles faziam ao atingir os alvos.

Mas as criaturas não eram naves. Pareciam ter sentidos aguçados e reflexos bons o suficiente para perceber os projéteis e desviar deles. Apesar das esperanças de Wilkins, os F.E.N.I.X. não atingiram nenhum alvo. As criaturas continuavam avançando.

E já era tarde demais. Elas estavam perto demais da cidade para que os canhões pudessem disparar mais projéteis. Perto demais... e em seguida *dentro* dela.

Wilkins sentiu um vazio no estômago.

— Cessar fogo — gritou ela.

— Entendido — respondeu Arroyo, tão frustrado e horrorizado quanto a primeira-comandante.

Wilkins forçou-se a pensar. Nisso, ela chegou à triste conclusão de que a tecnologia F.E.N.I.X. não seria suficiente para parar as criaturas. Se fossem os Skrel, se eles realmente tivessem voltado depois de tantos anos... teriam vindo se não tivessem encontrado um modo de derrotar as defesas anteriores da colônia? Eles teriam sequer tentado se não conseguissem passar pelos projéteis F.E.N.I.X. que os derrotaram centenas de anos antes?

Wilkins olhou os instrumentos. Havia o quê? Duas dezenas, três dezenas de criaturas? E elas estavam dentro da cidade de Nova Prime, onde poderiam destruir tudo à vontade. Pelo que vira de uma ou duas das criaturas, ela teve certeza de que estavam em Nova Prime para destruir todos os humanos no caminho.

— Primeira-comandante? — era a voz de Frank. — Estamos fazendo o possível para perseguir as criaturas. Mas é difícil rastreá-las com tantos prédios no caminho. E pessoas. E mesmo quando as atingimos...

— Entendido — respondeu Wilkins. — Faça o melhor que puder, Frank.

Ela ainda não sabia como as naves alienígenas haviam passado pelos satélites, mas ia descobrir. E precisava mandar um esquadrão para verificar as naves. Talvez lá encontrassem respostas.

Mas a principal preocupação de Wilkins era parar as criaturas. Se Raige com seus voadores não conseguia pará-las, a única opção era enfrentá-las no chão. *Nas ruas.*

E ela também não gostava muito dessa ideia. Forças terrestres teriam os mesmos pulsares que os voadores. A única vantagem seria estar mais perto das criaturas, e poder atingi-las com mais força.

Mas isso também significava que os monstros estavam mais perto *deles*. Ela se odiou por isso.

— Elias!

O colega estava ao lado dela em um instante.

— Primeira-comandante?

— Veja os pontos de entrada dos inimigos no mapa. Precisamos de esquadrões preparados para interceptá-los. Certifique-se de que eles se comuniquem com os voadores, caso consigamos ver as criaturas do céu.

— Entendido — respondeu Haturi, já indo executar a ordem.

Em alguns momentos, ele já estava na tela de posicionamento das tropas, levando em consideração a proximidade dos Guardiões dos novos postos para designá-los. Rapidamente, Bonita se juntou a ele.

Os dois começaram a dividir o pessoal em equipes de seis, sete ou oito pessoas, lideradas pelo Guardião de patente mais alta de cada área. Wilkins ficou feliz em ver o quão coordenados eles pareciam. Era o tipo de trabalho em equipe que fazia a diferença entre a vida e a morte dos soldados.

Os Guardiões da cidade de Nova Terra também estavam formando esquadrões. Os relatórios que o comandante Bartlett enviara informavam isso. Mas até onde ela conseguia ver, nenhuma das criaturas estava indo naquela direção. *E por que iriam?* A cidade de Nova Prime ficava muito mais perto, era uma área de caça muito mais conveniente.

Então, chegou uma mensagem de Bartlett. Ela foi refletida em uma das telas. *Devo enviar reforços?*

— Não é necessário — respondeu ela, usando um programa para transcrever as palavras em texto. — Pelo menos por enquanto.

Outra tela de Wilkins mostrou um relatório do comandante Lennon. Ele e seus cadetes estavam nas ruas também, mas não para combater os invasores. O trabalho deles era controle civil.

Porque, da forma como as coisas estavam, todos os seres humanos podiam ser considerados alvos.

Ken Pham não acreditou quando Vander Meer disse que queria prosseguir com a transmissão do dia.

— Você sabe que nós estamos sendo invadidos, não é?

— E precisamos passar segurança às pessoas — explicou Vander Meer. Ele estava falando muito sério.

O boletim de notícias que o acordou, falando sobre a nave alienígena, enviou uma onda de medo por seu corpo. Então, ele viu a chance de cobrir um evento histórico. Com todos os instintos jornalísticos disparando ao mesmo tempo, ele ignorou metade da rotina matinal e correu para o estúdio, enquanto o restante da família seguia para o abrigo. Eles imploraram para que Trey ficasse com eles.

Mas ele não podia. A imortalidade o esperava.

Vander Meer estudou jornalismo, apesar de seus inimigos afirmarem que não. Ele sabia que os grandes formadores de opinião do passado foram os que cobriram eventos como esse. Primeiro foi Murrow, durante a Segunda Guerra Mundial. Depois McCracken, durante a partida da Terra. Agora era a vez *dele*.

— Preciso mantê-los informados — acrescentou. — Sintonizados com o que está acontecendo.

— Você não acha que os Guardiões já estão fazendo isso? — perguntou Pham. — Por que está tão empolgado para entrar no ar?

— Preciso fazer o meu papel, ser parte da história — começou a responder, percebendo o quão pomposo soava, até para ele mesmo. — Não posso simplesmente me esconder em um abrigo, Ken.

O produtor soltou um suspiro.

— Eu também não, pelo jeito. — Ele começou a ligar o painel de controle.

Vander Meer sorriu.

— Já sei. Você preferiria estar lendo um livro debaixo de uma árvore.

— Isso é pedir muito? — Pham tocou uma última tela. — Tudo pronto.

Vander Meer olhou para baixo automaticamente, para se certificar de que estava apresentável. Seu terno azul e cinza, o da vez em seu revezamento de figurinos, parecia passado e limpo. Ele levantou o rosto e viu acender a luzinha, indicando que estava no ar.

— Meus amigos — começou ele, consciente da importância de cada palavra —, o ataque é real. Estamos todos em perigo. Mas nós treinamos bastante para este caso, não foi? Tudo o que precisamos fazer é encontrar um abrigo e cuidar de nós mesmos e de nossos entes queridos.

“Minhas fontes informaram que são apenas algumas dezenas de criaturas e que os Guardiões estão em número muito superior. Estão em seus voadores, despedaçando os monstros. Estão nas ruas, caçando-os. Garanto que vamos sobreviver.

“Porém, temos que desconfiar do timing deste ataque. Bem na hora em que a primeira comandante Meredith Wilkins começa a desfazer os Guardiões, surge uma ameaça à nossa existência. Meus caros, não estou sugerindo nem de longe que Wilkins teria conjurado esta ameaça para nos assustar e nos fazer proteger a posição dos Guardiões em nossa sociedade. Mas isso tudo parece um tanto... como posso dizer? *Conveniente?*”

Pham ficou horrorizado com a sugestão de que Wilkins teria, de alguma maneira, preparado ataques para proteger a própria posição. Mas o horror não durou muito. Várias mensagens de ouvintes começaram a chegar.

Vander Meer assentiu, aprovando.

— Enquanto vocês permanecem seguros, eu vou buscar as respostas para vocês. Na verdade, continuarei transmitindo regularmente para que possam ser informados sobre o que *realmente* está acontecendo lá fora.

“Aqui é Trey Vander Meer, e eu estarei de volta assim que tiver mais notícias.”

Logo que o sinal terminou, Pham gritou de trás do console.

— Você tá maluco? Pretende sair às ruas agora e entrevistar uma das criaturas? Talvez parar um Guardião em patrulha e perguntar alguma coisa sobre Wilkins?

Vander Meer ignorou as perguntas e tirou alguns fiapos das calças.

— Como foram as reações?

Pham piscou e olhou o painel.

— Eles acham que você está prestes a descobrir alguma coisa. As estatísticas indicam que setenta e três por cento acreditam que você está fazendo as perguntas certas.

— Ótimo. Bom, então talvez seja melhor falar com a primeira-comandante para ver o que ela tem a dizer.

— Se for até lá, o mais provável é que ela coloque você na cadeia, isso sim — disse Pham.

Wilkins ainda estava lendo as telas e respondendo quando percebeu que Bonita estava ao lado dela.

— Comandante? — perguntou Wilkins.

— Eu deveria estar lá fora — explicou Bonita.

Wilkins soltou um grunhido enquanto observava uma das criaturas se afastar do ponto de entrada no mapa.

— Com um ferimento que por pouco não a matou.

— Meus exames não mostraram nada — insistiu Bonita. — E os Guardiões vão fazer um trabalho melhor se tiverem mais um oficial experiente com eles.

Wilkins não podia negar que Bonita era uma das melhores líderes de esquadrão que ela já vira ou que tivera resultados muito acima da média nos testes de tática. Ou que precisavam de pessoas que soubessem o que estavam fazendo nas ruas.

É claro, ela queria proteger Bonita, como amiga e colega. Mas, diante das circunstâncias, ela foi obrigada a concordar com o

pedido. Qualquer outra opção seria negligência com sua obrigação com a colônia.

— Tudo bem — respondeu Wilkins. — Contra minha vontade, mas tudo bem.

Ela já havia colocado Torrance, o marido de Bonita, à frente de um esquadrão. Odiava a ideia de colocar dois membros da mesma família na linha de fogo desta maneira. Mas era o trabalho que eles tinham escolhido.

— Sim, senhora — respondeu Bonita, com os olhos brilhantes. Ela estava ansiosa para voltar ao campo de batalha. Mas também sabia que precisava manter-se sob controle. Wilkins estava contando com isso.

— Você não vai se arrepender — garantiu Bonita. E saiu da sala sem dizer mais nada.

Wilkins franziu o cenho. Deixar Bonita juntar-se à patrulha não foi uma decisão fácil. Mas ela estava com a impressão de que teria que tomar outras decisões ainda mais difíceis antes do fim do dia.

Frank Raige queria poder disparar mais uma salva de tiros de pulsar nas criaturas enquanto se precipitavam, ferozes, pela cidade.

Mas não fazia sentido. As criaturas já tinham sido atacadas com tudo o que os voadores tinham para dar e mal diminuíram o passo. Os únicos que seriam feridos pelos tiros de pulsar seriam os humanos.

Os mesmos que estavam procurando abrigo o mais depressa que podiam, tendo sido avisados pelo sistema de defesa da cidade. Mas Frank estava vendo que seus companheiros de Nova Prime não estavam sendo rápidos o bastante. Apesar dos treinamentos conduzidos periodicamente pelos Guardiões, pouca gente parecia saber aonde ir e como chegar lá. Muitos vagavam pelas ruas, sem saber o quão perto os monstros alienígenas estavam, ou o quão rápido poderiam chegar até eles.

Enquanto Frank observava, seu estômago tão revirado a ponto de doer, uma das criaturas chegou bem no meio da confusão de colonos perdidos. Antes que pudessem entender o que estava acontecendo, a fera começou a despedaçá-los com suas garras frontais, jogando corpos para todos os lados.

Algumas pessoas escaparam a tempo. Mas os outros... Frank apertou os dentes diante dos corpos dilacerados das vítimas da criatura. E ainda mais quando viu que a criatura devorava os restos ensanguentados.

Uma infestação foi liberada na cidade de Nova Prime. Uma infestação diferente de todas as outras vistas antes.

E não havia nada que Frank Raige pudesse fazer a respeito.

Para Bonita Raige, era como se fizesse uma eternidade que não ia para o campo de batalha e, por causa disso, ela não sentiu medo diante da perspectiva de enfrentar as criaturas alienígenas. Em vez disso, estava com uma sensação de leveza, quase uma euforia.

Chegando ao Paiol Sul da cidade rapidamente, ela se juntou a um grupo de Guardiões, cada um usando um kit de armadura corporal, pulsares e comunicadores. Depois de ter se equipado com tudo de que precisava, ela parou para fazer uma última coisa.

Tocando nos comandos corretos da pulseira, ela ligou para o marido e deixou uma mensagem para ele.

— Torrance, eu estou de volta! Wilkins me mandou para o campo de batalha!

Ela podia imaginar a resposta dele: *Quer que eu fique feliz com isso? Ficou maluca? E ela? Ficou maluca também?*

Ele estaria preocupado com o ferimento dela, é claro. Bastava um tiro certo na cabeça dela e Torrance ficaria viúvo. E era assim que ele veria a coisa, talvez até falasse exatamente nessas palavras.

Mas Bonita era uma boa líder de esquadrão. E a colônia precisava dela.

Torrance pediria para ela pensar melhor, reconsiderar. Mas, se fizesse isso, as criaturas alienígenas estariam no centro da cidade, devorando as pessoas que ela deveria proteger. Não, ela não podia pensar melhor. Precisava agir.

Bonita queria poder dizer a ele que tudo ficaria bem, e ter essa certeza. Mas ela era uma Guardiã. A primeira lição que aprendeu quando era cadete era que não se podia ter certeza de nada.

De nada.

Capítulo Onze

Conner e seus companheiros cadetes estavam dos dois lados das portas do abrigo, cobrindo as ruas com seus rifles pulsar, enquanto um fluxo contínuo de cidadãos marchava para o local.

— Calma — falou a Guardiã encarregada do esquadrão, uma mulher enorme chamada Eckersley. — Ninguém precisa se atropelar. Nós estamos aqui para proteger vocês.

Mas Conner havia lido os relatórios. As criaturas não podiam ser detidas com disparos de fusão. Na verdade, ninguém sabia sequer se era possível detê-las.

Skrel, pensou ele.

Era difícil de acreditar, mesmo sendo o cara que achou a primeira pista deles. Mas o esquadrão de engenheiros enviado pelos Savant para analisar os destroços da nave confirmou. Eles encontraram na nave os mesmos símbolos que seus ancestrais haviam achado nas naves Skrel de muitos séculos antes.

Menores, sem dúvida. Mais difíceis de identificar à distância. Mas certamente os mesmos símbolos.

Os Skrel estavam de volta. Porém, desta vez, não estavam atacando com naves. Escolheram um caminho diferente.

Conner ouviu os boatos...

Não, pensou ele, tirando os rumores da cabeça. Não havia tempo para especulações ou medo. Havia uma tarefa em andamento.

Ele era um Guardiã e tinha um trabalho a fazer.

Wilkins viu Haturi entrar no quartel-general com um homem mais velho, um senhor de cabelos grisalhos penteados para trás. Ele vestia um jaleco branco com o emblema dos Savant gravado do lado direito.

— Comandante Wilkins — chamou Haturi —, este é Jean-Pierre Rambaldi, enviado dos Savant. Ele é um *zoólogo*.

— Ao seu dispor, comandante — declarou Rambaldi, em um tom educado.

Wilkins não conseguia evitar olhar as telas holográficas ao redor, que mostravam os Guardiões em ação. Alguns estavam perseguindo as feras, outros cuidando dos feridos. Alguns ainda estavam cobrindo os mortos com panos. A contagem de mortos subia muito rápido. Ela precisava saber mais sobre o inimigo. Pelo que os Savant disseram, Rambaldi era o melhor na área.

— Então — disse Wilkins —, o que sabe sobre essas criaturas até o momento?

— Lembre-se de que eu só vi o que você também viu até agora, primeira-comandante — começou ele. — Não tive a chance de examinar pessoalmente uma das criaturas. Certamente precisaria de um cadáver de uma delas para conseguir respostas mais definitivas.

— Eu vou arrumar um — respondeu ela. — Diga-me o que sabe. Rambaldi assentiu.

— Primeiro, elas são completamente cegas.

Wilkins ficou surpresa. Elas fizeram tudo aquilo sem *olhos*?

— Como sabe?

— Não identificamos órgãos visuais em nenhuma das imagens aproximadas que estudamos. Tais órgãos precisam sempre estar à vista para serem úteis. E não há nenhum.

Fazia sentido.

— Então, como eles nos rastreiam?

— Parece que são guiados principalmente pelo olfato. Certamente não é a primeira espécie que encontramos que depende bastante do sentido olfativo. Mas não creio que o olfato delas, ou qualquer outro sentido, funcione da mesma forma que os nossos. São criaturas alienígenas. Mesmo características que parecem familiares podem ser incrivelmente diferentes.

— Elas também são imunes aos tiros de pulsar, pelo que vimos.
— Sim, mas não sabemos ao certo como. Afinal, os pulsares têm um impacto bem forte. Novamente, se eu tivesse uma carcaça para dissecar...

— O que mais? — quis saber Wilkins.

— As garras da criatura parecem ser compostas de uma espécie de queratina, assim como as nossas unhas. Mas as delas são extremamente duras e afiadas. Inquebráveis, por assim dizer.

Wilkins assentiu.

— Elas são muito rápidas, também — observou Rambaldi.

A primeira-comandante soltou um grunhido.

— Nem me fale. Nós medimos quase oitenta quilômetros por hora.

— Na verdade, chegam a oitenta e cinco. São um pouco mais lentas quando tentam manter a velocidade por longos períodos, mas não muito. Setenta, talvez.

— Certo, então não podemos fugir delas a pé — comentou Wilkins.

— Elas também são incansáveis. Não as vimos parar para descansar até agora. Assim que terminam de comer uma presa, começam a perseguir a próxima. Com base nessas informações, eu diria que elas têm um metabolismo bem agressivo. Convertem alimento em energia muito mais rápido do que qualquer coisa que eu já tenha visto antes.

— Elas não precisam dormir em algum momento? — perguntou Wilkins.

— Eu não descartaria a hipótese — disse o zoólogo —, mas eu não as vi dormindo.

— Alguma ideia da força delas?

— São fortes o suficiente para saltar uma distância de vários metros.

Wilkins assentiu. Isso se encaixa no que ela havia visto. Infelizmente, nenhuma informação servia para ajudá-la.

— Eu sei — disse Rambaldi —, é frustrante. Mas elas têm pontos fracos, eu garanto. Só precisamos identificá-los.

Os hologramas chamaram a atenção da primeira-comandante. Ela viu uma criatura se afastar de um corpo cuja carne acabara de devorar completamente. Ela se movia de forma fluida, fácil, sem parar em nenhum momento para farejar o ar. Se ela dependia do olfato, parecia ter muita confiança nele.

— Estamos especulando — comentou Haturi — quanto a esses monstros serem os próprios Skrel ou alguma outra espécie. O que acha?

— Baseado no que vimos da nave Skrel, e estou falando do primeiro ataque, é claro, essas criaturas são grandes demais para serem membros da mesma espécie. — Ele baixou a voz, como se falasse consigo mesmo. — Elas me lembram uma versão alienígena dos *Ursus arctos horribilis*.

— O que você disse? — perguntou Wilkins.

Rambaldi deu um sorriso sem humor.

— É o nome científico do urso-pardo. Alguma coisa no jeito da criatura, no tamanho... me lembra o *Ursus arctos horribilis*.

— Não importa como vamos chamá-los — declarou Wilkins. — O que importa é que temos que descobrir um jeito de detê-los.

Bonita podia se cuidar sozinha.

Torrance Raige se agarrou a essa verdade enquanto levava um esquadrão de seis Guardiões experientes pela parte residencial mais populosa da cidade de Nova Prime. Todas as portas estavam fechadas, e as janelas vedadas com materiais de plástico até folhas metálicas. Desde a manhã, quando começou sua patrulha, ele viu apenas algumas poucas pessoas correndo aqui e ali em busca de suprimentos. Não que os mercados estivessem abertos. Todos estavam fechados desde que começaram as notícias sobre os Ursas. Torrance grunhiu. Algum cientista havia inventado o nome no dia

anterior, mas era assim que todos estavam chamando as criaturas: *Ursas*.

“Ursa” no singular, “Ursas” no plural. Mas sempre no feminino. *Os cabeçudos adoravam complicar as coisas*, pensou Torrance.

Ele torceu para que as despensas das pessoas estivessem mais bem-abastecidas do que a dele. Nem ele nem a esposa gostavam de fazer compras. Um deles sempre trazia alguma coisa pra casa na volta do trabalho. Agora, não havia onde comprar comida. A cidade estava mergulhada num silêncio sombrio, um vazio bizarro e inquietante. Se Torrance não tivesse acesso ao depósito de suprimentos dos Guardiões, não saberia o que fazer.

Iria para a casa do Frank, talvez. Ou da Theresa. Para alguém que vivia sozinha, Theresa sempre tinha bastante comida à mão.

O primeiro sol já estava no meio do céu, fazendo a temperatura aumentar rapidamente, e eles ainda não haviam visto nenhum Ursa. A princípio, Frank e seus voadores tornaram fácil rastrear as feras, apesar de não ter sido muito útil saber onde elas estavam. Mas, depois de se alimentarem, elas ficaram mais difíceis de localizar. Era como se soubessem que estavam sendo vigiadas do alto e tivessem encontrado um lugar para se esconder.

Então podem estar em qualquer lugar, pensou Torrance. *Qualquer lugar mesmo*.

Uma interseção dividia o caminho à frente. Torrance gesticulou para que dois Guardiões verificassem. Ele e os outros aguardaram. Valley e Abalo, ambos Guardiões do terceiro ano, foram à frente para proteger a encruzilhada. Só depois de olharem ao redor e sinalizarem que estava tudo limpo, Torrance e os outros avançaram.

Valley e Abalo ficaram lá até os companheiros passarem pela interseção. Então, juntaram-se ao grupo.

Era o mesmo procedimento que vinham seguindo desde que saíram do alojamento. Enfadonho, sem dúvida. Mas ninguém estava com pressa. Eles se davam o luxo de ser cuidadosos, o que sempre era melhor do que morrer.

Ao lado esquerdo de Torrance, Mayweather e Morales afastavam cortinas de janelas para garantir que estavam seguras. *Não que isso faça diferença se um Ursa resolver estraçalhá-los.* Mas até onde sabiam, nenhuma das criaturas havia tentado arrancar os humanos de dentro de casa. *Pelo menos até agora.*

Porém, havia muitos humanos para caçar pelas ruas quando a perseguição começou. Agora, com tão poucos por aí, os Ursas podiam acabar mudando de tática.

— Tudo certo aqui — reportou Mayweather.

Torrance assentiu. Então, olhou para Rios e Le Clos na direita.

— Aqui também — afirmou Le Clos.

Torrance estava prestes a assentir também quando algo lhe disse para não olhar nem para a direita nem para a esquerda, mas *para cima.*

De repente, uma sombra passou por cima dele, que descarregou a arma nela. A criatura longa e sem cor absorveu a rajada de fusão e não pareceu se incomodar com ela. E então a coisa estava no meio deles, atacando Torrance com suas garras afiadas como lâminas.

Ele teve alguns segundos para ver a cara da criatura, se é que pode se chamar assim. Sem olhos, como haviam dito. Só uma bocarra enorme com duas fileiras de dentes afiados e brancos como osso. Palavras surgiram na cabeça de Torrance: *Rápido, mas não ágil.* Testando sua teoria, ele rolou para a direita e felizmente se levantou sem um arranhão.

Nesse momento, seu esquadrão já havia começado a atirar no Ursa de seis direções diferentes, cada um tomando o cuidado de não ser atingido pelo fogo cruzado. O monstro se encolheu sob a saraivada, claramente incomodado, talvez até um pouco machucado. Rios deve ter pensado isso, pois tentou chegar mais perto para aumentar a intensidade dos disparos. *Perto demais,* pensou Torrance. Ele já tinha aberto a boca para ordenar que Rios recuasse quando o Ursa atacou, estripando o Guardiã com uma patada.

Meu Deus, pensou Torrance.

O estômago dele ficou embrulhado ao ver Rios caído, com as entranhas espalhadas pelo chão em uma poça vermelha, mas não podia se dar o luxo de desacelerar. Ele ainda tinha que manter vivos cinco outros Guardiões.

— Mantenham as posições! — gritou. — Sem afrouxar o ataque!

Porém, levando em consideração que agora eram só cinco atirando na criatura, eles *já haviam* perdido a intensidade do ataque. O Ursa virava a cabeça de um lado para o outro, procurando o próximo alvo, outro humano para despedaçar. As pernas dele se dobraram, como se estivesse se preparando.

— Ele vai saltar! — gritou Torrance.

A única pergunta era em qual direção. E a resposta veio logo em seguida. O monstro foi na direção de Torrance. Assim como antes, ele rolou para fora do caminho. Mas dessa vez não escapou completamente ileso. Sentiu a dor ardendo na coxa, cortando a carne e o músculo, fazendo-o gritar. Quando terminou o rolamento, levantou a arma, mesmo com toda a dor. Mas o Ursa não parecia interessado em perseguir Torrance. Livre do anel ofensivo que o cercara, o Ursa abocanhou uma parte dos restos de Rios e foi embora.

— Vamos segui-lo? — perguntou Valley.

— Não — respondeu Torrance. *Não com o esquadrão reduzido.* — Fiquem aqui. Enviem um relatório ao centro de comando.

— Sim, senhor — respondeu Valley, ativando seu equipamento de comunicação.

Quando o Ursa dobrou uma esquina e desapareceu, Torrance percebeu o choque de seus companheiros de esquadrão. Estavam todos pálidos, suados de medo e repugnância. E não era só pelo visual e pelo cheiro do local, mas pelo que a criatura havia feito com o pobre do Rios.

Era a parte alienígena da coisa. A sensação de entrar em contato com algo que a humanidade nunca tinha encarado, tanto literal

quanto figurativamente.

Enquanto Torrance se dava conta disso, Mayweather caiu de joelhos ao lado dele e abriu um kit de primeiros socorros. Com uma compressa, pressionou a perna de Torrance para estancar o sangramento, que era abundante. As calças de Torrance estavam tingidas de vermelho.

Morales se aproximou de Rios, ou do que restara dele.

— Ajudem-na — disse Torrance, gesticulando para os outros.

Por mais que Rios estivesse despedaçado, eles não podiam deixá-lo ali. Ele era um Guardiã, afinal. Eles tiveram que recolher o que restava do camarada e levar com eles.

— O corte é profundo — relatou Mayweather. Ele precisou levantar a compressa para olhar o ferimento. — É melhor levamos você a um medicentro.

Torrance deu uma risada amarga.

— Isso se a gente encontrar algum aberto.

Lyla Kincaid não ficou surpresa ao receber em sua tela principal a mensagem informando que os Savant precisavam falar com todos os engenheiros do planeta. Afinal, a colônia estava em crise. Fazia sentido alistar toda a expertise do corpo de cientistas de Nova Prime para ajudar nos esforços de defesa. Lyla e seus colegas não eram nada senão resolvedores de problemas. E os Ursas eram o maior problema que os colonos haviam enfrentado em séculos.

O que *surpreendeu* Lyla foi ver o rosto sério de Leslie Vincenzo na tela, em vez de Donovan Flint. Apesar de Leslie ser nominalmente a segunda em comando de Flint, ela raramente saía do escritório.

Parece que desta vez ela abriu uma exceção, pensou Lyla.

— Eu não preciso explicar a seriedade do problema — declarou Leslie. — Os Ursas, como ficaram conhecidos, estão nos destruindo um a um. E os Guardiões, apesar de seus esforços, não conseguiram detê-los. Isso deixa a nosso cargo encontrar uma solução.

A menção aos Guardiões fez Lyla pensar no irmão. Da última vez que ouvira falar dele, estava indo em uma missão de controle civil. Ela se forçou a acreditar que retornara dela com vida.

— Durante quatrocentos anos — prosseguiu Leslie —, acreditamos que projéteis de fusão eram tudo de que precisávamos. Então, com o primeiro ataque Skrel e suas naves com escudos, precisamos encontrar uma alternativa. Foi quando inventamos a tecnologia F.E.N.I.X.

Lyla sabia muito sobre a tecnologia F.E.N.I.X., incluindo o que o acrônimo significava, coisa que a maioria dos colonos parecia já ter esquecido. As duas primeiras letras, F e E, formavam o símbolo químico do ferro, cujos átomos eram a base da reação nuclear do dispositivo. As últimas três letras significavam “Novo Instrumento de Extermínio”.

Porém, ela tinha bons motivos para saber mais do que os outros sobre a tecnologia F.E.N.I.X. Foi o ancestral dela Jack Kincaid quem a inventara centenas de anos atrás, empregando campos magnéticos para transformar um projétil composto de milhares de filamentos de aço em várias formas diferentes, que podiam conseqüentemente penetrar nas naves Skrel e rasgá-las por dentro, quer tivessem ou não escudos.

— Infelizmente, nenhuma das tecnologias parece funcionar muito bem contra os Ursas — informou a Savant. — Em certas ocasiões, conseguimos desnortear as criaturas com nossas armas manuais de fusão, mas, com nossa munição limitada, não conseguimos juntar força suficiente para feri-los. Nossos canhões de projéteis F.E.N.I.X. não conseguiram acertar nenhum dos Ursas do lado de fora da cidade e não podemos usar a tecnologia F.E.N.I.X. nas ruas. Mesmo que conseguíssemos fazer versões menores dos canhões, não daria tempo de os projéteis mudarem de forma em curtas distâncias.

“Então precisamos de algo novo, uma arma que não seja feita para repelir naves Skrel, mas que consiga matar ou, pelo menos, incapacitar um Ursa. Ela deve levar em consideração não só a

anatomia da criatura, mas seu estilo de caça. E deve ser passível de produção em massa utilizando os recursos disponíveis, ou que puderem ser obtidos com facilidade.”

— Ah, só isso? — perguntou Lyla em voz alta.

— Todos vocês já trabalharam em projetos com objetivos defensivos — prosseguiu Leslie —, pelo menos em teoria. Agora quero que se concentrem nesses objetivos e me deem algo que possa ser usado com eficiência consistente a cinco metros ou menos. Eu lhes daria um prazo, mas não creio que seja necessário ressaltar a urgência do caso. Colonos estão morrendo a cada dia. Vocês não querem que seus entes queridos sejam os próximos.

Mas sem pressão, pensou Lyla.

Ela imaginou os outros engenheiros pensando a mesma coisa, mas não por muito tempo. Sendo resolvedores de problemas como eram, já teriam começado a estudar seus projetos atuais com um novo olhar, de modo a avaliar se poderiam ser utilizados para caçar Ursas.

Lyla estava fazendo o mesmo, só que ainda estava olhando para a Savant substituta.

— O que estão esperando? — perguntou Leslie. — Mexam-se. A colônia precisa de vocês.

Não precisava nem repetir. O laboratório de Lyla ficava a apenas duas quadras dali. Ela poderia pedir escolta dos Guardiões, mas todos os engenheiros da cidade estariam fazendo o mesmo. Os Guardiões já estavam consideravelmente sobrecarregados do jeito como as coisas estavam.

Sou jovem, pensou Lyla. O laboratório era perto. Ela podia ir sozinha.

Capítulo Doze

Os dias passavam e Trey Vander Meer sabia o que o povo pensaria dele.

Eles pensariam que ele era louco por sair de casa para transmitir edições especiais do programa quando as ruas da cidade estavam cheias de máquinas biológicas letais. E talvez ele *fosse* louco.

Mas também era motivado pela noção de que o povo de Nova Prime *precisava* dele. Mais do que nunca. Ele se sentia um herói, encarando o caminho até o estúdio para manter o moral elevado. Afinal, quem mais faria isso? Não um oficial como Wilkins, certamente. Ela talvez fosse o suficiente para os Guardiões, mas, na hora de lidar com o povo sofrido, estava longe de ser como Vander Meer.

E não faltavam motivos para as pessoas ficarem mal. O número de mortes continuava a aumentar, apesar de mais lentamente do que no início. E cada morte abastecia os medos da colônia e impedia homens e mulheres de encontrar conforto ou descanso. Crianças acordavam gritando por causa dos pesadelos. A insônia assolava os adultos.

E nem tudo era culpa dos Ursas. Água e comida estavam cada vez mais difíceis de conseguir. A demanda por um método de entrega seguro era crescente. Na verdade, Vander Meer havia preparado anotações para abordar justamente esse assunto. Ele queria responsabilizar o governo por falhar em manter uma infraestrutura durante a crise.

Sim, o povo precisava dele. E, quando tudo terminasse, ele receberia o crédito por seu heroísmo. Não havia dúvidas. Ele seria lembrado como aquele que levantou o moral da colônia em sua hora mais sombria.

É claro, nenhum Ursa havia sido avistado na vizinhança. Então as chances eram boas — não, muito boas — de que ele conseguisse ir ao estúdio e voltar sem passar a menos de três ou quatro quilômetros dos monstros. Mas esse era um detalhe que ficaria fora de sua biografia.

— Trey — chamou a mulher dele, com os olhos cheios de lágrimas —, não quero que você vá...

Ele levantou a mão para silenciá-la.

— Meu amor, nós já tivemos essa conversa. Você concordou que eu deveria ir.

— Eu cedi — afirmou ela. — Não é a mesma coisa.

Não era fácil deixá-la desse jeito. Mas ele tinha certeza de que outros grandes jornalistas também tiveram que fazer sacrifícios. Agora teria que fazer o dele, com ou sem lágrimas.

Vander Meer olhou uma última vez para os filhos, reunidos na sala de estar, assistindo à transmissão oficial dos Guardiões porque não havia mais nada para assistir. *Eu vou mudar isso, pensou. E no caminho, vou mostrar ao Michael e à Elena que o pai deles não é o demônio que eles achavam ser.*

Elena estava mais nervosa que os outros, obviamente. Ela queria ficar com o namorado, mas Trey e Natasha não a deixaram sair. Ela teve que se contentar em falar com Eric pelo sistema de vídeo, apesar da dificuldade em encontrar um pouco de privacidade para conversarem.

— Volto logo — garantiu Vander Meer a Natasha. — Até mais, querida.

Então, destrancou a porta e a abriu, olhando para a frente, para a esquerda, e a seguir para a direita. As ruas estavam silenciosas, nem um pássaro ou inseto à vista. O silêncio absoluto chegava a ser incômodo. A cidade de Nova Prime possuía um som característico, cheio de vida, que estava ausente agora.

— Pode trancar — ele falou para a esposa, sentindo um calafrio repentino. Então, saiu e fechou a porta atrás de si.

Esperou um momento até que Natasha tivesse feito o que ele pediu. Quando ouviu o som da última tranca, ficou satisfeito. Com um suspiro profundo, ele começou a caminhar para o trabalho. Era um dia quente. Depois de menos de quinze metros, já estava suando. Quando chegasse, estaria um trapo. Por sorte, ele sempre deixava uma muda de roupa extra no estúdio.

Vander Meer mal havia chegado ao fim da quadra quando ouviu o rugido. Não era o tipo de rugido feito por um cachorro. Era grave demais, longo demais. *Ursa*, pensou ele.

Mas não havia nenhum Ursa por ali. Pelo menos que ele conseguisse enxergar. Então, se deu conta de que o rugido vinha de trás da casa do vizinho. Que ficava ao lado da *dele*!

Tenho que voltar pra casa, pensou.

Mas não conseguia se mover. Estava congelado no lugar, incapaz de falar ou sequer respirar com o terror que se apossara de seu corpo. Enquanto estava ali parado, indefeso, ele viu o Ursa afinal.

Ele estava espreitando a lateral da casa do vizinho. Ele também não foi o único a ver a criatura. Por trás de várias portas além da dele, pôde ouvir um coro de vozes que se erguiam em pânico. Podia imaginar as discussões: correr ou ficar. Cada opção trazia suas próprias complicações e riscos.

Preciso encontrar um lugar para me esconder, pensou. Senão, seria a presa mais fácil que a criatura já tivera. Mas não podia pedir a ninguém que abrisse a porta ou a janela para lhe dar abrigo. Ele sentiu o suor escorrendo pelas costas como um rio, e seu coração batia tão forte que chegava a doer.

Antes que Vander Meer pudesse decidir o que fazer, ouviu outro som. Não era um rugido, mas um grito humano. E estava do lado de fora, não abafado pelas paredes protetoras. O grito de uma garotinha, de apenas uma palavra, que ele conseguiu ouvir bem até demais.

— *Pai!*

Ele levou apenas uma fração de segundo para processar e perceber que era a voz de Elena, o que não fazia sentido, já que ela estava a salvo, dentro de casa quando ele saiu. Ele a havia abraçado no café da manhã. Ela estava segura.

Então ele se deu conta: o garoto! Ele morava apenas a algumas quadras de distância. Ela esperou até que Vander Meer fosse embora e fugiu pela porta dos fundos.

Novamente ela gritou, o som mais alto e agudo dessa vez:

— *Pai!*

O grito se misturou com o rugido do Ursa que se voltava pela lateral da casa do vizinho de Vander Meer, tomando de volta o caminho por onde viera, e sumindo ao dobrar a esquina para o quintal do vizinho.

O tempo desacelerou na mente de Vander Meer. Ele imaginou que pudesse ver o Ursa avistando sua filha. Lá atrás, não havia onde se esconder. Ele havia desmontado os balanços alguns meses antes, já que até Skipper estava grande demais para eles. Nem sequer um arbusto, apesar de ele ter planejado plantar um após o aniversário de Michael.

Elena!, pensou ele, com as lágrimas escorrendo. Ela estava presa fora da segurança da casa. Mesmo que tentasse implorar para que o irmão a deixasse entrar, Michael não o faria. Não sabendo que iria expor Skipper, Natasha e ele próprio ao mesmo perigo.

Vander Meer ouviu gritos de dor. Sua filhinha estava sendo morta, estraçalhada, e ele não conseguia se mover para ajudá-la. Ele *não conseguia*, não importava o quanto tentasse. Estava preso ao chão.

Mas foi o que ele ouviu em seguida que o deixou atordoado, que suscitou nele um horror que nem sequer sabia que era capaz de sentir. Era a voz de Michael, desafiando a criatura. Ele estava xingando o monstro no quintal.

Ah, não, pensou Vander Meer. *Não, não, não, não...*

Michael abriu a porta, talvez para distrair o Ursa em uma tentativa de salvar a irmã. O monstro rugiu ainda mais alto que antes, e um

grito de dor masculino foi adicionado ao coro terrível e dissonante que vinha de trás da casa de Vander Meer. Uma mordida. Uma série de sons de mastigação. Em sua mente, Vander Meer viu o Ursa se alimentando dos restos de seu filho.

Por favor, pensou ele, sem saber ao certo a quem estava pedindo, Por favor, me deixe voltar até eles. Por favor, me deixe voltar pra casa sem que o monstro consiga me ver.

Então, ele ouviu barulho de concreto e metal. Vidro se quebrando. A criatura estava atacando a casa em si, ou se chocara contra ela. O que quer que estivesse acontecendo, Vander Meer sabia que o Ursa estava atrás de Natasha e Skipper.

O grito da esposa veio como uma confirmação sombria. *Corre*, pensou Vander Meer. Mas ninguém saiu correndo da casa, e a criatura também não apareceu. Pelo menos não até a hora em que alguém segurou Vander Meer e o arrastou para longe.

Sua família. Sangue do seu sangue. *Não, pensou ele, não pode ser.*

Trey Vander Meer chorou, soluços doloridos cortando sua garganta, e continuou chorando por um bom tempo.

O esquadrão de Bonita Raige chegou tarde demais para ajudar a família que teve a casa invadida pelo Ursa. Ela constatou isso assim que chegou com o veículo. A criatura estava ocupada devorando os restos das vítimas, com a metade do corpo dentro da casa, parecendo ignorar todo o resto.

Porém, eles conseguiram salvar o homem que estava no meio da rua, olhando para a casa, paralisado de medo. Só quando conseguiram arrastá-lo para dentro do veículo e começaram a tentar curá-lo do choque, Bonita percebeu quem era.

Trey Vander Meer. O cara que começou a campanha para acabar com os Guardiões. *E aqui estão os Guardiões, salvando a sua pele.* Bonita não deixou de captar a ironia.

Vander Meer gemeu algo que ela não conseguiu decifrar, principalmente porque estava atenta ao Ursa.

— O que ele disse? — perguntou ela a Yang, que estava cuidando de Vander Meer.

Yang levantou o rosto.

— “Minha mulher...”

Bonita olhou para a casa invadida pelo Ursa. Era a casa de Vander Meer? Ela cerrou os dentes. Parecia que quem quer que estivesse lá estava além de qualquer possibilidade de ajuda. Ainda assim, ela precisava tentar.

— Danuta, você vem comigo — gritou ela para a mulher de trança ruiva. — Yang, você fica aqui com o paciente. Bolt, Kromo, Carceras... evacuem as outras casas. — Ainda havia seis casas na área. — Leve as pessoas para o abrigo em Buckingham.

Normalmente, ela não arriscaria tirar as pessoas de casa. Mas se havia uma coisa que eles descobriram era que os Ursas aprendiam rápido. Quando este chegasse à conclusão de que havia comida dentro das estruturas, ele não sairia da área até ter esvaziado todas elas.

Os Guardiões desceram do veículo para cumprir as ordens. Enquanto rodeava a casa para olhar melhor a criatura, ela desejou ter uma arma que pudesse abatê-la. Afinal, seria alvo fácil contanto que estivesse com a atenção voltada para a presa. Mas os pulsares não iriam matar o Ursa. Outros esquadrões aprenderam isso do jeito mais difícil. O melhor que podiam fazer, mesmo a menos de dez metros, era deixar o Ursa atordoado.

Ao dobrar a esquina da casa, Bonita avistou a criatura, bem na hora em que mastigava uma perna. Ela pôde ouvir os ossos sendo triturados enquanto o sangue escorria pelo peito do Ursa.

Bonita sentiu náusea, mas se segurou. *Não é hora de vomitar. Agora não.*

Atrás dela, a equipe estava batendo nas portas e gritando ordens. Ela conseguia ouvir os passos das pessoas saindo das casas e

atendendo ao pedido dos Guardiões. Elas, pelo menos, talvez se salvassem do Ursa. Enquanto isso, a criatura nem levantava a cabeça. Era como se não tivesse percebido Bonita ou Danuta. Bonita continuou se movendo, a fim de se posicionar atrás do Ursa. De lá, ela poderia olhar a casa toda pelo buraco que o Ursa fizera para saber se havia mais alguém lá a ser salvo.

A cada passo, ela imaginava a fera se virando para atacá-la. Mas o Ursa não o fez. Estava ocupado demais comendo. Finalmente, Bonita estava diretamente atrás da criatura. Olhando para além dela, Bonita não enxergou ninguém que já não estivesse em pedaços. Mas isso não significava que não haveria alguém escondido, rezando para que o monstro decidisse ir embora.

— Ordens? — sussurrou Danuta.

Bonita olhou por cima do ombro. Enquanto a coisa não tentasse entrar mais na casa, fazia sentido esperar e dar mais tempo aos Guardiões para evacuar a área. Então ela esperou.

Mas, ainda assim, não podia deixar de pensar que tinha uma chance de matar a criatura. Afinal, ela não havia reagido à presença dela por trás. E se fosse melhor tomar a ofensiva, assim tão perto, e atingir a criatura com força máxima? Será que o pulsar faria algum dano à queima-roupa?

Antes mesmo de os vizinhos terem saído, Bonita comunicou sua decisão a Danuta com sinais manuais. Quando o último morador sumiu de vista, escoltado por Bolt, Kromo e Carceras, ela começou a contar até cinquenta. Por sorte, o Ursa continuou comendo tranquilamente, sem percebê-la.

E continuou ao final da contagem, quando Bonita começou a se aproximar, com o pulsar na mão, coberta por Danuta. O coração de Bonita estava tão acelerado que ela mal podia acreditar que o Ursa não ouvia. Sua respiração estava curta e irregular. Ela se forçou a se acalmar e se concentrar na tarefa imediata.

Passo a passo, Bonita se aproximou da criatura. E ela não se moveu. Era como se houvesse um ponto cego. Mas não fazia sentido

que uma criatura sem visão tivesse um ponto cego... fazia?

Ela deixaria a pergunta para os Savant. O trabalho dela era causar o máximo de dano ao monstro antes que ele fosse atrás de mais alguém.

Ela estava a três metros de distância. Dois metros e meio. Tão perto que quase poderia esticar a mão e tocar os flancos do Ursa. Dois metros. Um metro. O mais silenciosamente possível, ela mirou a cabeça da criatura...

E ouviu o grito.

Ela não virou a cabeça para ver qual morador seu pessoal deixara de buscar. Tinha que ser um civil, com certeza, pois um Guardião nunca gritaria daquela maneira. Por isso, ela não se virou. Isso não daria a ela nenhuma informação que já não tivesse.

Mas o Ursa virou.

Bonita se viu olhando diretamente para a boca do monstro, um buraco negro enorme, cheio de dentes afiados com fiapos de pedaços de carne humana. E no mesmo segundo ela percebeu que o monstro estava olhando para ela, percebendo — se não já tivesse percebido — que ela estava perto o bastante para ser uma ameaça.

Fogo!

Enquanto pensava em dar o comando, ela pressionou o gatilho do pulsar, e uma rajada de fusão foi lançada bem na cara da criatura — um talho sangrento tão profundo quanto largo.

Um instante depois, Bonita percebeu que estava deitada no chão, imprensada pelo corpo da criatura.

Mas estava viva.

Era impossível respirar com o Ursa em cima dela. Ele a estava sufocando, esmagando. Mas, pelo menos naquele momento, ela estava viva.

Quanto ao Ursa... não dava para saber. Bonita sentiu algo atingir a criatura pelo lado uma, duas, três vezes. Finalmente, a criatura começou a se mexer. Estava viva. E os impactos que ela sentiu?

Tinham que vir de Danuta, disparando uma série de rajadas contra a criatura.

Bonita só tinha uma chance, sair de baixo do Ursa quando ele fosse atrás de Danuta. Mas, ao se levantar, o Ursa colocou uma de suas patas enormes na cara dela. Então, como se não fosse nada, a criatura usou a outra pata frontal para estripá-la como um peixe.

Enquanto morria, tentou gritar para que Danuta fugisse enquanto podia. Mas havia sangue demais em sua boca, fazendo com que engasgasse, e impedindo que ela emitisse qualquer som. Então, tudo o que ela conseguiu foi pensar: *Danuta... corre!*

Capítulo Treze

Wilkins estava revisando a telemetria no centro de comando quando ouviu Haturi falando com alguém em uma linha de voz. Ele não parecia satisfeito. Na verdade, parecia realmente sombrio.

Quem? foi a pergunta que veio à cabeça. Não “*o quê?*”, porque baixas no campo de batalha eram tão comuns quanto moscas de areia nos últimos dias, comuns como naves-veleiros sobrevoando as planícies do oeste. Então, a única pergunta que restava era *Quem?*

Conforme se aproximava de Haturi para saber mais, observou-o. Os olhos dele estavam vermelhos e cheios d'água. Foi um choque para Wilkins ver Haturi, um homem duro como pedra, tão dominado pela emoção.

A primeira-comandante esperou até o fim da conversa. Então, fez a pergunta.

A voz dele saiu embaçada e pesarosa.

— Foi a comandante Raige, senhora.

Foi como um soco no estômago. Wilkins se segurou ao encosto da cadeira para se equilibrar. Afinal, foi ela quem enviou Bonita para o campo de batalha, apesar de suas condições médicas. Foi ela que colocou a amiga em perigo.

Mas não havia escolha. Bonita era uma boa Guardiã. Ela era necessária no campo de batalha. E ela tinha pedido por isso. Ela *tinha pedido*.

Haturi passou o resto do relatório. Danuta também havia morrido. Mas o mais importante era que as pessoas que elas tentaram salvar haviam chegado ao abrigo. A missão tinha corrido bem, pelo menos na medida em que qualquer missão podia correr bem nesses dias.

O Ursa fizera quatro vítimas civis. E ainda estava vivo e caçando. *Nenhuma novidade*.

Wilkins absorveu as notícias. Conforme estas se espalharam de Guardiã para Guardiã, um silêncio tomou conta do centro de comando.

— Preciso falar com Torrance Raige — disse ela a Haturi. — Estarei no escritório.

Ela sabia que Torrance estava na enfermaria, se recuperando dos ferimentos sofridos no outro dia. A lesão não era grave. Ele não faria trabalho de campo por uma semana. Mas Wilkins tinha a impressão de que ele ia querer voltar ao campo de batalha assim que ouvisse o que ela tinha a lhe dizer.

Conner estava terminando de se preparar para sair em outra missão para recolher alimentos quando Wilkins apareceu na entrada do alojamento.

O que ela está fazendo aqui?, perguntou-se o cadete. A primeira-comandante não aparecia no alojamento de surpresa sem motivo. Algo havia acontecido.

Wilkins não falou nada. Ela só olhou pelo alojamento, claramente procurando alguma coisa... ou alguém. Conner, observando, se perguntou quem seria. E ainda estava se perguntando quando os olhos de Wilkins o encontraram...

E pararam.

Conner sentiu a garganta apertada. O olhar de Wilkins... era o mesmo de quando contara a Chen sobre sua mãe no dia anterior. Antes mesmo de Wilkins cruzar o aposento e segurar seu ombro, ele sabia o que iria ouvir. Só não sabia qual membro de sua família seria.

— Senhora? — disse ele, tentando evitar que sua voz falhasse.

— Tenho más notícias, filho. Sua tia Bonita...

Wilkins não precisou dizer mais nada.

— Sim, senhora. Compreendo. Obrigado, senhora.

Wilkins olhou para ele por mais um momento, com a testa franzida. Ela parecia querer dizer mais alguma coisa, mas não o fez. Só deu um sorriso triste e virou-se, deixando Conner no alojamento.

Conner e seu luto.

Lyla Kincaid pensou no aparelho que havia construído em seu laboratório um mês antes. Parecia ter sido há uma eternidade. Afinal, tinha sido antes de os Ursas chegarem a Nova Prime. O aparelho era minúsculo, metade do tamanho de uma unha. Ela jogou ao ar e pegou. *Muito leve, também.* Além disso era resistente, feito de materiais criados para durar.

E ajudava as pessoas a ouvir, quando nada mais funcionava.

Os cientistas de Nova Prime fizeram avanços incríveis no ramo da medicina desde a Chegada, centenas de anos antes. Por exemplo, na Terra, as pessoas precisavam conviver com a deficiência auditiva, às vezes congênita, às vezes como resultado de ferimentos ou causadas por doenças.

Não mais. Na maioria dos casos, as causas da deficiência foram eliminadas. Nos restantes, os engenheiros Savant criaram aparelhos para resolver o problema. Foi aí que Lyla entrou.

O aparelho em suas mãos foi projetado para ser implantado cirurgicamente no interior do ouvido, onde tomava efetivamente o lugar do tímpano. Sem ele, certos indivíduos eram incapazes de ouvir. Com ele, ouviam perfeitamente.

Como Pietro. Uma coisa boa, sem dúvida.

Mas não era nada revolucionário. *Nada revolucionário mesmo. Só funciona um pouco melhor que o modelo anterior, que funcionava melhor do que o anterior a ele, e assim por diante.* Mas os Savant haviam pedido a Lyla, bem como a todos os seus companheiros, que pensasse em uma aplicação tática.

— Uma aplicação *tática* — repetiu ela para si mesma, rindo da ideia.

Será que os Ursas eram vulneráveis a certos sons da mesma forma que os humanos? Aliás, será que as criaturas *tinham audição*? Apesar dos esforços de todos os observadores das criaturas, não havia nenhuma evidência definitiva nesse sentido.

Lyla franziu a testa, olhando para o aparelho. Não se parecia em nada com o projeto de Jack Kincaid para o sistema de projéteis F.E.N.I.X., introduzido há centenas de anos. Um projétil que usava campos magnéticos para mudar de forma várias vezes, seguidamente. *Isso sim* era inovação.

Porém, o conceito original foi negado pelos Savant da época, que, ironicamente, também era um Kincaid. Na verdade, Bree Kincaid, uma mulher absolutamente brilhante, tinha sido a *primeira* Savant. Assim como todos os outros da época, Bree havia crescido com a tecnologia de rajada de fusão. E aprendera a confiar nela. Quando não funcionou contra os Skrel, sua primeira ideia foi tentar melhorá-la, não jogá-la fora em prol de algo novo e nunca testado.

É claro, havia outra razão para Bree ter uma abordagem conservadora. O escritório dos Savant era uma novidade para as pessoas e elas ainda não sabiam o que pensar a respeito. “Um movimento em falso”, Bree anotara em seu diário, que havia se tornado leitura obrigatória para os engenheiros desde então, “e toda a colônia decidirá dar cabo dos Savant”. Teria sido um duro golpe para os avanços científicos, e o povo talvez nunca se recuperasse.

Para evitar esse desastre, Bree decidiu se apoiar metodicamente nas ideias anteriores para ganhar a confiança da colônia. A última coisa que ela queria era fazer as pessoas pensarem que tinha dado seu escritório do Savant a um rebelde.

Então, ela jogou a ideia de seu primo Jack no lixo. Só depois de os Guardiões terem conseguido uma nave Skrel e determinado a natureza da sua blindagem, capaz de aguentar disparos de fusão, não importando o quanto os colonos os amplificassem, que a Savant cedeu à ideia de seu primo e permitiu que ele testasse o sistema F.E.N.I.X.

Desde o início a arma funcionou perfeitamente. Uma por uma, as naves Skrel foram destruídas. E, desde então, o sistema F.E.N.I.X. de Jack Kincaid se tornou o principal recurso para a defesa de Nova Prime.

Mas agora, eles tinham um problema com o qual nunca haviam se deparado, e nem F.E.N.I.X. nem fusão eram capazes de deter os Ursas. O Savant, diferente de Bree Kincaid no passado, pediu a eles que procurassem respostas em vários projetos de pesquisa diferentes. *Ponto pra ele*, pensou Lyla.

Ela não achava que o projeto no qual estivera trabalhando serviria para alguma coisa. Porém, tinha a impressão de que outra coisa poderia servir. Não custava nada considerar essa opção também, pegar a ideia que estava começando a se formar em sua cabeça e ver no que dava.

Afinal, nunca se sabe.

Trey Vander Meer sentou-se no abrigo da rua Buckingham com Yang, um Guardiã careca e com maçãs do rosto tão proeminentes que pareciam quase afiadas.

— Você não precisa ir embora? — perguntou o comentarista.

Yang balançou a cabeça lentamente.

— Vou ficar aqui enquanto você precisar de mim.

— Isso é gentil da sua parte — disse Vander Meer. — Muito gentil.

A cabeça dele parecia lenta conforme tentava processar o que havia acontecido naquele dia. Ele tinha saído pela porta como um pai e marido orgulhoso. Agora, não tinha mais família e estava sozinho no mundo. Os Guardiões estiveram lá. Eles salvaram os vizinhos e, talvez, até tenham ferido a criatura que estraçalhou sua família.

Mas onde estavam os Guardiões quando ele mais precisou? Quando a criatura estava rasgando... mastigando...

Ele não podia prosseguir, nem nos recônditos mais profundos de sua mente. Precisou parar para se recompor.

— Você está bem? — perguntou Yang.

Vander Meer assentiu.

— Estou. Obrigado.

Yang era um bom homem. Mas nem ele nem os outros Guardiões haviam estado lá quando Vander Meer precisou deles.

Eu devia ter ficado, disse uma voz na cabeça de Vander Meer. *Eu devia ter discutido com Natasha um pouco mais. Eu devia ter ficado e conversado com Michael antes de sair pela porta.*

Uma série de momentos perdidos, tempo que ele nunca poderia recuperar.

Eles não estavam ao menos fazendo funerais para as vítimas? Ele não se lembrava. De repente, recordou que Pham estava esperando por ele. Esperando... no estúdio. *Sim*. Mas Pham entenderia. Ele sempre foi compreensivo.

Vou tirar uns dias de folga, pensou Vander Meer. *Ele tem que entender.*

Afinal, ele havia perdido tudo o que tinha de mais precioso. E o que os Guardiões, esses mesmos que se achavam os grandes defensores da colônia, o que eles haviam feito para ajudá-lo? Ele continuava voltando a isso, pensando que, se os Guardiões tivessem feito o trabalho direito, ele ainda teria uma família.

Não é culpa minha que eles tenham morrido, pensou ele. *É culpa dos Guardiões.*

Esse era o *verdadeiro* problema, não era? Os Guardiões falharam com os cidadãos que deveriam estar protegendo. Ele não esqueceria isso.

Nunca.

Torrance Raige não havia aceitado muito bem a notícia sobre a esposa. A única maneira de lidar com isso era voltar ao campo de

batalha. Conhecendo-o tão bem, a primeira-comandante aprovou a ideia. Mas havia campos de batalha... e havia campos de *batalha*.

Eu deveria estar lá fora. Sou um Guardião treinado, droga! O que eu estou fazendo aqui defendendo um depósito de suprimento quando há coisas mais importantes a fazer? Isso é insano. É loucura.

Bonita. Meu Deus... Bonita...

Torrance usou a manga do uniforme para limpar o suor do rosto. *Você tem que colocar a cabeça no lugar.*

Voltando ao básico. Voltando ao básico.

Uma das primeiras coisas que os Guardiões aprendiam como parte do treinamento era que, quando as coisas pareciam estar saindo de controle, a melhor atitude era ajoelhar e concentrar as energias. Já havia muito tempo que Torrance não fazia isso. Mas ele não conseguia lembrar-se de ter enfrentado uma situação tão dura quanto essa.

Colocou um joelho no chão.

Concentre-se nos arredores. Apegue-se ao momento presente.

O tecido inteligente que cobria as paredes do depósito balançava com a brisa intensa que vinha do norte. A estrutura estava cercada por um esquadrão de Guardiões que, assim como Torrance, haviam sido feridos em batalha. Já que os médicos haviam considerado que seus ferimentos os deixariam lentos na batalha contra os Ursas, uma inconveniência que poderia ser fatal, eles receberam tarefas que provavelmente representariam um risco menor a suas vidas.

O ferimento de Torrance ainda doía intensamente; o efeito da sinteticura que os médicos espalharam sobre ele fora somente parcial. O ferimento ainda estava vermelho e inchado, quente ao toque — ao menos, era a impressão de Torrance. Os médicos avisaram que, se ele sentisse tontura, deveria se apresentar imediatamente no medicentro.

Era a última coisa que ele faria. Pretendia ficar lá fora, lutando contra os Ursas, até a vida ser arrancada de seu corpo.

Afaste as distrações. A dor não lhe serve de nada. Você sabe que o ferimento existe. Ignore-o.

Ele conseguiu superar o desconforto que o ferimento causava. Na verdade, nem foi difícil. *Só parte do treinamento.* Dor nunca era insuperável. Era só mais um obstáculo a se vencer. Torrance juntou toda a angústia provocada pelo ferimento, isolou-a em uma parte da mente onde conseguiu colocá-la, como se dentro de um baú, e trancou. Quando o fez, não sentiu mais nada além de uma ardência leve, em vez da sensação de dor constante.

Ele procurou nos arredores com seus sentidos aguçados qualquer coisa que pudesse representar perigo, principalmente um Ursa. Não percebeu nada. Mas era desconcertante saber que a coisa poderia praticamente estar fungando no cangote deles e ninguém perceberia até ser tarde demais.

— Dando um tempo?

Ele nem precisou abrir os olhos e olhar para a direita. Sabia muito bem que era Marta Lemov que estava ao lado dele. Ela juntou-se ao Corpo exatamente na mesma época que Torrance. Eles foram promovidos juntos e várias vezes acabavam fazendo parte dos mesmos esquadrões. Em uma época, tiveram um romance inapropriado e bem curto — antes de Torrance conhecer Bonita —, sobre o qual ainda brincavam de vez em quando.

Marta era alta e magricela. Já tinha ouvido todo tipo de piada por causa de suas mãos e seus pés “masculinos”. Estava com a cabeça enfaixada, mas não parecia se importar nem um pouco com isso.

— Os hábitos antigos funcionam porque já foram testados e deram certo — disse Torrance.

— Essa é sem dúvida uma lógica circular.

— Para com isso — rebateu Torrance, antes de acrescentar: — Você está bem? — Ele apontou a faixa com o queixo.

— Isso? — apontou Marta. — Isso não é nada. Os médicos ficaram falando em concussão, mas... — Ela fez um gesto indicando que não era nada.

— Você está louca. Deveria ter ficado em observação.

— *Eu* deveria estar em observação? Torrance... — todo o sarcasmo e a ironia desapareceram. — Torrance, pelo amor de Deus, sua mulher morreu só faz alguns dias e você já está aqui de volta.

— Você está sugerindo que eu deveria abandonar o povo na hora mais importante? Deve ter me confundido com alguém que não se importa.

— Eu nem vou tentar entrar nessa discussão.

— Boa decisão — disse ele.

O restante da meia dúzia de Guardiões nem prestava atenção na conversa entre eles dois. Estavam ocupados demais observando a área, procurando sinais, qualquer coisa que pudesse alertar sobre alguma ameaça. Seus ferimentos eram de vários tipos, mas provavelmente estavam lidando com a dor da mesma forma que Torrance.

— Ei! — gritou alguém. Vários homens se aproximaram. Torrance os reconheceu imediatamente, apesar de não lembrar seus nomes. Um deles era um técnico, os outros eram fazendeiros. O técnico, provavelmente por ser o mais articulado, era o porta-voz. — Ei! — gritou ele novamente. Não parecia ser um gesto amistoso.

Porém, Torrance, como o Guardião mais experiente do posto, respondeu com um “olá” amigável. *Mantenha a situação sob controle. Ele claramente planejou alguma coisa. Vamos ver o que é. Talvez, seja o que for, não seja nenhum tipo de problema que...*

— Sai da frente. Queremos suprimentos.

Bom, a esperança já era.

— Eu adoraria, mas tudo está sendo meticulosamente racionado — explicou Torrance, com paciência. — Os Ursas estão destruindo tudo aleatoriamente. Portanto, o que sobra precisa ser cuidadosamente...

— Você acha que tá contando alguma novidade, Guardião? — Torrance não ficou muito feliz com o modo como ele disse a palavra *Guardião*. Como se fosse um epíteto. O técnico apontou para os

fazendeiros. — Meus amigos aqui estavam me contando como uma dessas coisas chegou destruindo a fazenda dele. A fazenda *dele*.

— As fazendas são comunitárias...

— *Cala a boca!* — explodiu o técnico, tão furioso que Torrance percebeu na hora que havia cometido um erro. Concentrar a conversa na filosofia de propriedade conjunta, de necessidade compartilhada, foi uma decisão errada. Ele deveria se concentrar no fato de que o fazendeiro provavelmente estava morrendo de medo e tinha muita sorte de estar vivo.

Enquanto isso, o técnico ainda estava praguejando.

— Graças a Deus os pais e avós desses homens tomaram a iniciativa de construir seus próprios abrigos antibomba depois do primeiro ataque Skrel. Nenhum Guardião os ajudou a fazer isso. Então, quando o Ursa atacou, eles tinham um lugar para se esconder onde as criaturas não conseguiam farejar.

Torrance percebeu que a fala do técnico estava meio arrastada. Estava claro o que havia acontecido. Os três homens começaram a conversar enquanto bebiam em algum lugar, enchendo a cara, frente ao desastre iminente, quando um acesso de frustração coletiva se transformou em ação, mesmo sendo uma ação idiota.

— Estes homens já deram mais do que deveriam a um sistema que está se desfazendo completamente! Eles tiveram que salvar as próprias vidas porque vocês, malditos Guardiões, não estavam por perto. E agora, não conseguem alimentar suas famílias com os frutos do trabalho deles porque vocês querem decidir quanta comida é distribuída aos outros!

Torrance manteve o mesmo tom de voz e fez o máximo para soar compreensivo.

— Senhores... Eu entendo o que vocês estão passando...

— Ah, entende? — perguntou um dos fazendeiros, em tom de desafio.

— Sim, entendo. Os Guardiões não estavam lá para ajudá-los. Mas nós estamos mais sobrecarregados do que nunca e... — *E nós*

não temos ideia de como combater essas coisas. — ... e não podemos estar em toda parte, por mais que queiramos. Mas o fato é que precisamos manter a ordem na sociedade. Temos um jeito de fazer as coisas. Vocês não estão vendo que os Ursas foram enviados pelos Skrel não só para nos matar, mas também para destruir nossa sociedade? O sistema de racionamento precisa ser mantido cuidadosamente. Precisamos preservar nosso jeito de fazer as coisas. Porque se isso não acontecer...

— *Cuidado!* — veio o grito assustado de Marta, mas foi tarde demais para Torrance reagir.

Quando a pedra atingiu a lateral da sua cabeça, Torrance foi pego completamente de surpresa. Não veio do técnico nem dos dois fazendeiros à frente. Enquanto ele estava distraído pelos três, outros se aproximaram pela lateral. Ninguém os viu, pois estavam todos prestando atenção no que Torrance estava dizendo ao técnico.

A pedra o acertou logo acima da têmpora. Atordoado, ele caiu de joelhos, como havia feito alguns minutos antes.

— *Peguem a comida!* — gritou o técnico, um brado de convocação que foi respondido de várias direções.

Tudo estava se desenrolando rápido demais para Torrance entender. Não sabia dizer se era tudo parte de um plano magistral, com o técnico e os fazendeiros indo na frente para chamar a atenção deles enquanto os outros se posicionavam, ou se tudo havia acontecido espontaneamente e Torrance deu o azar de estar bem no olho do furacão iminente. Com a diferença de que não existia calma no olho desse furacão.

O técnico tentou forçar caminho enquanto o mundo girava em torno de Torrance. Ele estava cego de uma das vistas e não entendia o porquê até se dar conta de que havia sangue escorrendo do corte para o olho. O técnico deu um chute sem motivo em Torrance enquanto passava, mas isso foi um erro pois o treinamento e os reflexos aguçados de Torrance estavam ativados.

Ele pegou a perna do técnico em um bloqueio perfeito, desviando a força do golpe para outra direção. O técnico perdeu o equilíbrio e caiu no chão com as pernas abertas. Ele gritou de dor. *Com sorte*, pensou Torrance, *o maldito distendeu o músculo da virilha*. Torrance girou o corpo e desferiu um chute que acertou em cheio na cara do homem, que caiu desacordado.

Marta e os outros Guardiões estavam fechando o círculo, mas Torrance pôde ver a hesitação em seus olhos. Os Guardiões foram treinados desde sempre para cumprir uma missão: preservar os seres humanos. Não lutar contra eles. Usar armas contra seu próprio povo ia contra seus instintos, especialmente numa situação como essa.

Esses homens não eram criminosos. Estavam só desesperados, assustados, tentando sobreviver. Não seria muito mais fácil ficar fora do caminho deles?

O sangue agora estava escorrendo pela testa de Torrance e dava a impressão de que não ia parar tão cedo. Ele tentou limpá-lo enquanto gritava

— *Detenham-nos!*

Os Guardiões entraram em formação e reagiram, mas só com as mãos. Nenhum deles usaria força letal contra outro ser humano. Esse cuidado não deixou os Guardiões nem um pouco menos formidáveis. Mas, para cada cidadão que um Guardião derrubava, dois ou três outros apareciam.

Aparentemente, o boato sobre o ataque ao depósito de suprimentos se espalhou rapidamente. As pessoas estavam vindo de todos os cantos, e nenhum delas chegou com o intuito de lutar ao lado dos Guardiões.

O pior de tudo era que Torrance não podia esperar que esse fosse um incidente isolado. O pânico e o desespero não iam ficar restritos a este depósito em particular. Se isso continuasse, os Skrel não iam precisar fazer muito mais do que se recostar e esperar a humanidade se destruir por conta própria.

As pessoas estavam convergindo por todos os lados. Torrance lutou, as mãos tão ágeis que mal dava para ver os movimentos. Alguém veio rápido na sua direção. Ele reconheceu o atacante: o curador do museu de história local. Ele podia passar horas falando sobre os itens da coleção, como uma cópia antiga de *Moby Dick*, a primeira edição produzida pela Forever Books em 2032 d.C. Uma das pessoas mais doces e educadas que ele já conhecera. E havia um brilho assassino em seus olhos.

— Armas! — gritou Torrance, porque não havia escolha. — Metade da potência!

Os Guardiões desembainharam seus pulsares e abriram fogo.

A saraivada de tiros azul-prateados atingiu os cidadãos que atacavam. O impacto era equivalente ao de ser atingido no peito por um saco cheio de pedras. As pessoas foram derrubadas, gritando de dor, e por alguns momentos pareceu que os Guardiões iam virar o jogo.

Mas os atacantes reagiram, redobrando os esforços. Sem querer, as pessoas na frente da turba acabaram virando escudos humanos, absorvendo a maioria dos disparos de pulsar e caindo para cima dos Guardiões. Torrance e os outros continuaram a atirar contra o povo. Se as armas estivessem com potência total, a área toda estaria empilhada de cadáveres.

Mas eles foram misericordiosos com seus irmãos humanos. E pagaram caro por isso.

— *Mantenham as linhas! Mantenham as linhas!* — gritou Torrance, quando seu ferimento começou a sangrar novamente, com intensidade ainda maior. Ficou totalmente cego e, antes que pudesse limpar os olhos, estava no chão. Ele disparou contra a multidão sem ver, mas o pulsar foi chutado de sua mão. Instintivamente, ele protegeu a cabeça com os braços. Alguém deu um soco no estômago dele, tirando-lhe o ar. O mundo começou a escurecer e ele percebeu que não era por causa do sangue nos olhos.

Bonita... droga... Teria sido mais seguro ir à caça de Ursas.

E ele apagou.

Capítulo Quatorze

Ele é Talho.

Não se chama assim.

Não tem nome para si mesmo.

Não tem consciência de si mesmo.

Não tem nenhuma capacidade de se perguntar o que está acontecendo com o mundo ou ponderar por que veio parar nesta época e lugar.

Só sabe que está profundamente conectado a sua essência.

E sabe que precisa comer.

Há outros iguais a Talho ao redor. Eles estão caçando em pares, a maioria deles. Mas Talho caça sozinho. Os outros irritam Talho. Talho é maior, mais forte e mais rápido do que todos eles. Eles atrapalham Talho. Fazem com que pareça menos importante.

Neste momento, Talho está encolhido em um beco, protegido do calor dos dois sóis. Talho fica irritado com o calor. A pele dele vibra várias vezes, da cabeça à cauda, na tentativa de livrar-se da sensação incômoda, mas não consegue. Algumas vezes o calor some, e as luzes vão se esconder nos buracos de onde saíram, e Talho consegue um alívio temporário.

Talho odeia esse mundo. O mundo onde Talho estava antes era contido, escuro e quieto. O mundo onde Talho estava era o epítome da paz.

Então, Talho foi expulso daquele mundo e jogado neste.

Aqui é quente e irritante. Aqui é doloroso. A língua de Talho sai por entre os lábios, passando pelos ferimentos que sofreu, especialmente o corte longo na pele que lhe rendeu o nome que ele não sabe que tem.

Ele recebeu o ferimento — o talho — em um combate com as coisas cheirosas. É assim que Talho pensa nelas. Se as coisas

cheiram daquele jeito, elas são comestíveis. Então, são a caça de Talho. Se não cheiram daquele jeito, podem ser ignoradas.

Mas as coisas cheirosas não se deixam comer sem lutar. Elas tentam ferir o Talho. Da última vez que Talho as encontrou, pensou que fossem presas fáceis. Talho matou e começou a comer duas coisas cheirosas, uma delas bem pequena e sem graça, até que uma terceira atacou Talho.

Foi essa coisa cheirosa que causou o ferimento nele. Ela acertou Talho com uma força terrível. Fez com que ele caísse no chão. Mas só por um momento. Então, Talho recuperou os sentidos e matou a coisa cheirosa. Talho...

... fica parado no lugar.

Mais uma das coisas cheirosas está por perto.

Se ela está ou não procurando Talho não tem a menor importância. É comida. Tem cheiro de algo para aplacar sua fome.

A coisa se aproxima cada vez mais. Talho percebe que há outra junto com ela. Duas coisas cheirosas são ainda mais irresistíveis do que uma.

Talho espera até que uma esteja quase encostando nele, se levanta, e solta um rugido poderoso.

A coisa cheirosa viu Talho, ouviu Talho. Talho tem certeza disso. Talho consegue "ver" bem o alvo, com 80 por cento de certeza da posição dele. Mas 80 por cento não é o suficiente. Talho quer mais.

Então ele vai na direção da coisa e solta um grito de desafio. O cheiro agora é tão pronunciado que deixa Talho quase louco.

Talho a atropela. Talho a estraçalha. Talho devora um pedaço da coisa, com carne, sangue e osso.

A outra coisa cheirosa — sim, eram mesmo duas, Talho estava certo — parece incapaz de se mover. Talho salta com as patas para a frente e aterrissa bem na parte de cima do corpo da coisa. Ela grita. Talho a aperta contra o chão, com as patas da frente esmagando esse pedaço superior. Ela se quebra como um monte de gravetos e o sangue se espalha para todos os lados.

Talho lambe um pouco de sangue. Depois, prossegue devorando o que restou das duas vítimas. Comer o corpo dessas criaturas revoltantes é a única coisa nesse mundo que dá prazer a Talho.

Quando Talho termina, ele descansa. Vai digerir a refeição e seguir seu caminho.

Em direção às outras fontes de carne.

E vai devorá-las uma a uma.

Porque é a única coisa que consegue pensar em fazer.

Theresa Raige estava de joelhos em seu quartinho de pedra, rezando pela salvação de Nova Prime, assim como havia feito no dia anterior e no anterior, desde que as criaturas infernais conhecidas como Ursas chegaram, desde que ouviu o anúncio de que havia Guardiões no prédio procurando abrigo.

O prédio, uma torre de pedras chamada de Cidadela, era o lar do Primus e dos áugures desde a Chegada. Durante todo esse tempo, nenhum Guardião tinha colocado os pés ali dentro. Se estavam fazendo isso agora, devia haver um bom motivo. Theresa, cuja sala de oração ficava nos andares mais altos da Cidadela, desceu correndo as longas escadas do enorme retiro até a entrada, no térreo. Lá ela viu os que tinham vindo em busca de abrigo.

Os Guardiões estavam cheios de ferimentos. Vários tinham feridas abertas no rosto. Os uniformes estavam rasgados e um deles estava gemendo, segurando um ombro claramente deslocado. Dois deles pareciam atordoados, sem saber como haviam chegado até ali.

Theresa não pôde evitar procurar rostos familiares dentre eles. Apesar de a pobre Bonita ter morrido, seus irmãos e seu sobrinho ainda estavam combatendo os Ursas. Mas, por fim, nem Frank nem Torrance nem Conner estavam entre a meia dúzia de soldados espalhados pelo chão, deitados em cobertores levados até eles por áugures, que já estavam cuidando dos ferimentos.

Ainda assim, ela reconhecia um: Marta Lemov, que saiu com Torrance por algum tempo e que estava servindo com ele, pelas notícias mais recentes que Theresa tivera. A cabeça de Marta estava enfaixada, mas parecia um curativo mais profissional que qualquer um deles poderia fazer. Obviamente era um ferimento anterior, que já tinha sido tratado.

Marta estava sentada no chão, totalmente imóvel, olhando para o nada. Os olhos dela estavam abertos, mas certamente estava absorta nos próprios pensamentos. Theresa se aproximou dela com cuidado, sussurrando seu nome.

O olhar de Marta se virou para ela, sem reconhecê-la. Então, os olhos se abriram mais e a boca formou um suave sorriso. A parte inferior do rosto dela estava ferida — claramente levava um soco de alguém, e Theresa achou que o tamanho da marca vermelha na bandagem estava aumentando.

— Ei. Você parece ótima — disse ela a Marta.

Os olhos da Guardiã pareceram reconhecê-la, finalmente.

— É mesmo? Pois você está horrível. — Então, ela deu uma leve risada, que se transformou em uma tosse de trinta segundos. Assim que terminou, ela esticou a mão. — É bom vê-la, Theresa.

Theresa se ajoelhou ao lado dela e segurou suas mãos.

— O que está acontecendo lá fora? — perguntou ela. Em outras palavras: *O que estão fazendo aqui?*

— Insanidade — respondeu Marta. — Loucura. Pessoas ficando malucas. — O rosto dela refletia o nojo a cada palavra. — É inacreditável. Estamos nos destruindo uns aos outros. Deveríamos nos unir contra os Skrel, mas, em vez disso, estamos nos matando. E alguns de nós são idiotas demais para... — Ela rosnou, como um animal. Um animal enjaulado.

— Idiotas demais pra quê?

— Para entender o quanto os outros nos odeiam. Seu irmão Torrance lutou ao meu lado e veio até aqui conosco. Mas, mesmo com todos os ferimentos, ele se recusou a ficar aqui. Nesse

momento, enquanto nos falamos, aquele idiota está lá fora, determinado a lutar contra aqueles animais destruidores. Lutando contra eles para salvar um punhado de traidores que não valem nem o esforço...

E outra voz falou:

— Está perdendo a fé?

Tanto Theresa quanto Marta olharam para cima surpresas.

O Primus Leonard Rostropovich estava a alguns passos de distância.

Marta, que havia mostrado pouco interesse em se mover até aquele momento, ficou de pé tão rápido que quase derrubou Theresa.

— *Você! Isso tudo é culpa sua!*

Se não fosse por Theresa, Marta teria cruzado a sala e atacado o Primus em um segundo. E só porque Marta estava enfraquecida, Theresa conseguiu impedi-la, segurando-a pelo torso e pelos ombros, puxando-a com toda a sua força. Se Marta estivesse bem, Theresa não poderia ter feito nada.

Ainda assim, Marta lutou. Theresa implorou que parasse, enquanto a Guardiã continuava gritando.

— *Culpa sua! Sua, seu santarrão idiota!*

O Primus não se moveu, não demonstrou surpresa. Em vez disso, ficou lá, com os dedos cruzados diante do corpo.

— Marta, acalme-se! — pediu Theresa; então, com toda a força, gritou: — *Acalme-se!* — E deu uma joelhada na parte de trás da perna de Marta. Marta caiu, com Theresa em cima dela, tentando imobilizá-la.

Porém, não podia impedi-la de blasfemar contra o Primus.

— Foi você que colocou o povo contra os Guardiões! — gritou Marta. — Foi você que ficou falando pra todo mundo que não somos necessários! Estamos sendo devorados vivos lá fora! Pelas criaturas! Pelas outras pessoas!

— Devorados — disse o Primus, suavemente. A julgar pela emoção que demonstrou, eles poderiam muito bem estar participando de um debate acadêmico. — Devoradores. Não é assim que algumas pessoas estão chamando eles?

— Me solta — ordenou Marta, com os dentes cerrados. — Me solta. Eu vou...

— Vai me atacar? — O rosto do Primus parecia impassível. — Você fez um juramento de proteger a humanidade. É assim que pretende cumpri-lo? Atacando alguém que está aqui parado?

Antes que Marta pudesse responder, eles ouviram o som de vozes se aproximando. Vozes furiosas, provavelmente daqueles indivíduos raivosos, vindo da porta da Cidadela. Os Guardiões feridos olharam uns para os outros com medo e preocupação, pois os gritos lá fora eram “Tragam eles pra fora! Joguem eles aqui!”, e não havia dúvidas sobre quem eles estavam exigindo.

Dois áugures correram na direção do Primus, claramente agitados. Eles falaram se interrompendo, competindo para explicar ao líder que havia uma turba do lado de fora da Cidadela, insistindo que os Guardiões fossem entregues a eles.

Marta ainda estava no chão, o corpo preso sob o de Theresa. Com uma fúria fria, ela disse:

— Os Skrel estão tentando nos destruir e, graças a você, o povo está nos culpando por isso. Parabéns, Primus. Graças a você, eles acham que preto é branco, e que a direita é a esquerda. Por que não vai lá fora e recebe os cumprimentos pela sua bela conquista?

O Primus, inabalado pelo ódio puro e surpreendente na voz de Marta, respondeu com indiferença:

— Acho uma ótima ideia. Esperem aqui.

Theresa percebeu a chegada dos guarda-costas do Primus, que estavam armados e prontos para defender o guardião da alma de Nova Prime. Porém, o Primus os dispensou casualmente. Quando deram demonstrações de dúvida, ele o fez com firmeza:

— Fiquem aqui — ordenou. — Eu vou cuidar disso. E você... — falou para Marta.

Então, hesitou.

— Eu o quê? — perguntou Marta, desafiadora.

O Primus fez uma breve reverência.

— Obrigado pelo seu serviço.

Enquanto Theresa observava, ele saiu para falar com o povo.

Fazendeiros, pensou o Primus ao observar os manifestantes reunidos que exigiam furiosamente entrar na Cidadela.

Os guardas do Primus que costumavam ficar estacionados do lado de fora ainda estavam em seus postos, avisando o povo para se manter afastado. Até o momento, os fazendeiros atenderam aos pedidos, apesar de estarem em número muito maior do que os guardas. Eles não pareciam querer invadir a Cidadela, apesar de demonstrarem bastante ódio pelos Guardiões que haviam sido enviados para proteger os suprimentos de emergência da colônia.

E de quem era a culpa? De quem?

Mesmo que o povo não estivesse tentando forçar a entrada, ainda estava fazendo um estardalhaço enorme... até o Primus aparecer. Neste momento, todos ficaram em silêncio.

O Primus observou a plateia com um ar indiferente, como se não fizesse o menor caso do fato de estarem ali. *Como turba, eles são formidáveis, irracionais. Separe-os em indivíduos.*

— Fazendeiros — disse ele após uma longa pausa. — Trabalhadores. Artesãos. Tantos de vocês, de lugares tão diferentes. O que querem?

Houve uma hesitação geral. Então, um deles conseguiu reunir um pouco de arrogância.

— Tem Guardiões escondidos aí dentro!

— Eles estão aqui, sim — respondeu o Primus, suavemente. — São convidados da Cidadela.

— Eles nos atacaram! — gritou outro, e vários outros concordaram.

— É mesmo? Pelo que sei, vocês os atacaram primeiro.

— Queremos justiça! Eles estavam guardando o que era nosso por direito!

— Seu por direito? — o Primus deu uma ênfase severa a sua fala.

— Somos unidos em Nova Prime. Os recursos fornecidos por um servem a todos. Vocês sabem disso. Todos sabem. Então que direito vocês têm de exigir de volta aquilo que entregaram por costume e por lei?

— As coisas mudaram!

— Porque os devoradores vieram — disse o Primus.

Eles não precisaram se perguntar a quem o Primus se referia. Todos sabiam muito bem. E assentiram todos ao mesmo tempo.

O Primus deu vários passos à frente, com as mãos casualmente unidas atrás das costas. O povo recuou o mesmo número de passos.

— Quando os Skrel nos atacaram ferozmente — disse ele —, permanecemos unidos. Todas as facções de Nova Prime agiram como uma. Juntos, fomos invencíveis. E agora, aqui estamos, atacando uns aos outros. Os Skrel enviaram os devoradores e fomos nós que acabamos nos devorando. Eu acho que, de certo modo... eles nos seguiram. Nos seguiram desde a Terra. Nos seguiram desde os primeiros dias do nosso povo.

“Está tudo nas antigas escrituras. Eu as estudei, sabem? Eu estudei todas elas. Os cristãos costumavam falar de um Satanás, o mal supremo, como o Devorador. Mas é ainda mais antigo que isso. Os antigos egípcios conheciam uma criatura que chamavam de Ammit, uma fera composta de partes de leão, hipopótamo e crocodilo. Eu creio que, em meio ao medo e à superstição, eles escolheram os três porque eram os animais mais vorazes que conheciam. E Ammit, bom... ele era o guardião do lugar para onde eles iam quando morriam. — A voz do Primus se elevava e reduzia de uma forma coordenada, costumeiramente usada quando estava tentando ensinar alguma coisa. — Quando os mortos chegavam para ser julgados, o Ammit determinava se eram ou não merecedores de

prossequirem para o que acreditavam ser o paraíso. E se não fosse merecedores... o Ammit devorava seus corações. Os egípcios chamavam isso de segunda morte.

“E todos nós sabemos o que é a segunda morte, não é? Afinal, nosso planeta morreu. A Terra morreu ao nosso redor porque fomos gananciosos, não tivemos fé e nem nos importamos uns com os outros. Nossas almas — a voz dele começou a se elevar — foram trocadas por créditos. Nossos sonhos, por uma ganância predatória. Nossos melhores anjos foram destruídos por nossos demônios interiores. E Deus viu que não merecíamos mais o paraíso que ele havia nos confiado. Então, Deus nos expulsou. Fomos punidos por tudo o que fizemos de errado, e merecemos a punição.

“E após séculos vagando, fomos trazidos para cá, porque Deus nos perdoou. Ele viu nossa penitência e ficou satisfeito, trazendo-nos a este novo mundo. Não um paraíso, certamente — ele olhou ao redor, pesaroso —, mas não merecíamos um paraíso, pois falhamos em proteger o que recebemos no passado. Então, recebemos um mundo para *transformar* em paraíso. Esse foi o novo mandamento, o novo objetivo da humanidade.

“E agora vejam. Vejam o que o céu enviou contra nós.

“Devoradores. Tão vorazes quanto aqueles que os egípcios criaram. Tão perversos e dedicados à destruição quanto Satã.”

Com um movimento abrupto, o Primus apontou para a multidão, com a voz alta, cheia de desprezo e condenação, como se o povo fosse uma abominação aos seus olhos.

— *O motivo é óbvio! Nós falhamos aos olhos de Deus! Ele olhou nossas almas e nos considerou insuficientes! Ele nos mandou um teste e nós falhamos! E vocês ousam... VOCÊS OUSAM... vir até a Cidadela falar de justiça? Aí está a sua justiça!* — Ele virou o braço e apontou para o céu. — *Aí está a sua justiça, pois Ele está enviando a punição divina sobre nós, e, em vez de ficar aqui como ovelhas choramingando, vocês deveriam estar em suas casas, com suas famílias, rezando e pedindo perdão! Agora vão! Vão para suas casas*

e peçam misericórdia a Deus, pois todos vocês sabem, no fundo de seus corações, os pecados que cometeram para merecer a fúria Dele! Eu disse para irem!

E eles foram. Alguns hesitaram, mas viram a fúria no rosto do Primus e nenhum deles teria força de vontade suficiente para enfrentá-lo. Em poucos instantes, toda a área em frente à Cidadela estava vazia. Mesmo assim, o Primus ficou lá por vários minutos, sem dizer nada, sem fazer nada.

Então, ele se virou e voltou para a Cidadela.

— A turba se foi — declarou a todos que podiam ouvir. — Vocês estão livres para ir, se assim desejarem. Ou podem ficar aqui pelo tempo que quiserem. Ambas as opções são aceitáveis.

Ele começou a subir as escadas quando a Guardiã chamada Marta gritou:

— Longe de mim reclamar do fato de não ter mais um monte de gente pedindo a nossa cabeça, mas dizer que a culpa é toda deles? Isso é demais. Você não acha que seria melhor dizer alguma coisa que lhes desse esperança num momento como esse?

O Primus a estudou em silêncio.

— O que queria que eu dissesse? Que espero que as mortes deles sejam rápidas e indolores?

Marta não tinha resposta para isso, e o Primus subiu as escadas em silêncio.

O esquadrão de Conner, no qual ele era um dos dois únicos cadetes, estava patrulhando o Lado Norte, onde um Ursa havia sido avistado pelos pilotos do esquadrão de seu pai há poucos minutos, quando ele viu a quadra de cageball à frente.

Ele foi pego de surpresa.

Conner estava se concentrando em telhados e becos, lugares onde um Ursa poderia se esconder. Não na rua em frente. E

certamente não na área aberta da quadra de cageball, onde nada poderia se ocultar.

Não era a quadra onde ele havia conhecido Lyla Kincaid, mas poderia muito bem ter sido. Ele pensou em como ela estava bonita naquele dia, no modo como ela sorria, olhando o ex-paciente de 12 anos com a bola na quadra. A lembrança o fez sorrir, mesmo em meio a essa caçada arriscada a um predador letal. Ele queria que ela tivesse ficado mais um pouco.

Mas sabia por que ela tinha fugido. Era a irmã de Lucas, que, por sua vez, nutria um ódio profundo por Conner. E o choque de reconhecer Conner depois de tantos anos...

Ele devia ter mudado muito. *Ela* com certeza tinha. Não era mais aquela garotinha magricela com os joelhos ralados. Não estava mais correndo para os pais para contar que Conner e Lucas haviam arrumado confusão.

Ela estava... linda. Realmente linda.

Uma pena, pensou ele.

De repente, o líder do esquadrão recebeu um chamado no comunicador.

— Rivers falando — atendeu ele. — Sim. Certo. Entendido.

Todo o esquadrão olhou para ele.

— Nosso Ursa foi avistado indo pro sul — explicou Rivers. — Longe demais daqui para conseguirmos alcançar. Outro esquadrão foi designado pra fazer o trabalho. Parece que nos livramos dessa, por enquanto.

Todo o esquadrão suspirou de alívio. Era perceptível, apesar de ninguém querer deixar transparecer.

— Vamos continuar patrulhando a área — comandou o líder. — Só pra garantir. Devagar. De olhos abertos.

O restante do esquadrão confirmou ter entendido.

— Então vamos — ordenou Rivers.

Todos entraram em formação, inclusive Conner. Ele deu uma última olhada para a quadra de cageball, lembrando-se da cor dos

olhos de Lyla Kincaid. Depois deixou tudo para trás.

Capítulo Quinze

Cecilia Ruiz odiava cada segundo por estar onde ela estava e fazer o que ela estava fazendo, mas não tinha escolha.

Ela não tinha ideia se seria perda de tempo. Tudo o que tinha ouvido e feito foi através de terceiros e até de alguns rumores. As pessoas podiam muito bem ter mentido. Talvez tivesse caído em uma armadilha. Talvez o homem que deveria encontrar não tivesse mercadoria nenhuma. Era simplesmente impossível saber até a coisa acontecer.

O local onde ela deveria encontrar o contato era na borda oeste da Selva Interna. O terreno era consideravelmente plano. Era fácil enxergar em todas as direções. Isso devia ser do plano do contato. Ser capaz de enxergar quilômetros em todas as direções diminuía a possibilidade de *e/le* cair em uma armadilha.

— Um homem que trabalha com o que ele trabalha é naturalmente desconfiado dessas coisas — foi o que disseram para Cecilia. Ela concordou. Se alguém entendia isso, era ela.

Conforme Cecilia andava de um lado para o outro no local de encontro, seus movimentos demonstravam uma graça de uma bailarina. O cabelo dela era cheio de cachos. Na verdade, foi uma surpresa que ele tenha crescido daquele jeito. Ela tinha um corte à máquina desde que podia se lembrar. Às vezes, ainda passava a mão pelos cabelos maravilhada, como se acidentalmente tivesse vestido a cabeça de outra pessoa naquele dia. O rosto dela era anguloso, com uma combinação estranha de pele escura e sardas.

Estava usando um short preto bem justo, uma camisa feita de um material quase transparente e um par de botas de cano médio. A vestimenta fazia Cecilia sentir-se extremamente desconfortável. Mesmo nos dias mais quentes de Nova Prime, quando a temperatura realmente subia bastante, Cecilia não estava acostumada a deixar o

corpo tão à mostra. Mas não tinha escolha. Foi exigência do homem com quem ia se encontrar. Ele queria ter certeza de que ela não estava carregando nenhuma arma, por medo de ser assaltado.

— Fique satisfeita por ele não tê-la feito aparecer pelada — disse o contato que arrumou o encontro.

Era uma estratégia eficaz. Seu velho pulsar era grande demais para ser levado de forma furtiva. Esse tipo de arma era feita para ser poderosa, não oculta. Porém, isso não significava que ela precisava se meter desprotegida naquela situação. Ela trazia uma grande faca de serra escondida na bota, por hábito. A faca daria alguma proteção contra o contato, caso ele tentasse alguma coisa. Além disso, ela tinha o treinamento de Guardiã.

Porém, ela não tinha certeza se uma faca fazia alguma coisa contra um Ursa — ao que parecia, nem os pulsares estavam conseguindo muita coisa. E, ultimamente, as malditas coisas pareciam estar em toda parte. E essa simples impressão parecia ter um efeito negativo. Em dias quentes, quando o ar tremulava, como faria em breve, era fácil se assustar pensando que uma das feras havia aparecido e estava atacando. Nas noites escuras, quando as sombras se esticavam, sempre parecia haver um Ursa escondido nelas, esperando o momento perfeito para atacar.

Cecilia se recostou no ponto de referência onde o homem deveria encontrá-la: uma torre de pedra solitária que, por acaso, se erguia dez metros no ar como se fosse um monumento de terra vermelha. Ela continuou olhando ao redor, ainda pensando no Ursa. E se um deles atacasse agora? Ela não duraria um segundo contra ele. Ela jamais voltaria para casa.

“ O que aconteceu com a mamãe?”, perguntariam seus filhos, e o marido não saberia responder. Talvez tentassem encontrar os restos dilacerados de seu corpo, mas não havia como ter certeza. Seu desaparecimento seria só mais uma pergunta sem resposta na história de Nova Prime.

Então, a distância, ela ouviu o assobio do vento. Ela se virou imediatamente e viu uma nave-veleiro vindo em sua direção. As naves-veleiro eram veículos para uma pessoa, parecidas com as bicicletas da Terra, só que capazes de voar. Eram extremamente manobráveis e alimentadas pelo sol, portanto bem silenciosas e difíceis de ver por serem pequenas. Eram o transporte favorito dos comerciantes do mercado negro, pois os equipamentos dos Guardiões não costumavam detectá-las com facilidade.

Havia um homem pilotando, usando um par de óculos de proteção. Cecilia sentiu-se melhor ao ver vários sacos pendurados na parte de trás da nave-veleiro, como se o homem fosse algum tipo de Papai Noel fora de época. Ela acenou para ele. O homem não acenou de volta. Em vez disso, executou uma ronda lenta, sem dúvida certificando-se de que não havia mais ninguém na área.

Satisfeito, ele planou até o chão e pousou. Depois, saiu da nave-veleiro e ficou de frente para ela. Cecilia tinha mais de um metro e oitenta, mas o homem era ainda mais alto. Lentamente, ele andou na direção dela, com passos comedidos, parecendo avaliá-la a cada passo. Cecilia sentia o coração acelerado. Ele não precisava dela, mas ela com certeza precisava dele, e não sabia o que faria se ele desistisse do negócio.

O homem parecia vagamente familiar, mas ela não sabia por quê. As roupas indicavam que era fazendeiro, mas quem poderia saber a verdade? Ele poderia realmente ser um fazendeiro que conspirava para manter sua plantação escondida do recolhimento de bens comunais e estava interessado em lucrar, apesar de todas as leis de Nova Prime serem contra esse tipo de atividade. Ou ele podia simplesmente ter roubado as roupas de um fazendeiro. Ele podia ter sido parte de um dos saques a depósitos de suprimentos sobre os quais ela havia ouvido falar.

Não importava para ela, e isso era muito triste. Porque houve uma época em que ela lutava pela ordem. E agora, lá estava ela, negociando com esse tipo de gente. Ela se sentiu suja.

Mas a família de Cecilia contava com ela. Era tudo o que importava.

— Vire-se — ordenou ele.

Ela não gostava disso. Dar as costas para esse cara? Nenhum bem poderia advir disso.

— Prefiro ficar olhando pra você, se não tiver problema.

— Você vai fazer o que eu mandar. Quero ter certeza de que não tem nenhuma arma escondida nas costas.

— Eu não tenho — respondeu ela, com firmeza.

— Olha, moça — ele deu mais dois passos na direção dela, estreitando os olhos —, se você quiser aquilo que está no meu veículo, é bom fazer exatamente o que eu... — A voz dele parou de repente.

Um brilho de reconhecimento tomou conta dos olhos do homem.

— Ah, não, tá de brincadeira. Você acha que eu sou idiota? O negócio está cancelado. — Ele puxou um pulsar da cintura. Era um modelo antigo, maior e mais desajeitado do que os dos Guardiões. Mas ainda assim era letal, e Cecilia estava lá parada, pega de surpresa. — Na verdade, eu deveria simplesmente atirar em você, só por princípios. — Ele começou a recuar apressadamente.

— Espera! — pediu Cecilia, seguindo-o. — Eu não estou entendendo!

O homem deu um tiro de alerta aos pés dela e levantou terra e pedras bem na frente de Cecilia. Ela parou no mesmo instante. Ele levantou a voz, ecoando por toda a planície.

— E se qualquer um de vocês tentar alguma coisa, ela morre!

Parada no mesmo lugar, ela perguntou, frustrada:

— Do que você está falando? Com *quem* você está falando?

— Você acha que eu sou idiota?! — retorquiu o homem.

Não, mas eu não estou confiando muito na sua sanidade.

— Não tem ninguém aqui além de nós dois — declarou Cecilia, com paciência forçada. — Você mesmo viu.

— E eu mesmo vi *você* também. Quando me prendeu, há nove anos. Eu tinha um negócio ótimo com a venda de armas quando *você* e seus Guardiões acabaram com tudo! *Você* parece diferente, mas eu nunca esqueço uma voz.

Droga. É por isso que ele me pareceu familiar.

Ele continuou recuando, o pulsar apontado para ela. Nesse momento, ela percebeu que só tinha uma escolha desesperada. Tentar convencê-lo da verdade. Exceto pelo fato de que a única coisa que o impedia de atirar nela era acreditar que havia caído em uma armadilha. Se ela conseguisse fazê-lo acreditar na verdade sobre sua situação de vida, era bem possível que fosse recompensada com um tiro na cara.

Mas não achou que tinha muitas opções.

— Olha — disse ela, desesperada —, eu não sou mais uma Guardiã!

— Sei...

— Não sou! Olha só. — Ela esticou a mão, com a palma voltada para o chão. Estava tremendo, balançando constantemente como se tivesse algum tipo de paralisia.

O traficante parou e observou.

— E o que isso quer dizer? — perguntou ele com cautela.

— Nervos danificados — respondeu ela. — Fui ferida em combate. — Ela apontou para uma enorme cicatriz na parte de dentro do antebraço. — Não consigo segurar uma arma com firmeza. Não consigo mirar. E, se não consigo fazer isso, não sirvo pra ser Guardiã. E, se eu tivesse aceitado o trabalho burocrático que eles me ofereceram, significaria ficar sentada vendo meus antigos amigos fazendo o que eu não era mais capaz de fazer.

— Estou com o coração apertado — zombou ele. Então, curioso, perguntou: — Eles não conseguiram dar um jeito?

— Eles deram. Estava muito pior antes. — Ela abaixou os braços, mas manteve as mãos esticadas, com as palmas para cima. — Eu me casei com um cara legal. Ele era operário de uma fábrica. Mas a

fábrica fez uns cortes e ele foi dispensado. Mandaram ele procurar trabalho em outro lugar. Com a estiagem, não foi fácil.

O planeta nunca havia passado por uma estiagem como essa. Ela durou meses e acabou com as reservas de alimento da colônia. Forçou os meteorologistas Savant a correr atrás de respostas, fazendo novas pesquisas e conferências. Mas, principalmente, deixou as pessoas famintas e desesperadas.

— Eu tenho duas filhas — prosseguiu Cecilia —, e nós dois estamos desempregados...

— Você vai me contar a história da sua vida agora? — quis saber o traficante, com uma risadinha. — Ah, isso é ótimo. Isso é demais.

— Eu sei que você não dá a mínima... — disse Cecilia.

— Não, não, continua. — Ele gesticulou para que ela prosseguisse. — Eu tô adorando isso. Não podia ser melhor. Você aí dizendo que eu deveria sentir pena de você.

— Olha — recomeçou ela, com um tom de urgência —, o que quer que você seja, ainda é humano, como eu. E nós deveríamos estar unidos contra essas criaturas que querem matar todo mundo, não atrapalhando uns aos outros enquanto tentamos sobreviver.

— É, esse é um discurso muito bonito, princesa. — Só havia desprezo na voz dele. — Mas se você não estivesse com o braço ferrado e ainda estivesse com um uniforme de Guardiã, e eu estivesse contando sobre meus problemas, o que você faria? Eu vou te dizer: você me jogaria numa cela. Não é? Não estou certo?

Ela não conseguia olhá-lo nos olhos.

— Provavelmente.

— Provavelmente? — perguntou o homem.

— Certamente — corrigiu-se ela, com um suspiro.

Ele se curvou levemente, parecendo mais um gesto de zombaria do que qualquer outra coisa.

— Obrigado pela sua honestidade.

Então, virou-se e começou a caminhar. Ainda estava com o pulsar enorme na mão.

— Espera! — gritou ela. — Por favor, me venda a comida. Precisamos dos grãos, das verduras...

— Pra você? — Ele se virou e apontou a arma para ela. — Tem sorte de eu não matar você imediatamente! E eu só não faço isso porque quero que se lembre de como é pra uma mulher como você implorar a um homem como eu. Eu quero que você...

Uma fúria gélida crescia dentro dela. Ainda tinha a faca guardada na bota. Ela estava calculando se teria tempo de puxá-la, preparar o braço e arremessar com força suficiente para cravá-la no peito dele. Seria capaz disso? De virar uma assassina? Estaria tão desesperada?

Então, ela percebeu que o homem parara de falar. O rosto dele estava branco como o de um cadáver. Então, ele levantou o pulsar e atirou nela...

Não. Não nela. Por cima dela.

E de trás dela, de longe, veio um rugido de raiva e irritação.

Ela nem precisou olhar. No instante em que o Ursa rugiu, ela correu direto na direção do homem que abriu fogo contra a criatura. Arfando, ela passou direto por ele, que continuava atirando com o pulsar. O homem parecia preso ao chão, e a única coisa que ele conseguia fazer era continuar atirando.

Cecilia sentiu o chão tremer sob ela. O Ursa estava investindo, diminuindo a distância. Ela não teria a menor chance contra a fera, concluiu, ao ouvir o grito agudo de terror do traficante, seguido pelo som de ossos sendo quebrados quando o Ursa saltou sobre ele. *Eu nem sabia o nome dele*, percebeu ela de repente.

Sabia que, enquanto ouvisse o som de mastigação vindo de trás, ainda tinha tempo. Enquanto corria para a nave-veleiro, ela rezou desesperadamente para que fosse tempo suficiente.

Quando estava a apenas alguns metros da nave, o som de ossos sendo triturados cessou. O terror tomou conta dela, servindo como propulsão extra, fazendo-a saltar para a nave-veleiro e ligá-la.

Infelizmente, seu terror também servia para impelir o Ursa.

Ele correu na direção dela conforme a nave se erguia no ar. Ela só teve tempo de dar uma breve olhada no corpo do homem e virou a nave rapidamente para dar o fora do lugar. *Graças a Deus que eles não podem voar... ou será que podem?*

De repente, a nave deu um solavanco para o lado. Ela berrou e olhou para baixo, já sabendo o que veria. O Ursa estava de pé nas patas traseiras e havia enfiado as garras nos sacos de comida pendurados no veículo. Ele estava balançando a nave como um gato brincando com um rato. Cecilia não teve tempo de colocar o cinto de segurança, e estava se segurando desesperadamente ao controle para evitar ser lançada para fora do veículo.

O monstro rugia furioso, tentando usar os sacos para puxar a nave para o chão. Ele era tão mais pesado do que a nave que ela não tinha nenhuma chance de levar a melhor. Cecilia tinha ganhado altitude, mas só isso, e não duraria muito tempo.

A nave-veleiro estava inclinada a 45 graus e Cecilia estava quase perdendo a pegada. Se isso acontecesse, ela cairia direto nas garras do Ursa.

Só havia uma coisa a fazer. Soltando uma das mãos, ela pegou a faca na bota e se esticou para trás. A única coisa que a mantinha presa à nave eram suas pernas, envolvidas no assento, e os pés nas presilhas.

Ela golpeou com a faca quase cegamente e cortou a corda que mantinha vários sacos atados à nave. A corda se partiu, o Ursa caiu de costas com três ou quatro sacos presos nas garras. O tecido ficou agarrado nas patas da criatura, que arrebentou tudo com um rugido de frustração, mandando comida para todos os lados.

Cecilia voltou para a posição de pilotagem novamente. Um único saco de comida havia restado. Ela acelerou a nave à velocidade máxima e fugiu de lá, com o único saco de comida balançando atrás.

Permitindo-se uma última olhada por sobre o ombro, ela viu o Ursa furioso pisoteando a comida. Cecilia sentiu vontade de chorar ao ver tanta comida destruída sob as patas da criatura. Mas se deu

conta de que não tinha do que reclamar; com um pouco menos sorte, a criatura poderia estar pisoteando sua carcaça.

Ela pensou que deveria sentir pena do traficante. Perguntou-se por um momento se ele também tinha família, outras pessoas que se perguntariam o que haveria acontecido.

Então, afastou o pensamento. Estava viva e isso era tudo o que importava. Naquela noite, com o saco de legumes que conseguiu salvar, Cecilia e os vizinhos fizeram sopa para todos. Parecia a melhor maneira de dividir o que ela havia conseguido. A sopa, em geral, consistia de água com legumes, muito rala. Mas foi o suficiente para dar algum gosto à comida, e todos os vizinhos apreciaram profundamente a consideração da família Ruiz.

Seu marido, Xander, puxou-a de lado enquanto as crianças comiam. Os adultos estavam todos olhando ansiosos, esperando as crianças comerem antes de se servirem.

— Será que eu quero saber como foi que conseguiu tudo isso?

Ela manteve o sorriso no rosto.

— Não — respondeu. — Não me pergunte.

E ele não perguntou.

Capítulo Dezesseis

Trey Vander Meer tinha perdido a noção do tempo.

Podia ter se passado uma semana ou um mês desde que sua família fora exterminada. Ele sabia que não fora no dia anterior, mas, tirando isso, as coisas estavam confusas. Cada vez que ele fechava os olhos, ouvia os gritos de terror na ordem certa: Elena, Michael, Skipper e Natasha. Sempre que tentava dormir, lembrava-se do Guardiã careca gentil que tentara consolá-lo, verificando seus sinais vitais, sentado com ele no abrigo.

Em algum momento, um áugure tomou o lugar do Guardiã. Ele rezou por Vander Meer, ficando ao lado dele, garantindo que ele tomasse banho, comesse e pelo menos tentasse dormir. O pobre rapaz teve que aguentar os delírios de Vander Meer, que devem ter sido muitos e terríveis de se ver.

Pham também foi visitá-lo. Ele foi confortar o amigo, apesar de Vander Meer nunca ter considerado muito a relação de amizade entre eles. Eram colegas, claro. Haviam discutido assuntos com honestidade, mesmo quando não concordavam em alguma questão ou método. Mas... amigos? Esse era um conceito novo para eles, e Vander Meer não sabia se podia aceitá-lo. Parecia pena.

Todo o resto era só um borrão.

Ele se lembrava de alguém dizendo que sua parte da cidade tinha sido abandonada pelos Ursas e que as feras foram atormentar outro lugar. Ele não sabia direito quem havia dito isso, mas tinha certeza de ter ouvido. *Tarde demais*, pensou Vander Meer no momento. *Infelizmente, é tarde demais.*

Amigos e vizinhos enfrentaram as ruas e vieram vê-lo no abrigo. O áugure, cujo nome Vander Meer sempre esquecia, guardou a porta e só permitiu a entrada daqueles que Vander Meer aprovava com um aceno da cabeça.

A maioria apareceu apenas para segurar as mãos do homem e compartilhar histórias sobre sua família que ele talvez nunca tivesse ouvido. Amigos de Michael e Elena apareceram também, sentindo a necessidade de estar lá, talvez só para que ele aceitasse o fato de que as crianças se foram. Os mais jovens não tinham muito o que dizer a Vander Meer, talvez uma palavra ou outra, mas ele aceitou seus apertos de mão desconfortáveis e abraços desajeitados. O áugure os encorajou a voltar para casa o mais rápido possível, enquanto ainda havia Guardiões para escoltá-los. Ele também vigiou para que não roubassem comida, pois o abrigo mal tinha o suficiente para os que estavam lá dentro.

Certa manhã, o áugure ajudou Vander Meer a se lavar, fazer a barba e se vestir. Então, eles foram ao templo mais próximo, que ficava a um quarteirão de distância, onde havia missas para os que haviam falecido recentemente, inclusive a família de Vander Meer. Ele se sentou, atordoado, repetindo as palavras de devoção que sabia de cor, sentindo a dor da perda e mais nada. O enterro, informaram com gentileza, seria em um outro momento. Os corpos permaneceriam refrigerados até que a ameaça dos Ursas passasse.

— Seria na semana que vem? — perguntou ele ao áugure, em meio ao atordoamento. — O Michael vai fazer aniversário. Podemos preparar uma festa. — O olhar de choque do homem impediu que Vander Meer repetisse a pergunta.

Mais ou menos um dia depois disso, ele pediu para visitar o estúdio. O áugure o levou até a porta da frente, apesar de todo o perigo envolvido. O jovem estava preparado para esperar até que Vander Meer quisesse ir embora e levá-lo de volta ao abrigo.

Mas Vander Meer agradeceu o áugure por seu tempo e esforço e o mandou embora, dizendo que ele deveria cuidar dos mais necessitados.

— Eu ficarei bem aqui no estúdio, onde posso retomar meu trabalho.

Pham estava em seu lugar de costume quando Vander Meer entrou. Ele pareceu surpreso ao ver o colega.

— Trey! — exclamou Pham. — O que está fazendo aqui?

— Eu poderia perguntar a mesma coisa a você.

Pham encolheu os ombros.

— Eu pensei que as pessoas deveriam ser confortadas. Ter algum contato. E eu moro a algumas quadras daqui, você sabe. — Ele sorriu. — Você... quer gravar alguma coisa?

Vander Meer puxou uma cadeira.

— Hoje não, obrigado.

— Tudo bem — respondeu Pham —, como quiser. — E voltou ao trabalho.

As horas passaram devagar. Vander Meer olhou as notícias e percebeu que, apesar de os Guardiões continuarem a combater os Ursas, tanto eles quanto os cidadãos estavam morrendo. As criaturas alienígenas pareciam invencíveis.

Havia escassez de suprimentos. Nem os envios de emergência da cidade de Nova Terra eram o bastante. As pessoas estavam famintas e a liderança tríplice parecia incapaz de dar conta da crise.

A primeira-comandante se recusava a ajudar as pessoas que queriam fugir da cidade. A preocupação dela, como foi declarada várias vezes, era que os Ursas as seguissem e descobrissem a cidade de Nova Terra. O povo da cidade de Nova Prime talvez entendesse e até concordasse com a decisão de Wilkins, mas ainda assim se sentiam como cordeiros esperando o abate.

Com o cair da noite, Pham pareceu querer voltar para casa. Porém, ele hesitou ao reparar que Vander Meer ainda estava vendo as notícias.

— Por que você não vem pra minha casa? — perguntou Pham. — Eu não posso oferecer uma refeição de restaurante, mas, pelo menos, você vai ter companhia.

— Não, obrigado — respondeu Vander Meer. — Eu vou ficar bem aqui.

Ele continuou vendo as notícias durante a noite, e, com o passar das horas, absorveu os relatos pessoais de Ursas avistados, os atos de heroísmo individuais e as histórias de tragédias como a dele. Apesar do véu que nublava sua mente, ele conseguia ver que a pressão sobre os sistemas que mantinham a sociedade ficava cada vez maior. Estava claro para ele que os Ursas estavam vencendo. Em sua mente, ele podia ver uma contagem regressiva para a morte da cidade em cada tela.

Vander Meer chegou a conclusões que antes teriam parecido radicais para ele, mas agora soavam totalmente racionais. Começou a formular um discurso em sua mente. Conforme os primeiros raios do dia apareceram na janela, ele o enunciou para o espelho onde costumava colocar a maquiagem.

Não está bom o suficiente, pensou.

Então fez algumas modificações, ajustando a ordem das coisas e repetiu o ensaio. Quando Pham chegou cedo para trabalhar, sem dúvida preocupado com o amigo, Vander Meer estava pronto.

— Eu tenho um comentário para ser gravado e transmitido o quanto antes — disse ele, como saudação.

Pham abriu um sorriso. Ele entregou uma garrafa de café e um pão doce que havia trazido de seus suprimentos particulares minguentes.

— Vou liberar um tempo na programação — disse ele, saindo apressado.

Pouco depois, após Vander Meer comer e beber sem pensar no que estava fazendo, ele colocou a maquiagem. Então, foi se acomodar em seu lugar de costume em frente à câmera. Pham sentou-se diante dos controles.

Vander Meer viu Pham ativar o botão de segurança no console que cortaria o sinal imediatamente caso o comentarista dissesse alguma coisa que ele considerasse inapropriada. E ele sorriu. Segundo seus cálculos, Pham não precisaria usar esse recurso.

A luz vermelha acendeu, dizendo que era hora de Vander Meer falar.

Porém, ele não ficou sentado. Queria transmitir a magnitude do problema, então se levantou e começou a caminhar por um momento. Pham, astuto como sempre, abriu o ângulo e ajustou a câmera para capturar os movimentos.

Por fim, Vander Meer se virou para a câmera e falou.

— Meus amigos — disse ele —, eu gostaria de agradecê-los por se afastarem de suas próprias preocupações para me apoiar neste momento de perda. É claro que a tragédia que recaiu sobre minha família não é diferente da que tantos de vocês já experimentaram. Ainda estou sofrendo e em luto. Mas, assim como não tivemos tempo de enterrar os mortos, não temos tempo para lamentar as perdas. Precisamos nos concentrar no perigo imediato.

“Vi a selvageria dos Ursas pessoalmente. Eles são máquinas de matar, sem nenhuma dúvida. Eles nos escapam, apesar de nossos esforços para encontrá-los e rastreá-los. Eles resistem aos pulsares, até onde se sabe. Precisam de pouco descanso, se é que precisam de algum.

“Então, ficamos em nossas casas e abrigos, famintos, vendo nossas famílias sendo destruídas. Nos acovardamos como crianças assustadas, preocupados com os monstros debaixo da cama. Enquanto isso, os Ursas estão livres.

“Mas eles podem ser derrotados, e somos nós que podemos fazer isso. Não tenho nenhuma receita mágica, uma solução para nossos problemas. Mas nós somos o povo que encontrou um meio de construir as arcas e escapar de um planeta tóxico. Somos o povo que tantas vezes encontrou saídas de dilemas quando parecia que sem dúvida destruiriam nosso espírito.

“Às vezes, nós precisamos de inspiração.

“Os Guardiões estão claramente sobrecarregados. Eles precisam de nossa ajuda.

“Às vezes, nós precisamos de motivação.

“Então deixem-me motivá-los, meus amigos.

“Eu darei um prêmio de um milhão de créditos, que é tudo o que me resta no mundo. Para consegui-lo, basta ser o primeiro a me trazer o cadáver de um Ursa. Não, não precisa ser um cadáver inteiro. Só a cabeça. Traga a cabeça aqui para o estúdio, prove que matou o monstro e a recompensa será sua.

“Há cerca de três dezenas de Ursas caçando em nossas ruas, então vocês têm muitas oportunidades. E não precisam matar todos eles. Basta um. *Um.*”

“Vou permanecer acampado aqui no estúdio, esperando a primeira pessoa que chegar para reivindicar o prêmio. Boa caça, meus amigos.”

E, porque Pham sabia exatamente o que fazer, a luz vermelha se apagou na hora certa,

Vander Meer sentou-se, exausto. Aparentemente, ele ainda estava longe de recuperar as forças. Mas recobrou o suficiente para passar a mensagem.

Pham desligou a câmera e as luzes, de boca aberta.

— Você acha que alguém me ouviu? — perguntou Vander Meer.

Pham assentiu.

— Eu tenho certeza que sim. E quem não ouviu pessoalmente, vai ficar sabendo em breve.

Vander Meer fechou os olhos. Os monstros iam pagar. Sua família seria vingada.

Lyla nunca tinha ouvido as transmissões de Vander Meer e estava ainda menos disposta a ouvir agora que estava concentrada em transformar sua pesquisa no tipo de arma que os Savant queriam. Mas, graças às brincadeiras que seus colegas faziam entre si no canal de comunicação dos Savant, ela ficou sabendo que as transmissões ainda existiam apesar de tudo.

A primeira-comandante chegou a pensar em cortar a transmissão por razões morais, mas optou por não fazê-lo. Vander Meer era astucioso, e sua transmissão era muito conhecida. Se ela sumisse de repente, depois de ter sido tão crítica contra os Guardiões, o povo acreditaria que ele tinha argumentos válidos, e que os Guardiões estavam com medo.

Então, apesar da irritação de algumas pessoas dentro da organização dos Guardiões, Vander Meer podia continuar transmitindo. Pelo que os colegas de Lyla estavam dizendo, o comentarista achava que os Guardiões estavam sobrecarregados. Ele falava de como a situação estava rapidamente se transformando em cada um por si. Ele falava de como continuaria oferecendo recompensas por cada cabeça de Ursa levada até ele porque ele, Vander Meer, era o único capaz de fazer o povo se erguer e fazer aquilo de que os Guardiões não eram capazes.

Lyla deliberadamente ignorou a controvérsia. Ela tinha trabalho a fazer.

Mas enquanto Cecilia Ruiz estava sentada em sua pequena casa, olhando para o restante das verduras que ela tinha conseguido trazer de sua aventura infeliz com o traficante, ouviu as palavras de Vander Meer.

E então começou a *escutar*.

Conner poderia ter se sentado no alojamento com os outros cadetes e ouvido mais uma crítica de Trey Vander Meer, mas ele não aceitava a ideia. Antes, Vander Meer o enfurecia. Agora, com seu chamado aos cidadãos para combater os Ursas, Vander Meer tinha passado de desprezível a perigoso.

Infelizmente, Conner não podia fazer nada quanto a isso. Aparentemente, ninguém podia.

Em sua folga, a primeira em muito tempo, ele escolheu não ficar com os outros cadetes, mas ver sua tia Bonita uma última vez.

Não poderia falar com ela novamente. Não poderia abraçá-la. Mas, graças a uma gravação feita por um satélite da colônia que registrava os movimentos de cada Guardiã que estivesse visível da órbita, ele podia sentar-se em uma sala do centro de comando e vê-la morrer.

Não era fácil. Mas era *ela*. Foi o que ela fez nos últimos momentos de vida. Então, Conner assistiu, e o fez com gratidão.

Ele não esperava conseguir nada útil. Nem de longe. Daí veio a surpresa quando ele se deu conta de que a tia havia feito algo que ele nunca imaginou que fosse possível.

Apesar do fardo aguçado da criatura, Bonita conseguiu surpreender uma delas. Ela chegou perto o suficiente, sem que a criatura notasse, para dar um tiro à queima-roupa com o pulsar e deixar um talho aberto no couro da criatura, logo acima de sua boca enorme.

E o mais importante: o Ursa caiu. Por quatro ou cinco segundos, ficou atordoado. E se não tivesse caído em cima da tia Bonita, jogando-a ao chão com seu peso, ela poderia ter aproveitado a vantagem.

Mas não pôde, pois estava presa. Com tempo para se recuperar, a criatura se levantou e a matou.

Conner se recostou na cadeira, com os pensamentos a toda. Sua tia havia derrubado um Ursa. Ele viu o que tinha acontecido, mesmo que os Guardiões que serviam sob o comando dela não tivessem notado. Ela havia *atordoado a criatura*.

Conner se lembrou do que havia feito no jogo de guerra, de como se aproveitara da agressividade de Lucas Kincaid para encurralá-lo. Foi isso que sua tia fez com o Ursa.

Pelo menos, era o que parecia.

Talvez ele estivesse absoluta e terrivelmente enganado. Talvez ele fosse só um cadete tirando conclusões precipitadas. Certamente, era isso que as pessoas diriam. Só havia um jeito de descobrir.

Capítulo Dezessete

Três semanas disto. Ou são quatro? Deus, por quanto tempo mais isso vai continuar?

Torrance Raige sentiu que estava prestes a enlouquecer. Sua esposa tinha morrido. Por toda a cidade, e pelos arredores, os Guardiões estavam sendo caçados impiedosamente pelos Ursas. Toda Nova Prime estava sendo arrastada para uma situação de desespero que ele jamais poderia ter imaginado.

Quando isso vai parar?

Seus ferimentos haviam cicatrizado, e Torrance fora mandado de volta ao campo de batalha, como parte de um grupo de busca e destruição composto por dez Guardiões. Com tantos deles operando tão próximos, a maior preocupação era não atingirem uns aos outros. Então, precisavam ficar sempre extremamente conscientes da posição de seus companheiros. Especialmente porque os Ursas tinham o hábito terrível de aparecer do nada, no meio de ajuntamentos. De certa forma, era um microcosmo que representava bem a existência da humanidade em Nova Prime. Em um minuto, tudo estava bem. No seguinte, os Skrel apareceram e foi um caos infernal.

Você está divagando. Concentre-se.

Os Guardiões estavam caminhando por uma área acidentada, montanhosa. Ninguém nunca havia se preocupado em dar um nome a ela, o que era estranho, já que a humanidade tinha tendência de tacar nomes em cada porcaria que encontrava. Não havia uma folha verde em qualquer parte, só uns arbustos marrons aqui ou ali. O caminho alternava entre curvas serpenteantes, às vezes tão estreitas que o grupo precisava andar em fila única, planaltos e penhascos. Para piorar a situação, o lugar era cheio de cavernas. Na verdade,

era como um labirinto arenoso de pedras marrons, curvas fechadas e buracos onde um Ursa poderia estar à espreita.

Por que estavam lá? Porque, ao contrário do que se pensaria, dois Ursas haviam ido naquela direção. Eles não sabiam o motivo e queriam descobri-lo logo. O medo, e era um medo *dos grandes*, era que estivessem lá para procriar. Talvez alguns Ursas tivessem sido criados especificamente para isso, especulavam os Savant.

Ou talvez fosse outra coisa. Eles simplesmente precisavam saber. E se a missão de Torrance fosse bem-sucedida, eles descobririam.

Ele ouviu o som de um varredor dos Guardiões, um grande veículo aéreo que pairava estrondoso acima deles, explorando as redondezas e servindo como visão aérea para ajudar as forças terrestres. O relatório soou no comunicador de todos os Guardiões na área.

— Nenhum sinal dos malditos.

— Isso não significa baixar a guarda — foi a resposta decidida de Marta. Ela estava mais ou menos dez metros atrás, e Torrance pôde ouvir a determinação em sua voz. Ela também havia se recuperado de seus ferimentos e estava de volta ao campo de batalha.

Mas, para Torrance, ela parecia ter recuperado *mais*.

— Você vai ficar bem? — perguntou Marta, ainda preocupada com o efeito da morte de Bonita sobre ele.

Torrance olhou para ela e, por um momento, deixou transparecer a frustração e a sensação de desespero que estava sentindo nas últimas semanas.

— Algum de nós vai ficar bem?

— Sim — respondeu ela, com uma certeza na voz que sempre melhorava o humor dele. — Sim, nós vamos ficar bem. Faz tempos que os Skrel tentaram nos destruir, e sobrevivemos. E sobreviveremos novamente. Porque eles nos subestimam. Acham que não passamos de formigas a serem pisoteadas. Mais cedo ou mais tarde, eles vão aprender a lição.

— E se, quando aprenderem a lição, eles decidirem simplesmente destruir o mundo de vez? — indagou Torrance.

— Se quisessem fazer isso, já teriam feito — respondeu Marta, com firmeza. — Aqui tem alguma coisa que eles querem.

— Então por que simplesmente não dizem o que é?

— Porque não conseguem se comunicar conosco, ou talvez achem que não precisam. Eles acham que nós simplesmente vamos embora. Mas estão errados.

— Setor onze limpo! — soou a voz de Freeman, um de seus companheiros. Eles haviam dividido a área e estavam explorando setores, verificando metodicamente um por um para garantir que não haveria nenhum Ursa escondido.

— Setor nove limpo! — veio o relatório de Swan.

Houve silêncio nos comunicadores. Marta se aproximou e falou:

— Setor dez, na escuta?

Marta e Torrance olharam um para o outro nervosos por não obter resposta. *Eles* estavam no setor dez.

Torrance falou imediatamente no comunicador:

— Norris? Você está aí? Relatório de status. — Quanto mais o silêncio durava, mais preocupados eles ficavam. — Norris! Droga, responda!

Marta começou a digitar algo no aparelho de comunicação que usava no antebraço. Uma luz piscou em retorno.

— Consegui a localização dele. — Rapidamente, ela passou os dados aos Guardiões nas redondezas e todos correram naquela direção.

Torrance ouviu o restante do esquadrão correndo atrás deles. Pelo menos tinha gente cobrindo a retaguarda. Ele havia sacado o pulsar, pronto para qualquer coisa que encontrassem.

Como assim "qualquer coisa"? Só tem uma coisa com a qual se preocupar em encontrar, e você não tem como se preparar pra ela. Ele trincou os dentes. Na verdade, posso sim. Eu sou Torrance Raige, droga, e não houve uma única coisa na história da

humanidade, incluindo a perda da Terra, de que minha família não tenha conseguido dar conta. E isso não vai mudar agora.

O caminho estreito se abriu em um platô.

— Ele está bem à frente — avisou Marta. A voz dela era firme, mas havia um leve nervosismo.

— Ninguém se mexe — ordenou Torrance bruscamente. — Porque não estou vendo ele. — Seu olhar percorreu toda a área à frente e não havia sinal de Norris. Não parecia ter nem...

Então ele viu. No outro lado do platô, ele viu a mão de Norris.

Só a mão, caída em frente a um amontoado de pedras. Seu computador de pulso piscava, indicando que ainda funcionava.

Não é possível. Duvido que os Ursas tenham plantado isso aí para nos atrair. Impossível. Ele deve... Meu Deus! Ele deve ter engolido Norris inteiro! Ou quase inteiro. Agora dá pra ver, o corte serrilhado logo acima do pulso. Ele simplesmente o pegou, engoliu, e quando Norris tentou escalar pra fora, ele fechou a boca. Os gritos foram abafados.

Tudo isso passou pela cabeça de Norris em um segundo. Seu olhar varreu o platô. Não havia nada lá. O Ursa se fora.

Não... ele está aqui, pensou. Então, ouviu o rosnado da criatura, que o fez gelar até os ossos.

— Ele está aqui! — gritou ele.

Um segundo depois, o monstro surgiu no raio de visão. Ele pareceu hesitar por um momento, tentando decidir quem atacar primeiro.

— Fogo! — berrou Torrance.

Disparos de pulsar choveram no Ursa, mas não estavam causando muito dano. Eram, no máximo, incômodos. *Sem surpresa.*

De repente ele viu, horrorizado, que Marta estava avançando, tentando se aproximar. Certamente, esperando que um disparo mais próximo causasse mais estrago.

— *Recuar, Guardiã!* — ordenou Torrance, aos berros. — *Recuar!*

Ele não parou de disparar enquanto a agarrava pelo cotovelo e a puxava para longe da criatura.

O Ursa fez um movimento brusco com a cabeça. Estava, por assim dizer, de olho nele. Então o Ursa rugiu. E atacou.

Em um esforço para afastá-lo dos outros, Torrance correu pela beirada do platô enquanto continuava atirando. A cabeça do Ursa se moveu para rastreá-lo, fazendo-o mudar o rumo, afastando-se dos outros Guardiões. Eles convergiram contra a criatura unidos, disparando salvas de todas as direções. O Ursa sentiu o poder de fogo concentrado e, ainda atrás de Torrance, urrou de dor.

Vendo a boca do bicho escancarada, Torrance aproveitou para mirar. *Vamos ver o quão invulneráveis esses desgraçados são por dentro*, pensou.

Mas, antes que pudesse disparar, a criatura deu uma patada nele. Ele saltou para trás rápido o suficiente para evitar o pior do golpe, mas ainda assim a pancada o jogou longe.

Ele deu um giro no ar e se preparou para cair de pé. Mas, quando foi colocar os pés no chão, viu que não havia nada sob ele.

O Ursa jogara Torrance para fora do platô. Abaixo, havia uma queda de centenas de metros até o solo. A única coisa que passou pela cabeça dele foi: *É assim que eu vou morrer? Assim? Que coisa mais idiota.*

Então, ele despencou. E ouviu um grito, mas não era o próprio, e sim o de Marta.

Marta viu Torrance cair para a morte e sua mente desligou. Sem pensar na própria segurança, sem pensar em nada além da necessidade de dar um fim ao monstro, ela avançou com uma rajada contínua. Ela não sentia medo. Não sentia nada além de pura fúria.

— *Morre, seu filho da mãe!* — gritou ela.

O Ursa se virou e rosnou, seu hálito podre caindo sobre ela. Marta continuou a atirar, na esperança de pará-lo apesar de tudo o que

havia ouvido, mas a criatura não parou. Ela recuou para dar o bote.

Um disparo do alto com muito mais potência do que os pulsares manuais cortou o ar e acertou a lateral do Ursa. Era o varredor dos Guardiões, dando um rasante que permitiu atingir o Ursa no meio do salto. O impacto foi tão poderoso que jogou o Ursa contra uma parede de pedras.

Infelizmente, Marta estava entre o Ursa e a parede de pedras.

Ela tentou se mover, mas tudo aconteceu rápido demais e o Ursa bateu contra ela em um impacto tremendo. O Ursa não pareceu perceber que havia esmagado alguém, o que não era surpreendente. O couro da criatura era tão grosso que estava aguentando disparos de pulsar à queima-roupa, então não havia por que ele perceber que havia batido em alguém.

O varredor deu mais um rasante, atacando o Ursa sem parar. Marta se afundou no chão, quase inconsciente, com os braços e as pernas em ângulos que não deveriam ser possíveis.

O Ursa pareceu não percebê-la. Em vez disso, ficou completamente concentrado no varredor que vinha em sua direção. A criatura podia não ter olhos, mas o estrondo do pulsar que o atacava servia de guia, e o barulho do varredor era mais que suficiente para terminar de ajudar a criatura a rastreá-lo.

Com um rugido furioso, o Ursa saltou na direção do varredor. O piloto ajustou rapidamente o curso, mas a nave pesada não era um voador Kelsey. Ele era feito para transporte, não para batalha. Os canhões haviam sido acrescentados recentemente, na tentativa de transformá-lo em um veículo de combate. Não era projetado para fazer manobras rápidas, e isso custou caro.

O Ursa caiu bem na parte frontal do varredor, onde ficavam os canhões. As pernas traseiras da criatura se movimentaram até as garras conseguirem se firmar. Ele escalou até o topo do varredor e atacou a nave com tudo. O varredor se inclinou para os lados e depois deu um giro completo, na tentativa de se livrar do monstro. A

manobra não deu resultado. As garras da criatura estavam encravadas no casco do varredor. O Ursa não iria a lugar nenhum.

Não havia como os Guardiões do solo atirarem no monstro. Não sem danificar a nave. Pelo que Marta conseguia ver, semiconsciente, parecia óbvio que o varredor seria a única coisa danificada por disparos de pulsar, já que o Ursa estava resistindo a tudo o que haviam tentado usar contra ele até o momento.

De repente, o varredor reajustou o curso e passou zunindo pelos Guardiões no platô. Estava se movendo tão rápido que, em questão de segundos, o veículo e o Ursa estavam fora do raio de visão. Mesmo em um mar de dor que ameaçava sobrepujá-la, Marta conseguiu perceber que o piloto havia voado na direção oposta da cidade de Nova Prime.

Ótimo, pensou ela. E desmaiou.

Cecilia Ruiz lembrava-se do estande de tiros incrível a que tinha acesso quando era Guardiã. Os alvos eletrônicos permitiam determinar na casa dos centímetros a precisão de seus disparos. Ela sempre se orgulhou de estar entre os melhores três por cento no quesito precisão.

Mas ela estava o mais longe possível desses dias de glória. Agora estava no campo atrás de sua casa, apesar de a palavra *campo* ser um pouco exagerada para descrever o local. *Campo* remetia a imagens de vastidões verdes. Este tinha apenas alguns arbustos marrons, mais nada.

Com uma pedra na mão, Cecilia caminhou até o poste central de uma cerca de arame que circundava a humilde propriedade de sua família. No momento, ela nem conseguia lembrar por que Xander havia erguido a maldita cerca. *Deve ter sido pra se ocupar*, pensou. *Alguma coisa pra passar o tempo*.

Como se não fosse ruim o bastante ele estar sem emprego, chegaram os Ursas. Para falar a verdade, eles não estavam muito

bem, mesmo antes disso, mas ao menos tinham como colocar comida na boca das crianças, e havia a possibilidade de Xander conseguir um emprego em uma nova usina de força, que se fez necessária pelo crescimento populacional da cidade.

Agora, não tinham nem isso.

Então, Xander foi ferido em uma revolta por comida. Ele nem era um dos caras tentando atacar os Guardiões que vigiavam o lugar. Tinha respeito demais pelo Corpo e pelo trabalho que estavam tentando fazer. Ele só estava na cidade procurando trabalho, e acabou sendo pisoteado quando as forças aéreas repeliram a multidão.

A perna dele foi torcida de um jeito tal que se deslocou do quadril. Ainda assim, ele conseguiu voltar pra casa. Quando Cecilia o encontrou caído na porta de casa, machucado e abatido, ficou tão furiosa que quis encontrar uma multidão qualquer e abrir fogo. Ela o arrastou para dentro e colocou a perna dele no lugar, fazendo-o soltar um grito de dor de que nunca mais se esqueceria. Os filhos, John e Abby, de 6 e 4 anos, choraram ao ouvir o pai sofrendo tanto. Agora, ele estava de muleta, se sentindo mais inútil do que nunca...

Cecilia afastou tudo isso da mente. Caminhou trinta passos, mirou a pedra e tentou firmar a mão. Ela envolveu firmemente o pulso direito com a mão esquerda para tentar conter os tremores. Foi só parcialmente bem-sucedida. Em vez de parar a mão que estava tremendo, acabou com a esquerda tremendo também.

Ainda assim, ela fez tudo o que deveria fazer. Mirou com o máximo de precisão, respirou fundo, exalou devagar e disparou.

O primeiro feixe passou a uns quinze centímetros do alvo. Ela tentou reajustar e o segundo passou ainda mais longe. O terceiro atingiu a cerca, derrubando-a e jogando a pedra no chão.

— Fantástico — murmurou.

No passado, teria sido capaz de acertar a pedra de uma distância duas vezes maior, sem dificuldade. Por um momento, a raiva tomou

conta e ela pensou em jogar o pulsar no chão e ir embora. Mas isso não serviria de nada.

E ela tinha coisas importantes demais a fazer.

Capítulo Dezoito

Lyla Kincaid inspirou fundo e soltou o ar. Então, observou a tela holográfica que flutuava a sua frente se acender, com a imagem da Savant adjunta.

— Bom dia — cumprimentou Vincenzo.

— Bom dia — respondeu Lyla.

— Eu gostaria de ter tempo para amenidades, mas não tenho — disse Vincenzo. — Sua pesquisa é na área de amplificação da capacidade auditiva, correto?

— Sim — respondeu Lyla.

Ela transmitiu o arquivo que continha o resultado de seus esforços para transformar sua pesquisa em uma arma. E observou enquanto a mulher passava os olhos pelo documento. Não pareceu muito entusiasmada.

— Ele amplifica o som para criar... um som mais alto — explicou Lyla. — Eu pensei que, se os Ursas tiverem tímpanos...

Era uma tentativa bastante fraca, e a engenheira sabia. Mas, por outro lado, ela havia começado com um aparelho auditivo, pelo amor de Deus. As pessoas o colocam no *ouvido*.

Vincenzo estava com o cenho franzido quando levantou os olhos para ela.

— Esse é o melhor que consegue fazer?

— Com o que eu estava trabalhando, é. Mas, pra dizer a verdade, eu não vi muito potencial neste projeto.

— Seu trabalho não é julgar isso. Seu trabalho é encontrar uma aplicação que possa nos ajudar contra os Ursas.

— Eu sei — respondeu Lyla. — E foi por isso que coloquei essa tecnologia de lado para trabalhar em outra. Mais especificamente, uma que meu ancestral Jack Kincaid criou.

Vincenzo franziu a testa mais ainda.

— Você está falando da tecnologia F.E.N.I.X.?

— Sim — admitiu Lyla.

— Nós falamos sobre isso na explicação. A tecnologia F.E.N.I.X. foi útil quando estávamos lidando com ataques aéreos. Mas os Ursas são um problema diferente.

Lyla se inclinou para a frente.

— Claro que sim. Mas, se adaptarmos a tecnologia F.E.N.I.X. da forma que sugeri aqui, creio que possa ser uma solução tão eficiente agora quanto foi na época de Jack.

E então enviou o arquivo com seus *outros* planos.

Por um momento, Lyla pensou que a mulher fosse rejeitá-los de cara. Mas ela não o fez. Analisou o projeto com calma. E continuou lendo, o cenho franzido, por muito tempo além de quando Lyla achava que fosse parar.

Finalmente, Lyla perguntou:

— O que acha?

Ainda examinando, Vincenzo sacudiu a cabeça.

— Não acho que vá funcionar.

Lyla sentiu a garganta apertar. Depois de todo aquele trabalho, ela sentiu vontade de protestar. Mas não podia. Essa era a vice dos Savant.

Porém, havia vidas em perigo, inclusive a de seu irmão. Ela se arriscou a perguntar:

— Está vendo alguma falha?

— Algumas — respondeu Vincenzo.

Algumas?

— Pra começar — disse a Savant —, a blindagem é insuficiente para proteger o usuário da reação nuclear. Não queremos Guardiões sofrendo com a radiação assim que levarem um desses para o campo de batalha. Por outro lado, uma blindagem adequada tornaria a arma pesada demais para carregar, que dirá manejar.

“Em segundo lugar, você está limitada pela velocidade de reação humana. Na forma de projétil, as adaptações da tecnologia F.E.N.I.X.

seguem padrões programados. No combate corpo a corpo, as adaptações vão depender do comando dos Guardiões. E quando conseguissem dar esses comandos, já teriam virado comida de Ursa.

“Terceiro — prosseguiu Vincenzo, sem perder o ritmo —, você precisa de mais supercondutoras para algo deste tamanho. Senão, o campo quântico fica imprevisível demais e o aparelho vai explodir na sua cara.”

Lyla não concordava. Mas não importava, a decisão não era dela.

— Mas a grande pergunta é: será que a solução está em uma arma corpo a corpo? — questionou a Savant adjunta. — Quero dizer, será que realmente queremos chegar perto desses monstros?

— O problema — explicou Lyla — é que os Ursas estão em cima da gente antes que possamos reagir. A distância geralmente não é uma escolha nossa.

A Savant adjunta pareceu processar a informação.

— Queria não ter recursos tão limitados — disse ela, por fim. — Infelizmente, temos que pensar muito bem sobre onde apostar nossas fichas. Não podemos nos espalhar muito.

A engenheira engoliu a decepção. Ela pensou realmente ter criado algo que valesse a pena. Obviamente, Vincenzo pensava o contrário. Mas Lyla não ia desistir tão fácil. Ela ainda podia fazer a coisa funcionar. Ainda podia dar aos Guardiões a arma de que precisavam. Já estava decidida a desobedecer à Savant adjunta e prosseguir com o projeto sozinha, quando Vincenzo disse:

— Trabalhe mais nisso.

Lyla olhou para ela.

— Trabalhar mais nisso?

— Sim. Avise-me quando tiver resolvido os problemas que apontei.

A engenheira sorriu por dentro.

— Farei isso. Obrigada. Imediatamente.

— Não precisa agradecer — disse Vincenzo, e sua imagem sumiu da tela.

Lyla sentiu uma torrente de triunfo. *Isso!*, pensou ela.

Mas ainda tinha muito trabalho pela frente. Se não conseguisse dar um jeito nos problemas que Vincenzo tinha apontado, sua grande ideia não serviria para nada.

— Ceci? Que diabos?

Cecilia achou que não fazia barulho enquanto remexia nas coisas da oficina nos fundos da casa. Não era realmente uma oficina; esse era um termo remanescente de um outro tempo. Era simplesmente um estoque, onde guardavam a maior parte das ferramentas de construção.

Uma vida juntos. Na verdade, é isso que nós estamos construindo. E eu tenho que fazer alguma coisa para mantê-la...

Ela se virou empunhando um machete, e deu de cara com Xander. Havia pontos de ferrugem na arma, mas era muito sólida e ainda servia bem. Xander estava lá, apoiado na bengala. Parecia incapaz de processar o que estava vendo. O cabelo castanho estava caído na frente do rosto e ele o jogou para o lado, para poder enxergar melhor.

— Você só pode estar brincando.

A sacola de equipamentos estava aberta no chão. Havia um martelo, uma chave de fenda, um pedaço de corda e um punhado de pregos. Cecilia também tinha algumas outras equipagens, como um binóculos. Além disso, havia um pequeno estoque de comida desidratada, que não era especialmente saborosa, mas que daria para o gasto, e um saco de pílulas energéticas. Uma garrafa d'água estava presa na cintura dela, à esquerda. O pulsar estava do lado direito. Rapidamente, ela fechou a sacola e colocou o machete na bainha lateral.

— Já conversamos sobre isso.

— Eu não pensei que você estivesse falando *sério* — disse Xander.
— Achei que você só estivesse pensando alto.

— Eu não tenho tempo de pensar alto. Nenhum de nós tem. Eu tenho que agir.

— Ceci — ele era o único que a chamava assim —, Vander Meer é maluco. Ele é um babaca oportunista. É loucura colocar o futuro da família em...

— *Nós não temos futuro.* — As palavras saíram numa torrente espontânea, e ela fechou os olhos, tentando recuperar a calma. Quando se acalmou, abriu os olhos e viu a mágoa no rosto dele. Ela ignorou. Não havia tempo para mágoa. — Nossa família está se desfazendo, Xander — explicou Cecilia. — Não é culpa sua. Eu não culpo você. Eu te amo. Mas precisamos de créditos... além disso, não é por causa do Vander Meer. É por... outro motivo.

— Um motivo arriscado.

Ela suspirou.

— Não mais arriscado do que morrer de fome. É isso que está acontecendo com a gente, não é?

— E com todos os outros — disse ele, frustrado.

Cecilia balançou a cabeça.

— Que morram, então. Eu não vou deixar isso acontecer aqui, *conosco*.

— Mas e quanto ao Ursa? As pessoas estão dizendo que não vamos sobreviver a eles, que não podem ser detidos, não importa o que façamos ou que armas usemos. Isso é o que se ouve em todo lugar.

— Então você precisa começar a ouvir outras pessoas em outros lugares — disse ela.

— Mas e se for verdade? — Estava com um tom de desespero na voz. — Não deveríamos passar nossos últimos dias em família?

— Você quer dizer assustados, encolhidos num canto, esperando um Ursa invadir a casa e nos comer? É isso que quer para nós, Xander?

— Ceci...

— Você realmente quer que a última coisa que nossos filhos vejam seja seus pais sendo devorados, sabendo que serão os próximos? Sabendo que falhamos no papel mais fundamental como pais: proteger nossos filhos?

— Ceci, escuta...

— *Para de me chamar de Ceci! Eu não tenho mais 12 anos!*

Cecilia foi na direção da porta e Xander entrou na frente. Ela parou e o encarou, sem acreditar.

— Sério? Tudo o que eu tenho que fazer é dar um chute na sua bengala. Você vai cair de cara no chão. Agora, querido, saia da frente antes que acabe se machucando.

Xander claramente não sabia como reagir. Após alguns momentos, ele mancou para o lado e Cecilia passou pela porta.

— O que sugere que eu diga às crianças? — perguntou ele.

Ela parou, ainda de costas para ele para que não a visse fechando os olhos, sofrendo ao pensar em seus filhos sendo informados de sua ausência.

— Diga que a mamãe estará de volta assim que puder — respondeu ela, com firmeza.

— E se você não voltar?

Desta vez, ela se virou para encará-lo e disse, nervosa:

— Você podia me dar algum apoio, sabia? Estou fazendo isso por *nós*, Xander. Por nossa família.

— Não. Não está — rebateu ele. Xander sempre fora o homem mais tranquilo que ela conheceu. O fato de estar levantando a voz para ela foi um choque. — Está fazendo por você mesma. Nunca fui o bastante pra você. Nem as crianças. Se não tivesse sido chutada do Corpo, nunca teria se casado comigo e nunca teria sido mãe. A questão toda é o seu orgulho e a sua vontade de cair lutando. Esse é o verdadeiro motivo. Então não me diga que é por nós o fato de você precisar cuidar dessas necessidades que você tem e que nem eu nem as crianças podemos satisfazer. Entendido? Espero ter

esclarecido. Agora, por que não vai embora de uma vez? — Como ela não se moveu, ele praticamente gritou com ela: — *Vai!*

Cecilia engoliu seco e assentiu. Estendeu os braços para envolvê-lo, mas ele recuou e virou o rosto.

— Tudo bem — disse ela. — Tudo bem.

Quando Cecilia saiu, ouviu Xander murmurar uma última frase:

— Uma vez Guardiã, sempre Guardiã.

O medicentro estava abarrotado havia dias, e ficava cada vez pior. Os médicos não estavam nada tranquilos, pois os anestésicos estavam acabando e os gemidos constantes das vítimas se tornavam insuportáveis. Eles se encontravam na terrível posição de decidir quem realmente sentia mais dores para receber os anestésicos, e quem não receberia por não estar sentindo dor *suficiente*.

Porém, havia uma pessoa que, sem dúvida, sofria terrivelmente e seria candidata certa a uma dose.

Ela simplesmente recusou.

As camas do medicentro estavam tão próximas umas das outras que mal havia espaço para circular entre elas. Ainda assim, conseguiram afastar Marta Lemov dos outros. Isso porque ela mostrou-se totalmente incompreensiva com os outros pacientes.

Um homem que tivera a metade da pele arrancada por um Ursa estava acamado, enfaixado da cabeça aos pés. De vez em quando, ele gemia um pouco. Mas, mesmo sendo uma reclamação ínfima em relação ao estado dele, era rebatida com impaciência por Marta.

— Cala a boca. Para de choramingar. Você não me ouve choramingando — grunhiu ela, e o homem da pele retalhada parou imediatamente.

Quando ele morreu meia hora depois, devido aos ferimentos, Marta nem reparou.

Porém, ela olhou para cima quando ouviu um “Ai, meu Deus” ali perto. Seus olhos buscaram a fonte.

— Theresa — disse. Não sorriu. Não lhe restava nenhum humor.

— Ouvi dizer que você estava aqui. — Theresa tentou esconder o desalento que sentiu ao ver as pernas quebradas de Marta e o braço preso em uma tipoia. — Falei com os médicos. Eles disseram que você tem sorte.

— Disseram?

— Sim, falaram que há algumas décadas, com ferimentos como esses... você nunca mais voltaria a andar normalmente. Mas com a reconstituição óssea moderna e com a restauração dos nervos da sua coluna, você deve chegar a cinquenta por cento da capacidade em um mês. Isso significa que você vai poder caminhar...

— E lutar? — perguntou ela, nervosa. — Eles vão me deixar enfrentar um Ursa com cinquenta por cento?

— Eu... Eu não sei... — admitiu Theresa.

— Eu sei. Não vão deixar. Não vão me deixar fazer nada além de ver o mundo desmoronando ao meu redor.

— Marta...

— Eu ia competir nos Jogos de Asimov, sabia? — Marta nem tentou esconder a amargura na voz. — Dois anos. Treinei dois anos pra isso. Como se não bastasse terem cancelado tudo por causa dos Ursas, Deus garantiu que eu nunca tenha a oportunidade de competir caso sobreviva e os jogos sejam remarcados.

— Marta, por que você não aceita nenhum analgésico? Os médicos disseram que você deve estar sentindo dor.

— Estou agonizando. Olhe o meu lábio inferior.

— Ele parece...

— Mastigado? — completou Marta. — Isso mesmo.

Theresa fez uma careta, apesar de ter se esforçado para evitar.

— É assim que lida com a dor? Se machucando? — A voz da áugure estava mais suave, e ela estendeu a mão livre para a de Marta. Esta, sem nem perceber, afastou a mão.

Theresa ficou lá por um instante, com a mão estendida, e depois a recolheu.

— Marta... você não deve se sentir culpada por ter sobrevivido...

— Não me sinto culpada — disse ela, secamente. — Mas furiosa. Estou furiosa porque essas coisas estão matando bons Guardiões. Estou furiosa porque dois membros da família Raige se foram. E estou furiosa porque tudo o que tenho para me ajudar a lidar com a situação é este corpo quebrado.

— A vida é mais do que sentir raiva, Marta...

— Não ouse...

— Marta...

Marta parecia preparada para saltar da cama e atacá-la. Mas Theresa nem se moveu. Ela permaneceu onde estava.

Com a voz irregular devido ao esforço de tentar mantê-la baixa, como se não confiasse em si mesma, Marta disse:

— Não ouse começar a falar algum tipo de besteira de áugure sobre acreditar em alguma coisa maior do que nós. Não me venha com esse papo sobre ser testado ou algo assim.

— Eu não ia...

— *Você* não viu as criaturas agindo. *Você* não olhou praquelas caras sem olhos ou viu seus amigos desaparecendo nas gargantas delas.

— Meus irmãos... — protestou Theresa.

— Estão mortos — rebateu Marta. — E sinto muito por você. Mas você não estava lá para vê-los morrer, então não entende. É isso. Esse é o fim dos dias. Essas coisas vão continuar atacando e vão nos destruir. Mais cedo ou mais tarde, todos os Guardiões do Corpo estarão mortos, e não vai restar ninguém pra proteger vocês dos Skrel e dos mascotes deles. E, então, as criaturas vão se banquetear com vocês. Todos vocês. E aqui estou eu, sem poder fazer porcaria nenhuma quanto a isso. Uma guerreira presa em um corpo inútil. Teria sido melhor se a criatura tivesse me matado.

Ela falou com uma intensidade profunda, poderosa. Mas finalmente deixou a cabeça cair de volta no travesseiro.

— Seria melhor ter morrido — sussurrou ela, dando as costas para Theresa.

O impulso da áugure foi de afastar-se para não irritar Marta ainda mais. Não parecia haver solução. A pobre mulher estava perdida em um labirinto mental de frustração e desespero. Quem poderia culpá-la?

Theresa até começou a se virar. Então, pensou em Torrance. Ela não podia trazê-lo de volta. Deus o havia levado. Mas um pouco de Torrance sobrevivia em cada pessoa que o conheceria, e Marta o conhecia melhor do que a maioria.

Portanto, em vez de deixar a mulher lá deitada, Theresa olhou de volta para ela.

— Eu volto amanhã — disse, determinada. — E quantos dias depois forem necessários.

— Você é uma idiota — declarou Marta.

— Sim. Eu sei.

E Theresa a deixou, mas só por enquanto.

Capítulo Dezenove

Enquanto Yang descia a rua estreita, ele desejou mais uma vez que Wilkins não o tivesse colocado à frente do esquadrão de Bonita Raige.

No curto tempo em que serviu com Raige, ele passou a admirar sua confiança, tenacidade e habilidade para coordenar os esforços em equipe. Não seria fácil ocupar o lugar de Bonita, especialmente para liderar homens e mulheres que lutaram ao lado dela. Ainda assim, imaginou que Wilkins devia saber o que estava fazendo. Ela parecia confiante quando chamou Yang no quartel e deu a missão a ele.

No momento, os pensamentos de Yang ainda estavam no abrigo com Vander Meer. Seu coração estava com o homem, independente do que ele dissesse sobre os Guardiões. *Ninguém deveria ter que passar por uma tragédia como essa.*

Não que Yang aprovasse o prêmio que Vander Meer estava oferecendo. Ele nem podia imaginar a que *aquilo* levaria. Vander Meer fizera apenas uma transmissão, mas a notícia se espalhou rapidamente. Tornou-se o vídeo comentado por todos, mesmo com as ruas basicamente desertas.

— Atenção — alertou Carceras ao se aproximarem de um cruzamento.

Ele não estava falando com os companheiros Guardiões, mas com os dois cadetes da equipe. Yang não estava feliz por levar cadetes consigo, mas sabia que precisava deles. Wilkins estava ficando sem Guardiões, já que tantos haviam morrido em confrontos contra Ursas. Ela precisava fazer alguma coisa. Além disso, esses teoricamente eram dois dos melhores cadetes.

Yang não conhecia Ditkowsky, a mulher. Porém, conhecia o garoto, um Raige. Bem, quem *não* o conhecia, depois que venceu

quase sozinho o último exercício dos jogos de guerra? Os boatos se espalhavam rápido entre os Guardiões quando o assunto eram os jogos de guerra, já que todos eles haviam participado quando cadetes. E se espalhavam ainda mais rápido quando alguém fazia uma manobra como a de Conner.

É claro que Wilkins não esperava que o rapaz recebesse tratamento especial. Nem mesmo sendo tão parecido com seu tio Torrance — com ombros largos, olhos escuros e traços simétricos. Na verdade, era mais parecido com ele do que com Frank Raige, que havia sido instrutor de Yang, apesar de o cabelo castanho de Conner ser parecido com o de Frank.

Ao se aproximarem do cruzamento, Bolt e Kromo foram na frente para garantir que não havia um Ursa esperando na esquina. Então sinalizaram para o esquadrão avançar. Há dias que ninguém via uma das feras nesta parte da cidade, mas precisavam permanecer alertas. Senão, haveria ainda menos Guardiões com que Wilkins pudesse trabalhar, assim como uns dois cadetes a menos.

O cruzamento seguinte também não ofereceu problemas. Foi no terceiro que as coisas começaram a ficar complicadas. Foi onde Kromo e Bolt enxergaram uma turba enfurecida de homens e mulheres levando pás, ancinhos e ferramentas de destruição.

Em outras palavras, estavam caçando Ursas.

Yang observou a turba se aproximando. Ele contou doze ou treze colonos, e todos eles olharam de volta para ele. *Parece que tem alguns candidatos à oferta de Vander Meer.*

— Eles vão ser devorados vivos — observou Bolt.

— É, vão sim — concordou Yang.

— Como podemos salvá-los de si mesmos? — perguntou Carceras.

— Vamos ver até onde a conversa nos leva.

Sabendo que era uma figura imponente por causa do tempo que passava fazendo exercícios, Yang foi na frente do esquadrão e

plantou os pés numa posição que dava a entender que ele não se moveria.

A turba diminuiu o passo, cautelosa, mas não parou.

— Precisamos que voltem pra suas casas ou para algum lugar seguro — declarou Yang, em um tom grave que ecoou pelas ruas. — Este não é lugar para civis.

— Por quê? — perguntou um dos homens. — Porque querem a recompensa só pra vocês?

— Só estamos fazendo nosso trabalho — respondeu Yang.

Uma das mulheres deu uma risada debochada.

— Como se já tivessem matado algum deles! Saia da frente e dê uma chance *pra gente*.

— Eles estão loucos — disse Kromo. Ele apareceu por trás do ombro de Yang, ajudando a formar uma barreira humana. Um segundo depois, Arce apareceu do outro lado.

A turba continuou se aproximando.

— Eles estão completamente malucos — sussurrou Carceras.

— Eles estão assustados — rebateu Yang. — E a recompensa é tentadora.

— O que quer fazer? — perguntou Kromo.

A última coisa que um Guardiã queria era lutar contra o próprio povo. A apenas a alguns metros da turba, ele sacou o pulsar, colocou na configuração mais fraca e mirou na rua, em frente à aglomeração. E disparou.

A rajada prateada fez o que nenhuma palavra conseguira. Os civis pararam. Um dos homens com um ancinho nas mãos o ergueu, na defensiva.

— Esperem — disse Yang. — Vamos pensar na situação de maneira sensata. Acham mesmo que uma ferramenta de fazenda vai fazer um trabalho melhor do que um pulsar?

Isso fez o povo parar para pensar. Mas, antes que qualquer um pudesse responder, houve um assobio de guerra de um dos telhados. Yang virou e olhou.

— Estou vendo um Ursa a dois quarteirões daqui — gritou o homem. Então, ele disparou do telhado na direção da criatura.

A turba se virou e começou a correr, deixando os Guardiões sem ação por um segundo. Então, Yang disse:

— Pulsares no máximo. Vamos!

A equipe seguiu os cidadãos, na esperança de alcançá-los antes que chegassem ao Ursa.

A turba, ou pelo menos parte dela, era mais rápida do que Yang imaginava. Parecia que o máximo que ele e os Guardiões conseguiam era se manter no encalço deles. Mas logo o povo ficou sem fôlego e o esquadrão de Yang os alcançou. Não havia tempo para sutilezas. Yang empurrava para o lado cada caçador de recompensa por quem passava. A maioria dos civis perdia o equilíbrio e caía no chão. Os outros Guardiões fizeram o mesmo e rapidamente o caminho estava livre.

Essa era a boa notícia. A ruim era que o Ursa saiu correndo do beco à frente deles, seu corpo enorme quase preenchendo a rua inteira.

— Espalhem-se — comandou Yang. — Abrir fogo!

O ar ficou carregado de rajadas de fusão, todas direcionadas para o Ursa. Infelizmente, eles não conseguiram cercá-lo para atingi-lo por todos os lados, o que parecia ser a melhor tática para, pelo menos, retardar as criaturas. Ainda assim, o Ursa foi distraído pelo poder coletivo dos pulsares o suficiente para parar por um instante, e jogar para trás a cabeça sem olhos, em um rugido de desafio.

Droga, pensou Yang, o que vai ser preciso pra matar uma dessas coisas?

Longe de morrer, o Ursa começou a avançar na direção deles. Por sorte, os caçadores de recompensas começaram a fugir, não tão corajosos agora que tinham visto o alvo ao vivo. Na pior das hipóteses, o esquadrão podia fugir sem medo de deixar civis em perigo.

— Recuar! — gritou Yang. Ele olhou em volta e contou os Guardiões para ter certeza de que ninguém havia caído sem que ele percebesse. Mas só viu cinco. Seu coração afundou. Quem estava faltando?

Ele levou um instante para perceber: *Raige*.

Aonde o garoto tinha ido? Não havia corpos no chão, nem de Guardiões nem de civis. Portanto, onde...

Então ele viu. De algum modo, Raige havia chegado por trás do monstro. Ele estava parado lá, mirando com o pulsar. *Bom trabalho*, pensou Yang. *Nós o cercamos*.

Os Guardiões sabiam por experiência que essa era uma solução temporária, que a criatura eventualmente atacaria um deles. Mas talvez dessa vez a tática funcionasse. Com o que eles tinham, não havia muito mais que fazer.

O único problema era que Raige ainda não havia disparado o pulsar, o que significava que o Ursa continuava avançando contra o esquadrão, sem saber da ameaça por trás. E, eventualmente, o avanço se tornaria um ataque. Yang não estava entendendo. O que o garoto estava esperando?

Então, ele viu algo de que nunca se esqueceria enquanto vivesse.

A mais ou menos vinte metros de distância do Ursa, o garoto começou a correr na direção do monstro. Como se fosse dar um salto a distância, ele esperou até o último momento e aproveitou o embalo para saltar, aterrissando nas costas da criatura. Sentindo o peso de Raige, a criatura virou a cabeça...

Bem a tempo de receber a rajada prateada do pulsar de Raige bem na cara.

De repente, Raige estava voando, arremessado das costas do Ursa. Yang viu o cadete cair no chão com força. De algum modo, ele ainda estava segurando o pulsar, mas parecia inconsciente... ou algo pior.

Idiota, pensou Yang ao correr na direção de Raige. Afinal, o garoto estava indefeso. O Ursa o comeria em um instante se não

encontrasse resistência. Mas quando o líder do esquadrão chegou até Raige e se virou para disparar contra o Ursa, viu que não tinha por quê. O monstro estava parado no mesmo lugar. Enquanto Yang olhava, mal acreditando nos próprios olhos, o Ursa estremeceu.

— Acertem ele com tudo! — gritou.

E foi o que fizeram. Ele e os quatro membros restantes fuzilaram a criatura, avançando passo a passo, os tiros fazendo a pele do Ursa ondular, como água em uma ventania.

Até que a pele escureceu, se rachou e começou a sangrar, uma substância que mais parecia óleo do que sangue. E a fera caiu ao chão. Ainda assim, eles continuaram atirando. Finalmente, quando Yang teve certeza de que a criatura estava morta, mandou os Guardiões pararem.

Bolt fez uma leitura com o scanner médico.

— Me parece morto — disse.

Mas era uma criatura alienígena, e eles não aceitariam nada como certeza até uma equipe científica confirmar a leitura de Bolt. Enquanto isso, Raige estava se mexendo, tentando se levantar. Yang foi até ele.

— Nós o pegamos? — gemeu o cadete.

— Não se mova — disse Yang. — Você pode ter quebrado alguma coisa.

Raige olhou para eles, como se quisesse lembrá-los de que era o sobrinho de Bonita e tinha contas a acertar.

— Com todo o respeito, senhor, *nós o pegamos?*

Yang sorriu.

— Pegamos.

Carceras e Kromo bateram um na mão do outro em cumprimento. E por que não? Era o primeiro Ursa a morrer desde que as criaturas tinham infestado a cidade.

E era mérito do garoto.

Conner estava no escritório da comandante Wilkins, com os braços junto ao corpo, aguardando pacientemente o reconhecimento dela.

Wilkins balançou a cabeça.

— Qual é o problema com vocês, os Raige? Ferimentos não significam nada pra vocês?

Conner caiu de mau jeito após ter sido lançado das costas de um Ursa, mas não era nada sério. Ele não conseguia correr, mas ainda conseguia andar. E, se conseguia andar, ia falar com a primeira-comandante.

Era por isso que havia saído do medicentro, caminhado até a instalação dos Guardiões, passado pelo secretário de Wilkins e se colocado diretamente em frente à mesa dela.

— Desculpe, senhora — disse o assistente, alguns segundos depois de Conner ter entrado —, ele simplesmente...

Wilkins levantou a mão e disse:

— Entendido. — Então, com outro gesto, mandou o homem sair, deixando apenas Conner ali de pé.

— Primeira-comandante — começou ele —, sei que me pediu para aguardar no posto médico, e é meu dever seguir ordens. Mas, se nossas posições fossem invertidas e você me dissesse ter algo que pudesse salvar vidas humanas, eu não lhe pediria para *aguardar*. Eu iria querer ouvir imediatamente, antes de qualquer outra coisa.

Por um momento, ele tinha certeza de que seria punido por sua imprudência. Afinal, que tipo de cadete fazia o que ele havia acabado de fazer? *Algum louco, talvez. Alguém que perdeu o juízo.*

Mas Wilkins não deu nenhuma indicação de que iria puni-lo. Em vez disso, ela sorriu e disse:

— Na verdade, eu já estava indo vê-lo, agora que levamos a carcaça do Ursa para um local seguro. Afinal, não sabemos se as criaturas são canibais e não queríamos correr o risco de um dos outros Ursas aparecer para comê-la antes que pudéssemos levar para o laboratório.

Conner não havia pensado nisso.

— Mas já que está aqui — falou Wilkins —, por que não me conta o que fez e por quê? E não se preocupe, não vou fazê-lo compor um plano de batalha formal desta vez.

Ele assentiu.

— Obrigado, senhora. Quanto ao que eu fiz... foi o mesmo que minha tia fez antes de morrer.

Wilkins se aproximou.

— Sua tia...?

— Assisti à filmagem do satélite — explicou Conner. — Sei que tem outras pessoas fazendo isso, mas eu tinha razão para rever esta filmagem em particular com mais cuidado. Afinal, foi a última vez que minha tia foi vista com vida.

A primeira-comandante assentiu.

— E você descobriu alguma coisa? — indagou.

— Sim, senhora. Percebi o quão perto minha tia conseguiu chegar da criatura.

— O Ursa estava se alimentando, se não me engano.

— É verdade. Mas e se não fosse esse o motivo? E se a criatura tivesse um ponto cego diretamente atrás dela, um ponto cego no *olfato*? Nós temos dado crédito aos bichos por terem uma capacidade sensorial extraordinária apesar de não terem olhos. Mas e se não for um sentido tão perfeito quanto imaginamos?

— Um ponto cego — repetiu ela.

— Todos temos um — disse Conner. — Lucas Kincaid tinha um durante os jogos. Foi assim que consegui me posicionar por trás dele. Quando vi minha tia na filmagem, imaginei que o Ursa também tivesse um.

— Então você resolveu testar a sua teoria? — perguntou Wilkins, com um tom de reprovação.

— Tive essa ideia — admitiu ele. — Mas, pra ser sincero, eu não pensei que fosse ter *oportunidade* de testá-la. Então a oportunidade apareceu. E, naquele momento, eu não tinha alternativa senão testar.

— E por que não veio discutir o assunto comigo antes?

— Porque você não me colocaria em um esquadrão. Teria escolhido outra pessoa para se arriscar e ver se eu estava certo. E eu não queria ser responsável pela morte de outro.

— Nobre — admitiu Wilkins. — Mas idiota. Alguém mais experiente teria tido mais chance de fazer a coisa funcionar. Mas, seja como for, você nos deu uma informação muito valiosa. Porém...

— Senhora? — perguntou Conner.

— Não estou preparada para dar meu aval até testar a teoria em outras circunstâncias.

— Eu já a testei — insistiu ele.

— Você precisa entender — disse Wilkins — que tenho uma responsabilidade para com todo o Corpo. Se eu mandar uma informação errada para todos os meus esquadrões, está tudo acabado. Os Skrel e seus monstros vencem. Então, preciso testá-la mais uma vez.

Conner mordeu o lábio.

— Sem problema. Eu posso ir com um esquadrão assim que...

— *Você?* — perguntou Wilkins.

Ele nem tinha pensado no assunto. As palavras haviam escapado.

— Só quero ser parte do esquadrão — disse ele, mais razoável.

A primeira-comandante balançou a cabeça.

— Não. Tem que ser um esquadrão de veteranos, cadete Raige. Não vou arriscar a vida de um cadete. Ainda mais um desajeitado como você.

Conner sentiu-se tomado pela decepção.

— Mas, senhora...

— Olha — explicou Wilkins —, você deu o que acredito ser a maior contribuição para a defesa de nossa colônia. Mas esta missão vai ser uma das mais importantes que já realizamos. Eu estaria negligenciando meus deveres se não montasse uma equipe com os Guardiões mais experientes que temos, incluindo *eu mesma*.

— Com todo o respeito — disse ele —, a experiência é importante. Mas não é uma questão de *quanta* experiência. O que importa é experiência em quê. Fui eu que descobri a fraqueza do Ursa, senhora. Eu sei o que é preciso para explorá-la.

— Eu também — disse Wilkins —, agora que você compartilhou suas observações comigo. — Ela se levantou, deu a volta na mesa e colocou a mão no ombro de Conner. — Fique tranquilo, cadete. Quando voltarmos com o Ursa morto, você vai levar o crédito.

Crédito?

— Não é essa a questão — disse ele, sentindo-se ofendido. — Não mesmo. Eu...

Wilkins levantou a mão.

— Desculpe. Escolhi as palavras erradas. Tenho feito isso com frequência. Eu não quis dizer que isso era o mais importante na sua cabeça. Mas você *vai* receber o crédito. Afinal, você merece.

Com esse comentário, ela abriu a porta. Conner notou uma leveza no passo dela que não estava lá antes.

— Sorria — disse a primeira-comandante. — Se a sua teoria estiver certa, você terá prestado um grande serviço a esta colônia. Agora vá descansar. Ainda vamos precisar de você outra vez antes de tudo terminar.

Ele estava profundamente decepcionado, mas havia feito todo o possível para apresentar seu ponto de vista.

— Sim, senhora. Obrigado, senhora.

— De nada, cadete. Dispensado.

Ao deixar o escritório de Wilkins, Conner se sentia muito bem pelo que havia feito, mas, ao mesmo tempo, mal por saber que poderia ter feito muito mais.

Capítulo Vinte

Conner ficou surpreso ao responder a chamada de vídeo em seu tablet e ver quem fizera o contato. De todas as pessoas, logo seu pai.

— Bom dia, cadete — disse Frank Raige.

Eles não se falavam há tanto tempo que Conner não sabia como responder. Ainda estava magoado pelo que o pai dissera do lado de fora do centro de comando há alguns dias.

— Eu disse bom dia, cadete.

— Bom dia, senhor.

— Escuta, eu só tenho um minuto enquanto Smitty substitui uma bobina magnética. Recebi uma ligação de Meredith Wilkins. Ela me contou que você matou um Ursa.

Conner enrubesceu, orgulhoso.

— Não fui só eu, senhor. Eu era parte de uma equipe.

Seu pai franziu o cenho.

— Você está chamando a primeira-comandante de mentirosa, cadete?

Conner foi pego de surpresa pela pergunta. Estava prestes a protestar quando o pai abriu um sorriso e ele entendeu que era uma piada. Era bom vê-lo brincar. Fazia muito tempo.

— Não, senhor — disse ele. — Eu não faria isso, senhor.

— Fico feliz em saber. Conner... — Silêncio por um momento. — Espero que o que você descobriu sobre os Ursas faça a diferença. Mas Torrance se foi, Bonita se foi e... bem, nunca se sabe quem vai voltar vivo da próxima missão. Então eu quero que você saiba — a voz dele ficou embargada de uma maneira que Conner nunca ouvira antes — que aquilo que eu disse no centro de comando naquele dia... eu não teria dito nada daquilo se não tivesse visto um potencial em você, algo que você só está começando a mostrar.

Você sabe, sempre falamos tanto sobre a tradição da família que você deve ter se perguntado se poderia fazer jus a ela. Deixe-me contar um segredo, filho. Você não precisa *se tornar* um Raige. Você sempre *foi* um.

Conner sentiu um nó na garganta.

— Você é um grande Guardiã — disse o pai —, e sou o pai mais orgulhoso do mundo. Nunca se esqueça disso.

Conner assentiu. Estava com lágrimas nos olhos, mas ele não as enxugou.

— Obrigado, pai.

Alguém fora da câmara falou alguma coisa, e o pai de Conner olhou para a pessoa. Então, olhou de volta e sorriu.

— Boa sorte, filho.

— Guardiões fazem a própria sorte — respondeu Conner. Era algo que Frank dizia muito quando Conner era pequeno. *Guardiões fazem a própria sorte.*

— É, agora que você comentou, já ouvi isso em algum lugar. Nos vemos em breve, filho.

— Pode apostar, pai.

E a imagem de seu pai piscou e sumiu.

Trey Vander Meer estava sentado no estúdio, no escritório de Pham, e observava as notícias na tela holográfica. Por toda a cidade, as pessoas estavam enfrentando Ursas, ainda que tudo o que tivessem fossem ferramentas de arado. A oferta da recompensa tinha se espalhado, como ele esperara.

Cidadãos comuns estavam fazendo o trabalho que os Guardiões já teriam feito se fossem tão preparados quanto diziam. O povo, que sempre foi a grande força da colônia, estava lutando com as próprias mãos. E, quando faziam isso, não havia monstro, do mundo antigo ou de qualquer outro, que pudesse resistir.

Vander Meer coçou o rosto. Ele não se barbeava há algum tempo; não sabia ao certo quanto. *Acho que vou deixar a barba crescer,* pensou. *Natasha sempre implica com...*

E parou. Natasha...

Ele faria a barba. Era só uma questão de encontrar a ferramenta certa. *Acho que vou pedir ao Pham para trazer o barbeador amanhã. Ou no dia seguinte. Sem pressa.*

As pessoas estavam agindo. Era só uma questão de tempo até limparem os Ursas da face do planeta. Só uma questão de tempo...

O ar ficou totalmente seco enquanto Cecilia Ruiz descansava na extremidade da cidade de Nova Prime. Ela estava caminhando há dois dias e, até agora, não tinha encontrado nada pelo caminho. Mas pelo menos não estava se sentindo sobrecarregada. O corpo não a havia traído; ela estava em uma forma tão boa quanto há nove anos. *Nada mal para uma mãe de dois filhos,* pensou orgulhosa.

Estava armada com duas peças de equipamento eletrônico que ela esperava que representassem alguma vantagem no rastreamento de Ursas.

O primeiro era seu antigo computador de pulso.

Tecnicamente, ela não deveria mais tê-lo. Era o tipo de equipamento que precisava ser devolvido ao sair do Corpo. Mas Cecilia tinha uma longa amizade com o intendente, e quando este pediu que ela devolvesse o computador, que servia como comunicador e navegador, ela simplesmente lançou a ele um olhar de pesar cuidadosamente preparado e disse que o perdera. Ele apenas a estudou, impassível, e disse:

— Se encontrar, traga de volta.

Se ele quisesse, poderia ter usado a função de rastreamento do dispositivo para encontrá-lo. Mas, por gentileza, ele nunca o fez.

Cecilia nunca fizera nada impróprio com o aparelho desde essa época. Mas, de vez em quando, ela gostava de encontrar um lugar

isolado, estabelecer conexão e ouvir a conversa de vários Guardiões. Fazia com que sentisse que ainda pertencia àquilo tudo, ainda que só pudesse escutar de longe a conversa deles.

O segundo equipamento era um mapa eletrônico. Era exibido em uma pequena tela, e Cecilia o usava agora para ver se havia alguma razão ou padrão nas aparições de Ursas. Até o momento, ela não tinha encontrado nenhum padrão desse tipo. Não tinha certeza se deveria estar aliviada ou frustrada com isso. A frustração vinha do fato de que a natureza do movimento das feras tornava impossível determinar onde apareceriam da próxima vez. Mas era um alívio também, pois significava que os monstros não eram inteligentes o suficiente para formar um plano de ataque. Animais estrategistas eram certamente a última coisa de que ela precisava.

Cecilia estudou os pontos brilhantes que indicavam os locais onde Ursas haviam atacado recentemente. Ela percebeu que havia uma área, cinquenta quilômetros ao norte, onde parecia nunca haver Ursas.

— Parece um lugar tão bom quanto qualquer outro pra procurar — murmurou, e seguiu para o norte.

Ela continuou repassando na cabeça todas as informações que conseguira sobre a criatura no breve encontro que tivera com uma. O comportamento da coisa não fazia sentido. Poderia ter atacado em silêncio, pelas costas. Ela não tinha consciência de sua presença. Mas a criatura passou reto por ela e atacou o atirador.

Por quê?

Bom, só havia duas explicações. A primeira seria que ela realmente viu o atirador como uma ameaça maior. Ele estava empunhando uma arma, enquanto ela estava desarmada. Portanto, do ponto de vista estratégico, fazia mais sentido incapacitá-lo antes dela. A segunda era que a fera simplesmente não a tivesse visto. Que razão melhor para ignorá-la do que não saber que ela estava lá?

Sem olhos. O fato de a criatura não ter olhos deve ser o motivo. Talvez seja uma espécie de telepata. Ou talvez tenha um radar interno. Ou será que conseguia perceber assinaturas de calor? Poderia ser algo simples como olfato: o nosso cheiro as atrai. Se ao menos eu soubesse qual dessas explicações é a certa, eu poderia explorar a fraqueza e derrotá-la.

O problema era que ela não teria muita oportunidade de fazer experiências. Ela poderia projetar um ataque com base em uma fraqueza que o Ursa poderia ter ou não. A julgar pelos dados da criatura, ela não teria uma segunda chance.

Cecilia continuou a atravessar o terreno, que era realmente irregular e difícil em certos pontos. Em geral acharia que as Planícies do Norte, que ela estava atravessando, seriam planas e tranquilas — não eram. Havia muitas descidas e subidas, e vários locais onde o terreno era tão irregular que ela quase caiu algumas vezes. Isso poderia ter sido catastrófico. Se tivesse torcido o tornozelo, estaria sozinha e vulnerável no meio do nada. Era desagradável pensar nisso.

Talvez se tivesse pensado melhor, teria percebido que era melhor ficar em casa. Será que Xander estava certo? Isso tudo era uma questão pessoal e não tinha nada a ver com ajudar minha família?

Ela tentou afastar as preocupações, que continuaram assombrando seus pensamentos durante a caminhada.

Os sóis continuaram seu caminho pelo céu. No momento mais quente do dia, Cecilia se abrigou em uma caverna vazia, mas não antes de tomar a precaução de dar alguns disparos com o pulsar, para ter certeza de que não havia nada lá dentro. Então, ela entrou na caverna e permaneceu lá até o calor diminuir. O tempo todo se manteve preparada, sentada na entrada da caverna com o pulsar no colo.

Cecilia especulou sobre como seria ótimo se um Ursa passasse pelo caminho abaixo enquanto ela estava sentada na entrada da caverna. Ela conseguiria disparar uma torrente de tiros de fusão

antes mesmo de o monstro saber o que o atingiu. Com sorte, e precisaria de muito mais sorte do que os Guardiões na cidade haviam tido, ela conseguiria matar a coisa sem se colocar em perigo.

Sem sorte, ele olha pra cima, me percebe e estou morta.

Cecilia estava ficando frustrada consigo mesma. Esse não era o tipo de atitude que um Guardião deveria demonstrar diante da batalha. Esse tipo de pensamento negativo podia acabar por matá-la.

Ela tirou os binóculos da mochila e observou a área. Ao passar os olhos pelo terreno irregular, de repente fixou os binóculos em algo que não tinha percebido antes. Parecia uma colônia de mineração. Ela se lembrava vagamente de ter ouvido falar no lugar, mas não conseguia se recordar de muitos detalhes.

Cecilia decidiu seguir naquela direção, que parecia tão boa quanto qualquer outra. Talvez eles pudessem lhe dizer alguma coisa. Talvez tivessem visto um Ursa.

Talvez estejam todos mortos.

Ela grunhiu, furiosa consigo mesma. *Outra vez! Outra vez com pensamento negativo. Para com isso! Nem tudo é o pior cenário possível.*

Brigando consigo mentalmente por todo o caminho, ela foi na direção da colônia.

Na época em que a humanidade deixou a Terra, havia uma cidade chamada Newcastle, que ficava no meio de uma região produtora de carvão em um país chamado Inglaterra. Newcastle precisava de muitas coisas, mas carvão não era uma delas. Então, quando alguém queria dizer que uma atividade era totalmente inútil, dizia que era como levar carvão para Newcastle.

Era assim que Frank Raige se sentia ao cortar os céus da cidade de Nova Prime em seu voador. Na verdade, era como se sentia todos

os dias, desde que a nave Skrel pousou no exterior da cidade e liberou a infestação sobre a humanidade.

Infelizmente, ele não tinha opção de fazer mais nada.

Ele sugeriu várias vezes à primeira-comandante que seria mais útil liderando tropas terrestres, mas ela não aceitou a sugestão. Ela insistiu que Frank estava fazendo um trabalho importante, procurando os Ursas do céu e avisando aos cidadãos. Ele estava salvando vidas em seu voador. Mas certamente a sensação para ele não era de que estava salvando vidas.

A sensação, na verdade, era de que Wilkins estava sendo grata por todo o bem que seu pai havia feito a ela. Essa era a teoria de Frank, até ficar sabendo que ela havia deixado Conner ir em uma missão.

Até então, o garoto havia participado de evacuações de civis e mais nada. Mas uma missão terrestre era coisa séria. E, se Wilkins havia deixado Conner participar, certamente não estava trabalhando só para preservar a família Raige. Ele teve que admitir que ela poderia realmente acreditar que seu sobrevoo na cidade servia para alguma coisa.

Uma opinião de que ele não compartilhava.

— Carvão para Newcastle — murmurou ele.

Teria continuado resmungando se não fosse pelo que viu em um telhado à direita. Reduzindo a velocidade ao mínimo que conseguia sem perder altitude, viu ali um grupo de crianças, seis ou sete, balançando os braços como se elas também quisessem voar.

Que diabos essas crianças estavam fazendo do lado de fora com Ursas pelas ruas? Não seria nada difícil para uma das criaturas pular no telhado e acabar com elas rapidamente.

Mas ele não conseguia gritar com elas de onde estava. Teria que entrar em contato com Haturi e transmitir algumas ordens para o esquadrão mais próximo.

Frank havia acabado de abrir um canal de comunicação com Haturi quando viu o motivo pelo qual as crianças estavam lá em

cima. Havia um Ursa na lateral do prédio, com um corpo humano na boca. E, quando Frank passou voando, ele viu que a parede do prédio havia desmoronado. Imediatamente, ele reconstituiu o que havia acontecido. O Ursa entrou no lugar e um ou mais adultos tentaram impedi-lo enquanto as crianças escapavam para o telhado.

Não importava se estava certo. O que importava era que o Ursa estava seguindo meia dúzia de crianças e, em breve, as comeria como havia começado a fazer com o adulto.

A não ser que Frank fizesse alguma coisa.

Com uma manobra fechada, ele voltou até a criatura e atacou com os pulsares do voador. É claro que o Ursa não caiu. Mas Frank conseguiu chamar a atenção dele.

Era isso que Frank queria. O Ursa virou a cabeça e rugiu na direção dele. Talvez até tentasse atacá-lo se não estivesse fora de alcance. Como não era o caso, a coisa decidiu ir atrás das crianças.

Infelizmente, elas estavam chegando ao final do telhado e não havia como pularem para o vizinho. Não com uma rua inteira separando as casas. Tudo o que o Ursa precisava fazer era saltar e pegá-las. Frank não podia deixar isso acontecer. Mas o que fazer? Ele não podia resgatar as crianças, e não podia parar a criatura com suas armas.

Só restava uma opção.

Manobrando novamente, ele voltou para uma segunda rodada, no momento exato em que o Ursa fez o que ele temia que fosse fazer. Com a propulsão de suas poderosas patas, ele saltou para o telhado, o corpo humano ainda em sua boca.

As crianças se encolheram na beira do telhado, gritando. Mas, se pulassem, morreriam. Sem pressa, a criatura andou na direção delas.

Frank sabia o que aconteceria com ele se prosseguisse com o plano. Mas ainda assim o fez.

Quando o Ursa se preparava para atacar as crianças, Frank mirou o voador na criatura. E se lançou contra o Ursa na velocidade

máxima.

A coisa era mais pesada do que parecia, mas não o suficiente para que o impacto não a jogasse para fora do telhado. Frank se preparou para o impacto que se seguiria quando o voador batesse no chão, uma queda à qual não poderia esperar sobreviver.

Mas, conforme caía junto com o Ursa, a criatura agarrou o voador com força contra seu torso branco e curvo. E, por sorte, o Ursa amorteceu a queda com o próprio corpo.

Ainda assim, a colisão com o chão quase quebrou o pescoço de Frank. Atordoado demais para se mover, ele viu o Ursa empurrar o voador para longe, se levantar e virar a cabeça. Assim de perto, era ainda mais assustador, mais alienígena. Frank tentou sair do voador, mas não conseguiu. A alavanca da escotilha estava emperrada, sem dúvida por causa da queda.

O Ursa virou a cabeça de um lado por outro, aproximando-se dele e soltando um rugido tão sonoro que quase estourou seus tímpanos. Então, a criatura destruiu a cabine, espalhando estilhaços para todos os lados. Dominado pela dor e quase incapaz de se mover, Frank não tinha ilusões sobre o que a criatura faria com ele. Com a bocarra aberta, o cheiro era ainda pior do que a carne mais podre que Frank já tivera o azar de cheirar.

Mas ele não ia cair sem lutar. Sacando seu pulsar, Frank colocou na potência máxima e disparou diretamente contra a boca da criatura. Mas nada aconteceu.

Frank olhou para o pulsar. *Deve ter sido danificado na queda.* Era de se esperar.

Então, a coisa atacou mais uma vez, agora com sucesso. Antes que Frank pudesse pensar, as garras do Ursa abriram seu peito. O sangue jorrava como de uma fonte.

Chegou a minha hora, ele conseguiu pensar.

Seu único consolo era o fato de que ele talvez tivesse salvado as crianças de um destino parecido.

Capítulo Vinte e Um

Conner estava na sala da primeira-comandante Wilkins. O comandante Haturi estava apoiado na mesa, que parecia pequena demais para ele.

As palavras dele foram como golpes de martelo:

— Não achei justo que você tivesse que esperar a primeira-comandante Wilkins voltar.

Conner assentiu.

— Sim, senhor.

— Seu pai foi um homem corajoso, Conner. Ele não caiu sem lutar.

Pai...

Conner assentiu, sentindo os olhos cheios d'água.

— Sim, senhor.

Quando notificamos sua tia Theresa, ela disse que haveria um memorial. Não só para seu pai, mas para seus tios também.

Conner respirou de forma entrecortada. Sua mãe era forte. Ela sempre soube que isso poderia acontecer um dia.

Mais tarde, ele sentaria ao lado dela e eles chorariam juntos. Mas, por enquanto, ela gostaria que ele ajudasse a colônia. Seu pai faria o mesmo se fosse ele a morrer.

— Meu lugar é com o esquadrão — declarou ele.

O comandante franziu o cenho.

— Permissão para permanecer com o esquadrão negada. Precisamos de você, cadete, mas precisamos que esteja com a cabeça no lugar. Vá para casa. Pense um pouco. Depois, volte para nós.

— Senhor...

— Isto é uma ordem, cadete. — O tom de voz de Haturi não deixava margem para discordância.

— Como quiser, senhor — respondeu Conner.

Só quando Cecilia se aproximou o suficiente da mina para ver os bicos-de-navalha sobrevoando a área ela pôde entender que o que tinha ocorrido era muito pior do que o pior cenário que poderia ter imaginado.

Os bicos-de-navalha eram aves análogas aos urubus da Terra. Porém, a pele deles era bem mais parecida com couro, e as asas pareciam mais de morcego que de aves. Tinham um metro e oitenta de envergadura. Ao encontrá-los pela primeira vez, os colonos deram esse nome óbvio ao ver o quão afiados eram seus bicos. Eles raramente atacavam humanos. Pelo menos, não os saudáveis. Mas, quando decidiam atacar, a coisa podia ficar bem feia. Até perigosa.

Ela viu o primeiro cadáver, ou o que sobrara dele, no perímetro da colônia. A ave estava arrancando pedaços com a ponta do bico. Ela percebeu Cecilia indo em sua direção, mas pareceu indiferente à presença dela.

Ela sentiu uma ânsia de vômito quando viu a ave mordiscando as tripas podres. Controlando a náusea, ela sacou o pulsar e disparou. A mão dela tremia, mas não tinha importância. Se acertasse a coisa, ótimo. Senão, o disparo seria suficiente para espantá-la.

Pelo menos na teoria.

Na prática, não foi bem assim. O disparo levantou poeira ao lado do bico-de-navalha. O bicho saltou com um guincho alarmado, as asas batendo freneticamente no ar, e desceu direto na direção de Cecilia, o bico mirado nela como uma lança.

Ela recuou, disparando uma salva de tiros de fusão. A criatura conseguiu desviar com facilidade. *Ai, droga*, pensou Cecilia, enquanto balançava o pulsar freneticamente, descrevendo um arco contínuo de tiros.

Sua inabilidade em manter a mão firme acabou sendo sua salvação. Acabou adicionando uma aleatoriedade nos movimentos que a ave não conseguiu antecipar, voando direto em uma das

torrentes de fusão. O disparo atingiu a asa do bico-de-navalha, que caiu ao chão a menos de dez passos de onde Cecilia estava.

O bicho se arrastou, tentando se levantar novamente, mas Cecilia deu um tiro à queima-roupa. Mesmo com a mão tremendo, foi suficiente para acabar com a ave derrubada. Um minuto depois, não havia nada além de uma massa de carne.

Ela ouviu um crocitar no céu e olhou para cima. Mais três aves vinham em sua direção. Cecilia recuou rapidamente, mirando da melhor forma possível o pulsar. Os bicos-de-navalha entraram em descendente, mas não se mostraram interessados em Cecilia. Eles pousaram sobre a massa de carne que fora a outra ave e começaram a comer.

Bom saber que eles não discriminam ninguém, pensou, enquanto guardava o pulsar.

Enquanto caminhava para a colônia, lhe ocorreu a ideia de que o Ursa responsável pela carnificina ainda devia estar em algum lugar por ali. Se viesse correndo em sua direção, teria de estar com a arma preparada. Mas decidiu mantê-la embainhada, confiante na própria habilidade de saque rápido. Afinal, ela já tinha sido o saque mais rápido dos Guardiões. A mão dela podia tremer, mas ela não perdeu sequer um segundo da habilidade de desembainhar a arma. Porém, se o Ursa saltasse na direção dela e a assustasse, ela poderia facilmente acabar largando a arma se a estivesse segurando. Por isso, embainhada era melhor.

A colônia de mineração estava morbidamente silenciosa. Nada além de um punhado de abrigos malfeitos. O que mais chamava atenção, porém, era o sangue, espalhado por toda parte. Se houve a mínima dúvida de que um Ursa havia destruído o local como uma tempestade de devastação, já não havia mais. Pedacos de ossos, músculos e órgãos internos estavam espalhados e à vista. Ela se forçou a afastar a mente da devastação que testemunhava. *É, tenho que admitir: a criatura é eficiente*, pensou ela, com amargura. Claramente não havia mais nada vivo em todo o...

— Não se mexa.

Ela deu um pulo ao ouvir o comando, mas recuperou a calma instantaneamente.

— Vire-se — foi a ordem seguinte.

Ela engoliu seco e respondeu no que esperava ser um tom casual.

— Não tem como fazer os dois ao mesmo tempo. Quer que eu não me mexa? Ou que eu me vire?

Ela ouviu uma conversa sussurrada e ligeiramente confusa. *Mais de um. Tudo bem.* Então, um de seus novos amigos disse:

— Apenas vire-se. E mantenha as mãos onde eu possa vê-las.

Cecilia obedeceu, mantendo as mãos levantadas, e se virou para encarar as pessoas que estavam atrás dela. Havia três deles. Três homens sujos e amarrotados da estrada. E um deles estava com uma faca a alguns centímetros da garganta dela.

Ela conhecia a espécie: vagabundos, nômades que preferiam viver fora da lei de Nova Prime. Eles não tinham interesse em contribuir com o bem comum; em vez disso, viviam vagando, pegando o que conseguiam e pensando apenas em si mesmos.

Ela tinha nojo dessa atitude. Será que não haviam aprendido nada com o passado? Será que não entendiam que a única esperança da humanidade era ficarem juntos, todos lutando pelo objetivo comum de manter a humanidade viva? Que cada um por si era um modo de pensar antiquado?

Obviamente não.

O cabelo e a barba deles eram malcuidados e emplastrados com terra. Parecia que não tomavam banho há semanas, se é que já tinham tomado algum.

— Vocês são mineradores? — perguntou ela, já sabendo a resposta.

— Não — respondeu o mais alto, que poderia muito bem ser o líder, presumindo que criaturas como essas tivessem líderes. — Não, não somos daqui. — Ele deu uma risadinha ao dizer isso, e os outros imitaram. Então, mais sério, ele prosseguiu: — Fomos nós que

encontramos primeiro os suprimentos daqui. Então, fique longe deles, entendido?

Suprimentos. É claro. Os mineradores teriam alimentos e coisas do tipo. Com o lugar completamente sem vida, devia ter ficado bem fácil pegar. E, aparentemente, esses três resolveram montar a base ali.

— Eu não estou nem aí pros seus suprimentos — disse ela. — Podem ficar com eles. Divirtam-se, engasguem de tanto enfiá-los goela abaixo. Não dou a mínima. Eu só me importo com a coisa que fez isso — e ela indicou com a cabeça os restos de um minerador. — Vocês viram algum sinal?

— Você tá falando do Ursa? — O líder não era ignorante. Já era alguma coisa. Ele deu uma risada horrível. O homem com a faca o imitou, com um trejeito estranho na risada que fez Cecilia se perguntar se não seria mais do que um pouco maluco.

Ótimo, pensou ela.

— Não acho que a gente estaria vivo se uma dessas coisas estivesse passeando por aqui — falou o líder.

Ela odiava ter que admitir, mas o que ele disse fazia sentido. Em vez de ficar pela área, parecia mais consistente com o comportamento do Ursa destruir tudo e seguir em frente.

— É, eu acho que você está certo — admitiu Cecilia. — O fato de vocês estarem vivos é o argumento mais convincente que eu poderia encontrar. Então vou seguir em frente. Divirtam-se... ou sei lá.

Os olhos do líder se moveram até o pulsar na cintura dela. Até onde Cecilia podia ver, eles não tinham nada parecido.

— Bela arma que você tem aí — comentou ele. — Se importa se eu der uma olhada?

Ah, sim... como se você fosse devolver.

— Acho que não.

— Acho que sim — rebateu o líder.

O homem com a faca encostou a ponta da lâmina na garganta dela e pressionou de leve.

— Tira do coldre devagar — mandou o líder — e joga ela no chão. Ah, e junto com tudo o que tiver na sua mochila. A gente fica com tudo isso também.

— Isso me deixa sem nada — concluiu Cecilia. — Não é justo.

— Somos a lei por aqui, queridinha — declarou o líder. — É a gente que decide o que é justo e o que não é. Pode entregar. Agora. — Ao ver que ela não agiu imediatamente, ele repetiu, num tom mais alto e mais ameaçador. — *Agora!*

A ponta da faca pressionou seu pescoço, talvez forte o bastante para fazê-la sangrar.

Sem dizer nada, Cecilia sacou o pulsar. Ela não teve tempo de levantá-lo e apontar para o líder, então escolheu a segunda opção. Atirou para baixo, para o que parecia ser o pé do homem com a faca.

É claro, se ela errasse, provavelmente custaria sua vida. Mas ela tinha decidido adotar uma postura mais otimista, não tinha?

— *Iaaaauuuu!* — gritou o homem da faca, caindo para trás de dor.

Isso liberou todo o espaço de que ela precisava para dar um fim no líder. Conforme ele voava para trás como um saco de ossos quebrados, propelido pela força da arma, o terceiro homem voou na garganta de Cecilia. Ele era mais rápido do que parecia. Rápido o bastante para chegar a alguns centímetros dela antes que ela furasse a cara dele com um tiro.

Isso deixou somente o homem da faca, que ainda estava apoiado em um pé só, segurando o outro, que Cecilia havia quebrado. Enquanto ela olhava, ele caiu no chão, levantando uma nuvem de poeira. Então, ficou ali deitado, os olhos arregalados, sem dúvida se perguntando se ela pretendia matá-lo.

— Eis o que vai acontecer — disse ela. — Você vai ficar aqui sem mover um músculo. Eu vou até as provisões e vou pegar o que eu quero. Depois, vou deixar uma armadilha, e se você tentar pegar alguma coisa, vai explodir em pedacinhos. Também vou informar aos

Guardiões sobre a situação deste lugar para que eles possam dar um enterro decente os pobres canalhas dos seus amigos.

“Quando eles chegarem, você já tem que ter sumido há muito tempo. Se tiver que rastejar, rasteje. Isso é problema seu. Estamos entendidos?”

Ele conseguiu assentir.

— Então vai!

Ele começou a rastejar.

Cecilia sentou-se e o observou, tomando o cuidado de não olhar para os dois corpos que havia deixado. Esperou o homem rastejar para além do topo da colina e sair do raio de visão.

Então, ela caiu de joelhos, se inclinou para a frente e vomitou violentamente. O pouco que ela tinha no estômago saiu em uma rajada rápida, e ela levou alguns minutos para se recuperar. Finalmente conseguiu, mas sua garganta ainda ardia. Ela passou a mão no pescoço suavemente, e tomou um gole de água para melhorar. Não funcionou muito, mas ainda assim, era melhor do que nada.

Cecilia se levantou e foi procurar os latões de estoque. Quando encontrou, pegou tudo o que conseguia carregar confortavelmente. Ela não tinha material para criar uma armadilha explosiva, mas acreditou que o medo, por si só, seria o suficiente para manter os vagabundos afastados do restante. Cecilia também encontrou outras coisas úteis nos estoques e guardou na mochila tudo o que parecia valer a pena.

Por fim, transmitiu o chamado geral para os Guardiões sem se identificar. Não hesitou em pegar algumas coisas para si, mas achou razoável que o restante fosse para os estoques gerais de Nova Prime.

Um pouco antes de sair, Cecilia se olhou na superfície de metal de um dos latões. O cabelo dela estava desganhado; seus olhos pareciam fundos, como se não dormisse há dias. O que era mais ou menos verdade. Havia sangue em sua bochecha que ela nem tinha

percebido. Ela limpou da melhor forma que podia, mas ainda ficou com uma leve mancha vermelha.

Ela se perguntou se sua família sequer a reconheceria quando ela voltasse.

Então se deu conta de que voltar da viagem era mais uma questão de "se" que de "quando". Mas afastou imediatamente a ideia. *Pensamento positivo*, falou para si mesma.

A música começou, pesarosa e solene. Foi um sinal que ressoou por todo o Grande Salão.

Conner, sentado ao lado da mãe, sentiu a mão fina dela segurar a sua. Ele a apertou, da mesma maneira que fazia quando era criança e precisava de consolo.

A mão de Conner não era tão grande quanto a do pai. Porém, a de ninguém era. Literalmente ou figurativamente. Só existiria um Frank Raige. *E ele se foi, assim como tio Torrance e a tia Bonita e todos os outros.*

Era difícil para Conner compreender, difícil de aceitar o conceito. *Se foram. E nunca mais vão voltar. E, se não descobirmos como vencer os Ursas, vamos morrer também.*

Centenas de anos antes, as arcas pousaram nas areias vermelhas de Nova Prime, aceitando a maravilhosa promessa de um novo mundo. Será que as pessoas que desembarcaram teriam imaginado momentos como esse? Será que eles previram que a espécie humana, que sobreviveu no espaço por cem anos, seria exterminada por algumas dezenas de feras alienígenas?

Enquanto Conner fazia essas considerações, uma figura de manto surgiu na plataforma. Usava um manto marrom, e não azul como o do Primus. *Tia Theresa.*

Parte de Conner estava com raiva. O Primus conduzia tantos funerais. E depois de o pai, o tio e a tia de Conner terem dado as vidas pela colônia...

Mas outra parte dele estava feliz por ser tia Theresa a realizar a cerimônia fúnebre. Afinal, ela era da família. Vindo dela, as palavras significariam alguma coisa.

A tia de Conner observou o que pra ela devia parecer um mar de luto. Mas não deu a impressão de se intimidar com a cena. Ela parecia tão confortável quanto se estivesse na própria cozinha, com alguns bons amigos.

Ela não disse ou fez qualquer coisa imediatamente. Só ficou lá, sorrindo. Então, levantou as mãos e as mangas do manto deslizaram, descobrindo seus braços quase até o cotovelo. Praticamente na mesma hora, a conversa no salão cessou.

Tia Theresa baixou os braços.

— Hoje — começou ela, com uma voz suave que enchia o salão —, não sou apenas uma áugure conduzindo um memorial. Sou também a *irmã* dos falecidos. Então, quando digo que sei o que vocês estão sentindo, é verdade. Eu sei *exatamente* como estão se sentindo.

“Sinto que me roubaram os anos que gostaria de ter compartilhado com meus irmãos e minha cunhada. Perdida sem a sabedoria deles para me guiar. Vazia, seca por dentro, como se minha vida nunca mais fosse voltar a ser a mesma.”

Ela inspirou fundo e soltou o ar.

— Apesar de ser minha missão oferecer consolo e perspectiva a vocês, dando um sentido a tudo o que aconteceu, é uma tarefa difícil. Apesar de tudo o que aprendi, apesar de minha fé, nem sequer sei se consigo encontrar consolo e perspectiva para mim mesma. E sentido? Bem, farei o meu melhor.

“Nossos irmãos e irmãs foram levados por um poder maior. Sei disso com a mesma certeza com que sei que o sol nasce no oeste. Sinto isso com a mesma certeza com que sinto as batidas do meu coração.

“Podemos nos perguntar como uma coisa dessas pode acontecer quando precisamos tanto deles aqui, entre nós. Mesmo que

recebêssemos uma resposta, duvido que nos contentássemos com ela. Pois para nós que vemos nossos entes queridos partindo enquanto ficamos para trás, nenhuma resposta seria suficiente. Nenhum motivo que qualquer um possa nos dar é bastante para estancar nossa dor.

“Mas Frank, Torrance e Bonita nos deixam com nossas memórias, com vislumbres inestimáveis de quem eram e no que acreditavam. Uma memória de pessoas corajosas, orgulhosas, que amavam suas famílias e seus amigos sem limites ou distinções. Memórias dos Guardiões em seu melhor sentido, que dariam — e deram — suas vidas por aqueles que juraram proteger.

“Como podemos honrar suas memórias? Permanecendo fortes diante da ameaça alienígena. Não desistindo nunca, independentemente do quão sem esperança as situações possam parecer. Nos agarrando a nossa fé em meio à adversidade, pois a fé nos mostrará o caminho, como tantas outras vezes desde que chegamos a Nova Prime.

“Nem Frank, nem Torrance e nem Bonita podem continuar lutando, que suas almas fiquem em paz. Mas nós podemos. E nós lutaremos.”

Conner assentiu. Ele continuaria lutando. Mas agora era muito mais difícil do que antes. Afinal, ele perdera mais do que o pai. Perdeu a sabedoria do pai, a visão de mundo dele.

Conner ficara feliz ao se tornar cadete, ao assumir as mesmas responsabilidades que o pai, o tio e a tia antes dele. Mas, no fundo da mente, ele sabia que sempre poderia recorrer à experiência e ao conhecimento deles, que teria uma rede de segurança sempre que precisasse. Agora, não havia mais rede de segurança.

Agora era só ele lá fora, sozinho, para vigorar ou cair. E, se caísse, não seria apenas um cadete Conner que fracassara. Seria Conner *Raige*.

O que quer que fizesse, refletiria em toda a tradição dos Raige, desde o primeiro de seus ancestrais que vestiu o uniforme marrom-

ferrugem dos Guardiões na época da Terra. Era um fardo bem pesado para ombros de 18 anos.

Não que ele tivesse uma escolha. Ele era quem era e continuaria assim.

Quando o memorial terminou, sua tia Theresa desceu e abraçou cada um dos presentes. Então, ele e a mãe foram até a porta, onde um esquadrão de Guardiões estava esperando com veículos terrestres.

— Conner — chamou sua mãe.

Eles não conversavam há muito tempo, e agora parecia ainda mais tempo. Assim como todos os outros, Rebecca Raige tinha algumas rugas extras no rosto.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Estou, sim — disse ele, sabendo que sua mãe enxergaria através da mentira. Então, acrescentou: — Eu dei uma ideia para a primeira-comandante Wilkins. Eu espero que dê certo. Mas...

— Mas e se não funcionar?

Conner assentiu.

Sua mãe o estudou por um instante. Então, perguntou:

— Você se lembra do que o seu pai costumava dizer quando você jogava cageball?

Quando eu jogava cageball...?

— Não.

— Não? Quando você era um garotinho, e o seu time estava tentando manter a liderança?

Então, Conner *lembrou-se*.

— A coisa do ritmo.

Sua mãe assentiu.

— Todo jogo tem um ritmo. Em alguns, você abre uma vantagem grande. Pensa que vai vencer sem dificuldade.

— Aí, o outro time começa a reagir. Ele reage com sentimento de *vingança*. E, quando isso acontece, você está correndo para ganhar.

Nem se lembra de como conseguiu abrir uma vantagem tão grande. Parece que nem tem chance.

Ele podia até ver Frank Raige, muito mais alto do que ele. Podia sentir as mãos enormes do pai em seu ombro magricelo de criança.

— Quando isso acontece, tudo o que você pode fazer é perseverar — disse a mãe. — Persevere e faça o melhor que puder. Porque, se fizer isso, o outro time vai acabar ficando sem fôlego. E o jogo vai virar a seu favor de novo. E no final, você vai estar por cima.

Conner balançou a cabeça.

— Isto não é um jogo, mãe. Pessoas estão morrendo, principalmente os Guardiões.

— Você conhece seu pai. Acha que ele estava falando sobre um jogo?

Na verdade, Conner *achava*, sim.

— Conner, tudo que nós fizemos, tudo que dissemos, foi pra preparar você pra vida. É claro que ele não esperava que os Ursas caíssem sobre nós. Como poderia? Mas ele sabia que haveria mudanças no futuro. E queria que você estivesse preparado pra elas ou, pelo menos, o mais preparado possível.

Conner assentiu. Isso era típico de seu pai.

— Nós construímos uma civilização aqui — disse sua mãe. — Conseguimos abrir uma bela vantagem. Agora, os Skrel estão tentando virar o jogo. Estão atacando com força. Estamos preocupados. Parece que não podemos vencer, como se nunca tivéssemos estado em vantagem.

“Mas nós não chegamos até aqui sem sermos bons, sem sermos resistentes, astutos e determinados. Nós podemos vencer os Ursas, Conner. Nós podemos vencer *qualquer coisa*. Só precisamos ter calma e fazer o nosso melhor até o jogo virar a nosso favor.

As palavras saíam da boca de sua mãe, mas Conner ouvia seu pai falar. E, se ele estivesse ali, era isso que diria. Conner tinha certeza.

— Então, tudo o que eu preciso fazer é perseverar? — perguntou ele.

— Isso — respondeu a mãe, enxugando uma lágrima —, e nunca tentar driblar com a mão direita. Você sabe que é péssimo driblando com a mão direita.

Ele não conseguiu evitar um sorriso.

— Obrigado, mãe.

Ela o puxou e deu um beijo afetuoso em sua testa.

— Não me agradeça. Agradeça ao seu pai.

Capítulo Vinte e Dois

A primeira-comandante Wilkins podia ser a líder do esquadrão, mas não era o membro mais importante da equipe. Nem de longe.

Quem se distinguia era Rita Norman, medalhista de ouro no salto em distância dos últimos Jogos Asimov, que também era, por acaso, uma Guardiã veterana. O trabalho de Norman era fazer o mesmo que Conner Raige fizera com o esquadrão quando derrubaram o Ursa: chegar o mais perto possível da fera e acertá-la por trás.

Wilkins era somente uma dentre os nove Guardiões que deveriam distrair o Ursa enquanto Norman fazia o trabalho de verdade. O que funcionava bem. Wilkins fora uma ótima atleta na sua época, mas isso tinha ficado para trás, há muito tempo.

Hoje, ela se orgulhava de ser especialista em táticas. Portanto, escolheu nove dos Guardiões mais frios, disciplinados e preparados que pôde encontrar. E havia assumido a liderança por ser fria e disciplinada também.

Não era por ter sido enganada pelo Primus para parecer idiota no programa de Trey Vander Meer e, por consequência ter sido forçada a abrir mão da função de monitoramento dos satélites dos Guardiões. Não era porque o engenheiro naquele turno crítico havia falhado em detectar o que os Skrel haviam feito com os satélites. Não porque Wilkins precisasse provar alguma coisa, especialmente para si mesma, depois de falhar com os Guardiões e com a colônia.

Não, não tinha nada a ver com isso. Ela assumiu a liderança da missão porque era a melhor líder que poderia encontrar — ainda que precisasse repetir isso a si mesma para tentar se convencer.

Afinal, essa missão era muito importante. *Quero que tudo dê certo*, pensou ela, verificando a câmara de fusão de seu pulsar pela sexta vez desde que saíra do quartel. *Tudo*.

Ela havia acabado de olhar para frente novamente, satisfeita por sua arma funcionar perfeitamente, quando viu o monstro no final da rua. Era enorme, alienígena, com uma bocarra negra cheia de dentes. Os holovídeos não faziam justiça.

Por uma fração de segundo, enquanto o Ursa rugia, girando a cabeça, e partia na direção deles, Wilkins sentiu uma pontada de pânico. Então, se lembrou de por que estava lá e conseguiu esconder o pânico em um lugar onde não tivesse que lidar com ele.

Afinal, ela era a primeira-comandante dos Guardiões.

— Nas posições — gritou ela pelo comunicador. Os Guardiões obedeceram rapidamente, se espalhando pela rua. Norman estava em uma das laterais da formação, onde tentaria se esgueirar e chegar por trás do monstro.

Enquanto a fera se aproximava, ainda no meio da rua, Norman conseguiu se posicionar.

Wilkins assentiu para si mesma. *Até agora, tudo bem.*

— Não abram fogo até eu dar o comando — disse ela, espantada consigo mesma por soar tão calma.

Todos eles aguardaram.

Ela esperou até que o Ursa avançasse ao ponto de ficar completamente cercado.

— Fogo! — ordenou Wilkins.

Em sincronia, todos começaram a atingir o alvo. O Ursa parou no meio do caminho, virando para um lado e para o outro, e fez um som rouco, do fundo da garganta. Estava claramente insatisfeito por ser escaudado pelos disparos de pulsar de todas as direções. Ou melhor, pensou Wilkins ao observar Norman aproximando-se agachada da mesma forma que tinha feito nos Jogos Asimov, *quase* todas as direções.

— Mantenham fogo — disse Wilkins.

Todos exceto Norman continuaram atirando. Ela, com o pulsar nas mãos, respirou fundo, correu, levantou a cabeça e saltou.

Wilkins segurou a respiração e observou. *Um ótimo salto. Não, um salto perfeito.*

Mas o Ursa não ficou distraído pelos disparos de Wilkins e dos outros Guardiões. Ele se virou antes que Norman pudesse dar o tiro, e diante dos olhos horrorizados de Wilkins, a criatura rasgou Norman ao meio ainda no ar, com uma patada poderosa.

Quando caiu no chão, Norman não passava de um amontoado disforme de sangue e osso. Mas a criatura não parou para saciar a fome com a carne dela.

Em vez disso, continuou avançando para o meio de Wilkins e dos outros Guardiões. A primeira-comandante cerrou os dentes. *Tudo bem, pensou ela, ainda não acabou.*

Mas, no fundo do coração, ela sabia que já estava tudo acabado.

Talho observa as criaturas convergindo em sua direção. Pelo menos, ao máximo que seus sentidos permitem.

Ele para por um instante para remover a sujeira acumulada na pata. Ele lambe para experimentar. Ele sempre lambe tudo para experimentar. Nunca sabe no que vai pisar. O líquido é morno, apesar de estar esfriando rapidamente. Há um leve gosto de alguma coisa: sal, talvez.

As criaturas, as coisas cheirosas, estão avançando. Estão andando juntas em sincronia e, nessa ação, acham que podem triunfar sobre Talho.

Estão erradas.

Uma delas vem por trás de Talho, mas ele está ciente. Talho se vira e estraçalha a criatura no ar com apenas uma patada. Então, enquanto a coisa cheirosa grita, Talho a despedaça.

Talho continua, destruindo mais duas ao mesmo tempo. Ele estica o corpo, rasgando uma com a pata enquanto crava os dentes na outra. O gosto do sangue passa pelo corpo de Talho, dando força, trazendo nova vida.

Então, Talho solta um rugido. É um barulho ensurdecedor, transcendente, e, por um segundo, todas as coisas cheirosas

congelam. E aí Talho está por toda parte, saltando de um lado para o outro. As coisas cheirosas tentam mirar em Talho, mas não conseguem. Talho está aqui, depois está lá, depois em outro lugar. Os raios de energia deles cortam o ar, mas não conseguem atingir Talho.

Trinta segundos. Esse foi o tempo de que precisou. Não que Talho estivesse contando. Rasgou todos em trinta segundos, menos um.

Talho se vira para encarar a única coisa cheirosa sobrevivente. Ela dispara contra Talho, e dessa vez, acerta.

Talho cambaleia um pouco, e ela dispara de novo. E de novo. A rajada perturba Talho. Ela lembra a outra coisa cheirosa que disparou contra ele e deixou a cicatriz na lateral de sua boca. Talho não gosta de sentir a cicatriz e certamente não quer outra.

A coisa cheirosa, uma fêmea, ao que parece, provavelmente acha que Talho está em desvantagem. Mas ela é só uma coisa cheirosa. Sem nenhuma outra para distrair Talho, nenhum barulho para chamar a atenção para outro lado, Talho sabe exatamente o que fazer.

De repente, ele salta para a direita. A coisa cheirosa move a arma e continua a atirar, mas ela é lenta demais, pois o movimento de Talho tinha sido uma finta. Ele volta para a esquerda e salta na direção dela. Ela tenta virar a arma outra vez para acertar Talho, mas é tarde demais. O salto de Talho termina exatamente em cima da coisa. A garra de Talho prende a arma dela, que é despedaçada.

Então, Talho despedaça ela.

Primeiro, Talho corta alguma coisa fina de metal. Uma placa com nome, Wilkins, mas, para Talho, é só um obstáculo para alcançar as vísceras embaixo. Então, Talho continua rasgando. Ela ainda luta por um ou dois segundos antes de parar de se mexer.

A coisa cheirosa está morta.

Talho come ela devagar. Talho quer a satisfação de comer até ficar completamente satisfeito. Depois, ele perde o interesse e deixa os corpos meio comidos para trás.

Talho tem mais o que fazer.

Conner havia acabado de chegar de um abrigo no Lado Sul, onde um esquadrão de cadetes sob o comando de Yang entregou uma porção patética de comida e água, quando viu uma multidão se reunindo na entrada do centro de comando.

Wilkins, pensou ele, empolgado.

Em vez de ir para o alojamento para sair de baixo dos sóis, ele foi para o meio da multidão, acelerando cada vez mais até quase correr. Carceras, um Guardião que lutara ao lado de sua tia Bonita, foi o primeiro rosto que reconheceu. Conner colocou a mão no ombro do homem e perguntou:

— O que está acontecendo?

Boas notícias, pensou enquanto perguntava. *Me dê as boas notícias.*

Mas, quando Carceras o encarou, não eram boas notícias que transpareciam em seu rosto.

— A primeira-comandante — disse ele, secamente. — Ela está morta.

Conner sentiu um buraco se abrindo no estômago.

— *Wilkins...?*

Carceras assentiu solenemente.

— *Wilkins*. Ela e seu esquadrão encontraram um Ursa perto da Cidadela. Ele pegou ela e mais dois. O resto teve sorte de escapar com vida.

Essas eram as palavras erradas.

— *Wilkins* — repetiu Conner, sem querer aceitar o que acabara de ouvir, sem conseguir registrar.

— Sim — repetiu Carceras, com um tom de irritação. — Você está bem? Não está parecendo muito bem.

Conner murmurou algo e caminhou para longe, suas pernas mal conseguindo carregá-lo. *Wilkins. Morta. E era culpa dele. Dele.*

O plano dele tinha falhado. Mas como, ele se perguntou. *Como?*

Capítulo Vinte e Três

Era tarde. As estrelas brilhavam com toda a força.

Mas Conner não dormiria tão cedo. Ele ficou sentado em sua cadeira no centro de estudos, revendo a cobertura por satélite da batalha de Wilkins contra o Ursa, tentando entender o que tinha dado errado.

Mas tudo o que conseguiu ver foi o Ursa estraçalhando Wilkins e os outros em uma velocidade incrível. Havia tanto sangue e vísceras que Conner começou a sentir seu estômago embrulhar. Havia gritos silenciosos de terror e dor. Havia pedaços de carne rasgada e ossos expostos onde segundos antes havia um humano inteiro.

Não entendo, pensou ele. Deveria ter funcionado. O Ursa deveria estar morto e os Guardiões todos vivos para comemorar a vitória. Deveria ter funcionado.

Mas deu errado.

Ele se lembrou do que Wilkins havia dito no dia dos jogos de guerra, sobre seu talento como estrategista. Ela não era o tipo de pessoa que fazia elogios à toa. Ficou impressionada com ele, com o que ele poderia fazer.

E o que ele fez? Apostou a vida de bons homens e mulheres para mostrar a todos que estava certo. E esses homens e mulheres, todos Guardiões experientes, haviam pagado com a própria vida por sua arrogância.

De repente, ele já não se sentia tão talentoso.

E o que você vai fazer agora?, perguntou a si mesmo. Sentir pena de si mesmo? Ou descobrir o que deu errado?

Só havia uma resposta para essa pergunta.

Não fazia mais sentido esperar.

Se Lyla tivesse anos para aperfeiçoar a arma F.E.N.I.X. manual, ou até meses, a história seria diferente. Mas ela não tinha todo esse tempo. Então, mostraria à Savant adjunta tudo o que tinha feito até agora.

A imagem de Vincenzo flutuou na frente de Lyla em uma tela holográfica.

— Tudo bem — disse a mulher, soando ainda mais exausta do que da última vez que falaram —, o que você tem pra mim?

Lyla mordeu o lábio e enviou o arquivo.

— Como pode ver, resolvi os problemas que você apontou.

Vincenzo observou o conteúdo do arquivo. Ela o fez com calma, assim como antes. Finalmente, ela olhou de volta para Lyla e disse:

— Está melhor. Muito melhor.

“Muito melhor” já era alguma coisa.

— Você resolveu o problema da blindagem, apesar de eu ter achado que não ia conseguir.

Pois é.

— Você colocou mais supercondutores. E simplificou a sequência de reação. Nada mau.

Só havia um problema. Lyla achou melhor falar logo do que dar tempo de a Savant descobrir sozinha.

— Tem um defeito na função de foice — disse ela.

Vincenzo olhou-a.

— Que tipo de defeito?

Lyla queria ter encontrado um jeito de contorná-lo. Tentara várias soluções diferentes, mas nenhuma funcionou. Portanto, por mais que não quisesse, ela só tinha uma forma de dizer.

— Ela faz o aparelho explodir.

Vincenzo estreitou os olhos.

— Explodir?

Lyla assentiu, relutante.

— Completamente. A câmara de fusão permanece intacta, mas os componentes de metal voam para todos os lados exatamente dez

segundos depois de a função ser ativada.

— Esse é um senhor problema.

Lyla engoliu a seco.

— Eu estava pensando que, mesmo sem a função da foice, o aparelho pode ser útil. Com certeza, é muito melhor que a arma que os Guardiões usam agora.

— Pode ser — disse a Savant adjunta. — Mas se eles tocarem o botão errado... — Ela não precisou completar a frase para deixar claro o que estava pensando. — Você não pode simplesmente deixar a função de foice de fora do projeto?

— O problema não é a foice em si — explicou Lyla. — O problema é a pressão. Se não fosse desencadeado pela ativação da foice, seria pela ativação de outra coisa.

— Entendo — disse Vincenzo. Ela não pareceu muito animada.

Se ao menos Lyla tivesse mais tempo. Ou mais experiência. Ou mais... alguma coisa. Ela sabia que o problema poderia ser consertado. Só que ainda não sabia como.

— Não posso autorizar a produção de uma arma que pode explodir na mão do Guardião que a usar — decidiu Vincenzo. — Sinto muito.

Eu também, pensou Lyla.

Conner socou a mesa e sentiu o móvel tremer com a força do golpe.

Ele tinha revisto as imagens de satélite umas trinta vezes, atento aos mínimos detalhes de cada ângulo computadorizado. Mas ainda não conseguia ver a falha em seu plano.

Norman fez exatamente o que deveria fazer. *Exatamente.* Mas o Ursa percebeu sua aproximação. Por quê? O que Conner tinha feito que ela não fez?

Ele se forçou a manter os olhos na tela, torturando-se. *Mais cem vezes, se for preciso. Mais mil.* Ele devia isso àqueles que morreram por confiar nele.

Então, ele viu.

Conner se afastou da mesa. Ele estava sentado lá há tanto tempo que seus olhos ardiam. *Mas tinha valido a pena.*

Ele estava certo.

O plano dele era bom. A execução é que foi falha. *Não fui eu.* Ele fechou os olhos, suspirando aliviado, sentindo o peso do planeta ser tirado de suas costas. *Não fui eu.*

Não que estivesse comemorando. Como poderia, quando Wilkins e outros Guardiões tinham morrido tentando cumprir seu plano? Mas agora ele sabia que poderia seguir a mesma estratégia e fazê-la funcionar. E, se conseguisse, aquele primeiro esquadrão não teria morrido por nada.

Ele pediria mais uma chance.

Mas dessa vez não ia deixar ninguém ir no lugar dele na missão. Ele ia fazer pessoalmente.

Conner ficou de frente para a mesa de Tariq Lennon e esperou a reação a sua proposta.

— Um esquadrão? — perguntou Lennon.

— Isso mesmo, senhor — respondeu Conner.

— Para tentar executar o seu plano outra vez. Só que, dessa vez, você vai dar as ordens.

— Isso mesmo, senhor.

Lennon contorceu o rosto, irritado.

— Nem pensar.

Conner mordeu o lábio.

— Eu tenho certeza, senhor. Vai funcionar desta vez.

— Deveria ter funcionado da *última* vez, e nós vimos como a coisa acabou. Você cometeu um erro, Raige. Aceite e siga em frente.

— Houve um erro sim, senhor — admitiu Conner —, mas não foi meu. Foi da primeira-comandante Wilkins.

— Sei — respondeu Lennon. — Vamos culpar a primeira-comandante, então.

— Senhor, se você olhar a filmagem do satélite...

— Eu já olhei. E não há nada lá que me faça querer mudar de ideia.

— Senhor, analisei passo a passo o que aconteceu. Sei o que saiu errado e, se eu estiver no comando, posso fazer dar certo.

— *Você* — disse Lennon com um tom inconfundível de desdém na voz. — Um cadete. *Você* vai fazer dar certo o que a líder de todo o Corpo de Guardiões não conseguiu. — Ele fez um som no fundo da garganta. — Eu sabia que você era metido, Raige, mas isso... vai além da arrogância.

— A questão não sou *eu*, senhor — insistiu Conner —, a questão é nos livrarmos dos Ursas. Eu posso fazer isso, se você me der uma chance.

Lennon balançou a cabeça.

— Não vai acontecer. Não enquanto eu estiver no comando. Dispensado, cadete.

Conner sentiu a raiva crescendo dentro dele, ameaçando consumi-lo. Mas tentar enfrentar Lennon não serviria de nada. Ele apertou os dentes e saiu do escritório.

Para Lennon, Conner teve a chance e a desperdiçara. E aparentemente ele não teria outra.

Pelo menos não com Lennon...

Capítulo Vinte e Quatro

No momento em que Conner entrou no quartel, ele já tinha tomado uma decisão.

Ao entrar, percebeu os outros cadetes o observando com atenção. Todos já haviam ouvido as notícias sobre a missão de Wilkins e sobre a participação de Conner nela, e todo mundo queria saber o que tinha acontecido no escritório de Lennon.

Mas foi Blodge que fez a pergunta que todos queriam fazer.

— Você falou com Lennon?

— Falei — respondeu Conner.

— E o que ele disse?

— Disse que não ia permitir. De jeito nenhum. Muito menos comigo no comando.

— Mas você explicou que ficou revendo as filmagens e descobriu como fazer a coisa funcionar?

Conner confirmou.

— Não adiantou nada.

— Mas você matou um Ursa. Quem mais conseguiu fazer isso?

— Mesmo assim.

— Isso é uma idiotice — exclamou Blodge.

— É mesmo — rebateu Conner. — Porque agora eu vou fazer uma coisa que meu pai me mataria se soubesse que eu estou sequer pensando em fazer.

— Do que você tá falando? — perguntou Gold.

— É — disse Cheng —, do quê?

Conner observou os rostos deles. Como poderia pedir o que estava prestes a pedir? *Por uma simples razão: pela sobrevivência da colônia.*

— Lennon me disse que não vai autorizar a missão. Não tem como mudar isso. Mas tem muito mais em jogo aqui do que a

hierarquia dos Guardiões. Estamos em guerra contra os Ursas, e estamos perdendo. Na minha opinião, a única maneira de reverter isso é ignorando o posicionamento do centro de comando e tentando o que a Wilkins tentou. Mas fazendo certo dessa vez.

— Mas se Lennon...

— Não vamos pedir permissão ao Lennon — respondeu Conner, antes mesmo da pergunta. — Vamos fazer tudo por conta própria.

As palavras dele ficaram no ar, enquanto a mensagem era lentamente absorvida. Aos poucos, a expressão de seus companheiros cadetes refletiu suas reações.

Um grupo ficou horrorizado. Mas nem todos. A maioria parecia talvez, *quem sabe*, querer ouvir mais.

— Só pra deixar claro — explicou Conner —, estou falando sobre desobedecer uma ordem direta. Não é uma infração simples.

— Pode ter certeza que não — comentou um cadete.

— Guardiões já foram pra corte marcial por menos do que isso — prosseguiu Conner. — Nós já vimos isso acontecer.

Ninguém foi contra a ideia. Porém, ninguém foi a favor também.

— Quem vem comigo? — convocou Conner, esperançoso.

— Eu — disse Blodge, erguendo a mão.

— Eu também — aderiu Gold.

Conner olhou ao redor. Ninguém mais estava pronto para depositar no plano a fé que lhes era pedida.

Então é isso, pensou ele. Olhou para Blodge e Gold. *Três de nós*. Mas três pessoas não poderiam fazer o que ele queria. Eles morreriam antes de começar.

O coração de Conner afundou. Eles tinham uma chance de contra-atacar os Ursas, mas não queriam aproveitá-la.

Então, ouviu uma voz atrás dele:

— *Eu vou com você*.

Conner se virou para ver quem era e deu de cara com Lucas Kincaid.

— *Eu* vou com você — repetiu Kincaid, caso alguém tivesse duvidado do que ouvia ou não soubesse de onde vinham as palavras.

Por quê?, Conner se perguntou. Por que logo Lucas Kincaid decidira apoiá-lo?

— Porque — explicou Lucas, como se tivesse ouvido a pergunta silenciosa de Conner — não podemos ficar aqui sentados, esperando os Ursas nos matarem um a um. Ouvi o plano do Conner. Ele funcionou uma vez. Vai funcionar de novo se for feito do jeito certo.

— Você tá dizendo que a Wilkins não fez o que tinha que fazer direito? — perguntou um dos cadetes. — *A primeira-comandante?*

— Não tão bem quanto Conner conseguiria — respondeu Lucas.

Não deve ter sido fácil para ele dizer uma coisa dessas, mas ele disse. Todos respeitavam Lucas. E, por causa desse respeito, eles pareciam mais inclinados a ouvir a ideia do que antes. Conner não podia deixar essa vantagem escapar.

— Lembrem-se de por que vocês queriam ser Guardiões — pediu ele, olhando cada um dos companheiros. — Não foi só pra poder usar uniforme, certo? Queriam fazer alguma coisa pela colônia. Bom, essa é a chance. E aí, o que vocês vão fazer a respeito?

Não era uma decisão fácil a tomar, para nenhum deles. Envolveria repercussões, como Conner mesmo lembrara, mesmo que fossem bem-sucedidos. Mas, na cabeça dele, não havia alternativa.

Ele só torceu para que os outros também pensassem assim.

O Primus Rostropovich estava em seu santuário, de pé, ao lado do altar onde rezava pela manhã e à noite. Ele olhou para seus áugures com uma expressão de confiança e decepção ao mesmo tempo. A decepção era com eles e com o povo de Nova Prime, ou, pelo menos, era o que ele queria dar a entender.

O desapontamento com Deus ele pretendia guardar para si mesmo. Este seria para um outro momento, de discussão

introspectiva. Uma discussão que ele esperava ser capaz de mediar satisfatoriamente.

Uma dezena de rostos o olhava com expectativa. O salão era circular e não havia cadeiras. Todos estavam sentados de pernas cruzadas no carpete fino, olhando para ele e esperando para ouvir suas palavras de sabedoria.

Palavras que soarão vazias, a não ser que eu use todas as minhas forças para transmitir aquilo em que acredito.

Lá estava ele, de frente para todos, com as mãos cruzadas.

— O público desta missa matinal foi, para não dizer pior, uma decepção. Eram poucos, mas fiéis, isso é verdade. No entanto, vejo que nossos irmãos estão deixando de aparecer, e isso me entristece.

— Talvez tenham sido comidos.

Foi um comentário agressivo, furioso, do áugure Winton. Um dos mais jovens da ordem, inquisitivo e sem medo de fazer perguntas difíceis. Normalmente, o Primus consideraria essas boas características. Agora, nem tanto.

— Sua intenção foi fazer graça, áugure Winton?

— Não, Primus — respondeu Winton. — Mas considero a sua atitude engraçada. Estamos sendo dilacerados pelas feras. Quer que as pessoas da cidade se curvem e peçam misericórdia e orientação a Deus, mas elas estão sendo comidas vivas, e Deus não está em lugar algum.

— Há outra explicação para a redução do número de congregados — interpôs a áugure Theresa. — As pessoas estão apenas com medo de sair de casa. E quem pode culpá-las, quando *mandaram* que permanecessem em casa? Se este é o caso, só nos resta uma opção: temos que levar a palavra de Deus *até* eles.

— Este — começou a dizer o Primus, com um sorriso — é exatamente o tipo de atitude produtiva que quero de...

— Vocês estão *completamente malucos*? — Winton ficou de pé. Era uma quebra de protocolo muito séria, ficar de pé na presença do Primus no santuário. Subentendia-se que o áugure acreditava estar

no mesmo nível de espiritualidade que o próprio Primus, o que era uma blasfêmia, já que o Primus era o mais sagrado de todos.

Mas parecia óbvio que Winton não dava a mínima para isso.

— Vocês não entendem o que está acontecendo? Não veem? Essas feras foram lançadas contra nós e nada vai pará-las. Nada. Só há três possibilidades: ou Deus não se importa, ou Deus quer que isso aconteça ou Deus não existe. E independentemente de qual seja a opção correta, *o que diabos estamos fazendo aqui?*

— Sente-se, Winton — repreendeu o Primus.

Em vez de obedecer, Winton arrancou as vestes de áugure, expondo suas roupas comuns. Enquanto o fazia, ele olhava fundo nos olhos do Primus, o que o deixou extremamente transtornado.

— Sabe — disse Winton —, eu consigo perceber isso. Que você não tem mais fé do que eu neste momento, só um grande apego à hipocrisia. — Ele jogou o manto no chão. — Se acha que vou sair por aí de casa em casa, tentando levar fé ao coração dos incrédulos em vez de contar a verdade, que todos nós estamos condenados, está louco. Vou gastar o resto da minha vida, que pode muito bem ser por agora, dando apoio emocional e conforto à minha mulher e ao meu filho. O que vocês vão fazer durante este tempo... realmente não me importa.

— Winton — disse Theresa, estendendo as mão para ele. — O Primus só...

Mas ele se foi em questão de segundos.

Um silêncio mortal pairou pelo santuário por longos momentos. Todos olhavam para o Primus, esperando para ver como ele iria reagir.

Como se Winton não tivesse dito nem uma palavra, o Primus disse:

— Theresa, faça o favor de trabalhar com o áugure Parkin. — Ele apontou o rapaz atarracado na lateral da sala. — Montem uma programação. Quero que o programa de visitação seja implementando imediatamente.

— É claro — respondeu Theresa, como sempre a mais bem-disposta do rebanho de Rostropovich, sempre a mais devotada dentre os áugures.

O Primus se curvou para os áugures e eles responderam da mesma forma. Era a maneira tradicional de indicar que a reunião havia terminado. Enquanto todos deixavam o santuário, o Primus virou as costas. Ele não queria que o vissem tremendo de raiva e nervosismo.

Como ousa? Como Winton ousa falar comigo daquele jeito!

Mas sabia que sua raiva estava mal direcionada. Ou, pelo menos, a motivação estava errada. Ele não estava furioso pela forma desafiadora como Winton falou com ele. Estava furioso porque era como se Winton tivesse aberto sua cabeça e exposto seus próprios pensamentos ao público. Fez o Primus sentir como se não houvesse lugar seguro, nem mesmo em sua mente.

De repente, ele percebeu que alguém estava atrás dele. Ao se virar, viu que Theresa o olhava.

— Creio ter lhe dado uma tarefa — disse ele.

Ela evitou encará-lo e falou tão baixo que o Primus teve que se esforçar para ouvir.

— Eu gostaria de agradecê-lo por dar a Marta um lugar aqui.

— É um prazer ajudá-la — respondeu ele.

Não havia onde colocar a guardiã Lemov depois que ela se estabilizou. Afinal, o medicentro precisava da cama dela para tratar casos mais urgentes e as enfermarias dos Guardiões estavam lotadas de pessoas mutiladas e moribundas.

Marta expressou seu desejo de ser levada para casa, mas isso se tornou um problema quando os médicos se deram conta de que lá não havia ninguém para cuidar dela.

— Você precisa de alguém para ajudá-la — explicaram a ela. — Senão...

Ela deixou bem claro, de maneira bem eloquente, que não dava a mínima para o "senão".

Theresa levou a situação à atenção do Primus, que prometeu ajudá-la a resolver. E manteve a palavra. Em um momento, Marta adormeceu profundamente sem saber por quê. Quando acordou, descobriu que havia sido transferida.

Tecnicamente, não havia por que reclamar. Estava em um lugar melhor que o anterior. Em vez de ficar amontoada em uma única sala enorme com dezenas de pacientes gemendo, ela tinha um quarto só para si na Cidadela. Pequeno, claro, mas privativo.

Ainda assim, quando acordou e viu Theresa olhando para ela com um sorriso confiante e feliz, soltou uma torrente de palavras que deixaram a áugure mortificada. Tanto que Theresa não havia mais retornado ao quarto de Marta.

Pelo menos, era o que o Primus havia ouvido.

E lá estava Theresa agradecendo a ele por conceder um quarto a ela. Mas estava claro que Theresa queria dizer mais alguma coisa, e o Primus lhe daria permissão para falar. Por que não? Levando em consideração o nível de desobediência que um áugure havia acabado de demonstrar, parecia a atitude correta recompensar aqueles que agiam de forma mais razoável.

— Prossiga — pediu ele.

— Eu... Eu gostaria que você falasse com Marta.

— A Guardiã? Pensei que você estivesse cuidando dela. Afinal, ela é amiga da sua família.

— Mas é parte do seu rebanho também. Ela está em luto profundo e não quer me ouvir. Eu esperava que você pudesse atingi-la de uma forma que eu não consigo. Ela... — Theresa hesitou. — Ela também está de luto pela morte dos companheiros Guardiões. Está convencida de que aqueles que ainda estão vivos não têm chance nenhuma contra os Ursas.

Ela não é a única a se sentir assim. Com grande autocontrole, o Primus manteve o sentimento cuidadosamente guardado.

— E você acredita que eu, de alguma forma, conseguirei convencê-la do contrário?

— Eu acho — disse ela, com total convicção — que não há nada que você não possa fazer, Primus, quando se trata de fé.

Ó pobre, triste e patética desgraçada...

— É claro — disse o Primus. — Vou cuidar disso.

No final das contas, Conner estava correto quanto ao erro de Wilkins.

Com duas horas de patrulha, ele e seu esquadrão encontraram um Ursa na rua O'Hara, perto da joalheria onde Blodge havia comprado um colar para a namorada. A criatura se virou e rugiu, atacando-os assim que os viu. Parecia estar sem comer há muito tempo.

O esquadrão de Conner se espalhou conforme o planejado, cercando o Ursa e atacando com pulsares por todos os lados. Mas não foi só isso que eles fizeram. Também gritaram a plenos pulmões, como banshees, exatamente como Conner mandara. A cabeça da criatura se virou de um lado para o outro, de um alvo para o outro. Os dentes dela rangiam.

Enquanto isso, Conner esperou uma abertura.

Foi o mesmo que tinha feito contra Lucas no Jogo de Guerra: levar o inimigo a se concentrar em outra coisa e atingi-lo por trás. Quando viu a chance, Conner não hesitou. Saiu correndo, saltou nas costas do Ursa e disparou.

Por favor, pensou ele, funciona.

Não só porque sua própria vida dependia disso, mas também porque precisavam de um pouco de esperança. Até aquele momento, só os Ursas conseguiam vantagens. Os Guardiões precisavam virar o jogo.

No último momento, a cabeça da criatura se virou e Conner se viu olhando a garganta dela. Ele disparou à queima-roupa, exatamente como sua tia havia feito, exatamente como ele mesmo fizera da última vez que estivera diante de uma das criaturas.

Quando Conner rolou para fora das costas da criatura, dessa vez preparado para sair o mais rápido possível, pensou outra vez: *Por favor.*

Então ele caiu no chão, deu um rolamento para ficar de pé e mirou novamente, para o caso de não ter acertado de primeira.

Mas tinha acertado. O Ursa estava se dobrando em frente aos seus olhos, as pernas cedendo. Um segundo depois, ele caiu no chão. Então, os companheiros de Conner se aproximaram e dispararam até acabar com a criatura.

Mas não todos eles.

Mesmo enquanto disparava contra o Ursa, comemorando o sucesso, Conner percebeu que dois membros da equipe estavam estirados no chão. Um estava caído com o rosto para cima, o peito aberto até os ossos. Era McKinnon. O outro, cuja cabeça fora praticamente arrancada, era Bashar.

Eles gritaram como todos os outros, distraindo o Ursa, porque tinha sido isso que o esquadrão de Wilkins *deixara* de fazer. A primeira-comandante estava tão concentrada em tirar vantagem do ponto cego olfativo da criatura que esqueceu que ela possuía outros sentidos.

Audição, por exemplo. O tipo de sentido que lhe permitiria perceber alguém chegando por trás, mesmo que não conseguisse farejar. O tipo que atrapalhou a aproximação de Norman enquanto o grupo observava em silêncio, todos segurando o fôlego.

Mas, se a audição do Ursa também fosse comprometida, o plano de Conner funcionaria. E funcionou. E com isso, os cadetes venceram. Eles eliminaram um dos monstros que estavam massacrando seu povo e, mais importante, confirmaram que havia uma maneira de eliminar os outros.

Mas, naquele momento, ao olhar para Bashar e McKinnon, e em vários dos dias que se seguiram, Conner se perguntava: a que preço?

Capítulo Vinte e Cinco

O primeiro lugar aonde Conner foi, depois de entregar o cadáver do Ursa a um esquadrão de Guardiões *de verdade*, foi para o escritório de Tariq Lennon no centro de comando.

Já era ruim o suficiente ter desobedecido às ordens de Lennon. Ele não pretendia piorar a situação forçando o homem a vir procurá-lo. Pretendia se entregar.

Ao levar seu esquadrão de cadetes para enfrentar o Ursa, Conner não tinha nenhuma ilusão. Sabia muito bem que teria que pagar pela transgressão, assim como aqueles que o seguiram em batalha.

Em sua mente, o que estava feito, estava feito. Não tinha escapatória, independentemente do resultado.

Então, aqui estou, pensou.

Havia um cadete sentado à mesa de Lennon, de costas para Conner, olhando o monitor. Um cadete, pensou Conner. Não era nem um dos mais *experientes*, mas um cara tão novo que Conner nem conseguiu reconhecer.

— Vou atendê-lo em um momento, senhor — disse o cadete, em voz alta, enquanto observava o monitor tão atentamente que só levantou a mão, em vez de se virar.

Conner ficou lá por alguns segundos antes de o homem abaixar a mão e se virar para ele.

— O que posso fazer por você, senh...? — começou. Então pareceu perceber que Conner era só um cadete, e repetiu apenas: — O que posso fazer por você?

— Estou procurando o comandante Lennon — respondeu Conner.

— Ele não está no momento — explicou o cadete. — Sinto muito.

— Quando ele volta?

— Ele não deixou isso muito claro. — O cadete fez uma expressão de desconforto. — Para ser honesto, faz várias horas que ele não

entra em contato.

Então, *nem sequer* havia garantia de que ele voltaria, foi o pensamento sombrio de Conner.

— Eu sei — comentou o cadete, limpando o suor da testa —, é loucura. Um cara que acabou de se alistar, comandando o escritório do comandante Lennon. Se alguém me dissesse no domingo passado que eu estaria na cadeira dele, enviando equipes de emergência...

— Bom — disse Conner —, se tiver notícias do comandante, avise-o de que Conner Raige está de volta. Assim como meu esquadrão.

O cadete pareceu perdido.

— *Seu* esquadrão?

— Pois é — comentou Conner —, loucura. — E se virou para ir embora.

— Espera — pediu o cadete. — Você disse que seu nome é Raige...?

Normalmente, Conner teria ficado e recebido as expressões de admiração por sua família. Admiração que ele mesmo ainda não havia conquistado. Mas, no momento, estava cansado demais para ser educado.

Então, disse apenas:

— Obrigado, cadete. Estarei no alojamento.

Ele poderia ter ido falar com Haturi no escritório de Wilkins — ou melhor, ex-escritório de Wilkins —, mas Haturi certamente devia estar ocupado com outras coisas mais importantes. Se quisesse punir Conner e os outros cadetes, ele poderia fazê-lo a qualquer momento.

Quando Conner saiu do centro de comando, Lucas e os outros estavam esperando por ele.

— O que aconteceu? — perguntou Lucas.

— Nada — respondeu Conner. — Nada mesmo. Lennon está no campo de batalha, então não tem ninguém para nos punir pelo que

fizemos.

— Então... é isso? — perguntou Blodge, mais cansado do que Conner jamais o vira. — Saímos dessa na boa?

— Pelo menos por enquanto — respondeu Conner, retirando o capacete e passando a mão pelo cabelo suado.

Nenhum deles parecia insatisfeito com o resultado, por mais temporário que fosse. Por outro lado, eles já tinham motivos suficiente, de insatisfação insatisfeitos. Afinal, perderam dois companheiros em batalha.

Objetivamente falando, a missão fora um sucesso. Mas, se sucesso significava isso, Conner não sabia se aguentaria muito.

Marta gemeu brevemente ao ver o Primus se aproximando dela. Isso tinha a mão de Theresa.

— *Que foi?* — perguntou ela, curta e grossa.

O Primus não pareceu abalado pela atitude dela.

— Ouvi dizer que você está cheia de preocupações.

— Eu tenho ouvido as notícias.

Ele gesticulou, indicando o quarto.

— Este é um local de paz. Não há intrusos. Não há telas. Não há notícias para interferir em sua contemplação...

Marta balançou a cabeça.

— Se é isso que você acha, Primus, quer dizer que não conhece as pessoas muito bem. As notícias são mais do que o que aparece nas telas ou viaja pelo ar. As pessoas entram e saem deste lugar falando sobre as coisas. Elas falam sobre o Talho. É sobre isso que todos estão falando.

— Talho...? — O Primus balançou a cabeça

— Talho. — Marta não escondeu seu incômodo com o fato de o Primus estar totalmente alheio a tudo. — Talho é o maior e mais perigoso de todos os Ursas. Ele já matou mais pessoas do que poderíamos imaginar.

— E as pessoas falam sobre isso?

— Diabo, até o *seu* pessoal fala sobre isso. Seus áugures falam uns com os outros em sussurros, para não chegar a seus ouvidos ou perturbar outros fiéis. Você não conhece o coração de seus próprios pupilos, Primus?

O Primus se esquivou da pergunta. Em vez de responder a ela, disse:

— Conheço o *seu* coração, Guardiã. Eu sei que a escuridão dentro dele vai além do luto. É composta também por... culpa. Você acha que poderia ter feito alguma coisa para manter Torrance Raige vivo.

Marta fez uma careta.

— E você vai me dizer que isso não é verdade, não é? Você vai me dizer que estou livre da culpa, apesar de você ter estado aqui sentado em sua Cidadela no momento em que tudo aconteceu, a mais de dez quilômetros de nós?

O tom da mulher era propositadamente insultuoso. E, com o áugure Winton, o Primus já havia aturado insultos demais para um dia.

Ele fora nomeado Primus por sua espiritualidade e por sua alma generosa. Mas não estava com uma disposição especialmente generosa naquele momento. Na verdade, estava com uma disposição puramente cruel.

— Eu? — disse em resposta à pergunta da Guardiã. — Eu não faria tal coisa. Como você disse, era você que estava lá, não eu.

Ele deixou Marta lá, remoendo a própria culpa, incapaz de fazer qualquer coisa a respeito.

Conner estava dormindo, tentando descansar o máximo possível antes de sua próxima missão — qualquer que fosse —, quando sentiu uma mão no ombro. Ao abrir os olhos, viu o comandante Haturi olhando para ele.

— Precisamos conversar — declarou Haturi.

É isso. Eu vou para a corte marcial. Conner estava pronto para pagar o preço.

Esfregando os olhos, ele vestiu um uniforme limpo e seguiu Haturi até o centro de comando. Ao entrarem no escritório de Wilkins, o comandante fechou a porta.

— Descansar — disse ele.

Conner ficou grato. Era difícil ficar em posição de sentido com os músculos tão doloridos.

— Permissão para falar, senhor?

— Prossiga — respondeu Haturi.

— O que fiz — explicou Conner — foi responsabilidade só minha. Os outros... eles não devem ser responsabilizados. Eu os convenci a ir comigo.

— Então a responsabilidade é toda sua?

— Sim, senhor. Toda minha.

Haturi limpou a garganta, um ruído de desaprovação.

— Exatamente o que pensei que você diria. Por isso o acordei no meio da noite. Eu preciso de ajuda e só você pode me ajudar.

Conner não entendeu.

— Ajuda, senhor?

O comandante assentiu.

— Eu não sou um primeiro-comandante, cadete Raige. Nunca fui e nunca serei. Sou ótimo em apagar incêndios e resolver as coisas aqui e ali. Mas estaria mentindo se dissesse que sou a melhor escolha para ser o cérebro desta operação.

Conner sempre pensou o contrário. Quem seria mais eficiente do que Elias Haturi? Ele sempre foi o braço direito de Wilkins.

— Quero dizer, eu poderia assumir como primeiro-comandante. Eu *poderia*. E, se não estivéssemos em uma situação tão delicada, eu provavelmente o faria. Mas, mesmo assim, eu seria julgado como alguém melhor em receber ordens do que dá-las. Pelo menos, neste nível.

E então ele prosseguiu:

— Mas *você*... *você* é bom nisso. Um líder como eu nunca vi igual. Talvez melhor até do que seu pai. *Você* deveria ser primeiro-comandante, sem dúvida.

Conner se perguntou se estaria sonhando.

— Eu, senhor?

— *Você* — confirmou Haturi.

— Primeiro-comandante?

— Isso mesmo. Na verdade, eu pensei seriamente em recomendar isso. Por outro lado, *você* tem só... o quê? Dezoito? As pessoas não veriam o que eu vejo em *você*. Elas só pensariam na sua idade e diriam que estou louco.

Eu provavelmente seria um deles, refletiu Conner.

— Então eu vou fazer o seguinte — explicou Haturi. Ele se inclinou para a frente. — Vou aceitar o posto de primeiro-comandante. Oficialmente, pelo menos. Mas vou me apoiar em *você*, se é que me entende. Quero contar seriamente com a sua ajuda. *Você* concorda com isso?

— Concordo — respondeu Conner.

— Imaginei que fosse dizer isso. Mas, antes que responda, quero que entenda o que quero dizer com *me apoiar*. Não estou falando sobre pequenos conselhos. Estou falando em assumir o comando em todos os assuntos importantes, inclusive ao lidar com o Primus e o Savant. *Você* ainda concorda?

Conner respirou fundo. Era uma ideia louca de Haturi colocar uma responsabilidade tão grande nas costas dele. Não havia dúvida. Mas, ao mesmo tempo, ele sabia que era capaz de assumi-la.

Ele já sabia como era ser líder. E havia sido bem-sucedido. E, de alguma forma, sabia que poderia ser bem-sucedido naquilo que Haturi estava pedindo também.

Conner assentiu.

— Pode contar comigo, senhor.

Capítulo Vinte e Seis

Conner sentou-se na cadeira da primeira-comandante Wilkins, com os cotovelos firmados na mesa. *Não*, pensou ele, *ansioso demais*. Então recostou-se na cadeira e cruzou os braços. *Não*, *complacente demais*.

Algo entre um e outro, então, pensou. Ele tentou achar a posição, mas se sentiu desconfortável. Por outro lado, *qualquer* posição seria estranha.

Ele não estava acostumado nem a *participar* de reuniões com pessoas que não fossem Guardiões, que dirá *conduzi-las*. E não eram duas pessoas quaisquer que haviam sido chamadas para participar da reunião no escritório.

Eram as duas pessoas mais importantes da colônia.

Enquanto ele pensava nisso, Blodge abriu a porta e entrou.

— Eles estão aqui — disse o garoto.

Conner assentiu.

— Peça que entrem.

Blodge sorriu e disse:

— Boa sorte. — E saiu.

Um momento depois, os convidados de Conner chegaram. Eles entraram no aposento, primeiro o Savant, e, depois, o Primus. O Savant terminou um comentário que certamente havia começado do lado de fora.

Conner os havia visto várias vezes antes, em especial o Primus. Mas nunca pessoalmente.

Até agora.

— Obrigado por virem — disse ele.

Eles olharam para os lados. Obviamente, estavam esperando Haturi.

— Onde está o primeiro-comandante? — perguntou o Primus.

De perto, ele parecia mais gordo do que na tela, mais barrigudo, apesar de o manto disfarçar bem. E a pele dele, geralmente pálida, tinha manchas vermelhas. Outra coisa que Conner nunca havia percebido.

— O primeiro-comandante tem trabalho a fazer — explicou Conner, no tom mais calmo que conseguiu.

Flint fez uma careta.

— Não mais do que eu. Ele está a caminho?

— Não — respondeu Conner. — Estou aqui no lugar dele.

O Primus sorriu.

— Isso é muito divertido, rapazinho. Mas somos pessoas muito ocupadas, como pode imaginar. O primeiro-comandante virá ou não?

— Ele não pediu que vocês viessem — respondeu Conner. — *Eu* pedi.

— A mensagem chegou do escritório do primeiro-comandante — insistiu o Savant.

— Eu sei — confirmou Conner. — Enviei daqui.

A expressão do Primus se endureceu.

— Não vim até aqui para me reunir com um cadete.

— Nem eu — concordou o Savant.

— Não sei quanto a você — disse o Primus a Flint —, mas eu estou indo embora. — Ele olhou para Conner. — Se o primeiro-comandante quiser falar comigo, à minha conveniência, ele pode marcar uma reunião com o meu secretário.

O Savant parecia pronto para ir embora também.

Conner viu sua iniciativa se perder diante de seus olhos. Sem o apoio do Primus e do Savant, ele não conseguiria fazer nada.

Ele se levantou.

— Se forem inteligentes, vão querer se sentar.

Tanto o Primus quanto o Savant ficaram chocados, mas só por um momento. Então, o Savant falou em uma voz fria como gelo:

— Com quem pensa que está falando?

Conner não hesitou, mesmo sob o olhar severo do homem.

— *Pensei* estar falando com duas das pessoas responsáveis por tomar conta da colônia, pessoas capazes de colocar de lado seus egos pelo bem de Nova Prime.

Ele esperou que o Savant ficasse de boca aberta. Mas isso não aconteceu.

— É um belo discurso — disse ele. E aí alguma coisa mudou em sua expressão. — Raige, não é?

Ele assentiu, grato porque o Savant o reconhecera.

— Conner Raige.

Os olhos do Primus se estreitaram. Aparentemente, ele também conhecia o nome, se não o rosto. Mas, se o exame contínuo que fazia do garoto significava alguma coisa, era que ele estava tentando buscar semelhanças nos traços da família.

O Savant riu.

— Só um Raige teria a audácia de sentar à mesa do primeiro-comandante antes mesmo de se tornar um Guardiã formado.

— As coisas mudaram — disse Conner. — Elas precisaram mudar. A primeira-comandante Wilkins está morta. Assim como setenta por cento dos Guardiões.

— Então vocês deram um golpe militar — disse o Primus, sem tentar esconder o desdém.

— De maneira alguma — explicou Conner. — Não tirei ninguém do lugar. Tenho o apoio de todos os oficiais de alta patente do Corpo, inclusive do comandante Haturi.

— O que não descaracteriza o golpe — insistiu o Primus.

— Olha — cortou Conner —, podemos discutir legalidades aqui ou podemos direcionar nossas energias pra algo construtivo.

— Não vou discutir “algo construtivo” com uma *criança* — declarou o Primus.

— Você quer sobreviver aos Ursas? — perguntou Conner. — Porque a única maneira de fazer isso é trabalharmos juntos.

— Os Ursas — disse o Primus, levantando o queixo como se estivesse se dirigindo a sua congregação — são um sinal de algo

maior que a humanidade no universo, algo que recebeu um poder maior. Daquele que é o *todo-poderoso*. A maior parte dos colonos parece acreditar que continuaríamos vencendo para sempre. Mas alguns de nós, os que pararam para pensar a respeito, sempre souberam que isso eventualmente aconteceria, que um dia poderíamos encontrar uma espécie que não pudéssemos dominar ou controlar. E nós encontramos. É uma questão de orgulho pensar que o resultado deste encontro está em nossas mãos. Se nós em Nova Prime formos *destinados* a sobreviver, nós sobreviveremos. Senão... — Ele deu de ombros.

Conner se virou para o Savant.

— Você também pensa assim? — perguntou ele, torcendo desesperadamente para que a resposta fosse “não”.

— No que diz respeito a seguir um garoto de 18 anos? — declarou o Savant. — Certamente. Não importa o que você tenha feito. — Ele olhou para o Primus. — Mas no que diz respeito à sobrevivência, não. Como o Primus sabe, acredito que nosso destino esteja completamente em nossas mãos.

O Primus pigarreou.

— É claro que acredita.

Conner estava feliz pelo fato de o Primus ter dito o que disse. Quanto mais afastasse o Savant, mais fácil seria para Conner conquistá-lo.

Além disso, o Savant era devoto da lógica, tinha que ser, e Conner também era. A iniciativa dele era baseada em uma lógica científica: observação, e teste de hipóteses. O Primus, por outro lado, só via o que a fé permitia. E quanto mais pronunciada fosse sua resignação com o destino da colônia, mais ansioso o Savant estaria para encontrar uma alternativa.

Pelo menos, era o que Conner *esperava*.

O Savant olhou para ele.

— Fale. Eu estou ouvindo.

Por dentro, Conner comemorou pela primeira vez. Por fora, permaneceu frio como um veterano faria em uma reunião desse tipo.

— O que precisamos debater — disse ele — é o contingente de Guardiões espalhados pela colônia. Não há Guardiões suficientes. Estamos dispersos demais.

— E o que você sugere? — perguntou o Primus. — Que meus áugures peguem rifles de fusão e cacem Ursas?

Conner não mordeu a isca

— O que eu sugiro é que o seu pessoal e o do Savant ajudem em tarefas não militares que estão sendo realizadas por Guardiões. Por exemplo, evacuar a população de locais onde Ursas foram avistados. Ou distribuir alimentos e medicamentos onde for necessário.

— Meus áugures já estão ajudando a população — declarou o Primus. — Estão dando conforto e consolo aos tementes e desolados.

— Excelente — respondeu Conner. — Então não vão se importar em levar suprimentos também.

O Primus ergueu as sobrancelhas, indignado.

— Eu vou julgar o que eles se importam ou não em fazer.

O Savant, em contraposição, não pareceu perturbado.

— Vou enviar todos de quem eu puder dispor.

— E eu lhe darei toda a informação que precisar pra fazer isso — declarou Conner. — Por falar em informação, vocês estavam discutindo o Ursa que matamos. Há algo que vocês possam nos informar que ainda não saibamos?

— Na verdade, sim — disse Flint. — Hoje pela manhã, Rambaldi terminou a análise. O relatório dele foi enviado ao comandante Haturi, mas acho que posso compartilhar com você. Especialmente as boas notícias: não há sinais de aparelhos reprodutores nas criaturas.

Isso *era* encorajador. Vital, na verdade. Eles já estavam com dificuldades em lidar com os Ursas do jeito que eram. Se as criaturas

se reproduzissem...

— O que — continuou o Savant — apoia nossa teoria de que os Skrel *projetaram* os Ursas, em vez de tirá-los da natureza.

— Projetados para *nos* destruir — disse Conner, dirigindo a observação para o Primus.

— Exatamente — concordou o Savant.

O Primus ignorou as implicações com um gesto de mão.

— Isso não muda a minha posição teológica sobre o assunto. Que diferença faz se os Ursas são uma ocorrência natural ou criados em laboratório? Eles estão aqui por um motivo. E o destino deles, assim como o nosso, será determinado por Ele, que é maior do que todos nós.

— Minha mãe mencionou um antigo ditado certa vez — disse Conner. — “Deus ajuda quem cedo madruga.”

O Primus levantou um dedo, como se estivesse em uma sala de aula.

— Quando é de Sua vontade.

Conner desistiu de insistir por esse lado e voltou a falar com o Savant.

— O que mais descobriram?

— Bem, parece que temos suporte para a sua teoria do ponto cego olfativo da criatura. Não é como se o Ursa não sentisse cheiro de nada atrás dele. Mas, se forem coisas iguais, ele percebe o cheiro à frente com muito mais intensidade do que o que vem de trás. Os cheiros da frente *sobrepõem* os de trás.

Bom saber, pensou Conner. Em voz alta, disse:

— Talvez nós possamos refinar nossa estratégia, produzindo odores mais fortes...

— Porém, como vocês descobriram, os Ursas não confiam somente no olfato. Então, não é tão simples.

— Nada é — interpelou o Primus. — Há mistérios dentro de mistérios.

— E cabe a nós resolvê-los — acrescentou Conner.

— Mas a descoberta mais interessante de Rambaldi — prosseguiu Flint, ignorando o Primus — é que o couro dos Ursas é reforçado por uma liga metálica. Não é um implante cirúrgico, como seria de se esperar, mas parte integrante da fisiologia da criatura, assim como os dentes e as garras. Nós chamamos de metal *inteligente*.

Isso era interessante, pensou Conner.

— E é por isso — prosseguiu o Savant — que os pulsares não fazem muito efeito nos Ursas. O metal inteligente os protege.

— Mas nós *matamos* Ursas com nossos pulsares — exclamou Conner. — Dois deles até agora.

O Savant encolheu os ombros.

— Em função do ataque prolongado. Vocês atacaram com tanto poder de fogo que eventualmente atingiram os órgãos da criatura. Mas isso só é possível se atordoarem a criatura primeiro, o que eu sei que não é fácil.

Verdade, pensou Conner. Mesmo quando os esquadrões conseguiam, a contagem de mortes era elevada.

— Você está pensando em alguma outra solução?

— Nada específico. Mas o ideal é criarmos algo mais intrusivo. Algo que possa penetrar em um dos pontos da anatomia do Ursa que seja desprotegido pelo metal e tirar vantagem disso.

Conner lembrou-se de algo.

— Você e a primeira-comandante Wilkins discutiram algumas armas em desenvolvimento. Estava nas anotações dela.

— Você leu as *anotações* da Wilkins? — perguntou o Primus. Ele balançou a cabeça, reprovador.

— Isso mesmo — disse Flint, respondendo ao comentário de Conner, em vez de dar atenção ao Primus. — Minha adjunta, Leslie Vincenzo, encarregou o nosso pessoal de encontrar algo mais eficiente que os pulsares. Infelizmente, ninguém conseguiu muita coisa. — Uma pausa. — Uma solução pareceu promissora por algum tempo, mas acabou se mostrando impraticável.

— Qual era? — perguntou Conner.

O Savant descreveu a arma para ele e explicou por que não funcionaria.

— Não é uma falha trivial, como você pode imaginar. Talvez com mais tempo — disse ele —, *muito* mais tempo...

— Bom — disse o Primus —, boa sorte com isso. — Ele se levantou e ajustou as vestes. — Estarei na Cidadela, se precisarem de mim.

Conner estava enojado, furioso até, pela atitude do homem. Mas não era responsabilidade dele repreender o Primus. A responsabilidade dele era salvar vidas.

— Eu gostaria de dar uma olhada nos projetos de armas dos seus engenheiros — pediu ele ao Savant. — Especialmente o que você descreveu.

A expressão do Savant se endureceu um pouco. Afinal, Conner estava se intrometendo no território dele. Mas Flint não o repreendeu.

Tudo o que disse foi:

— Fique à vontade.

Lyla tentara esquecer Conner Raige.

Afinal, Lucas havia dito que ele era um esquentadinho, metido a sabe-tudo e que, por isso, não era muito popular com os cadetes. E ele havia trocado socos com seu irmão no quartel.

E ela não podia esperar que ele fosse como o pequeno Conner Raige.

Então, semanas depois, Lucas mudou o tom. De repente, Conner havia se tornado um grande líder, um estrategista brilhante, o cara que os outros cadetes seguiam, inclusive Lucas. Na verdade, a colônia inteira estava depositando as esperanças em Conner ultimamente.

Lucas não era o tipo que costumava distribuir elogios à toa. Se ele estava endossando Conner, era sinal de que o cadete era tudo aquilo

que Lyla havia ouvido falar sobre ele.

Mas naquele dia, na quadra de cageball, ele era só um cadete. Quando será que mudara? Quando foi que se transformou no super-herói que conseguia matar os Ursas e viver para contar a história?

Ela teria a chance de descobrir pessoalmente. Afinal, Conner ia chegar a seu laboratório dentro de alguns minutos.

Lyla olhou ao redor. Ela havia limpado os copos de café e jogado fora as embalagens de comida. Depois, passou pano em todas as bancadas. *Por quê? Ele era só o amiguinho do Lucas. Não era como se ela tivesse que impressioná-lo ou algo assim.*

E a invenção dela tinha chegado a um ponto morto. Era falha, inutilizável. Então, Conner não ia ficar lá por muito tempo. Mas...

O raciocínio dela foi interrompido por batidas na porta. Ela atravessou o laboratório e abriu.

Era Conner. E ele havia mudado, de fato.

Ela não sabia exatamente *em que sentido*. Não estava mais alto. Nem havia ganhado peso. Será que estava mais parecido com o pai? *Talvez*. Ou talvez fosse só o jeito como se portava, como se estivesse no comando não há alguns dias, mas há muito tempo.

— Ouvi falar que você estava trabalhando em uma arma — disse Conner, sorrindo apesar da imensa pressão que vinha sofrendo ultimamente. — Uma versão manual dos nossos projéteis F.E.N.I.X., se não me engano.

Ele não queria mencionar o momento constrangedor da quadra de cageball, pensou ela. *Ótimo*.

— Isso mesmo — confirmou Lyla. — Pode entrar. — Ela apontou um banquinho. — Pode se sentar ali.

Quando ele sentou, ela ativou um painel holográfico. Logo depois, o esboço do aparelho prateado e fino estava flutuando no ar, diante de Conner.

— Qual é o nome disso? — perguntou ele.

— Alfanje.

Conner olhou para ela.

— Como aqueles que os piratas usavam na Terra?

Ela olhou de volta.

— Como você... Quer dizer, sim.

— Também gosto de histórias de piratas — disse ele. — E o que ele faz?

Ela mostrou.

— Que beleza — comentou ele. Então se levantou e caminhou em volta do holograma. — *Muito bom* mesmo. Nunca vi nada parecido. E corta qualquer coisa?

— Quase qualquer coisa. Mas tem que estar no formato de lâmina. Chega a ter espessura de uma molécula no gume.

Ele assentiu, aprovando.

— Só tem um problema — explicou Lyla. — Ela explode.

— É. O Savant mencionou isso.

— Sempre que você aciona a formação de foice.

Conner continuou a estudar o alfanje holográfico.

— Mas só assim, né?

— É. Mas se você apertar o botão por acidente...

— Como você disse, é um problema. Mas os Guardiões são treinados pra fazer várias coisas difíceis. Não vejo por que não poderíamos evitar usar uma simples função.

— Mesmo no calor da batalha?

Ele assentiu, sorrindo novamente.

— Mesmo assim.

Lyla ficou surpresa. O cara não *parecia* um esquentadinho *ou* um sabe-tudo... Nem um pouquinho. Na verdade, ele parecia respeitá-la por sua expertise e seu trabalho duro, e não dizia nem fazia nada que desse a entender que ele não estava controlando as próprias emoções.

Por outro lado, Lucas às vezes tinha seus próprios interesses.

— Se eu dissesse que quero isso — perguntou Conner —, quanto tempo você levaria pra construir cem deles? Modelos funcionais?

Ela não havia nem pensado na possibilidade.

— Eu não sei. Uma semana? Duas?
— Há vidas dependendo disso — lembrou ele.
— Eu vou fazer o mais rápido que puder.
— Obrigado — disse Conner. Eles se fitaram. — Isso pode ser muito importante. Estou com um bom pressentimento em relação a isso.

Ela levou alguns instantes para olhar para o outro lado, voltar para o painel de controle e desativar a tela holográfica. O alfanje sumiu tão rapidamente quanto aparecera.

— Espero que não se importe — disse Conner — se eu vier de vez em quando. Pra ver você... Quero dizer, o progresso do seu trabalho.

Ele está dando em cima de mim?, Lyla se perguntou. *Não. Não pode ser. Ele só está sendo cuidadoso.*

— É claro — concordou ela.

— Ótimo. Acho que isso vai dar certo. — E com outro sorriso (envergonhado desta vez, pelo que Lyla pôde ver, por mais louco que parecesse), ele saiu.

Quando a porta se fechou atrás de Conner, Lyla respirou fundo. Ela estava animada porque ele a deixara produzir o alfanje. Se desse certo e fosse a arma da qual os Guardiões precisavam, ela ficaria orgulhosa. Muito orgulhosa.

Mas não conseguia deixar de pensar em Conner. Não ficou nem um pouco nervosa, assim como não havia ficado na quadra de cageball. Mas ela estava... Procurou a palavra certa. *Consciente dele?*

Conectada?

É só porque eu não recebo muitas visitas? Não, era mais do que isso. *Havia* uma conexão entre eles.

E ela tinha certeza de que ele também havia sentido.

Capítulo Vinte e Sete

Conner visitou Lyla Kincaid como prometera, e diariamente.

Repetia para si mesmo que só estava acompanhando o desenvolvimento dos alfanjes. Contudo, sabia que na verdade era mais do que isso.

Aquele dia na quadra de cageball... Sentira algo por Lyla. Então se deu conta de que ela era a irmã de Lucas, e que ficava incomodada com a ideia de conversar com Conner. Ele tentara ao máximo tirá-la da cabeça. E, se não a tivesse visto de novo, talvez tivesse conseguido.

Mas ele a *vira*. Foi *forçado* a vê-la porque, na sua opinião, o alfanje criado por Lyla significava muito para a defesa da colônia. E a essa altura não conseguia mais negar o que sentia.

Pensou em fazer algo a respeito, mas rejeitou a ideia. Estavam em guerra contra um inimigo perigoso. E ele tinha responsabilidade demais sobre os ombros para ir atrás de um romance com Lyla. Ela também tinha muitas responsabilidades para ir atrás de um romance com ele — isso presumindo que ela quisesse.

Logo chegou o dia em que os alfanjes deveriam estar prontos. Conner não foi ao laboratório de Lyla neste dia, mas à fábrica onde ela estava supervisionando o ciclo de produção.

Encontrou Lyla debruçada sobre um monitor no escritório dos fundos da fábrica, o cabelo puxado para trás num rabo de cavalo frouxo. Parecia cansada, como se não tivesse dormido o suficiente.

— Lyla? — chamou Conner. E então repetiu um pouco mais alto.
— *Lyla?*

Ela se endireitou abruptamente.

— O quê...?

— Estão prontos? — perguntou Conner, com o máximo de gentileza possível, ainda que fosse difícil conter a ansiedade.

— Eu por acaso *disse* que estariam prontos? — questionou Lyla, ajeitando os cabelos.

— Na verdade, disse sim.

— Então estão prontos.

Lyla saiu do escritório e atravessou a fábrica. Abriu uma gaveta e, com as mãos, retirou algo.

Um alfanje, pensou Conner.

A arma brilhava sob as lâmpadas da fábrica, um cilindro de prata entalhado e quase tão comprido quanto o braço de Conner. Parecia maior do que ele se lembrava, mais longo e mais robusto. Ou era só sua imaginação?

— Aqui está — apresentou Lyla, entregando o alfanje a Conner. — Direto da linha de produção.

— Você fez alguma mudança?

— Nenhuma.

Conner pegou o alfanje e sentiu qualquer hesitação se esvaír. Não era nada pesado. Era leve, proporcional. Na verdade, era como se ele tivesse nascido empunhando a arma.

— Bom trabalho — disse ele.

Ela encolheu os ombros.

— Fizemos o melhor. Quando você planeja realizar testes em campo?

Conner franziu o cenho. Parte dele queria encontrar um Ursa ali, naquele momento. Mas não seria justo com seus cadetes mandá-los para o campo de batalha com os alfanjes sem que antes tivessem tido tempo de se acostumar com eles.

— Depois de amanhã — decidiu.

— Eles estarão prontos? — questionou Lyla, enrugando a testa, preocupada.

— Vão ter que estar. Claro, terei que estar pronto primeiro.

— Para que possa mostrar a eles como se usa. E como evitar aquela maldita função de foíce.

— Exatamente.

— Bom, então deixa eu mostrar pra você — adiantou-se Lyla.

Ela estendeu a mão e Conner entregou-lhe a arma. A engenheira deslizou as mãos pelo alfanje e deu um toque leve. No mesmo momento, surgiram lâminas nos dois lados da arma. Depois, ela fez o mesmo movimento, desta vez com dois toques, e as lâminas se transformaram em lanças.

— Certo — disse Conner.

Ele se posicionou atrás de Lyla e levou a mão ao lado da dela, no centro cilíndrico do alfanje.

— Agora faça *junto* comigo.

De costas para Conner, entre seus braços, Lyla tocou as mãos do cadete e as afastou sem tirá-las do alfanje.

— Agora toque aqui com o dedo do meio da mão esquerda. Só uma vez.

Ele obedeceu. As lâminas tomaram outra forma.

— Deslize novamente e toque duas vezes... Aqui.

Conner deixou que Lyla tocasse suas mãos de novo. As dela eram finas e frias. Conner gostava de senti-las. Na verdade, gostava bastante.

— E a função de foice?

Conner sentia os braços, os ombros e as costas da engenheira pressionando suavemente seu peito. Sentiu o perfume dos cabelos de Lyla, incrivelmente cheirosos considerando que ela passara a noite inteira na fábrica.

E eles não chegaram à função de foice. Pelo menos não naquele momento. Em vez disso, Lyla se virou para Conner, olhando-o nos olhos. Os dela eram claros, francos, vulneráveis.

Quando Conner deu por si, já a estava beijando. Os lábios de Lyla se rendiam aos dele com suavidade e calor. Conner a beijava como imaginara que o faria um dia.

Ele não tinha planejado isso, não era sua intenção. Pelo contrário, havia decidido manter um relacionamento estritamente profissional até que os Ursas fossem derrotados, independentemente de quanto

tempo levasse. Porém, naquele único e confuso segundo, os olhos dela o atraíram e ele não pôde fazer nada para resistir.

— Conner — chamou Lyla, quase num sussurro.

— Eu sei — disse ele. E a puxou mais para perto. Eles ficaram ali por um bom tempo. Conner segurando o alfanje em uma das mãos e Lyla na outra.

Enfim, a engenheira quebrou o silêncio.

— Se derrotarmos os Ursas...

Conner riu.

— *Quando* nós derrotarmos os Ursas. Temos que pensar positivo.

Lyla sorriu de volta.

— Vou me lembrar disso.

E Conner disse a si mesmo que não esqueceria aquele sorriso. Até o momento em que pudesse tomar uma atitude a respeito.

Embora pudesse aparentar o contrário à opinião pública, Elias Haturi fizera o certo ao entregar o comando a Conner Raige. Estava confiante de sua decisão de um jeito que jamais estivera sobre qualquer coisa na vida.

Mais ainda porque isso o deixava livre para executar o que fazia melhor. Sob a liderança de Meredith Wilkins, era o homem que estava em todos os cantos, fazendo as coisas acontecerem. Agora poderia voltar a ser esse homem.

Terminava de convocar um pelotão para checar a aparição de um Ursa na periferia da cidade quando ouviu uma batida na porta.

— Entre — disse ele.

Não sabia quem esperava ver, mas certamente não o Primus. No entanto, foi justamente ele quem entrou na sala. Por respeito, Haturi se ergueu.

O Primus sorriu, como fazia em eventos públicos. Se ele mantinha a mesma postura quando se dirigia a sua congregação, Haturi não saberia dizer. Não era um homem religioso, nunca fora.

Como também nunca se arrependeu disso, muito menos quando o Primus ficou ao lado de Vander Meer, reforçando os ataques do comentarista contra os Guardiões.

— Não precisa se levantar na minha presença — afirmou o Primus, num tom de voz repleto de gentileza. — Só preciso de uma parcela de seu tempo.

— Claro — respondeu Haturi, tentando ao máximo ser educado. — O que posso fazer por você?

O Primus apontou o dedo na cara de Haturi como se faz com uma criança desobediente.

— Pode retomar o comando dos Guardiões. É isso que pode fazer. *Ah*, pensou Haturi.

— Com todo o respeito, por que eu faria *isso*?

— Porque, diante de tantas baixas na guerra contra os Ursas, você é o Guardião de patente mais alta que temos. Não aquele cadete ambicioso e cheio de si que está no comando agora. É você. Não cabe a Conner Raige tomar decisões quando o assunto em questão é como vamos defender nossa amada colônia, isso cabe a você.

Haturi soltou uma risada.

— Sinto muito, Primus. Tomei a única decisão possível. E não o fiz de maneira leviana, se é o que está pensando. Levei em conta toda a experiência acumulada, cada ponto de sabedoria aprendido com cada Guardião a quem servi. Tudo apontou numa única direção e somente uma. Por isso dei a Conner Raige meu total apoio.

O Primus sacudiu a cabeça em desaprovação.

— Você sabe o que está fazendo, meu filho? Está zombando do cargo de primeiro-comandante e de cada alma dedicada e corajosa que já o ocupou.

— Talvez — admitiu Haturi. — Mas eu estaria zombando deles ainda mais se ficasse com o cargo sabendo que não sou o melhor homem para isso.

— Você é modesto demais. É respeitado pelos outros Guardiões... Sei que é... Dei-me o trabalho de perguntar por aí.

Em outras palavras, estava se metendo onde não tinha sido chamado, considerou Haturi.

— Que bondade de sua parte, Primus. Mais ainda por estar tão ocupado em manter o moral alheio lá no alto. Odiaria que alguém cometesse um ato de desespero porque seu líder espiritual estava ocupado fazendo enquetes com Guardiões, em vez de oferecer consolo.

Os olhos do Primus se estreitaram.

— Agora — começou ele, a voz com um tom mais severo — não é apenas do posto de primeiro-comandante de que você está zombando.

— Peço desculpas se soou dessa maneira — respondeu Haturi. Mas a verdade é que a intenção dele era justamente essa, o que ambos sabiam.

— Achei que seria bem recebido aqui. Vejo que estava enganado. Antes que Haturi pudesse responder, o Primus saiu.

Alguns amigos de Haturi ficariam horrorizados se soubessem como ele havia se dirigido ao Primus. Tudo bem por ele. Se eles tinham o direito de aceitar os fatos como o Primus os colocava, Haturi tinha direitos iguais de pensar que o Primus era um belo saco de estrume.

Estrume da pior qualidade.

Conner observou os Guardiões reunidos. Mais de uma centena deles estava no teatro vazio, que era o único lugar que os comportava sem que precisassem se expor aos Ursas.

A maioria era de cadetes.

Só que já não pareciam cadetes — não depois dos últimos dias caçando os Ursas, empregando a tática que Conner testara em campo. Pareciam Guardiões.

Ficava evidente na postura, no olhar. *Sem dúvida eram Guardiões.* Entretanto, a cada Ursa derrotado, havia menos e menos deles. Não era mais possível continuar nesse jogo de estatísticas. E se a arma de Lyla fosse de fato a dádiva que Conner acreditava ser, não precisariam.

— Ouçam — chamou Conner, sua voz ecoando no teatro.

Os Guardiões se calaram.

— Tenho algo pra mostrar a vocês. Algo que nos ajudará na guerra contra os Ursas.

Há muito tempo ninguém apresentava um novo armamento aos Guardiões. Centenas de anos, na verdade. Conner se perguntava como o primeiro-comandante naquela época tinha se sentido ao apresentar *aquela* arma.

O nome dele era Patrick Wulf, pelo que Conner pesquisara. Para um primeiro-comandante, era um homem manso, um pacificador no momento em que a colônia precisava desesperadamente de um. Infelizmente, não havia muito mais informações sobre ele.

Se Wulf fosse um Raige, como seu antecessor imediato — ou mesmo o seu sucessor —, Conner saberia o tamanho do seu quepe, a cor preferida e até como gostava do café. Afinal, o pai de Conner sabia de todos os detalhes sobre todos os Raige desde os antepassados que embarcaram nas arcas lançadas da Terra... pelo menos era o que parecia.

Mas, naquela época também, os Skrel tinham sido um problema, ainda que de um tipo diferente. Tinham usado apenas naves nos ataques, e pequenas — porém, eram assustadoras demais para uma colônia que nunca vira nem uma sombra de um alienígena antes.

Até os colonizadores criarem uma arma à altura, passaram por muita destruição, muita miséria. Estavam desesperados por uma solução. E mesmo no passado, como agora, houve controvérsias sobre qual seria a alternativa correta.

O anúncio de Wulf foi recebido com alegria ou ceticismo? Será que logo encontrou apoio ou precisou esperar até que as pessoas

entendessem o que propunha?

Conner não tinha como saber e, portanto, não tinha qualquer precedente para guiá-lo. De fato, estava sozinho. Pegou um protótipo do alfanje na mesa ao lado e o virou nas mãos. Parecia tão simples, tão despretensioso, nem tinha aparência de arma. Porém, o destino de Nova Prime dependia daquilo.

Só torcia para que os outros Guardiões vissem o alfanje como ele o via.

— Até agora, os inimigos estavam com a vantagem. Hoje é o dia em que viramos o jogo — afirmou Conner, pegando o alfanje e o exibindo para que todos vissem. — Com isto.

Os cadetes fitaram o equipamento com curiosidade. Com exceção de Lucas e Blodge, e mais alguns, é claro. Eles já o tinham visto antes.

— O que é? — perguntou um Guardião chamado Bolt, que servira no pelotão da tia de Conner, Bonita.

— Chama-se alfanje e foi projetado especialmente para lutar contra os Ursas. Em outras palavras, idealizado para combates corpo a corpo.

— Graças aos céus — disse outro Guardião, chamado Yang.

— Já era hora — comentou outro.

— Como atira? — questionou Bolt.

— Não atira — respondeu Conner. — Utiliza a tecnologia F.E.N.I.X. pra mudar de forma.

Ele deslizou as mãos e o tocou da forma correta, e a arma em sua mão se transformou numa espada com uma lâmina de cada lado. Então ele desempenhou o movimento seguinte, e a arma se metamorfoseou numa clava. Os outros observavam, hipnotizados.

— Não é só uma arma, são várias. E a cada novo embate, os Ursas não têm como saber qual será usada contra eles — concluiu Conner.

— Interessante — analisou Ditkowsky.

— Só há uma falha — ressaltou Conner, contando aos cadetes qual era.

— Você está de brincadeira — retrucou Erdmann, provavelmente falando em nome de cada Guardiã no teatro.

— Não estou. Não se preocupem, é fácil evitá-la.

— E se não *quisermos* evitá-la? — indagou Yang.

Conner não previra tal reação. *Mas deveria ter previsto.*

— O que quer dizer?

Yang deu de ombros.

— Um para um? Não é assim tão ruim, se for considerar o tanto de gente que esses monstros já mataram.

— Você está falando de suicídio — esclareceu Lucas.

— Pode ficar certo disso — desafiou Yang, com um olhar firme como aço.

— Não — rechaçou Conner com firmeza, colocando um ponto final na história. — Isso *não* é uma opção, principalmente agora que temos tantas outras possibilidades com o alfanje.

Yang assentiu, apesar de parecer relutante.

— Como quiser, senhor.

— Muito bem. Observem atentamente.

E, imitando a demonstração de Lyla, mostrou aos Guardiões como manusear um alfanje.

Capítulo Vinte e Oito

Mais tarde, quando já estava deitado no beliche repassando os planos de batalha, Conner sentiu que tinha algo errado.

Então percebeu o que era. Sempre havia um barulho no alojamento. Uma risada, tosse, ou o murmúrio das fofocas. Às vezes, até um aviso para fazer silêncio, com a ameaça de tomar medidas concretas caso a ordem não fosse atendida.

Não hoje. O silêncio era absoluto. Como um túmulo.

Conner acreditava saber o porquê.

Dedicara-se tanto a treinar o pelotão para a logística da batalha que perdera de vista outra coisa... Algo tão importante quanto, se não mais.

Eles estavam com medo.

Provavelmente ninguém admitiria, nem mesmo sob tortura. Mas Conner achava que sim, *estavam* com medo. Afinal, quando saíssem de madrugada para as ruas da cidade de Nova Prime, o cenário da batalha, teriam de encarar os próprios pesadelos.

A reação era natural, ninguém deveria se envergonhar por isso. Se fossem mais experientes, saberiam o que fazer com o medo, como transformá-lo em motivação.

Os cadetes de Conner ainda não conheciam esse truque. Para eles, o medo era um fardo, um peso que poderia arrastá-los logo quando mais precisavam de agilidade.

Precisava fazer algo quanto a isso, ou não seria grande coisa como líder. O que poderia fazer? Presenteá-los com anos de treinamento e experiência numa noite?

Então teve uma ideia.

Entrou no centro de comando, no escritório de Wilkins, e fez uma coisa. Oito coisas, na verdade, pois ele havia definido nos estudos sobre os Ursas que oito era o número máximo de Guardiões num

pelotão. Voltou para o alojamento e acordou, um a um, os membros da equipe.

— Quero conversar com vocês — anunciou, depois que todos estavam lá fora. Virando-se então para Blodge, perguntou: — Quem é você?

O amigo sorriu para o líder.

— Você está brincando?

— Fiz uma pergunta, cadete.

O sorriso desapareceu do rosto de Blodge.

— Sou Raul Blodgett, Pelotão Azul.

Conner sacudiu a cabeça, desaprovando a resposta.

— Não. Até retornarmos amanhã com um Ursa morto, você é Sam Dardanopoulos.

Blodge parecia não estar entendendo nada.

— Perdão, eu não sei quem...

— Sam Dardanopoulos era um padeiro no Lado Norte. Casado, pai de duas filhas e avô de seis crianças, reconhecido por fazer o melhor mil-folhas da colônia. Isto é, até ser atacado por um Ursa há três noites enquanto tentava chegar à própria padaria pra conseguir comida.

Blodge ouvia atentamente. Não só ele como todo o pelotão. *Ótimo*, pensou Conner. *Está funcionando.*

Tirou do bolso um pedaço de plástico translúcido e entregou a Blodge. Tinha a imagem de Sam Dardanopoulos.

— Sam não podia fazer nada quanto ao que aconteceu com ele — prosseguiu Conner —, mas *você* pode. Pode ser os olhos e os ouvidos de Sam, e as mãos com que ele fazia aqueles deliciosos mil-folhas. Ele não podia fazer nada contra os Ursas, mas *você* pode.

O olhar de Blodge mostrava que ele compreendera o que Conner queria dizer. Ele assentiu com a cabeça e guardou no bolso o pedaço de plástico.

Conner se virou para Lucas Kincaid.

— Quem é você?

Kincaid fez beicinho.

— Acho que você está prestes a me contar.

— Você é Amaya Nakamura. Ela morava no Lado Sul com os pais e dois irmãos. Tinha só 6 anos. Foi atacada por um Ursa enquanto tentava alcançar um abrigo. Três crianças morreram naquela noite. Amaya era uma delas.

Ele entregou a Lucas a ficha plástica com a imagem de Amaya.

— Quem é você?

— Sou Amaya Nakamura — afirmou Lucas, como se tivesse repetido isso a vida inteira. — Amaya Nakamura.

E guardou a ficha no bolso.

Conner então se virou para Gold.

— Quem é você, cadete?

— Eu *era* Danny Gold.

— Talvez. Agora você é Archie Banuelos. Há uma semana, Archie estava dirigindo um caminhão carregado de suprimentos até um medicentro que tinha sido atacado pelos Ursas. Quando viu alguns operários presos por um Ursa, tentou usar o caminhão como um aríete. Só que o Ursa sobreviveu ao impacto. Archie, não.

Conner entregou a Gold a ficha plástica.

— Quem é você?

— Sou Archie Banuelos — foi a resposta.

Conner assentiu.

— Pode crer.

Ditkowsky se tornou Tonia Malley. Augustover virou Randall Butterfield. Erdmann transformou-se em Kalman Ben Jacob. E Cheng agora era Mustafa Ryder.

— E você? Qual é o seu nome? — questionou Lucas.

— Frank Raige. Meu nome é Frank Raige — respondeu Conner.

— Baita coincidência, com o mesmo sobrenome e tudo. — Lucas deu um breve sorriso. — E um baita nome pra honrar.

Conner se sentia grato pelas palavras gentis de um homem que um dia ele considerou inimigo. No entanto, só disse:

— Não se preocupe. Não vou decepcionar.

De pé no meio dos cadetes, Conner olhou ao redor e os achou diferentes. Não pareciam mais amedrontados. Não lutavam mais só por si mesmos. Lutavam por outra pessoa, como, na verdade, sempre tinha sido.

E não precisavam mais se preocupar com a morte — porque os pedaços de plástico no bolso eram uma prova de que já estavam mortos.

Desde que o alfanje de Lyla se tornara foco da atenção de Conner Raige, a engenheira passara a ser escoltada de casa ao laboratório e, mais recentemente, até a fábrica onde as armas estavam sendo produzidas.

O nome dele era Bolt. Não falava muito, para os padrões dela, mas parecia saber o que estava fazendo.

Mesmo assim, Lyla se sentia culpada de tê-lo ali, com tantos lugares precisando de Guardiões, mais ainda dos experientes como Bolt. Por outro lado, entendia por que Conner tinha de protegê-la. O destino da colônia estava nas mãos dela. Não era isso que ele tinha dito? *O destino da colônia...*

Essa pessoa tinha de ser resguardada a qualquer custo.

Só que agora Lyla terminara a produção dos alfanjes. Poderia voltar para casa, entrar em contato com os Savant e perguntar qual seria o próximo projeto em que trabalharia. Mesmo que os alfanjes funcionassem, e não havia qualquer garantia disso, numa época daquelas um engenheiro tinha muito o que fazer.

Lyla imaginava qual poderia ser seu próximo projeto quando vislumbrou alguém caminhando em sua direção. Era raro ver qualquer pessoa andando na rua, por isso prestou atenção. Na verdade, era impossível não notar alguém tão proeminente quanto o Primus do planeta inteiro.

Vestia um manto azul-marinho majestoso, que parecia feito do mesmo tecido que o céu estrelado e destacava-se pelo contraste dos mantos marrons lisos e dos uniformes de cor ferrugem dos áugures e Guardiões que o cercavam. Ao todo, cerca de oito ou dez deles formavam sua comitiva.

Lyla se sentiu melhor por ter Bolt ao seu lado.

Aonde ele estava indo?, perguntava-se conforme o Santo chegava cada vez mais perto. Tão perto que Lyla conseguia ver as manchas vermelhas no rosto dele, algo que as câmeras nunca captavam. Até onde ela sabia, o Primus se mantivera trancado na Cidadela desde que os Ursas chegaram. O que era tão importante a ponto de levá-lo às ruas, com ou sem escolta?

Imersa nesses pensamentos, ela mal notou a sombra que passou por ela, ocultando a luz do sol por uma fração de segundo. No entanto, foi impossível não perceber a queda de algo enorme e pálido logo atrás do Primus. Algo que definitivamente não pertencia àquela paisagem, no calor de uma tarde preguiçosa.

Um Ursa, pensou Lyla, o coração saltando pela boca.

A criatura era enorme, tanto que preenchia a rua de um lado ao outro. Parecia o rascunho de um organismo, um bicho forçado a transformar as entranhas em superfície do corpo. De carne branca como um espectro, azul-acinzentada por causa do metal inteligente. Com base nas últimas notícias, ela tinha razões para acreditar que qualquer um dos quatro membros longos e ossudos da criatura poderia acabar com ela.

No entanto, a parte mais horrorosa da criatura, a que arrepiava Lyla dos pés ao último fio de cabelo, era o rosto. Porque, rigorosamente falando, não havia um. Em vez disso, havia um buraco negro em cujo centro destacava-se uma bocarra repleta de presas afiadas e negras que rangiam como insetos famintos e úmidos.

Meu Deus, alarmou-se. *Meu Deus, meu Deus, meu Deus...*

Nunca imaginara algo como aquilo, nem no pior pesadelo. Ela estava paralisada diante da criatura, colada ao chão.

O Primus, pelo contrário, não estava nem um pouco paralisado. Ele e a comitiva vieram correndo em direção a Lyla, os mantos balançando. Todos menos dois Guardiões que faziam parte da escolta do Santo. Só que, por alguma razão, o Ursa não estava interessado nos Guardiões. Passou reto por eles, ignorando a barreira de raios azul-prateados que vinham dos pulsares, com a intenção de atacar o Primus e o resto do grupo.

— *Corre!* — berrou Bolt para Lyla, empurrando-a com força para trás dele.

Lyla começou a correr.

Não parecia certo abandonar Bolt. Ele estava arriscando a vida por ela. E, pelos relatos de Conner, Lyla sabia que o pulsar não seria de grande ajuda.

Espiando por trás do ombro, ela viu Bolt mirar no Ursa e atirar. A explosão atingiu a criatura de frente, com uma força que teria sido suficiente para derrubar um muro. Só que isso não parou o monstro. Apenas o retardou por um momento.

Abaixando a cabeça, o Ursa avançou com ódio renovado na direção de Lyla, do Primus, áugures e Guardiões restantes. Mais uma fração de segundo, e a criatura estaria em cima deles.

Lyla correu o mais rápido que conseguia. Mas mal dera três passadas largas quando sentiu uma mão no ombro dela. *Não é Bolt, não pode ser. Quem então?*

A mão a agarrou, puxou e, então, com a ajuda de outra mão, derrubou-a na rua. Ela mal conseguiu distinguir quem tinha feito isso, só viu o suficiente para saber que fora traída.

Desde pequena, acreditara em Deus, e acreditava quase com a mesma intensidade em seu emissário, o Primus. E fora o Primus quem a atacara pelas costas, os olhos arregalados de medo, a boca aberta desesperada por fôlego.

O Primus.

Lyla quase foi pisoteada pelos outros. Ainda assim, conseguiu se erguer e correr atrás deles.

Não importava mais. Ela sabia. O Ursa a alcançaria primeiro. Era esse o plano do Primus desde o início, dar à criatura o que ela queria para que os outros pudessem escapar.

Atrás dela, o Ursa se aproximava. Já ouvia os sons guturais, o rangido das presas e as garras arranhando o solo. A criatura corria desajeitada, porém seus membros enormes conferiam uma velocidade muito maior que a de Lyla.

Ela vira no noticiário a cobertura das mortes causadas pelos Ursas. Nunca aproximavam as imagens, a cena dos restos mortais nunca era muito clara. Mas sempre havia sangue, em todos os cantos; sangue, cobrindo o chão e as paredes de prédios ao redor e qualquer coisa à vista.

E logo seria o sangue *dela*.

Era difícil crer nessa ideia, ou compreendê-la enquanto corria. Mas a criatura atrás dela era real. A fome era real. E a morte? Em um minuto, talvez menos, a morte dela também seria real.

Enquanto Lyla corria, a garganta queimando, ela viu o Primus logo adiante. Comprara a própria vida com a dela. O Santo, a voz dos Céus em Nova Prime, sacrificara Lyla para que pudesse viver.

Foi um pensamento amargo.

Então Lyla esgotou o tempo de pensar ou de respirar porque o Ursa estava quase em cima dela. Pensou em Conner, desejando vê-lo uma última vez. *Conner...*

O mundo foi inundado pelo rugido do Ursa. *Meu Deus.*

Meu Deus, meu Deus, meu Deus...

Talho percebe, como sempre, uma coisa cheirosa na frente dele. Outra fêmea, com certeza. E por um momento, só um momento, considera ignorá-la.

Talho não faz ideia de por que pensa isso. Vai contra os instintos dele.

Talho precisa matar.

Talho precisa destruir.

Mesmo assim, ao avançar contra ela, não deixa de notar algo estranho.

Parou de se mexer. Está ali parada, esperando...

Pelo quê?

Pelo fim? Pela morte?

Talho nota que as funções vitais dela funcionam, porém a criatura não resiste de forma alguma.

Talho inclina-se sobre ela, as garras prontas para ação.

Mesmo assim, nenhuma reação.

Talho para. Não olha para baixo porque não tem olhos. Porém há algo nela que atrai a atenção de Talho.

Primeiro, a coisa cheirosa não parece perceber que Talho está ali parado, observando-a cheio de curiosidade. Então, lentamente, ela olha para cima. Será que percebe que Talho ainda não atacou? Que está simplesmente analisando-a, tentando entender mais a respeito?

Ela então fala com Talho.

É a primeira vez que Talho ouve uma das coisas cheirosas falar. Gritos, guinchos, uivos... Talho conhece esses barulhos. Mas a voz da fala, simplesmente, é de certa forma diferente. Talho não sabe dizer exatamente como, mas é.

— Por favor — diz a coisa cheirosa, a voz pouco mais alta que um sussurro. — Acabe logo com isso.

Talho não entende o que esses sons significam, mas não tem muita paciência. Cansou.

Curva-se, abocanha a cabeça da coisa cheirosa e morde. A coisa cheirosa estremece e para de se mover.

Interessante, pensa Talho. Porém, foi só isso, um breve momento de interesse.

Talho come o corpo da coisa cheirosa quase todo. Deixa os restos ali e segue adiante. Afinal, Talho tem outras coisas cheirosas para matar.

O Primus, Leonard Rostropovich, desapareceu de seu apartamento naquela noite.

Abriu uma porta secreta no armário e desceu por uma escada oculta até o bojo da Cidadela, onde havia comida e bebida esperando por ele. Escondeu-se por ali porque não tinha forças para fazer qualquer outra coisa.

Ele sabia quais eram os seus deveres para com seu povo nesse momento crítico. Sabia o que seu rebanho esperava e precisava dele.

Mas Rostropovich não conseguia encarar outro ser humano. Não agora. Não depois de ter derrubado aquela garota no chão e sentido os ossos dela serem triturados como se fossem os dele, ver o sangue dela se espalhando, e ouvir o som da criatura mastigando a presa.

Mesmo agora, seu estômago revirava ao se lembrar. Por que Deus deixou que ele sentisse e ouvisse aquilo? Não tinha desde sempre servido a Ele? Não fizera sempre o melhor que podia para ser a voz de Deus em Nova Prime?

Por que Deus o deixara tão próximo da morte, tão próximo?

Nem teria cogitado se expor a tamanho risco se não estivesse a serviço dos Céus. Estava a caminho do quartel para apresentar a Conner Raige uma Escritura de Objeção — um documento legal que dava o direito a qualquer líder do governo tripartidário de desqualificar temporariamente um colega caso este fosse notoriamente inapto à posição. E para o Primus, ninguém era mais inapto do que Raige.

Infelizmente, tal escritura não podia ser enviada por meios eletrônicos. Precisava ser entregue pessoalmente. E o Primus estava

prestes a fazer isso, em nome de Deus, quando ele e a comitiva foram atacados.

Mas por que sua divindade faria uma coisa dessas com ele? Não conseguia tirar essa pergunta da cabeça. Por que Deus o colocaria numa situação tão horrível?

Só havia uma resposta... Deus abandonara a colônia. Não por culpa do Primus, é claro. Agora estava claro o que ocorrera.

Deus nos abandonou. Me abandonou...

O que mais ele poderia fazer senão se esconder? Era só um homem e, afinal, os homens são frágeis. Ainda mais diante de algo tão terrível e poderoso quanto os Ursas.

Novamente, contra a própria vontade, o Primus reviu a cena da criatura destruindo aquela jovem. Incapaz de suportar a visão, ele fechou os olhos e apertou os punhos fechados contra eles.

— Tão frágeis — murmurou ele.

Capítulo Vinte e Nove

Conner sentou-se à mesa de Meredith Wilkins com a cabeça entre as mãos.

Recebera inúmeras condolências pela morte de Lyla. Claro, nenhuma dessas pessoas sabia o que ele sentia por ela. Só sabiam que ambos tinham trabalhado juntos no projeto do alfanje.

Ora, nem Conner sabia o que sentia por ela. Só desejava que tivesse tido uma chance de descobrir.

Lyla...

Lucas não havia dito uma palavra desde que a irmã fora morta. Nem uma sílaba, a ninguém. Colocava a dor para fora a cada batalha contra um Ursa, em sucessões de rondas.

— Senhor — disse Dolpa, o assistente que trabalhara para Wilkins, e agora para ele. — Você tem uma visita. Um áugure.

Conner ergueu a cabeça e se recompôs. Prometera a Haturi que ia liderar. Agora não podia faltar à palavra, independentemente de como se sentisse.

— Mande o áugure entrar.

Não sabia por que tal pessoa pediria para vê-lo. Para reconfortá-lo, talvez? Seria um consolo, pensou, saber que o Primus cooperaria mais com o comando dele.

Ao pensar isso, o áugure entrou no escritório. Mas não era qualquer áugure. Era a tia de Conner, Theresa.

Sentou-se de frente para ele.

— Antes que pergunte, sobrinho, não estou aqui por questões pessoais. — Ela suspirou e disse: — O Primus desapareceu.

Conner levou um momento para digerir as palavras — e suas implicações.

— Desapareceu — repetiu Conner.

— Sim, ele não atende minhas ligações. Ou as de qualquer outra pessoa. O apartamento dele está vazio.

Na hora perfeita, pensou Conner. Como se eu já não tivesse trabalho suficiente...

Então interrompeu o pensamento. Era seu trabalho cuidar do bem-estar dos cidadãos da colônia, e o Primus não era menos cidadão do que qualquer outra pessoa. Não havia sentido em reclamar do problema, nem que fosse internamente.

— Onde ele foi visto pela última vez?

— Na Cidadela, por alguns dos nossos áugures. Isso foi ontem. Ninguém o viu ou ouviu falar dele desde então.

Conner assentiu.

— Tudo bem, mandarei um alerta. Se alguém vir qualquer sinal dele, mesmo a sombra, será reportado.

— Esperava que você pudesse montar uma operação de resgate — sugeriu tia Theresa.

— Queria ter esse luxo, mas não tenho. Já temos poucos homens no contexto atual. Não posso reorganizá-los por conta de uma operação de resgate, não importa quem esteja em questão.

Theresa pareceu decepcionada, porém não argumentou mais.

— Muito bem. Vamos rezar para que o Primus retorne em segurança. Que Deus permita que nada aconteça com ele.

Conner não conseguia desejar o mesmo. Mas, por respeito a ela, ficou calado.

Estavam em oito. Três deles — Blodge, Ditkowsky e Augustover — ficaram com Conner. Os outros quatro — Lucas, Gold, Erdmann e Cheng — tinham contornado o quarteirão e avançavam em outra direção.

E entre os dois grupos, em estrondo saindo de sua garganta, ou ao equivalente de uma garganta na anatomia alienígena, estava um Ursa.

Era gigantesco, imponente e não tinha noção de como seriam importantes os próximos minutos de sua vida. Porque, se fosse morto por Conner e seu pelotão, então os alfanjes de Lyla teriam feito a diferença de que o mundo precisava. Se o monstro triunfasse, seria o fim da última e maior esperança dos Guardiões.

O Ursa sacudia a cabeça como se estivesse em dúvida sobre qual pedaço de carne, sangue e osso valeria a pena perseguir primeiro. Não parecia assustado. E por que deveria estar? Para onde virava, tinha uma presa.

— Certo — disse Conner pelo sistema de comunicação —, do jeito que praticamos. Cheng, Erdmann, Gold, Ditkowsky, liberem os ganchos. Todos os outros, espadas. Quando eu...

Lucas o interrompeu abruptamente com um grito de urgência:

— Raige, atrás de você!

Conner olhou para trás por cima do ombro, perguntando-se o que poderia ter assustado Lucas desse jeito... E viu a última coisa que queria. Um segundo Ursa se arrastava na direção deles, vindo do outro lado da rua, a bocarra arreganhada comunicando em alto e bom som o quão alegre estava de ver tanta carne num único lugar, ainda que fosse obrigado a dividir um pouco.

Droga, pensou Conner, com a cabeça a mil. *Isso muda tudo*. Num segundo, o embate passara de experiência controlada — ainda que possivelmente mortal — a vale-tudo.

Tinha um instante decisivo para repassar as alternativas. Uma delas era dividir o grupo e lutar contra os dois Ursas ao mesmo tempo — mas não gostava da ideia. Mesmo com os alfanjes, seria difícil quatro Guardiões nocautearem um dos monstros. Outra opção era manter o segundo Ursa ocupado enquanto a maior parte do grupo ia atrás do primeiro.

Conner gostava muito mais dessa ideia.

Mas seria um risco grande demais para qualquer um que tivesse de manter o Ursa a distância. Não tinha como pedir a ninguém sob seu comando que se arriscasse tanto.

Era por isso que ele mesmo teria que assumir essa tarefa.

— Ouçam — vociferou pelo sistema de comunicação —, temos dois alvos agora. Lucas lidera o ataque ao Alvo Um, nosso objetivo a princípio. Vou lidar com o Alvo Dois, retardá-lo.

— Não sem ajuda — disse Blodge, sempre leal.

— Isso é uma ordem — retrucou Conner.

Já não havia mais tempo para discutir porque o Alvo Dois se aproximava, ganhando velocidade a cada passo. Conner correu na direção do monstro para impedi-lo de alcançar o restante do pelotão.

Com horas acumuladas dos estudos de filmagens de combates sangrentos — nenhum deles com final feliz —, Conner sabia que o Ursa tentaria dar o bote para pegá-lo de surpresa. Era uma tática que funcionava bem quando a presa fugia correndo, o que quase sempre era o caso. Mas Conner sabia que o melhor não era correr.

Desacelerou por uma fração de segundo para fazer o monstro acreditar que recuaria. Então correu ainda mais rápido; assim, quando o Ursa saltou, Conner conseguiu mergulhar entre as pernas da criatura, girar o corpo a fim ficar de frente para o ventre do bicho e rasgá-lo.

Esperava que o ferimento fosse conter a coisa, quem sabe matá-la. Mas só deixou o Ursa mais feroz.

Mal a criatura aterrissou, sem nenhum indício de que fora atacado, e já girava, precipitando-se num novo ataque.

E Conner deu uma segunda arrancada para se jogar embaixo da criatura. Só que dessa vez, quando se virou para usar o alfanje, acertou a parte inferior do Ursa. A ferida agora era mais profunda, o suficiente para soltar um jato preto de sangue.

Acertei alguma coisa importante, pensou Conner ao se levantar atrás do bicho. *Uma artéria ou algo equivalente.*

Porém, sabia que isso não era motivo para ficar muito confiante. O Ursa ainda se movia, exibindo as presas, tão ameaçador quanto antes.

No entanto, já não parecia tão impaciente para atacar agora. Avançava mais devagar, os ombros e os membros inferiores perto do chão, como se tivesse aprendido com os erros.

Conner não tinha escolha a não ser recuar para acompanhar o ritmo do Ursa. Trocando a função do alfanje para uma lança, que oferecia maior alcance para usar a arma no bicho. O Ursa rugia e agitava a cabeça, mas continuava trotando em direção a Conner.

Até que alcançou o comandante e o atacou com uma das garras. Conner notou que tinha calculado errado a distância, permitindo que o monstro chegasse muito perto. Para não ser atingido pelo Ursa, tinha de agitar os braços e coicear como um louco.

Do jeito que tinha feito, no entanto, o bicho rasgou a parte superior do uniforme de Conner, arrancando as condecorações e ficando bem perto de rasgar seu peito também.

Mesmo assim, Conner teria conseguido escapar caso a estrada ao fundo não estivesse tão entulhada com destroços. Ao recuar, enquanto mantinha os olhos fixos no Ursa, sentiu algo pesado bater no calcanhar. Quando deu por si, estava estatelado no chão.

O Ursa não hesitou em se aproveitar do fato.

Conner abraçou o alfanje, com cuidado para não se machucar com a lança, e usou toda a sua força para fazer um rolamento para a esquerda. Um milésimo de segundo depois, a garra do Ursa atingiu com força o exato lugar onde Conner havia estado, rasgando o chão.

Levantando-se num salto, Conner transformou o alfanje num bastão. Segurou-o com ambas as mãos para aparar o próximo golpe do Ursa, pois sabia que haveria um. O alfanje suportou todo o impacto do ataque, exatamente como deveria.

Mas, ao contrário da arma, Conner não era feito de ligas metálicas super-resistentes. Por mais que odiasse admitir, era apenas humano. Quando a pata do Ursa atingiu o bastão novamente, o alfanje saiu voando das mãos de Conner...

...deixando-o completamente indefeso. Um fato que o monstro pareceu também notar. Com fúria renovada, atirou-se em cima do líder dos Guardiões.

Conner conseguiu esquivar-se, e a criatura acabou dando de cara numa parede. Sem trégua, o Ursa atacou de novo. Mais uma vez, Conner desviou.

Ao se levantar, ele sabia que era um homem morto. O Ursa era forte demais, ágil demais. Os músculos de Conner latejavam, e ele respirava em arfadas longas e ardidadas.

Não tinha como vencer essa luta. Só poderia prolongar o inevitável.

Enquanto Conner pensava nisso, o Ursa se aproximou e abriu a bocarra — e dela saiu um rugido alto e assustador. Parecia dizer: *Pensou que podia me enfrentar? Você é carne, nada mais. Você é a coisa que estraçalho com minhas garras e trituro com minhas presas.*

Conner engoliu o medo. O Ursa poderia matá-lo, dilacerá-lo, mas não o faria implorar por misericórdia — nem mesmo no íntimo de seus pensamentos.

Aos poucos, o Ursa abaixou a cabeça e investiu contra ele. Conner se abraçou, pronto para se jogar para o lado, desviando novamente do monstro se fosse possível.

Mas, antes que o monstro o alcançasse, aconteceu alguma coisa — uma coisa longa e reluzente, brilhando à luz do sol ao ser cravada na nuca do Ursa.

Esquecendo-se de Conner, a criatura girou, buscando a causa do ferimento. O líder dos Guardiões também olhou — e encontrou a figura de Raul Blodgett de mãos vazias. E ele não vinha sozinho. Outros seis Guardiões seguiam atrás dele, os alfanjes erguidos, os uniformes sujos com o sangue preto de um Ursa derrotado.

A criatura morta em questão estava estirada na rua atrás deles, imóvel. Não passava de um pedaço pálido de carne alienígena.

Mas o Ursa vivo — o que Blodge ferira com o alfanje — agora avançava contra o garoto. Conner não poderia deixar isso acontecer.

— Ei! Ainda estou aqui! — gritou, agarrando qualquer coisa entre os escombros e arremessando contra o bicho.

O Ursa foi atingido na nuca. Enfurecido, voltou-se novamente para Conner, que começou a recuar, se perguntando se pagaria pela vida de Blodge com a própria.

Então outra haste prateada atingiu o monstro e fincou-se nas costas dele. Quando o Ursa girou, um terceiro alfanje o surpreendeu direto no rosto, acima da bocarra.

A criatura se contorceu, rolou no chão e tentou arrancar a terceira haste, mas não conseguiu. No meio-tempo, o pelotão acionou as espadas e começou a golpear o bicho pelas costas.

O Ursa rugiu, virou-se e tentou alcançar seus carrascos. Mas eles já não estavam mais lá. Tinham se dispersado ao redor da criatura e continuavam atacando.

Aos poucos, o Ursa sucumbiu. Primeiro, caiu de joelhos. Depois, a cabeça tombou. Quando Lucas enterrou a espada no pescoço do bicho, a batalha já chegara ao fim.

Quando o monstro deu o último suspiro, Conner observou as expressões do pelotão. Viu orgulho e esperança. Tinham cumprido o objetivo.

Agora outros poderiam fazer o mesmo.

Marta Lemov estava a nova cadeira de rodas movendo-se para a frente e para trás. A mão boa descansava sobre o pequeno joystick que controlava as manobras, que ela usava o mais habilmente possível. Mesmo assim, ainda tinha dificuldades em calcular o espaço e batia nas paredes do pequeno quarto. Marta era impaciente na melhor das circunstâncias, e essa dificilmente poderia ser considerada uma das melhores.

Ouviu uma batida na porta e, num suspiro de frustração, virou-se e deu de cara com Theresa.

— Devia ter adivinhado — disse Marta, batendo com o punho na cadeira de rodas —, quando acordei e vi essa coisa aqui. Devia ter adivinhado que tinha um dedo seu nisso.

— Vejo que subiu nela sozinha. Podia ter pedido ajuda, sabia?

— Prefiro fazer as coisas do meu jeito.

— Essa é a diferença entre nós duas, imagino. Você nunca pede ajuda, enquanto eu como áugure não faço nada *além* de pedir.

— É? E pra quem você pediu *este* negócio?

— Pra ele — apontou para a porta. — Ou melhor, pra *elas*.

Marta olhou pouco interessada naquela direção, mas, quando os dois homens entraram, até engasgou de surpresa.

Um era Donovan Flint, o Savant. Ele indicou a cadeira de rodas com a cabeça e disse, numa voz tranquila:

— Não deixe a curva de aprendizagem desanimar você, Guardiã. Você logo vai pegar os macetes.

O que ele tinha feito, construído a cadeira sozinho? Marta achou melhor perguntar depois. Naquele momento, sua atenção estava toda no homem *ao lado* de Flint. O reflexo de bater continência era tão inato que automaticamente tentou se levantar.

— Comandante Haturi — cumprimentou, e tentou se corrigir. — Quer dizer... primeiro-comandante Haturi.

— Só comandante está bom — disse Haturi. — Por favor, fique tranquila. Não queremos que se machuque ainda mais.

Marta lhe obedeceu. Haturi parecia estar achando graça.

— Você parece surpresa em me ver, Guardiã.

— Com todo o respeito, senhor, sou um soldado. Mas você... Quer dizer, depois da morte da primeira-comandante Wilkins, tudo ficou nos seus ombros. Achei que tivesse mais a fazer do que me visitar.

— Nada é mais importante que o meu pessoal. E o Savant Flint pensa da mesma forma. Por isso elaboramos essa cadeira pra você.

Então ele realmente a construiu.

— Obrigada, mas... — agradeceu a Flint.

— Por que me dar esse trabalho? — perguntou Haturi, olhando para Flint, que assentiu para alguma coisa que Marta só poderia tentar adivinhar. — Acontece que precisamos da sua ajuda.

— Minha ajuda? — Marta teve que controlar o riso. — Comandante, estou numa cadeira de rodas. Uma ótima cadeira — frisou, encarando Flint —, mas não deixa de ser uma cadeira de rodas.

— Sim. E você vai precisar dela pra sair por aí — afirmou Haturi.

— Aí onde?

Fez-se um silêncio momentâneo, como se os três não tivessem decidido quem tocaria no assunto. Theresa finalmente tomou a atitude e começou:

— Propus ao Primus que os áugures iniciassem um programa para confortar e dar um pouco de segurança ao povo de Nova Prime.

— Algo como... O quê? Visitas em casa?

— Precisamente. Estão relutantes de vir até nós, então pensei que poderíamos ir até eles. A princípio, o Primus aprovou a ideia. Achou excelente. Pouco depois, cancelou o programa de repente. Aparentemente, decidiu que era perigoso demais para nós.

— É, bem... — começou Marta, que não parecia nem um pouco surpresa. — Nunca pensei que diria isso, mas o Primus tem toda a razão.

— Ainda assim, a ideia da áugure Raige me parece boa. Só que, com o Primus desaparecido, não há ninguém para aprová-la, logo, nenhum áugure para executá-la — ponderou Haturi.

— Certo — concordou Marta, ainda sentindo que tinha caído de paraquedas no meio da história. Sentia que esperavam alguma coisa dela, mas não sabia o quê. — Mas ainda não sei qual é a relação disso comigo.

— Estamos falando de fé — explicou Flint.

— Pensei que você fosse um homem da ciência — comentou Marta.

— Há vários tipos de fé, Guardiã. Tenho fé na nossa capacidade de sobreviver e superar. Tenho fé de que, com a ciência e a força de nossos braços, vamos vencer. Muitos, porém, precisam de mais do que isso. Sentem que precisam depositar a fé em algo maior que eles. E, francamente, qualquer coisa que tranquilize e assegure as pessoas de que vamos aniquilar esses monstros é melhor do que desistir e cair na anarquia completa...

— O que simplesmente tornaria o *nosso* trabalho mais difícil — acrescentou o comandante.

Flint continuou:

— É o tipo de fé que precisamos para superar as circunstâncias atuais. Aí, Guardiã, é que queremos que você entre.

— Isso significa...?

— Os áugures precisam de ordem. Eles são, em geral, indivíduos bons e solícitos. E são ótimos em cumprir o que lhes é pedido. Mas, sem liderança, ficam indecisos e medrosos.

— Então você dá as ordens — disse Marta a Theresa.

A áugure sacudiu a cabeça com firmeza.

— Sou um deles. Não vão me ouvir nem obedecer minhas ordens como gostaríamos que fizessem.

— Por isso, Guardiã — completou Haturi —, é que precisamos de você. Estou lhe dando a promoção de coronel, de validade imediata. Sua tarefa é trabalhar com a áugure Raige para implementar o programa que ela elaborou de visitaçãõ de casa em casa. Você vai orientar os áugures e coordenar as atividades com um pelotãõ de Guardiões que irá escoltá-los.

— E quando o Primus aparecer?

— E vai aparecer — assegurou Theresa, com uma fé inabalável, apesar de tudo.

— Vou conversar com ele quando for o momento. Estamos numa situação delicada, *coronel* — explicou Haturi, enfatizando o novo posto de Marta. — A última coisa de que a gente precisa é que a falta de fé do Primus se torne pública. Entende?

— Você está preocupado com a possibilidade de que, se as pessoas perceberem que o próprio Primus perdeu a fé, então não fará sentido que mais ninguém mantenha a sua?

— Exatamente, coronel. A única questão é: você quer encarar o desafio?

Marta se lembrou de como até pouco tempo não sentia nada além de desprezo pelo Primus. Agora até sentia pena.

— Estão me dando alguma alternativa, comandante?

— Na verdade, não.

— Então eu aceito.

O comandante bateu uma continência e ela retribuiu o gesto, ainda que com a mão errada.

— E comandante... — disse Marta.

— Sim, coronel?

— Obrigada — agradeceu, numa voz sincera e formal ao mesmo tempo —, por me dar um novo propósito.

— Todos nós temos um, coronel. Às vezes, contudo, o perdemos de vista. Então considere isso só uma correção de vista.

— Sim, senhor — respondeu ela.

Conner estava na mesma cadeira de onde assistira à morte de tia Bonita entre as garras de um Ursa, vendo o mesmo acontecer a Lyla.

Queria virar o rosto. Queria gritar, bater em qualquer coisa, chorar. Mas não o fez. Só continuou ali, assistindo às transmissões de satélite.

Não mostrava tudo, mas o suficiente. Viu até o momento em que descobriu quem havia matado Lyla.

Era Talho.

O monstro que aniquilou sua tia depois que o golpe de seu pulsar abria uma cicatriz pálida acima da bocarra da criatura. Talho tirou a

vida de Meredith Wilkins, enquanto ela tentava testar a teoria de Conner, assim como a de incontáveis cidadãos de Nova Prime.

Mas a história de Talho já ia além da realidade.

As pessoas comentavam em voz baixa sobre a ferocidade do monstro para evitar assustar as crianças. Alguns rezavam a Deus para que outro Ursa os matasse, mas que não aquele com a cicatriz. Especulavam que até outros Ursas tinham medo de Talho e se mantinham longe dele para que não fossem destruídos também.

E agora a criatura havia acabado com a vida de Lyla.

Quando Conner aceitou a proposta de Haturi para servir como primeiro-comandante, abdicou dos objetivos pessoais. Honraria o acordo até que a colônia estivesse livre da ameaça dos Ursas.

Então, se Talho ainda estivesse vivo, Conner o encontraria onde quer que fosse para *destruí-lo*. E não como membro de um pelotão. Faria isso com as próprias mãos.

Cecilia Ruiz estava mais perto de desistir do que nunca antes.

Mesmo depois de se reabastecer na colônia perdida dos mineradores, e apesar do cuidadoso racionamento de provisões, o suprimento de água estava perigosamente escasso. Sabia que estava desidratando, mas não havia muito que pudesse fazer quanto a isso. Ao menos o segundo sol estava se pondo, as estrelas subiam aos poucos no horizonte.

Ela ouvira tanto sobre as constelações na Terra. Os antigos tinham enxergado nas estrelas todo tipo de coisa: um guerreiro com cinturão, um arqueiro, e vários animais, reais e imaginários.

As estrelas que Cecilia observava agora não pareciam em nada com as que os antigos viram. E ninguém em Nova Prime tinha tempo ou paciência para olhar para cima e elaborar desenhos imaginários sobre os corpos celestes. Estrelas eram só estrelas, nada mais.

Cecilia se perguntava se era uma questão de abandonar as trivialidades e os traços infantis na inevitável marcha para a maturidade da raça humana... Ou se algo de fato incrível fora jogado no lixo — como se fosse inútil —, quando, na verdade, era uma prova da imensurável imaginação do povo.

Depois de um tempo, ela concluiu que tais pensamentos estavam acima do seu nível filosófico.

De qualquer forma, não era com as observações do céu que estava preocupada. Mas sim com a visão de Xander: a expressão magoada em seu rosto, como se nunca mais fosse vê-la. Talvez significasse ainda mais do que isso.

Tudo o que fiz foi ressaltar a sensação de desamparo dele, pensou. Como não percebi? Ele está em casa agora pensando que se fosse um marido melhor, um provedor capaz, eu não estaria aqui arriscando minha vida. Deve estar enlouquecendo com a culpa que o fiz carregar.

O que foi que fiz? Com ele. Com a minha família. Tudo porque achei que poderia resolver nossos problemas com um único golpe.

— Chega — disse ela, as primeiras palavras que falava em algum tempo e, observando as planícies rubras à frente, assustou-se com a própria rouquidão. Um sinal do quanto estava desidratada. — Já chega. Vou pra casa. Já foi o suficiente...

Foi quando a frequência de navegação deu sinais de vida. A voz séria de um expedidor Guardião — ela não sabia qual, mas não importava — notificava sobre a aparição de um Ursa na colônia agrícola de Cray. Parece que, diferentemente das outras colônias, Cray tinha construído um posto de observação no alto de uma torre que, eles acreditavam, estaria fora do alcance dos sentidos dos Ursas. E o vigia avistou o que acreditava ser uma das criaturas.

Tinha comunicado no mesmo segundo, sem hesitar. Todos os fazendeiros da colônia Cray — cerca de uma dezena ou mais, com as famílias — foram aconselhados a procurar abrigo e esperar pela chegada de um pelotão de Guardiões.

Começando a se entusiasmar, Cecilia confirmou a distância da colônia Cray no mapa eletrônico. Não dava para acreditar. Estava a dez minutos de distância.

A dez minutos de encontrar um Ursa.

A dez minutos de um confronto que buscava há dias, quando já parecia que, de alguma forma, os Ursas conspiravam para procurar abrigo sempre que ela estava por perto.

A dez minutos da morte...?

Tirou a ideia da cabeça e partiu num trote rápido. Estava a pé, e os Guardiões certamente teriam veículos de alta velocidade. Poderiam percorrer rapidamente uma distância que ela tinha levado dias para vencer.

Mas não importava. Nada importava.

Era a chance dela. Ela havia pegado alguns itens na colônia dos mineradores, rezando para que fossem exatamente do que precisava para aniquilar a maldita criatura. Já tinha esquecido as palavras de Xander ou a carência dos filhos. Só uma coisa importava, uma única coisa:

Cumprir a tarefa.

Capítulo Trinta

Cecilia se aproximou da colônia agrícola de Cray pelos fundos de um dos celeiros. Sentiu um cheiro podre e foi espiar, cuidadosamente, por entre as faixas do tecido inteligente que compunham as laterais da tenda. Havia manchas vermelhas no pano, que ela soube de imediato que eram de sangue. Dentro do celeiro em si, além de várias ferramentas, havia uma vaca. Os fazendeiros valorizavam o gado e faziam o possível e o impossível para criar os animais. Ainda era uma questão de tentativa e erro criá-los a partir das amostras de DNA trazidos até Nova Prime pelas arcas. Preferiam mil vezes a reprodução natural.

A vaca fora estripada. Pior de tudo, a coitadinha ainda estava respirando. Como isso era possível, Cecilia nem imaginava.

Pegou uma das adagas para abrir o tecido inteligente, entrou no celeiro e colocou o cano do pulsar sobre a cabeça do animal, que olhou para ela com seus olhos enormes, que pareciam gratos. Ela apertou o gatilho, torcendo para que o fato de ter encostado a arma na cabeça da vaca fosse suficiente para abafar o barulho. Não precisava avisar aos Ursas que estava ali. A vaca estremeceu e morreu.

Atravessou o celeiro, tentando determinar a maneira mais furtiva de se aproximar do bicho.

O plano foi por água abaixo quando ela ouviu o famigerado rugido de um Ursa, seguido de gritos aterrorizados de várias pessoas, inclusive o que parecia ser uma menininha.

Sem pensar na própria segurança, ou em nada além de sua missão, Cecilia saiu correndo do abrigo e colocou um par de óculos infravermelhos para que a escuridão não a atrapalhasse. Então, ainda correndo, abriu a mochila e começou a pescar os itens que pegara no armazém da colônia de mineradores. Viu o Ursa de

costas. Estava a uns cem metros de distância. Era menor que aquele que Cecilia encontrara tempos atrás, mas ainda era grande o suficiente para engoli-la de uma vez só.

O monstro destruíra algo semelhante a um alçapão para entrar no chão. Percebeu na hora que era um antigo abrigo antibomba, construído para suportar os ataques aéreos Skrel. Porém, não era forte o bastante para aguentar um ataque de Ursa. A criatura investia contra o abrigo com uma das garras, como uma criança tentando surripiar com os dedos o recheio de um doce.

Cecilia ergueu o pulsar e começou a atirar. A mão tremia. Mas isso não fazia diferença porque o Ursa era um alvo grande o bastante. Os feixes do pulsar ricocheteavam no animal.

A criatura girou a cabeça e gritou de raiva. A ex-Guardiã não parecia estar conseguindo machucá-lo, mas definitivamente atraía a atenção do monstro.

Cecilia parou e fez a primeira coisa que passou pela sua cabeça: gritou de volta. O Ursa ficou surpreso com a resposta. Parou, digerindo a ação.

Então correu na direção de Cecilia, levantando poeira com as garras.

Não havia tempo de fuçar na mochila. Desesperada, jogou tudo no chão e viu, rolando aos seus pés, duas cargas de explosivos que pegara na colônia de mineração. Eram pequenos blocos de explosivos com cronômetro. Os mineradores usavam aquilo para abrir áreas mais difíceis das cavernas subterrâneas. Cecilia pretendia usar para outra coisa. Agarrou também um facão e o prendeu no cinto.

A criatura veio na sua direção, rugindo novamente, a bocarra aberta. Normalmente, ajustava-se o cronômetro para em média vinte minutos, garantindo que todos tivessem tempo de fugir. Cecilia não podia se dar o luxo: decidiu por cinco segundos e arremessou os explosivos na boca da criatura.

Porém, suas mãos a traíram. A carga resvalou no Ursa e caiu no chão, exatamente em frente a ele. Um instante depois, explodiu — no momento em que a fera passava por cima.

A explosão foi tão forte que lançou o monstro no ar. Ele caiu no chão a uns três metros de distância, aterrissando com força, e ali ficou por alguns momentos, desacordado.

A detonação também tinha derrubado Cecilia. Ela tentou se levantar, mas gemeu de dor. Caíra de mau jeito com o impacto da aterrissagem e torceu o joelho. Não era um ferimento grave, a não ser que a dificuldade de mover-se rapidamente facilitasse um bote do Ursa.

Os fazendeiros devem ter ouvido o estrondo, pois logo depois abriram o alçapão e saíram correndo do abrigo. Se deparando com o Ursa no chão, enxergaram uma oportunidade. Com um grito coletivo de guerra, o grupo atacou a fera, erguendo forquilhas, foices e qualquer outra coisa afiada que pudesse servir de arma.

— Não, calma! — berrou Cecilia, pegando a segunda carga de explosivos e a levando por uma corda no ombro. — Está só desacordado. Cuidado...!

Ninguém prestou atenção no que ela dizia, talvez nem a tenham ouvido. Estavam ocupados demais amaldiçoando o Ursa. Porém, quando se aproximaram do monstro, este já tinha se recuperado e estava de pé, virando-se para encará-los.

Cecilia mancava desesperadamente em direção ao grupo. O joelho doía tanto que as lágrimas vertiam involuntariamente.

— Cerquem ele! — gritou. — Ataquem de todos os lados! Ataquem e recuem.

Agora a ouviram, ou pelo menos escolheram prestar atenção naquele momento. Uma dúzia de fazendeiros cercavam o monstro, revezando-se, com armas de improviso, nas estocadas e apunhaladas. Depois, saltavam para trás sempre que o Ursa notava de onde vinha o golpe.

Foi uma tática eficiente por pouco tempo, até que o monstro alcançou um homem empunhando uma forquilha com as garras e rasgou o peito dele. Cecilia ouviu uma mulher gritando o nome da vítima, certamente a mulher dele. *Agora é a viúva dele*, pensou Cecilia com amargura ao ver o homem cair, morto antes de atingir o solo.

— Seu filho da mãe! — gemeu a viúva, atacando o Ursa com uma foice. O monstro abocanhou a arma e o braço da mulher. Ela berrou quando o membro foi arrancado com um baque surdo. O sangue jorrou do braço mutilado, e a viúva desmaiou com o choque. O Ursa cuspiu a foice e o braço que ainda a agarrava.

Cecilia, mancando, começou a atirar novamente. Estava desesperada, com medo de que a mira instável pudesse atingir algum fazendeiro. Mas, na verdade, nem precisava se preocupar: eles faziam o máximo possível para sair do caminho do Ursa.

Atraído pelas rajadas de fusão do pulsar, o monstro localizou Cecilia e investiu contra ela. Naquele momento, calhou de o joelho da ex-guardiã ceder. Ela despencou no chão bem na hora em que o Ursa pulou sobre ela. Então, por um segundo, o baixo-ventre do monstro estava diretamente acima dela.

Sem nem perceber o que fazia, cravou o machete nas vísceras da criatura. As rajadas do pulsar podiam ter ricocheteadado nele, mas a arma serrilhada penetrou a pele do monstro.

A criatura soltou um berro de fúria — e então Cecilia ouviu um coro de gritos raivosos. Os fazendeiros atacavam novamente, golpeando o Ursa de todas as direções com as ferramentas. Os homens de Nova Prime, dando voz aos instintos mais primitivos, espelhavam os ancestrais pré-históricos nas tentativas de derrubar um mamute com nada além de lanças.

Cecilia, ainda sob a criatura, viu sua chance. Alcançou a segunda carga de explosivos e ajustou o cronômetro sem ver. Não sabia se detonaria em segundos ou horas, não conseguiria ver de qualquer

forma porque não tinha espaço. Fez a única coisa que poderia: empurrou o explosivo nas vísceras do monstro.

O Ursa deu um berro tão aterrorizante que os ancestrais caçadores de mamute poderiam ter ouvido. Então a fera se afastou de Cecilia, a razão de seu incômodo.

Os fazendeiros perseguiram o bicho até o momento em que este se virou para encará-los. Então, recuaram morrendo de medo. O monstro rastreou Cecilia novamente. Mostrando a dupla arcada de presas afiadas, avançou contra ela. Cecilia empunhava novamente o pulsar.

— *Vá pro inferno* — rosnou entre os dentes ensanguentados, e atirou. O disparo atingiu o explosivo nas vísceras da criatura, que detonou.

O estrondo lançou o Ursa no ar, metros acima. Depois ele caiu de lado. Mas ainda não estava morto. O ventre se transformara num emaranhado de sangue e pus preto, mas o Ursa ainda tinha força para rugir contra os fazendeiros e ficar de pé.

Mas os fazendeiros não o deixariam escapar. Apunhalaram, estocaram e socaram até que a criatura tombou. Mesmo depois de cair, o Ursa quase arrancou fora a perna de um fazendeiro. Então continuaram atacando até que o monstro parou de se mexer.

Levou um bom tempo.

Uma menina se ajoelhou ao lado de Cecilia, que ainda estava jogada no chão. Ela sentia tanta dor na perna que parecia que não serviria para mais nada, além de guardar a bota.

— Que arma! — elogiou a garota, aparentemente acreditando ser aquele o instrumento fundamental na vitória contra o monstro.

Cecilia estava prestes a contar a verdade quando ouviu um tremendo grito de triunfo. Um dos fazendeiros, usando uma foice, degolara o Ursa.

— Consegui! Espere só até Vander Meer receber isso! Vou ficar rico! — celebrou o homem.

Ah, filho da mãe, pensou. Tentou se levantar, mas o joelho não permitiu.

— De jeito nenhum! — rosnou Cecilia. — É meu!

Ninguém ouviu. Os fazendeiros já tinham se esquecido completamente de quem os salvara, perdidos em discussões. Claro, Cecilia não fora a única que ouvira sobre a oferta de Vander Meer.

— Afastem-se! — gritou o homem que segurava o tesouro.

Então girou a cabeça e derrubou algumas pessoas com ela; o sangue preto do Ursa voando para todos os lados. Outro fazendeiro chegou por trás e atingiu a nuca do homem com uma enxada. A cabeça-prêmio caiu das mãos do primeiro homem, mas este não estava inconsciente. Virando-se, socou o adversário no rosto.

O macabro troféu quicou no chão e as pessoas se aglomeraram tentando alcançá-lo.

Enquanto Cecilia jazia no chão, a menina tentava achar uma posição para que a perna da combatente não doesse tanto.

— Qual é o problema deles? — questionou, com os olhos marejados. Certamente era horrível para ela ver os adultos, cobertos de sangue negro e sujos de uma batalha contra o Ursa, agora brigando entre si.

Cecilia observou a cena. Viu o ódio e a falta de humanidade nas expressões. Pareciam prontos para matar uns aos outros. Momentos antes tinham se unido contra um inimigo comum; agora, encontravam inimigos em todos os cantos.

Pensou em si mesma quando matara todos aqueles homens na colônia de mineração. Agira em defesa própria e, por isso, tinha sido impiedosamente eficiente na tarefa. Mesmo assim, a violência a enojava. Uma coisa era ser parte dos Guardiões. Mas isso...?

O pior era saber que, se sua perna estivesse boa, estaria lá entre eles. Estaria lutando por uma prova de que matara a criatura, talvez até desesperada a ponto de atirar.

Que bem eu faria a minha família agindo assim? É isso que as crianças merecem? Uma mãe que jogou pela janela o fundamental

da compostura humana? Que estaria disposta a massacrar o próprio povo, não para proteger a própria vida ou o bem comum, mas por puro desespero? É isso que eu quero ser?

A menina ainda olhava para ela. Cecilia enxugou as lágrimas dos olhos da garota e sussurrou:

— Eles não sabem o que fazem.

Outro rugido, mais assustador, ressoou pela colônia. Todos congelaram. Os dois homens que lutavam pela cabeça soltaram-na.

Era outro Ursa, avançando ansiosamente. Rugiu de novo — de forma que era impossível dizer se estava com raiva por ter perdido um dos seus ou se não dava a mínima e só estava informando que iria matar todos eles.

Antes que os fazendeiros decidissem se unir ou fugir cada um por si, o Ursa decidiu por eles. Avançou para o meio do grupo.

Oh Deus... foi tudo em vão, pensou Cecilia, antes de ouvir um zunido triunfante: uma frota de naves-veleiros dos Guardiões.

Um dos Guardiões desceu na frente, veloz. Uma dezena de outros vinha logo atrás dele em veículos semelhantes. Sem medo das garras, das presas e da força do Ursa, o líder se jogou da nave-veleiro na direção do monstro.

Ele segurava algo que Cecilia nunca vira antes. Parecia um tipo de bastão, porém era feito de fios entrelaçados de metal prateado. Na ponta, havia uma lâmina com uma aparência assustadora.

Enquanto Cecilia assistia fascinada à cena, o Guardião caiu nas costas do Ursa espantado, cravando a lâmina na nuca do monstro.

O Ursa rugiu e se contorceu todo, fazendo o Guardião cair no chão. Ele rolou e logo se ergueu. Mas, antes que o monstro o alcançasse, os outros Guardiões já tinham chegado e atacavam o Ursa com as mesmas armas estranhas.

Cecilia tivera muitíssima sorte com o golpe do machete: se não estivesse tão perto, dificilmente a lâmina teria penetrado no Ursa. E como alguém poderia sensatamente torcer para ficar tão próximo de um deles?

Mas os Guardiões não precisavam estar perto para atacar. Moviam-se ao redor do Ursa num círculo contínuo, lanceando, estocando e desviando ligeiramente antes mesmo que o monstro pudesse contra-atacar. Onde quer que golpeassem, as lâminas penetravam com tanta facilidade que pareciam estar atacando um gigantesco tablete de manteiga.

Os Guardiões não usavam somente lâminas. Na extremidade das armas, também contavam com piques, manguais e ganchos. Mas — e Cecilia não sabia se estava delirando quanto a isso — as armas não eram diferentes. Era como se estivessem mudando de forma diante dos olhos dela.

Estava certa de que conhecia um dos Guardiões: o comandante Haturi. Apesar da idade, lutava em pé de igualdade ao lado dos outros, manobrando com tanta habilidade quanto os subordinados. Com um rugido de raiva, o Ursa atacou o comandante com as garras, mas ele recuou bem a tempo de não ser feito em pedaços.

Esta foi a última ofensiva do monstro. Os Guardiões se juntaram, deslocando-se de forma fluida e coordenada. Cada minuto transcorria numa eternidade, mas, quando acabou, o Ursa jazia no chão, destroçado. Não havia dúvidas de que estava morto.

— Vasculhem a área — ordenou Haturi. — Liguem todos os sensores de movimento. Não quero que nada chegue perto daqui de novo. Todo mundo está bem?

A menininha, que não tinha saído do lado de Cecilia, chamou:

— A moça aqui precisa de ajuda.

Vendo como Cecilia estava, Haturi pediu um paramédico e caminhou até ela — nisso, a lâmina se transformou numa coisa sem forma e inofensiva. O socorrista veio logo atrás, e Haturi se ajoelhou ao lado de Cecilia.

— Você vai ficar bem, senhorita...

A expressão dele logo mudou. Viu o pulsar na mão de Cecilia, e a questionou num tom ameaçador:

— Onde foi que conseguiu isso?

Ela quase riu, mas tinha começado a sentir uma dor no peito. Talvez tivesse quebrado uma costela, um problema que ficaria para depois. Estremeceu enquanto o paramédico examinava o joelho, porém, conseguiu falar:

— Cecilia Ruiz, anteriormente Guardiã Cecilia Sanchez.

De repente, o rosto de Haturi se iluminou.

— Sanchez? Lembro de você. Teve uma lesão em algum nervo, não foi?

— Só na mão com que atirava.

— Sim, sim, claro. Você agora é fazendeira?

Ela conseguiu balançar a cabeça.

— Não, senhor.

— Então o que você está fazendo aqui?

— Matando Ursas, senhor.

Haturi a analisou por um momento. Ele não era bobo. Cecilia sabia que ele compreenderia tudo. Mas não conseguia sustentar o olhar do comandante. Sentia-se envergonhada, como se tivesse traído algum dos profundos valores que jurara manter como Guardiã há tanto tempo. Um juramento que, por causa das lesões, tivera de abandonar.

— *Achei* ter visto pessoas brigando pela cabeça quando estávamos chegando. — Haturi a encarou, aniquilando qualquer dúvida de que não sabia o objetivo dela. — O crédito da recompensa é importante pra você?

— Cuidar da minha família é importante.

Haturi olhou na direção da carcaça do Ursa.

— Dá náuseas, não é?

— Dá, sim.

— E presumo que você tenha sido a principal responsável pela morte da criatura?

A menininha se manifestou.

— Sim, senhor. Foi ela. Explodiu o monstro.

— Certamente. — Haturi estreitou os olhos, e a raiva transparecia em sua expressão. — Não aprovo os métodos de Vander Meer, mas justiça é justiça. E uma recompensa é uma recompensa. Vou garantir a cabeça pra você...

— Não, senhor — interrompeu Cecilia rapidamente, antes que ele se virasse. Soltou um suspiro. O socorrista injetara analgésicos e a dor começava a diminuir, ficando suportável.

— Por que não? — perguntou Haturi, confuso.

— Porque... — tentava elaborar os pensamentos martelando na cabeça. — Não sei.

Não conseguia parar de olhar para a arma na mão de Haturi. Antes que ele continuasse o assunto, ela perguntou:

— O que é isso?

— Bom... o nome não oficial é alfanje, mas tenho certeza de que inventaremos um melhor. É uma nova arma, desenvolvida por uma engenheira chamada Lyla Kincaid, que descansa em paz. Como pode ver, é formidável. E muito mais eficiente contra os Ursas do que os pulsares.

— Com certeza.

Ele a observou por um momento, então deslizou a mão pela arma e deu um toque. Instantaneamente, o alfanje ganhou lâminas nos dois lados. Haturi entregou a arma a Cecilia.

— Vai lá, dá uma olhada. Só não dê um toque. Você pode ter uma péssima surpresa.

Com um gesto, indicou ao socorrista que era melhor se afastar.

Cecilia manuseou o alfanje com facilidade. Era confortável nas mãos. Natural. De uma leveza notável. Mas também obviamente devastadora numa batalha.

Haturi agora se dirigia aos fazendeiros.

— Senhoras e senhores — falou com formalidade —, o Corpo de Guardiões agradece a colaboração. Chegou a nós a informação de que essa jovem mulher tem necessidades pessoais que vocês podem suprir. Como um agradecimento à ajuda dela, vocês vão juntar uma

quantidade considerável de comida para que ela possa levar para a família.

Um dos fazendeiros tentou protestar, mas murchou sob o olhar de Haturi.

— Quanto? — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Vamos avisar quando houver o bastante — respondeu friamente, como se isso encerrasse a discussão, que estava de fato encerrada na cabeça do comandante. Então virou-se para Cecilia. — O que achou do alfanje?

— Incrivelmente fácil de manusear! — opinou. — Já está sendo testado em campo há muito tempo?

— Tempo suficiente. Matamos dezenas de malditos Ursas com ele. É devastador. Reunimos tantas amostras de DNA dos bichos que o Savant está no paraíso, ou pelo menos no que ele considera um paraíso. Não conseguimos pegar o filho da mãe do Talho ainda. É o maior Ursa já visto, mas vamos conseguir. Estamos perto de acabar com esses malditos.

— Bom... É ótimo saber disso.

Ela devolveu o alfanje para ele. Haturi o observou e então disse:

— Claro, mesmo quando matarmos o último, não teremos qualquer garantia de que será de fato o último Ursa. Na verdade, tenho certeza de que haverá mais. Os Ursas trazem uma mudança radical no conceito de prevenção dos Guardiões.

— Entendi... — Ela encolheu os ombros, pois não parecia ter muito mais a falar.

— Imagino que o alfanje se tornará a principal arma dos Guardiões, ainda mais para lutar contra essas coisas.

— Faz sentido — concordou Cecilia.

— E não posso deixar de observar que você o segura com uma firmeza razoável.

— Sim, acho que eu... — a voz dela falhou ao perceber o significado daquelas palavras. Ele pegou de volta o alfanje.

— Aos meus olhos, parece que o pequeno músculo que lhe falta para empunhar um pulsar corretamente não é um problema diante de um alfanje. A sua família ficaria chateada se você voltasse a um trabalho regular?

— Não, senhor. De forma alguma.

— Ótimo. Porque precisamos seriamente de Guardiões, mais ainda de Guardiões experientes. Esse grupo comigo é só de cadetes, acredite se quiser.

Cecilia realmente tinha reparado que eram bem novos.

— E, mesmo com a economia meio devagar agora, tenho certeza de que podemos achar créditos para cobrir o pagamento que você perdeu nos últimos anos. Mas agora você precisa voltar pra casa, descansar e preparar deliciosas refeições pra sua família, graças à generosidade desses fazendeiros, antes de se apresentar ao serviço.

— Haturi bateu uma continência. — Bem-vinda de volta à luta, Guardiã.

Cecilia retribuiu a continência.

— Feliz de poder ajudar, senhor. Humm... Odeio parecer ingrata...

— Mas?

— Você pode me dar uma carona até em casa?

Conner estava no armazém de suprimentos dos Guardiões e contou 24 tabletes de sal na frente dele. No deserto, não sobreviveria muito sem eles.

Claro, se fosse primeiro-comandante na teoria assim como era na prática, teria alguém para contar os tabletes por ele. Mas, mesmo assim, teria realizado a tarefa ele mesmo. *Minha vida. Minha responsabilidade.*

Uma das coisas que seu pai ensinara, uma das muitas coisas.

Mal terminara a contagem quando ouviu uma batida na porta. Virou-se e viu Blodge em pé.

— Pode entrar — disse ele.

— Sei que está ocupado preparando tudo, mas preciso perguntar: tem certeza de que é uma boa ideia?

Conner pegou os tabletes e colocou num contêiner à prova d'água feito para os Guardiões.

— Do que você tá falando? De ir atrás de Talho?

— De você ir atrás dele *sozinho*. Sei que você tem um plano, mas e se algo acontecer com você? O que os Guardiões vão fazer sem um líder?

Conner sorriu internamente.

— Vão achar alguém. Sempre acharam.

— Mas esse é um péssimo momento pra se contentar com *alguém*.

— É mesmo? Talho é o último Ursa com o qual temos que nos preocupar. Se eu não pegar o bicho, outra pessoa vai. — Na verdade, ele já começava a pensar nessa possibilidade e até mesmo no nome de quem lideraria o esquadrão que iria atrás dele. — Não se preocupa, vou conseguir.

— Não estou falando do Talho — afirmou Blodge. — Estou falando do Primus.

Conner ergueu a cabeça.

— O Primus está desaparecido. A não ser que você saiba de algo que eu não sei...

— Não. Mas ele vai aparecer, todo mundo diz isso. Mesmo que não apareça, outra pessoa virá. Talvez o Vander Meer. Ou algum outro Primus.

Conner sabia do que o amigo estava falando.

— E eu enfrentei eles. Mas você acha que outra pessoa não vai fazer isso.

— Até Wilkins tinha problemas com esse tipo de coisa, e era dura como uma pedra. Teve que ceder no orçamento, lembra? Toda aquela história sobre reduzir gastos; estava destruindo os Guardiões, fazendo a gente reconsiderar... — Ele apontou com o polegar por cima do ombro. — O que você acha que acontece se você morrer?

Acha que vão facilitar a sua substituição? Vão tentar enterrar a gente junto.

“E dessa vez não vai ter ninguém para preencher o vazio. Haturi, talvez, mas ele mesmo já disse que seria um péssimo primeiro-comandante. Kincaid? Ele é ainda mais esquentado que você. Nenhum deles conseguiria competir com alguém que sabe manipular a opinião pública.”

— Verdade — concordou Conner. — Mas *eu* não estou pronto para encarar alguém assim.

Blodge parecia chocado.

— Do que você tá falando? O povo tá comendo na sua mão.

— Claro, mas isso é porque nossa campanha contra os Ursas tem sido um sucesso. As pessoas estão agradecidas. Pensam que os Guardiões são heróis. E o que acontecerá quando os Ursas sumirem? O povo tem memória curta. Vão esquecer o que os Guardiões fizeram. Vão ficar convencidos. E vão dar ouvidos quando Rostropovich ou outra pessoa falar sobre cortar nossa verba de novo.

— Mais uma razão por que precisamos de você pra lembrá-los — disse Blodge.

— Eu? — Conner riu. — Tenho 18 anos. Por que alguém me ouviria?

— Sem você nós nunca teríamos nos livrado dos Ursas. Estaríamos escondidos em casa, esperando que viessem nos matar.

— Você sabe o meu papel nessa história, assim como os Guardiões. Mas quem sabe disso fora da corporação? Não muitos. O Savant, certamente, mas ele não vai me dar nenhuma medalha por isso. Então, na verdade: o que eu sou? Só um cara de 18 anos que fez um bom trabalho substituindo o chefe. Um Raige? Isso é bom. Sempre gostei dos Raige.

Blodge abriu os braços num gesto de incompreensão.

— Do que você tá falando?

— Que eu sou dispensável como qualquer um. — Pensou em Lyla.
— E que eu não tenho outra opção.
Blodge o encarou por um tempo.
— Então nos vemos antes de você partir?
— Conto com isso.
Esperou até que o amigo saísse e voltou a empacotar os tabletes de sal.

Capítulo Trinta e Um

O crepúsculo no deserto é tão bonito, pensou Conner, cantarolando enquanto observava da nave-veleiro os últimos raios do segundo sol descendo na planície vermelha. Na verdade, não conseguia imaginar nada *mais* bonito que aquilo.

Quando era pequeno, sua família saía de Nova Prime para acampar no deserto, para sentirem-se cercados pela terra. Armavam fogueiras e se amontoavam em volta delas nas noites frias, e a mãe de Conner cantava músicas engraçadas.

Parecia ter sido há tanto tempo.

Os Ursas mudaram tantas coisas. Agora, Conner queria fazer com que voltassem ao que eram.

Talho era mais do que um predador construído para destruir, caso o Savant estivesse certo. Tornara-se um símbolo de morte, miséria e desespero; sem dúvida, exatamente o que os Skrel tinham em mente quando enviaram as criaturas para Nova Prime. A humanidade não se livraria do pesadelo até que esse símbolo fosse destruído.

Vou acabar com você, pensou Conner.

Havia relatos de que um Ursa — um enorme, maior que todos os outros — seguira por aquele caminho. Só podia ser Talho. Era o único da espécie ainda desaparecido, o único que escapou do escrutínio dos cientistas do Savant.

Claro, poderia levar um bom tempo até encontrá-lo. Tudo bem. Não estava com pressa. Nas cidades, as pessoas corriam de um lado para o outro. *Mas não aqui no deserto.*

No deserto, você pode fazer as coisas com calma.

Algumas horas depois de a escuridão dominar a paisagem, Conner aterrissou a nave-veleiro e abriu o saco de dormir. Então, armou um

círculo de monitores ao seu redor para ser acordado caso qualquer coisa se aproximasse.

Considerando a reputação do monstro que compartilhava o deserto com ele, talvez tivesse dificuldade em pegar no sono. Mas Conner dormiu pesado, nem sonhou.

Afinal, Conner gostava de simplicidade. O Primus complicava a vida dele, assim como Vander Meer. Sem contar a centena de personalidades complexas dos Guardiões que ele precisou reunir para um único propósito.

Mas caçar Talho? O que poderia ser mais simples do que isso?

De manhã, Conner se hidratou, comeu e tomou um tablete de sal. Estava em pé, sem camisa, encarando o ar frio e parado. Conferiu o alfanje, girando-o nas mãos; a arma brilhava, refletindo os raios de um cor-de-rosa suave do primeiro sol. Era longo e delgado como o homônimo. Longo, delgado e mortal.

Deslizando as mãos e aplicando os toques, Conner transformou a ponta da arma em uma lâmina, que cintilou sob a primitiva luz do primeiro sol. Em seguida, em uma lança. Depois, em um gancho. E assim por diante.

Lyla era um gênio. Também era bonita, mais bonita do que qualquer mulher que já tinha visto. Mas, assim que veio esse pensamento, ele o afastou. Não podia pensar em Lyla agora. Tinha de focar na missão à frente.

No Ursa. E no alfanje que usaria para destruí-lo.

Era leve, tão leve que parecia integrado à mão. Perfeitamente equilibrado para uma excelente capacidade de manuseio.

Claro, existia aquela única combinação de deslizamentos e toques com a qual tinha de se preocupar, a que ativava a função de foice. A que causaria a destruição do alfanje em milhões de pedaços, e a sua própria.

Lyla *sofrera* por conta daquela falha. A única falha de engenharia na arma. Se não tivesse se envolvido, o Savant não teria deixado o alfanje sair do laboratório de Lyla.

Mas não era uma falha. Era uma *qualidade*. Yang apontara isso a ele. E se Conner visse a oportunidade, usaria a seu favor.

Não, pensou, limpando uma gota de suor na testa. *Não "se". "Quando"*.

Era quase meio-dia quando avistou uma cadeia de montanhas, menor que aquela sobre a qual a cidade de Nova Prime fora construída. O nome era São Francisco, em homenagem às montanhas lá na Terra que também tinham a coloração avermelhada — porém as da Terra haviam sido maiores e mais impressionantes.

Não sabia por que Talho tinha se distanciado tanto de Nova Prime se os Ursas foram criados para atacar homens. No entanto, não faltavam presas nas São Francisco. Talvez Talho, diferente de outros da sua espécie, cobiçasse mais outros tipos de caça.

Nem todos os homens eram parecidos. Quem sabe o mesmo se aplicasse aos Ursas.

Ao se aproximar das montanhas, uma ideia lhe ocorreu. Sinistra e um pouco assustadora.

Se morresse na missão, a linhagem Raige se extinguiria. Afinal, o avô Joshua morreu quando Conner tinha 12 anos. E só teve um neto, o próprio Conner. O tio Torrance — por razões que nunca soube — não tivera filhos; e tia Theresa também não parecia querê-los. Tinha celebrado o aniversário de 50 anos recentemente e, até onde Conner sabia, nunca tivera um namorado, que dirá um marido. Sempre se dedicara demais à fé para pensar em romances, mesmo antes de se tornar uma áugure — foi o que contou o pai dele.

Claro, Conner tinha vários primos na família do lado da mãe. Rebeca Raige tivera três irmãs e cada uma dera à luz pelo menos duas crianças. Mas nenhum deles era Raige. Não podiam levar o nome.

Só resta eu, refletiu Conner. E se eu cometer um único erro, ou fizer um movimento errado...

Sacudiu a cabeça. *Um mundo sem Raige.* Era inimaginável. Todos os sacrifícios ao longo da história da humanidade em Nova Prime, todos os atos de heroísmo... Esquecidos. Não completamente, é claro. Mas ninguém defenderia a família como os próprios Raige faziam.

Será que ele era o primeiro Raige a encarar tal possibilidade? Queria saber. Óbvio, era tarde demais para estudar os arquivos da família e descobrir. Só poderia fazer isso depois de voltar à colônia.

Se sobrevivesse.

Não, censurou-se. Não posso me deixar pensar dessa forma. O Guardiã que se preocupa em fracassar já fracassou.

Um Raige dissera isso, recordou sorrindo. Carter Raige, que se tornara primeiro-comandante há séculos. Falava dos Skrel e de como, ainda criança, saíra em busca de uma das naves alienígenas, indiferente aos riscos.

No fim, achou a nave e deu ao Savant daquela época a chance de descobrir como funcionavam aqueles escudos. E a colônia sobreviveu. Tudo graças àquele menino que teve coragem de se arriscar.

O Guardiã que se preocupa em fracassar já fracassou. Era um bom conselho. Seria melhor tentar lembrar disso que se atormentar com a extinção de sua linhagem.

Conner inclinou-se na nave-veleiro para sentir o vento quente e seco no rosto. *Logo, pensou.*

Não tinha como ter certeza, mas conseguia sentir em suas entranhas. *Logo.*

Já no fim da tarde, quando o primeiro sol descia no céu, Conner alcançou as montanhas de São Francisco. Ouviu o vento uivando através das formações suaves de rochas vermelhas, gritando como se estivesse se divertindo. Mas também, as montanhas nunca

havam visto o que veriam caso Conner encurralasse Talho ali como planejava.

O problema é que as montanhas eram repletas de saliências que obstruíam a visão. Ele não seria capaz de achar Talho a não ser que desembarcasse do veleiro e continuasse a busca a pé.

Estaria muito mais vulnerável no solo. Mas o mesmo valia para o Ursa. Afinal de contas, os caminhos entre as montanhas eram estreitos. Seria difícil para Talho se deslocar ali.

Com tudo isso em mente, Conner aterrissou a nave-veleiro num platô. Então pegou o alfanje, escalou platô abaixo e encontrou uma fenda que cruzava a cadeia montanhosa.

O primeiro sol desapareceu de vista enquanto ele percorria a fenda. E o segundo sol fez o mesmo. E nenhum sinal de Talho.

Conner estava ansioso para confrontar o monstro, mas não enquanto estivesse dormindo. Se não achasse Talho logo, teria de retornar à nave-veleiro onde deixara o saco de dormir e os monitores de perímetro, e continuar a busca na manhã seguinte.

Mas ainda tinha pelo menos meia hora. Parou por um momento, só para beber um pouco da água do cantil. *Talvez eu tenha sorte.*

De repente, Conner percebeu algo com uma clareza terrível. Ele não era mais o caçador. Era a *caça*.

Virando-se a tempo, viu o Ursa deixando o esconderijo das rochas. Gigante, pálido, os membros musculosos grossos; só as garras curvadas já eram do tamanho da cabeça de Conner. Certamente o maior e mais assustador Ursa que já vira.

Uma cicatriz lívida atravessava o rosto, ou o que chamavam de rosto. A marca que dera origem ao nome.

Agigantando-se contra o céu, escancarou a boca, mostrou as garras e soltou um rugido que Conner pôde sentir no esqueleto. Então recuou para investir.

O monstro era mais ágil do que Conner esperava, mais rápido do que qualquer outro Ursa. Conner se jogou para um lado, atento para segurar o alfanje com firmeza.

Uma das garras rasgou a frente do uniforme e alcançou a carne, fazendo o peito de Conner arder. Mas não o matou. Ele fez um rolamento e ficou de pé, com o alfanje de prontidão.

O que era bom, principalmente porque o Ursa havia aterrissado e virava-se na direção dele.

A criatura não tinha a mesma gama de sentidos que os seres humanos — algo que o pessoal do Savant tinha dado como certo. Mas ele sabia que havia uma presa ao seu alcance. Conner tinha certeza disso. Apostaria sua *vida*.

Também estava certo do que queria fazer. Confiando em sua habilidade no manuseio do alfanje, ele o fez.

Quando Talho avançou pela segunda vez, Conner ergueu a lâmina e brandiu contra a criatura. O movimento fez jorrar sangue de uma das pernas dianteiras.

Tão importante quanto o golpe foi Conner se esconder rapidamente embaixo de uma saliência antes que Talho devolvesse o agrado. Mas logo saiu do abrigo para investir novamente antes que o monstro pudesse se virar no pequeno espaço disponível.

Trocava de função rapidamente, para que Talho não conseguisse se adaptar. Primeiro a lança. Depois a clava. Então o gancho. De volta à lâmina.

Mas o Ursa os evitava, todos eles, como se soubesse o que estava por vir, como se o instinto animal pressentisse o que Conner faria e quando. Claro, isso era impossível. Era só um bicho, não era?

Você só tem que ser mais rápido, disse Conner a si mesmo.

Cerrou os dentes e atacou com velocidade redobrada, não só com golpes únicos, mas com combinações diferentes, atingindo a criatura de todos os ângulos possíveis. Não parecia fazer diferença. Talho estava sempre um passo à frente. Conner começava a entender como este adquiriu a reputação de ser o mais letal dos Ursas em Nova Prime.

Não importa, pensou Conner.

Os músculos latejavam. O suor escorria pela testa, descendo pelas têmporas e pingando do queixo. Mesmo com o bom preparo físico, sentia a garganta queimar como um forno a cada tentativa de puxar o ar quente e salgado.

Porque Conner não lutava somente contra o Ursa, mas também contra o deserto. E, claro, contra *ele mesmo*.

Cada milímetro dele queria parar, desistir e voltar para casa. Mas ele não podia fazer isso. Não *faria* isso.

Só que, aos poucos, Talho forçava Conner a recuar. E, a cada passo para trás, ele estava menos protegido pelas formações rochosas ao redor. Cedendo espaço, acabou alcançando um platô onde o Ursa tinha uma vantagem clara.

Tentou retomar a ofensiva e empurrar Talho de volta à fenda. Mas não conseguia. Esmorecia. Seus braços e suas pernas pesavam como chumbo, independentemente da determinação de destruir a criatura. Quanto mais vacilava, mais se aproximava da borda do platô.

O pior é que ali a rocha era lisa, desgastada pelas intempéries. *Não escorregue*, pensou Conner.

Mas Talho parecia ter outras ideias. O monstro se recompôs e avançou contra ele, seu corpo bloqueando toda a visão de Conner. Tudo o que via era a bocarra, enorme, negra e cheia de presas.

Só que o monstro escorregou na superfície lisa da rocha e não concluiu o ataque. Em vez de cair em cima da presa, Talho aterrissou bem em frente dela.

Era a chance de que Conner precisava.

Ergueu o alfanje e atacou com o que restava de sua força, esperando abrir a garganta da criatura. Mas o alfanje nunca atingiu o alvo — porque Talho abaixou na hora.

E ergueu a cabeça para Conner.

Perto demais, Conner teve tempo de pensar, *perto demais*.

Estava à distância de um braço da boca do monstro. Se Talho fosse rápido o suficiente, poderia alcançar e estripar Conner. Ou

arrancar as pernas dele. Ou destruir o Guardiã de uma dezena de outras maneiras.

Mas o Ursa parecia tão surpreso quanto ele com a proximidade do inimigo, porque não fez nada imediatamente. Continuou a encarar a presa.

Conner não teria oportunidade melhor.

Cerrando os dentes, ele se forçou a aplicar um deslize e um toque na arma, exatamente como fizera centenas de vezes no treino. Então alcançou a bocarra preta e viscosa da criatura e arremessou o alfanje pela garganta do monstro.

Preciso fugir, pensou, desesperado.

Só que, antes que pudesse fazer isso, sentiu as presas de Talho se fecharem na sua mão. A dor inundou seu braço, arrancando um grito.

Mas não podia se deixar prender por Talho — o alfanje estava ajustado na função que o fazia explodir. E era exatamente o que aconteceria, em alguns segundos, destruindo absolutamente qualquer coisa num raio de dez metros, inclusive Conner.

Tentou recuperar a mão sem sucesso.

Então Talho resolveu o problema por ele. Torcendo a cabeça, arrancou dois dedos da mão de Conner.

A dor era indescritível, mas Conner estava livre. Puxando de volta o membro mutilado, pressionando a mão cheia de sangue no peito, girou e correu o mais rápido que pôde.

Talho investiu de novo, procurando as costas de Conner com as garras — mas o monstro não conseguiu agarrá-lo. *Dez segundos*, pensou, atirando-se de volta à fenda.

Podia ver a sombra de Talho se esticar, deformando-se sobre as formações rochosas na frente dele. A criatura o perseguia, mesmo com o alfanje preso na garganta. Mas, como o Savant alertara, o bicho não respirava como seres humanos. Talvez a arma não fosse um problema.

Pelo menos ainda não.

Oito segundos, pensou Conner.

Correu como nunca antes, atento para não tropeçar — se o fizesse, seria sua última ação. O ar da montanha era como fogo queimando na garganta. Não que isso importasse. Era um combustível. E ele sorvia tão rápido e intensamente quanto podia.

Seis segundos.

Será que a sombra de Talho estava diminuindo? Diminuindo o *suficiente*?

Quatro segundos.

Um último impulso de velocidade. Só mais um pouco, mais algumas pulsações, poucas passadas largas. Então saberia se teria ou não ganhado distância suficiente entre ele e o Ursa.

Dois.

Um.

Agora.

Nada aconteceu.

Não, pensou Conner com amargura. *Precisa funcionar. Precisa.*

Olhou por sobre os ombros. Talho ainda corria atrás dele, aparentemente incólume.

Tinha perdido o alfanje. Apostou todas as fichas que a arma explodiria dentro de Talho. E não explodiu. *Falhou em falhar*. Mesmo no desespero, era inevitável notar a ironia.

E agora? Não conseguiria manter o ritmo por muito mais tempo. Talho, sim. Diminuiria a distância entre eles e...

De repente, os ouvidos de Conner retumbaram como um gongo. Sentiu-se empurrado por uma mão gigantesca. Foi arremessado com tanta força que teve certeza de que quebraria o pescoço.

Sabe-se lá como, não quebrou. Notou-se jogado de bruços sob uma nuvem de poeira e destroços, olhando para o céu. Tudo estava silencioso, estranhamente silencioso.

Percebeu que tinha algo macio e úmido no ombro. Tirou, mas não sem antes olhar por um momento, tentando entender o que era.

Então compreendeu: era um pedaço de carne pálida encharcada em pus grosso e negro. Um pedaço de *Talho*.

Tinha um cheiro pútrido. Mas Conner não jogou fora, não imediatamente. Ficou com o pedaço na mão até arrancar da garganta seca e rouca:

— Te peguei, desgraçado.

Então arremessou aquele pedaço de carne o mais longe que podia.

Algo latejava em sua mão. Olhando para baixo, Conner viu o sangue jorrando da ferida onde antes ficavam os dois dedos arrancados pelo monstro.

Ele virou de lado. O peito e as costas, que Talho atingiu, também doíam.

Um pequeno preço a pagar, pensou, ainda que isso não aliviasse as dores.

Com a mão boa, pressionou o botão de ativação do rádio. Um momento depois, ouviu:

— Conner?

A voz de Blodge soava como se ele estivesse submerso. *O estrondo afetou minha audição*. Torceu para que fosse temporário.

— Estou aqui — disse, com a voz mais fraca e cansada do que imaginava que estivesse. — E o Talho...

Olhou ao redor para ver os pedaços de carne espalhados pela montanha. Talho ainda estava ali. E ali. E lá.

— O Talho está morto.

Ouviu os gritos de comemoração pelo rádio. Era bom escutar aquilo. Era *ótimo*.

— Alguma chance de me mandar uma nave? Com um kit médico?
— perguntou Conner.

O amigo riu, assim como os outros ao fundo.

— Está a caminho. Aguenta firme, parceiro.

Conner resmungou, suportando a dor como podia.

— Como se eu tivesse escolha.

Capítulo Trinta e Dois

Conner observou a mão direita enfaixada. A única evidência de que estivera numa batalha era a mancha vermelha no ponto onde o sangue havia jorrado.

Claro que a mão ainda latejava de dor, apesar dos analgésicos que o médico lhe dera. Parecia uma dor de dente tenebrosa. Mas ele ficou satisfeito de lembrar que a dor de dente de Talho devia ter sido muito pior.

— Isso é tudo o que podemos fazer — disse o médico, retornando ao banquinho. — Volte em alguns dias pra trocar o curativo. Até lá, mantenha o ferimento limpo e seco. E, pelo amor de Deus, fique longe de Ursas.

Fique longe de Ursas. Era uma piada que o médico não poderia ter feito até pouco tempo antes, mais precisamente o dia anterior. Mas, com Talho morto, a colônia podia respirar tranquila pela primeira vez em semanas.

— Farei o possível — respondeu Conner.

Quando tirasse as ataduras, veria um dedo a menos e outro mutilado, o que prejudicaria sua habilidade no uso do alfanje com a mão direita. Teria de treinar e se adaptar à mão esquerda, o que sem dúvida seria um processo árduo. Mas ele se preocuparia com isso depois.

— Agora, pode ir. Quando estiver pronto, conversaremos sobre as próteses.

Conner balançou a cabeça.

— Guardiões não usam próteses. É uma tradição.

O médico, que obviamente nunca tinha ouvido falar disso, deu de ombros.

— Bom, faz parte do meu trabalho apresentar as opções. O que você vai decidir depois de ouvi-las é problema seu.

— Obrigado — agradeceu Conner, com outras coisas em mente além dos dois dedos.

— Entre.

As palavras ecoavam no gabinete do Primus. Theresa estava em frente à porta, relutante porque não sabia o que esperar. Mas havia jurado obedecer às ordens do Primus, portanto, manteve a fé no juramento e entrou na sala.

O Primus estava de pé do outro lado da sala, perto da varanda, olhando as estrelas.

— Águre Theresa, soube que durante a minha ausência você esteve muito... ocupada — insinuou, deixando a palavra no ar como a última folha de uma árvore antes de se soltar e cair.

Ela estava feliz em saber que o Primus retornara. *Mas, se eu tivesse desaparecido daquela maneira, teria de me explicar.* O Primus não parecia estar disposto a isso. Agia como se nunca tivesse sumido.

— Ocupada? — repetiu Theresa.

— Sim — afirmou, ainda de costas para ela. — O seu projetinho de ir de porta em porta? Está indo bem?

— Ah, isso. Sim, Primus, estou contente de poder relatar que vai bem.

— O projeto que eu especificamente decidi rejeitar após a devida análise.

Não havia qualquer raiva na voz do Primus; era como se ele só quisesse esclarecer a questão, garantir que estavam falando sobre o mesmo assunto.

— Você precisa entender, Primus...

Ele se virou ligeiramente para Theresa.

— *Preciso?*

— Péssima escolha de palavras — desculpou-se Theresa, humildemente. — Sinto muito.

— Não precisa se desculpar, minha filha. O que você dizia?

— Não sabíamos onde você estava. Eu até pedi que meu sobrinho procurasse por você. E o povo precisava de consolo.

— E você fez isso por eles. Você e Marta Lemov.

— Sim, Primus.

— E... as pessoas ficaram gratas?

— Muito. Reforçamos a confiança de que Deus está ao nosso lado nessa jornada...

— Deus deixou que isso acontecesse, Theresa. Isso foi abordado?

— indagou ele.

— Com certeza, Primus. Deus está nos testando, como sempre. Ele não interfere no livre-arbítrio, mesmo no *livre-arbítrio* de alienígenas descrentes. Mas nos dá o que precisamos para vencer o último ataque Skrel. Nós vamos sobreviver e triunfar desde que estejamos unidos; enquanto nossa fé for inabalável.

— E as pessoas acreditaram nisso tudo? — quis saber o Primus.

— A maioria decidiu acreditar, sim. Nesses tempos difíceis, quem não adotaria uma crença?

O Primus resmungou.

— De fato, quem?

Tomando o silêncio seguinte como uma deixa para continuar falando, Theresa prosseguiu.

— Não só trouxemos paz às pessoas, mas também uma determinação recém-descoberta.

— Entendo. Que... admirável. E agora, claro, vão precisar do Primus para guiar essa determinação, para moldá-la em algo que os céus aprovem. — Sorriu. — Que bom que voltei agora, não? Pode-se dizer que foi o momento perfeito para isso.

— Sim — concordou Theresa, somente porque era o Primus falando. — Perfeito.

Mas ela sabia, de coração, que aquilo que as pessoas encontraram na ausência do Primus — um ao outro — era o que de fato podia ser considerado perfeito.

O Primus deu uma risadinha.

— Engraçado como as coisas acontecem. Como Deus dá um jeito nelas.

Outro silêncio se prolongou. Até que, numa voz suave e tímida, a áugure disse:

— Se o senhor não tiver mais nada, Primus, eu posso...

— Pode se retirar — interrompeu, ainda olhando as estrelas.

Aliviada, Theresa saiu da sala.

Sozinho novamente, o Primus voltou a pensar sobre seu... retiro.

Para ele, foi exatamente isto: um retiro dos problemas mundiais para que pudesse contemplar quais seriam os melhores caminhos para os áugures e ele. Uma folga, só isso.

É claro que Rostropovich não se alienara por completo do mundo. Onde estava, tinha acesso a um rudimentar aparelho de comunicação. Foi assim que ouviu a notícia de que os Ursas haviam sido derrotados.

A vontade de Deus prevalecera.

E o que acontecera naquele momento terrível, antes de o Primus se afastar do mundo... bom, isso estava no passado, mal valia a pena considerar. Se ele quisesse cumprir sua função de conectar a humanidade ao paraíso, então teria de deixar de lado tais experiências. Precisava voltar ao trabalho novo e revigorado.

Com esse objetivo em mente, o Primus ligou o monitor e procurou informações sobre o Conselho Tríplice. Ao encontrar um comentário feito pelo Savant poucas horas antes, clicou para ouvi-lo.

— Se vou apoiar Conner Raige? Com certeza. No início, tive dúvidas sobre colocar um homem tão jovem em uma posição tão crítica. Porém, isso foi antes de ver do que ele era capaz.

“Quando assumiu as responsabilidades de primeiro-comandante, os Ursas estavam aterrorizando nossa cidade, matando todos que encontravam. Conner virou o jogo. Tomou as decisões certas,

melhores do que as que eu teria tomado, sinceramente. E por isso os Ursas foram extintos, sendo que o último deles morreu pelas mãos do próprio Conner.

“Mas não vou apoiá-lo como forma de recompensa. É para isso que servem as condecorações. Apoio porque acredito que ele possa continuar fazendo um bom trabalho. Assim como, o que é importante, as pessoas que o seguem. Eles acreditam na competência de Conner. Estão dispostas a fazer qualquer coisa que ele pede. Isso já diz muito.

“Quando assumi o cargo de Savant, eu sabia uma coisa: não me permitiria ser guiado pelos sentimentos. Abordaria o problema dos Ursas, e qualquer outro, de uma perspectiva puramente científica. Usaria os fatos como guia. E os fatos, neste caso, apontam claramente Conner Raige como a melhor opção para o cargo de primeiro-comandante.”

O Primus mordeu o lábio. Odiava a ideia do moleque Raige se tornar um membro permanente do Conselho Tríplice. Não suportava a ideia de ter de tratá-lo como um colega, um igual.

Mas que outra escolha ele tinha? Estivera recluso, e isso já seria difícil de explicar. Raige arrebatara o povo, que se sentia inspirado por ele. A imagem do Primus seria danificada caso ele se opusesse à candidatura de Raige.

Por ora.

Mas, no momento certo, o Primus encontraria oportunidades de enfraquecer o rapaz. Talvez mais cedo do que tarde, pois era ótimo em achar essas chances. Aos poucos, montaria seu argumento.

E logo o Primus estaria no topo novamente. Claro, depois de tudo pelo que passou, Deus lhe devia *isso*.

A cidade de Nova Prime ainda estava juntando os cacos.

As pessoas saíam às ruas para avaliar os prejuízos, retirar os destroços do caminho, trabalhando com líderes locais para continuar

a reconstrução. Quem ainda não tinha voltado ao trabalho nas fábricas ou nas fazendas oferecia-se voluntariamente para ajudar os outros a retomar a normalidade. Perdidas, as risadas voltaram à cena no ar primaveril.

Caminhando em direção ao estúdio, Trey Vander Meer podia sentir a energia e o otimismo dos concidadãos. Estava determinado a se mudar para um lugar melhor, distante do ponto onde tinha visto a família morrer. Ouvira falar sobre um prédio quase finalizado que, inclusive, ficava mais perto do local de trabalho. Além do mais, poderia caminhar todos os dias até o trabalho para ajudar na luta cotidiana contra a balança.

O fato de estar pensando no próprio peso já era um sinal de que estava superando a terrível dor do luto. Com o fim da ameaça alienígena, os subordinados do Primus começaram a organizar funerais para centenas de mortos que, até aquele momento, não haviam tido qualquer cerimônia de despedida. As pessoas já planejavam placas e memoriais, pois ninguém queria que a recente tragédia fosse esquecida.

Quando Vander Meer passou por uma equipe de pedreiros retirando os destroços do que fora um teatro, ele já havia elaborado na cabeça o comentário do dia. Era sobre Conner Raige.

No dia anterior, o jovem e recém-empossado primeiro-comandante chamara Vander Meer ao escritório no centro de comando dos Guardiões para uma conversa. Com a mão enfaixada, o braço numa tipoia, Raige disse:

— Enquanto nós estávamos em uma situação de emergência, suas ações dificultaram nosso trabalho em Nova Prime. Perdemos vidas, e não só de Guardiões, mas também de civis, por conta da sua política de recompensas.

Ele é um garoto, pensou Vander Meer. Vai se dobrar se eu encará-lo.

— As recompensas tinham como objetivo motivar os civis e, sim, até os Guardiões mais relutantes a se arriscar mais. Não vejo o que

há de errado nisso.

— Exceto — rebateu Conner, no mesmo tom de voz — que isso custou a vida dos civis. E os Guardiões tiveram que ser realocados, prejudicando nossa capacidade de caçar Ursas. Pela lei marcial instituída pela primeira-comandante Wilkins, eu poderia prender você e levá-lo ao tribunal.

— Sim, poderia — respondeu Vander Meer, surpreso com a tenacidade de Raige.

— Mas eu não vou fazer isso. E não é porque não ache que você deva ser punido. Mas sim porque não acredito que censurar alguém vá ensinar alguma lição. Nem mesmo a você. Vou deixar que a opinião pública avise quando estiver de saco cheio de você.

Vander Meer não suportava perder uma discussão, ainda mais para um moleque catarrento. Portanto, já tinha conversado com o Primus e sabia que a figura religiosa mais proeminente da colônia também desaprovava o jovem Raige.

O Primus deu a Vander Meer o apoio que ele esperava. Até muito publicamente — de início, o discurso foi um pouco tímido, mas logo ganhou fôlego. Vander Meer perdera muito com o ataque dos Ursas, mas parecia ter conquistado um aliado em Leonard Rostropovich.

Agora Vander Meer voltava ao estúdio onde praticamente morara durante a invasão Ursa, armado e pronto para a batalha. Mas este era um novo dia, e estava na hora de voltar ao trabalho.

Quando entrou no prédio, Pham já estava em posição, usando uma camisa nova e um corte de cabelo diferente da última vez que tinham se visto. Agora havia tempo para se ocupar com coisas mundanas. Os restaurantes estavam de volta. As lojas reabriam.

Demoraria um bom tempo, pelas análises do economista-chefe da colônia, mas Nova Prime recuperaria a prosperidade.

— Está bem na fita, Ken — cumprimentou Vander Meer alegremente.

— Me sinto bem — replicou Pham. — Está a fim de fazer um comentário?

— É a ideia — afirmou Vander Meer, olhando ao redor na estação.

— Assunto?

— Os Guardiões — informou o comentarista, vendo as sobranceiras de Pham se erguerem.

— Você deve saber que agora os Guardiões são considerados heróis por todo mundo, não? Eles resistiram e perseveraram, e, mesmo diante dos seus comentários depreciativos e das perdas críticas, venceram os Ursas. A essa altura, se Conner Raige pedisse uma dúzia de virgens, provavelmente conseguiria.

— Não tenho argumentos contra isso. Mas tenho algo a dizer.

— É melhor que seja “obrigado”.

Pham começou a ajustar os equipamentos de gravação, claramente incomodado com o tema escolhido. Porém, era só o produtor do programa. Vander Meer é quem rendia audiência, quem tinha a palavra final.

O produtor fez a contagem regressiva nos dedos, e a luz vermelha acendeu.

Vander Meer sorriu para a câmera.

— Bem-vindos de volta, meus amigos. Que dia glorioso, não? Como é bom viver. Caminhando nesta manhã, fiquei contente de ver as coisas retornando ao que consideramos normal. Claro, será um novo normal, pois teremos que nos ajustar à vida sem nossos entes queridos. Uma mudança radical pela qual não pedimos, mas que teremos de aceitar mesmo assim.

“Foi bom caminhar até o memorial erguido para minha mulher e meus filhos e ver ali três cabeças de Ursas adornando o local da futura placa. Senti que tinha algo me ligando a eles. Como vocês sabem, doei quase todas as minhas reservas financeiras, como prometi. E meu novo normal... — pigarreou — será um estilo de vida significativamente mais frugal.

“Porém, aquelas cabeças de Ursas me lembraram mais do que a minha contribuição. Lembraram que, ainda que os Guardiões tenham crédito na destruição das criaturas, o povo é quem fez o

serviço. O *povo* matou os Ursas e mostrou do que somos capazes. Não devemos esquecer isso.

“Certamente, os Guardiões cumpriram seu dever e perderam muitas vidas. Porém, vamos refletir sobre isso: quanto tempo levou até que ferissem um Ursa? E quanto tempo então até que matassem um deles?

“Para uma corporação que se dizia pronta para o combate, com certeza isso não foi verdade na prática, no campo de batalha. Testaram tática após tática, tateando no escuro, até que algo funcionou. Foi preciso que os funcionários do Savant inventassem o equipamento de que precisávamos, e foi isso que virou o jogo. Os Guardiões, sob o comando de Meredith Wilkins, estavam lutando uma guerra perdida quando precisávamos que fossem nossa salvação.

“Agora o discípulo de Wilkins comanda os Guardiões. Se eu dissesse que ele é um jovem rapaz, estaria exagerando. Muitos têm idade para serem avós dele. Então me pergunto... Se Wilkins estava despreparada para enfrentar os Ursas, o quão preparado estará esse menino? Será que podemos de fato depender dele?

“Vimos que os Guardiões precisam estar sempre um passo à frente dos Skrel. Será que conseguirão essa façanha sob as ordens do novo primeiro-comandante? O Primus parece pensar o contrário. Se ouvirem os sermões dele, como muitos de vocês o fazem, então saberão que ele, de forma elegante e digna, tem alertado e questionado a capacidade de Raige para liderar. E quem, pergunto a vocês, entende mais de liderança do que o homem cujo rebanho inclui todas as almas deste planeta?”

O comentarista se aproximou da câmera para concluir o discurso.

— É uma nova era, Nova Prime. Porém, há nuvens no horizonte. Pode ser que logo saibamos o quanto podemos contar com os Guardiões. Mas confiem em mim: estou de olho neles e continuarei de olho até que nossas perguntas sejam respondidas.

E dizem que hoje em dia não dá para contestar os Guardiões, pensou Vander Meer, satisfeito consigo mesmo.

Theresa Raige sorriu para si mesma enquanto tirava os pratos da mesa de jantar. Na cozinha anexa, Conner, agora usando apenas uma tipoia, e Rebeca limpavam as panelas e os utensílios de cozinha. Theresa se sentia bem no conforto da família. Era bom saber que podiam caminhar nas ruas novamente sem temer pela vida.

Para a áugure, assim como para muitos, a paz se tornava novamente uma possibilidade palpável.

Não que a vida dela um dia voltasse a ser a mesma. Impossível. Os irmãos e a cunhada tinham morrido, como muitos outros. As últimas semanas tinham custado caro para a humanidade. Mas também lhe ensinaram que tinha uma fé inabalável, que garantiria sua coragem necessária para seguir em frente.

Mas, no jantar, a conversa tomou outra direção. Coisas mundanas tinham dominado a pauta, como quando seriam retomadas as temporadas de esportes profissionais, se haveria atletas o suficiente e quais estádios poderiam abrigar os próximos Jogos Asimov. Em vez da voz robótica dos telejornais que ouviram durante tantas semanas, o som de uma música celta enchia a casa. Uma ótima alternativa.

Depois do jantar, sentaram-se os três por um momento. Theresa ouviu os planos de Conner para a reconstrução de Nova Prime e, em especial, para os Guardiões. Ele pensava em oferecer treinos rápidos e eficientes para os cadetes, e pressentia que não faltariam inscrições depois de tudo o que ocorrera. Quando ficou tarde, Theresa deu boa-noite, primeiro com abraços e beijos; depois, com uma curta benção, pois, antes de mais nada, era uma áugure.

Morava a dois quilômetros dali, uma caminhada agradável naquela hora da noite. Mas não foi direto para casa. Em vez disso, seguiu para a Cidadela.

Theresa chegou logo. Vários áugures ainda estavam acordados no térreo, lendo antigas escrituras de Primus anteriores. O clima estava tranquilo. Theresa cumprimentou um por um com a cabeça, até alcançar a escadaria e subir.

Com o fim da crise, os áugures deixaram de ficar de guarda dia e noite para o Primus. Por isso, Theresa alcançou sem problemas o terceiro andar, ocupado inteiramente pelo apartamento de Rostropovich. Os registros da segurança certamente mostrariam que ela o visitou tarde da noite, num horário incomum. Mas achou que, nesta fase de retomada, a visita dela seria só mais uma coisa estranha entre tantas e passaria despercebida.

Theresa entrou no quarto do Primus silenciosamente, para não acordá-lo. Ele dormia sob uma colcha cor de areia finamente trabalhada, presente dos áugures no seu último aniversário. E ficou ali, em pé.

Depois de um tempo, o Primus pareceu notá-la. Então se ergueu de repente na cama, os olhos arregalados e a boca aberta — claramente assustado. Um guincho escapou dos lábios dele.

— Theresa? — disse, confuso. Esfregou os olhos. — O que está fazendo aqui?

O quê?, ela também se perguntava.

Pensou nos momentos horríveis que passaram com medo dos Ursas. Pensou em todos aqueles que perderam amigos e entes queridos. Pensou em todos que precisaram de um guia, de segurança e conforto, e que receberam apenas bocadinhos preciosos dessas coisas na ausência do Primus.

Pensou nos dias e nas noites sem dormir pregando ao povo, enquanto desejava que alguém pregasse para ela. As emoções — pavor, tristeza, ressentimento — brotaram e transbordaram do coração da áugure.

— Theresa? — chamou novamente o Primus, dessa vez com mais firmeza.

Ela se aproximou da cama e sentou ao lado dele. Então, surpreendendo o Primus e a si mesma, deu um tapa na cara dele. O barulho ecoou no quarto; ele levou a mão ao rosto maculado.

— O que foi... — irrompeu o Primus.

— Apoie o primeiro-comandante — ordenou, num tom de voz calmo, que no entanto demonstrava que não toleraria discordância. — Não porque ele é meu sobrinho, e sim porque essa é a sua função. Contribua para que o mundo volte ao normal.

Rostropovich hesitou.

— Vá em frente — provocou Theresa, as narinas dilatadas, sem conter a revolta. — Dê a outra face. A outra mão é tão forte quanto esta.

O Primus abaixou a cabeça. De vergonha, aparentemente, mas poderia ser apenas um estratagema para fazê-la se retirar. Contudo, Theresa já tinha apresentado seus argumentos e, ao fazer isso, virou-se e deixou Rostropovich.

Este foi o último golpe desferido em defesa da colônia. Mas, ao deixar a Cidadela, Theresa pediu a Deus que jamais precisasse fazer isso novamente.

Epílogo

O Comandante Knahs fica alucinado.

— Eles sobreviveram?! Aqueles Insetos que ocupam nosso Mundo Sagrado sobreviveram e as suas criaturas geradas geneticamente foram extintas? — grita, direcionando a ira ao Sumo Chanceler. — E você espera que... O quê? Que eu simplesmente aceite isso?

— Não é uma perda total — garante o Sumo Chanceler. — Nossa telemetria capta todo tipo de informação sobre pontos fortes e fracos das Pragas. Claro, elas continuam na superfície de Zantenor, mas tudo indica que isso não vai continuar assim. Da próxima vez...

— Não! — berra o Comandante. — Não existe próxima vez! Será desta vez!

Ele avança em direção aos guerreiros e rosna:

— Preparem os vetores de ataque! Preparem um ataque direto às Pragas!

— Senhor — chama o segundo comandante —, esta é uma nave de peregrinação. Não temos o armamento necessário para bombardeá-los.

— Não vamos bombardeá-los. Isso já se provou ineficaz. Vamos descer e lutar com as próprias mãos, como já deveríamos ter feito tempos atrás!

— Mas senhor! — exclama o segundo comandante, tremendo. — Os deuses abominarão nossas ações!

— Eles já abominam nossa fraqueza! — Com os punhos cerrados, a fala do Comandante é estrondosa. — Eu mesmo vou liderar o ataque. Aterrissamos em Zantenor e exterminamos as Pragas de uma vez por todas. E, se alguém tem algo a dizer sobre isso, que diga agora.

Ninguém diz uma palavra.

Em vez disso, erguem as armas e abrem fogo.

O Comandante não tem escapatória. Ele é reduzido a pedaços que voam por todos os lados. A massa de carne cai no chão, irreconhecível. Ninguém diria que é um membro dos Krezateen, muito menos o Comandante.

O Sumo Ministro e o Sumo Chanceler observam os restos no chão.

— Bem, isso era previsível — comenta o Sumo Ministro, pouco se importando. Ele se vira para o segundo em comando. — Trace a rota para casa. E alguém, por

favor, limpe essa bagunça.

Enquanto os outros se esforçam para cumprir as ordens, o Sumo Chanceler e o Sumo Ministro se afastam do local onde o imprudente Comandante defendera sua última posição.

— No geral, achei que as criaturas tiveram uma ótima performance — consola o Sumo Ministro. — Não tínhamos como esperar que as Pragas inventariam uma nova arma para contra-atacar. Se não fosse por isso, certamente teriam sido aniquiladas.

— Seja lá o que inventarem, nós podemos superá-las — afirma o Sumo Chanceler, com certeza absoluta. — Deixe que comemorem a vitória. Na longa e bela história de Zantenor, elas não serão nada. Nem mesmo a sombra de uma sombra. Vamos aprender com esta experiência. Criaremos algo mais ágil, mais forte e ainda mais perigoso. No fim, criaremos uma criatura capaz de purificar Zantenor como exige a nossa fé.

— Sim — concorda o Sumo Ministro. — E, desta vez, não só um predador, mas *a fera perfeita*.